

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



GRUPO SUL: RECORTES DE JORNALS

Organização e digitalização:
Iraci Borszcz, Jonathan Rodrigues, Alzemi Machado
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

1 Índice por numero de documento.....	
2 Documentos digitalizados.....	
3 Índice por autor	
4 Índice por ano	

1 Índice por numero de documento

Nº	Referência
001	BOBSIN, Simone. "Sul" revisitado aos 50 anos. Ô Catarina . Florianópolis.
002	CAMPUOCO, Antonio. Pesquisadora catarinense escreve a história do antigo Grupo Sul. Correio do Povo . Porto Alegre.
003	NASCIMENTO, Esdras. Adonis Chaves lançará para o natal Antologia do novo brasileiro.
004	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul na Literatura Catarinense. [S. l.]. p. 15-24.
005	DESTAQUE para os escritores. Diário Catarinense . Variedades. Florianópolis, 25 ago. 1997.
006	RESUMOS.
007	BIBLIOGRAFIA: livro póstumo dum jovem brasileiro. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro.
008	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário de Cultura . Florianópolis, 05 set. 1992. p. 4-5.
009	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 nov. 1992. p. 12 e 13.
010	DALCASTAGNÉ, Regina. A produção contagiante da obra do escritor Salim Miguel. Correio Braziliense . Brasília, 10 nov. 1991. Armazém Literário. Caderno Dois. p. 10.
011	BOBSIN, Simone. A força do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 nov. 1990. Variedades.
012	MIGUEL, Salim. Circulo de arte moderna. Diário da Tarde . Florianópolis. 23 ago. 1947.
013	MACEDO, Tânia, Revista Sul: uma ponte com a África. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 22 e 23 nov. 1987. p. 44.
014	HOFFMANN, Geraldo. Grupo Sul: 40 anos de polêmica. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 15 e 16 nov. Caderno C.
015	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul. Letras e Livros . [S. l.], 26 fev. 1983.
016	PONTES, Mario. Quando soprava o vento de Sul. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 maio. 1982.
017	FERREIRA, Gevaldino. Sobre "A China de hoje": registro literário.
018	M., M. Está fazendo. Jornal do Comércio . Informação Literária.
019	CARVALHO, Geraldo. O Grupo "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba. 03 mar. 1956.
020	LIVROS & autores: publicações recentes. O Estado de São Paulo . 12 ago. 1956.
021	"SUL"... Folha Literária . Baurú, São Paulo. 25 ago. 1956.
022	MOTA, Mauro. Nicomedes. Diário de Pernambuco . 8 jan.
023	CARVALHO, Geraldo. Revista "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba. Revista das Letras. n. 29. 04 out. 1957.
024	PEREIRA, Armindo. Antologia de contos. O Globo . 30 maio. 1958.
025	NOTÍCIAS Literárias. Aracaju. 31 ago. 1957.
026	FERREIRA, Gevaldino. Edições "Sul". Registro Literário.
027	CUNHA, Fausto. Nota complementar à margem de uma antologia. Jornal dos Novos . Suplemento d'A Manhã. Rio de Janeiro. 26 mar. 1950. n. 7.
028	CAMPOS, Eduardo. O Boi-de-mamão. 27 dez. 1959.
029	MIGUEL, Salim. Um Taciturno: a peça escolhida. Florianópolis.
030	POETAS Argentinos em Brasil. Estudios . p. 60. Abr./maio. 1957.
031	D'EÇA, Othon. Resumos II.
032	PREVAUX, Marcel de. Resumos... Diário da Tarde . p. 5.
033	AQUINO, Flávio de. Marques Rebelo e as Artes Plásticas. Jornal de Letras .

	Florianópolis. Fev./mar. 1957.
034	PALADINO, Antônio. A Ponte. Edição Sul . Florianópolis. p. 16.
035	FLÔRES, Altino. Maldades e calinadas do «modernismo» ilhéu: parte I. O Estado . [S. I.]. 09 abr. 1950.
036	MOTA, Mário. Rodapé. A Província de Angola . Luanda. 10 out. 1956.
037	DEIXOU de circular a revista “Sul”. Comércio do Povo . Porto Alegre. 15 fev. 1958.
038	REVISTA de cultura: Sul. Boletim . Órgão Informativo da Biblioteca do Exército. Ministério da Guerra. Rio de Janeiro. out. 1957. Ano 19, n. 27, p. 2.
039	EM junho de 1949...
040	FLÔRES, Altino. Goethe, os «novos» e os «velhos».
041	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (I). O Estado . 28 nov. 1972.
042	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (II). O Estado . 05 dez. 1972
043	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (3). O Estado . 12 dez. 1972.
044	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (4). O Estado . 03 jan. 1973.
045	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (5). O Estado . 09 jan. 1973.
046	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (6). O Estado . 12 jan. 1973.
047	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (7). O Estado . 24 jan. 1973.
048	O GRUPO que sacudiu a ilha... Diário Catarinense . Florianópolis. 1 fev. 1987. p. 7.
049	SAMPAIO, Márcia Corrêa. A mais cômica: o único longa-metragem produzido em Santa Catarina, O Preço da Ilusão... Diário Catarinense . Florianópolis. 1 fev. 1987
050	ELTERMANN, Raquel. Grupo Sul: há 50 anos, Santa Catarina despertava. Diário Catarinense . Florianópolis. 25 jan. 1997. p. 5.
051	BIANCHINI, Fábio. O destino da geração Sul. Diário Catarinense . Florianópolis. 20 abr. 2003. n. 892, p. 4-5
052	BELTRÃO, Tatiana. Modernos do Sul tem pré-estreia: documentário de Kátia Klock será exibido hoje no CIC. Diário Catarinense . Florianópolis. Variedades. 01 set. 2004. p. 5.
053	BIANCHINI, Fábio. Vestígios do Grupo Sul: jornalista busca imagens do movimento cultural catarinense para a produção de documentário. Diário Catarinense . Florianópolis. Memória. 16 mar. 2004. p. 3.
054	NOTICIÁRIO. Suplemento Dominical de “O Estado” . Literatura e Arte. [S. I.]. 17 mar. 1957. p. 1.
055	MIRO Morais e “Le Monocle Mondain” apresentando os “Dez melhores do ano”!! Diário da Tarde . Florianópolis. 10 jan. 1959. p. 6.
056	MORRE Anibal Nunes Pires, um dos líderes do Grupo Sul. O Estado . [S. I.]. 25 abr. 1978. p. 14.
057	TAVARES, Elaine. Salim Miguel: vou ser escritor sim, e com esse nome!. Jornal Universitário . Florianópolis. Espaço Cultural. abr. 2002. Ano 12, n. 354, p. 4-5.
058	DUARTE, Evandro. Memória: exposição conta a história da sétima arte no Estado. Notícias do Dia . Florianópolis. Plural. 12 jul. 2012. p. 3.
059	UMA noite para o Grupo Sul. O Estado . Florianópolis. 01 set. 2004.
060	LITERATURA Catarinense. Caderno do Vestibular . p. 4.
061	LIVRARIA Anita Garibaldi, antes do arrombamento e posterior queima dos livros. Salim Miguel é 3º à direita. p. 10.
062	CARDOSO, Tayana. As experiências no teatro cinema e artes plásticas. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 11 set. 1988. N. 26.
063	CARDOSO, Tayana. 40 anos. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 4 set. 1988. N. 25
064	PETTRES, Barbara. Há 50 anos um grupo sacudia a Ilha e revolucionava arte de SC. O Estado . Florianópolis. 12 e 13 jul. 1997. Magazine. p. 5.
065	OLIVEIRA, Maurício. 1948: o ano em que o modernismo aportou em Florianópolis. ANCapital . Florianópolis. 8 abr. 1999

066	MANOELITO de Ornellas: "Florianópolis se encontra em justo período de transição". A Hora . Porto Alegre. 13 ago. 1956. p. 11
067	"SUL" faz vinte anos.
068	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40. O Estado . Especial. 11 set.1977. p.25.
069	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40 - II. O Estado . Especial. 13 set. 1977. p. 9.
070	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 3: Revista Sul: um soco no estômago do perfumado parnasianismo Ilhéu. O Estado . Especial. 14 set. 1977. p. 9.
071	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 4: os novos do Sul e o contexto nacional da Geração 45. O Estado . Especial. 15 set. 1977. p. 9
072	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 5: os jovens de Sul em tempo de teatro. O Estado . Especial. 16 set. 1977. p. 9.
073	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 6: um museu à procura de uma sede. O Estado . Especial. 17 set. 1977. p. 9.
074	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 7: "O Preço da Ilusão": Miss e Boi de Mamão no primeiro e único filme catarinense. O Estado . Especial. 18 set. 1977. p. 25.
075	SACHET, Celestino. O Grupo Sul. JNC . Cultura. 27 e 28 maio. 1979. p. 27.
076	MODERNISMO é tema de debate na UFSC. O Estado . Cultura. Florianópolis. 29 abr. 1999. p. 11.
077	EXEMPLO na forma cooperativada de produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 16 maio. 2004. p. C5.
078	SARTORI, Raul. Memória. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 8 ago. 2004. p. C2.
079	CHRISTIANO, Luiz. A revolução de 1947: vídeos e fotografias completam a produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 19 maio. 2004. p. 1.
080	BIANCHINI, Fábio. Modernos do Sul de novo em revista: o resgate de uma publicação catarinense. Diário Catarinense . 20 ago. 2004.
081	DOCUMENTÁRIO e revista revivem Grupo Sul: movimento cultural trouxe o modernismo à Santa Catarina dos anos 40. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 1 set. 2004. p. C3.
082	LIMA, Jéferson. Memória moderna: EdUFSC reedita "A Ponte", o único livro de Antônio Paladino, integrante do Grupo Sul morto precocemente aos 24 anos. A Notícia . Suplemento. 12 jul. 2006. p. B1.
083	GOLPE de 64: as repercussões na Capital. 26 de mar. de 1996.
084	ARTISTAS sulino: várias atividades lembram hoje os 60 anos do Grupo Sul. Diário Catarinense , 30 de out. de 2007. Variedades, p. 5
085	ALVES, Márcio Miranda Alves. E assim começou o Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis , 7 de nov. de 2007. Variedades, p.6-7
086	APÓSTOLO, Paschoal. Manoelito de Ornellas. Litoral , [s.l., 19--], Entrevista
087	MIGUEL, Salim. MASC sessentão. Diário Catarinense , 3 de maio de 2008. Cultura

Revistas

088	GOURNOV, B. La correspondance de Voks. Voks. N.10, p. 37-39, out. 1956
089	MARTINS, Fran. Provincianos. Clâ, [19--], p. 109-111

2 Documentos digitalizados

"Sul" revisitado aos 50 anos

Falar em arte moderna na década de 40 causava arrepios e indignação. Mas um inquieto grupo de jovens de classe média criou, espontaneamente, um movimento que rompeu com o "ranço" conservador da época, dos acadêmicos que os chamavam de agitadores e mal orientados. Este grupo comemora 50 anos em 97. Um dos seus fundadores foi o jornalista e escritor Salim Miguel, intelectual até hoje atuante e autor de vários livros. Para ele, "em arte é bom agredir, provocar" sendo jovem de espírito sempre.

Foi esse entusiasmo do grupo que marcou a história cultural catarinense e fez com que o Movimento Modernista de 22 chegasse a Florianópolis 25 anos depois. Intitulados de Círculo de Arte Moderna, agitaram o marasmo da provinciana cidade, ilhada de informações e novidades. Posteriormente o nome mudou para Grupo Sul, cujo carro-chefe era a revista "Sul". " 'Sul' deitou raízes. Em todas as áreas", afirma Salim. Os rapazes de "Sul", como eram chamados, ousaram: representaram Sartre pela primeira vez no Brasil e conseguiram realizar a primeira exposição de pintura contemporânea no Estado.

Salim sente saudades daquele tempo, mas não se detém amarrado ao que passou. Pelo contrário, acredita na insatisfação do artista para levá-lo adiante. "Devemos sempre buscar algo novo, que inquiete, pouco importa se melhor", diz.

Novembro de 1947, quando ocorreu a primeira apresentação teatral no TAC, fundou-se oficialmente o grupo, apesar dos integrantes já estarem se reunindo deste a metade do ano. Nesta entrevista, o autor de "As Desquitadas de Florianópolis", fala do começo do Grupo Sul, dos jornais da época, da Semana de Arte Moderna, entre outros acontecimentos que nos remetem a década de 40 e 50, tempo do pós-guerra e de novas esperanças.

Por Simone Bobsin

- Como foi o começo de tudo?

Salim Miguel - Não houve o começo. Foram começos. Jovens, no pós-guerra, discutiam em cafés e bares, pensavam na terrinha, no país, no mundo. Coisa que ocorre, em todos os tempos, em todas as partes, com os jovens. Num determinado dia ficam sabendo uns dos outros, se reúnem, existem afinidades (ou discordâncias). Outros componentes interferem. Por exemplo: o que pretendem da vida, o que pensam fazer (ou ser) mais adiante. Em nosso caso éramos todos pobres, classe média ou classe média baixa.

Dos papos varando noites, da crescente inquietação, partiu-se para experiências em diferentes áreas. Qual caminhos trilhar não se sabia bem. Queríamos, acima de tudo, mexer com a pasmaceira da cidadezinha, tão amorável, tão bela, tão misteriosa - tão parada no tempo. Começou-se procurando abrir espaço nos meios de comunicação. Forçou-se um artiguete aqui, outro ali. Fácil não foi; muito difícil também não. Lá por 1945/46 saíam os primeiros textos, imaturos. Não demora, duas publicações: Folha da Juventude, formato tablóide, e Cicuta, órgão oficial dos "quatro justos", todos datilografado, com quatro exemplares de tiragem, quatro páginas, duração de quatro números.

- Foi difícil romper o "ranço" dos acadêmicos, que chamavam os jovens de mal orientados e agitadores?

SM - Foi. Mas examinando à distância, também foi positivo. Fez com que, ânimos exaltados pela provocação (não demora passou a ser de ambas as partes), mais os jovens se empenharam em mostrar que tinham o que dizer, não estavam ali para brincadeiras. A luta mais encarniçada foi com o Prof. Altino Flores, fundador da ACL, ex-proprietário do jornal *O Estado*, dito intocável. Em torno de um problema referente ao poeta alemão Goethe, durante um ano travou-se, em *O Estado*, a mais contundente polêmica cultural das terras catarinenses. Ficou

conhecida como "Goethe, os velhos e os novos". O que é correto em tais casos, acabou extrapolando do campo cultural, para ataques pessoais. Deixou marcas e ressentimentos profundos.

- A primeira forma de expressar as idéias modernistas foi através da *Folha da Juventude* e do *Cicuta*? Era um momento de ebulição e a intenção, desde o início, foi provocar, mexe com aquele ambiente parado? Como era fazer um jornal naquela época?

SM - À medida que íamos nos soltando, a reação se ampliava. É o tradicional embate entre gerações. A escala da reação depende de vários fatores. A *Folha da Juventude*, jornal de estudantes, leve tom esquerdistas, a partir de determinado momento abrigou uma *Página de Arte Moderna*; Cicuta era satírico. Sem discutir qualidade, diria que foi um filhote de *A manha*, do Barão de Itararé, e antecipou *O Pasquim*. Gozava e glosava tudo e todos. Tinha como dístico: "Não faça com este jornal o que se faz com os demais." Apoio para editá-los vinham de várias fontes. Logo ampliamos a colaboração nos jornais. De início os medalhões estabelecidos não tomaram conhecimento do grupo de jovens. Deviam pensar: crianças. Depois, sim. Reagiram. Havia furos, não era uma estrutura monolítica: velhos nos aceitavam, jovens nos atacavam.

- Por que o atraso na chegada do Movimento Modernista de 22 a Santa Catarina? A imprensa não estava ligada aos acontecimentos nacionais?

SM - Eis uma questão até hoje não examinada em profundidade. A imprensa devia estar ligada à política, a outros fatos. Ressonâncias do modernismo, talvez. Pesquisando jornais da época, constatam-se breves referências, sempre negativas, críticas acerbas. Ninguém procurou se informar a sério acerca do movimento de São Paulo, de seu significado. Ainda na década de 40, falar em arte moderna arpejava espíritos, causava indignação. Basta dizer que escritores como Eça de Queiros, morto em 1900, era escamoteado das bibliotecas, considerado impróprio para jovens (de ambos os sexos), até pornográfico. O que atiçava a curiosidade, o desejo de lê-lo às escondidas. Aquilo do gosto do proibido... E lamentava-se que Manuel Banderia tivesse abandonado a tão promissora primeira fase de sua obra.

- Qual o papel que o Grupo Sul desempenhou diante do Movimento de 1922?

SM - Procurou fazê-lo chegar a Florianópolis. A denominação de Grupo Sul foi posterior. O movimento chamou-se, de início, Círculo de Arte Moderna, clara referência à Semana de Arte Moderna. E sofreu as mesmas restrições, embora, pelo resto do país, a Semana de 22 já estivesse sendo reavaliada, examinando-se seus méritos e deméritos.

- Qual a abrangência e a repercussão do Grupo Sul dentro do panorama cultural catarinense e brasileiro?

SM - É necessário anotar que existiam, na época, publicações similares em quase todos os estados brasileiros. Havia uma proveitosa troca de experiências, colaborações transitavam de um veículo para outro. Isto foi enriquecedor. Em Santa Catarina o processo foi lento. A revista, carro chefe do Grupo, aceitava colaborações, chegava aos demais municípios. Já as exposições de artes plásticas, o teatro, o clube de cinema, as palestras, ficavam por aqui. No país não demorou para que Sul se tornasse conhecida e bem aceita lá fora. Este "lá fora" não se restringe ao Brasil. Em meados de sua caminhada, Sul era distribuída

Primeira leitura de Cândia, de B. Shaw, no Teatro Álvaro de Carvalho, da esquerda para a direita: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Jason Cesar, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Walmor Cardoso da Silva, Armando Carreirão, Archibaldo Cabral Neves - Florianópolis, 1948



e publicava colaborações de quase uma vintena de países, em especial Portugal, África, Hispano-América.

- O movimento foi pioneiro em várias áreas. Destaque algumas.

SM - É sempre problemático falar daquilo de que participamos tão ativamente. Vamos lá: implantação de uma nova visão para o teatro; renovação nas artes plásticas, com a exposição de arte contemporânea e as palestras do Marques Rebelo, embrião do Museu de Arte de Santa Catarina (começou se chamando Museu de Arte Moderna de Florianópolis); Clube de Cinema; Revista Sul; Edições Sul; ciclos de palestras; apoio à apresentação de música contemporânea e palestras sobre música; realização do primeiro, e até hoje, único longa-metragem na história do cinema catarinense. Tudo interligado. Nunca tivemos estatuto, diretoria, chefe de grupo, estrutura formal. Não se discriminava por motivo de posição política, religião, etc. Jovens se entrosavam, ficavam, outros saíam, novos apareciam. Dou um exemplo: um dia alguém sugeriu, por que não lançamos uma revista, precisamos de uma revista; E outro: de que maneira? Um terceiro sugeriu: temos pensado em teatro. Um espetáculo. Será que não dá? E todos: tem que dar. Escolhemos três peças em um ato (Pirandello, Shaw, Ody Fraga, substituído na segunda apresentação por Sartre, pela primeira vez representado no Brasil). Com o resultado editamos a Sul, nome escolhido sem sabermos que em Buenos Aires existia a Sur, dirigida por Victoria Ocampo, na qual colaboravam Borges, Silvina Ocampo, Pioy Casares, entre tantos. O primeiro número saiu em 1948, composição manual. O terceiro, dedicada aos 50 anos da morte de Cruz e Sousa, em linotipo. A partir do número quatro, na Ioesc, nós dando o papel e gratificando o pessoal pelas horas-extras.

- Os modernistas da década de 40 se transformaram em intelectuais acadêmicos hoje, ou não? Onde estão os "jovens" com espírito de luta?

SM - Ninguém se transforma em acadêmico. Nasce acadêmico. É um estado de espírito. Pode-se até entrar para uma academia - o que é outra coisa. Existem hoje na ACL alguns que foram do Grupo Sul. Isto não me permite dizer que se transformaram em acadêmicos no sentido que a pergunta sugere. Outros que permanecem fora têm muito mais espírito acadêmico. Não falo do grupo. Existem velhos de cem anos que não são acomodados, conformados (embora possam pertencer a academias); e gurizotes que mal acabaram de desmamar e se sentiram perfeitamente à vontade nas academias. Por isso, não ataco nem aplaudo. É opção pessoal. Anoto.

- Na época era um fenômeno mundial a proliferação de

publicações literárias, onde era valorizada a arte. Fazendo um paralelo com os dias de hoje, e com as atuais publicações, pode-se dizer que está havendo um declínio da arte e ascensão da cultura, como discutiram recentemente os professores do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da UFSC?

SM - Não sei o que discutiram. Mas indago, é mais espaço para a cultura ou para a indústria do entretenimento? A discussão era de um projeto aberto ou fechado no corpo universitário? Os tempos são outros, outras as exigências. A pergunta daria uma tese, que se torna até necessária. O que posso adiantar é que o fenômeno de então resultou de uma conjugação de diferentes fatores, na raiz de tudo, a meu entender, a euforia e a inquietação do final da Segunda Guerra Mundial, quando se vislumbrava um mundo novo, mais solidário, quando maiores e melhores perspectivas pareciam se abrir para a humanidade.

- Como um dos fundadores do movimento e até hoje intelectual atuante, o que ficou do movimento que completa, em 1997, 50 anos? Diante do que foi feito nas áreas literária, teatral, artes plásticas, cinema, sente saudades?

SM - Sinto saudades, embora não me detenha amarrado ao que passou. Um intelectual necessita ser um permanente insatisfeito. Jamais afirmar "estou realizado". Isto não existe. Devemos, sempre, buscar algo novo, que inquiete, pouco importa se melhor. Quando jovem eu disse que em arte é bom agredir, provocar. O bonzinho não deve existir. Quanto a avaliação do que foi feito, cabe ao tempo, julgador implacável. Tento examinar com isenção. Constatato: Sul deitou raízes. Em todas as áreas. Nomes estão aí, com obras encerradas ou em processo. Cito alguns com receio de omissões: Ody Fraga no teatro; Marcos Farias no cinema; Armando Carreirão no cine-clubismo e na produção cinematográfica; Hassis, Meyer, Aldo Nunes, Silveira D'Ávila, Moacyr Fernandes, Hugo Mund Jr (também na poesia) nas artes plásticas; Hamilton V. Ferreira, Élio Bahstaedt, Fúlvio Vieira, Archibaldo C. Neves, Pedro T. Taulois no jornalismo cultural; Aníbal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Antonio Paladino, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Júnior, Silveira de Souza na poesia e na ficção; Osvaldo Ferreira de Melo no ensaísmo literário; Doralécio Soares no folclore; participação com desenhos de Martinho de Haro; primeiras referências ao trabalho de Franklin Cascaes; publicação dos primeiros desenhos de Rodrigo de Haro. Teria bem mais. Fico nos que acompanharam toda a trajetória do movimento ou naqueles que tiveram um momento significativo. Participações eventuais são dezenas. Mas aí entráramos num problema de história literária, o que foge à proposta desta entrevista.



Pesquisadora catarinense escreve a história do antigo Grupo Sul

ANTONIO DE CAMPUCO

O ano de 1982 abriu-se com as comemorações pela passagem dos 60 anos de exploração da chamada Semana de Arte Moderna, em São Paulo, ocorrida em 1922. Em todo o País, desenvolveram-se pesquisas também sobre os reflexos que tal movimento provocou nas mais remotas províncias. Em Santa Catarina, a professora Lina Leal Sabino prestou importante colaboração a este projeto de pesquisa, ao publicar "Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina", que a Fundação Cultural Catarinense publicou.

PESQUISA

Lina elaborou este trabalho durante seu curso de mestrado em Letras, de 1976 a 1979, na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor Celestino Sachet. Conversando com alguns dos integrantes do Grupo Sul, como Amíbal Nunes Pires, que viria a falecer em 1978, fascinada com a fecundidade e a importância do Grupo Sul, decidiu-se ela pelo tema, passando a encontrar-se, a partir de então, com alguns de seus componentes, como Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga, Walmor Cardoso da Silva, Élio Ballstaedt, Jason César Carvalho, Hedy de Assis Correa, João Paulo Silveira de Souza e outros.

"Felizmente para mim, também tive acesso a farto material, através da Biblioteca da própria universidade, da Biblioteca Pública de Florianópolis e, sobretudo, o contato com aqueles ex-membros do grupo, que me emprestaram primeiras edições, arquivos e originais, além de documentos diversos. A proposta de trabalho que tínhamos era a de narrar, de modo o mais completo possível, a história do Grupo Sul, estabelecer qual o seu papel em face do modernismo, em Santa Catarina, situá-lo quanto à duração, abrangência e repercussão naquele panorama. Reunindo e ordenando cronologicamente os dados, esboçou-se então a história do grupo, podendo-se dizer que ele foi o verdadeiro introdutor do modernismo em Santa Catarina. Até meados de 1940, quando o Grupo Sul iniciou suas atividades, o que havia na província era um realismo-parnasianismo contemporâneo, sediado na Academia Catarinense de Letras, avesso a quaisquer inovações. O que urgia fazer



era quebrar o marasmo intelectual que grassava na cultura catarinense, e foi o que o grupo fez., mesmo às custas do escândalo e do achincalhe".

PARALELO

Lina buscou também estabelecer um paralelo entre o Movimento de 22 em São Paulo, e o de 40 em Florianópolis:

"Em 1922 a geração da Academia Catarinense de Letras encontrava-se ilhada em Florianópolis, geográfica e culturalmente, alheia à fermentação modernista de São Paulo. Outros centros culturais vibraram com a estética futurista paulista, mas os poetas catarinenses continuavam compondo sonetos cuidadosamente metrificados. Se o "Correio do Povo", conforme mostra Lígia Chiappini Mores Leite, chegou a documentar os acontecimentos de 22, a imprensa catarinense nada registrou, pois o jornal "O Estado", naquela época, preferia falar de concursos de beleza. Assim, o modernismo só chegou a Santa Catarina efetivamente vinte e cinco anos depois, com o Grupo Sul".

SIGNIFICADO

Em Florianópolis, o grupo significou uma força vivificadora e renovadora no panorama modorrento cultural existente então. Alguém precisava ousar, e a qualquer preço, lembra a pesquisadora:

"Ousadia não faltou ao grupo, disposto a afrontar

os medalhões da intelectualidade e a incompreensão geral. O grupo tratou de fundar clubes de cinema, mantinha contatos com várias localidades interioranas, surgindo inclusive novos nomes de escritores, como o de Guido Wilmar Sassi, em Lages, e hoje consagrado nacionalmente. Além disso, criou a revista "Sul", com circulação nacional e também enviada a outros países, o que gerou intenso círculo de correspondência, servindo a revista de verdadeira ponte cultural entre o Estado, o País e o Mundo".

HOJE EM DIA

Indagada sobre um paralelo do papel deste grupo nos anos 40 e o atual panorama cultural de Santa Catarina, Lina Leal Sabino sintetiza seu pensamento:

"O Grupo Sul batalhou em prol da divulgação cultural e do arejamento de idéias, com saldo amplamente positivo. Conseguiu despertar os intelectuais para o modernismo. Hoje, vemos não um, mas muitos grupos literários e teatrais que, trinta anos passados, vêm-se ainda a braços com tarefas semelhantes. Esta dicotomia permanece na atual década: de um lado, o público em geral, massificado e alienado. De outro, grupos intelectuais que buscam insuflar-lhe vida cultural".

Lina, sem outro projeto no momento, pretende apenas continuar estudando o Modernismo em Santa Catarina.

LIVROS

ESDRAS DO NASCIMENTO

Adonis Chaves lançará para o Natal Antologia do novo conto brasileiro

1 DENTRO DE POUCOS DIAS estará à venda, num lançamento da Editora Júpiter (Barão de Ipanema, 59-A), a Antologia do Novo Conto Brasileiro, com trabalhos de mais de quarenta autores nacionais. Com o título de Informação Muito Pessoal, preparei para a Antologia do Novo Conto Brasileiro a introdução abaixo:

multa alegria aos seus autores. De vez em quando, um talento se sobrepunha aos demais e canalizava para si todos os benefícios e malefícios da arte publicitária, que então engatinhava, como força de promoção de venda de livros, e ainda não se impusera como atividade definida, de características próprias.

★ "EM SANTA CATARINA, a revista Sul agnizava, após dez anos de circulação ininterrupta. Salim Miguel e Eglê Malheiros, cansados da luta, concluíram que não valia a pena continuar fazendo a revista, indefinidamente: Sul já dera os frutos que dela se poderiam esperar. Pensaram, então, em fundar uma editora, em bases comerciais. E me propuseram a organização de uma antologia —

um apanhado do que se fizera, no gênero conto, no Brasil, nos últimos trinta anos. Essa antologia seria o primeiro lançamento da nova editora.

★ "ENTRE ESSA NOSSA CONVERSA, em 1957, em Florianópolis, e a data em que ficou pronta a Antologia, muita coisa aconteceu. O governador Jorge Lacerda — que sempre prestigiara os movimentos culturais, especialmente a revista Sul — morrera num desastre aéreo e com ele desapareceram as possibilidades de fundar uma editora em Santa Catarina. A Antologia voltou para a gaveta. Para organizá-la, passei quase três anos sem sair de casa, à noite. Li centenas de livros de contos, fiz cartas e mais cartas, e conversei com dezenas de escritores. Jovens,

velhos e de idade madura. Ouvi sugestões inteligentes, muita bobagem me irritou e andei numa roda-vida terrível, pesquisando em jornais e revistas, folheando empoeiradas edições provincianas, consultando arquivos e bibliotecas — foi uma época de atividade muito intensa, de muito esforço e muito trabalho. Confesso que hoje, em hipótese alguma, eu aceitaria encargo semelhante".

★ "O CRITÉRIO ADOPTADO para a seleção dos contos foi o mesmo que Graciliano Ramos escolheu, para a antologia de Contos e Novelas, que a Editora da Casa do Estudante lançou, em 1957. O país foi dividido em zonas geográficas, e dentro dessas zonas geográficas procurei selecionar o que havia de melhor, em

cada tipo de conto. Evidentemente, eu não poderia exigir de um autor residente numa cidadezinha perdida do interior, a mesma qualidade que forçosamente um contista de São Paulo ou do Rio estaria em condições de oferecer. Mesmo porque esta Antologia não tem a pretensão de ser definitiva, não é completa, nem líquida o assunto. Posso assegurar, contudo, que ela foi organizada com seriedade. Em circunstância alguma me deixei levar pela amizade, nem pelas conveniências que de certa forma regulam o bem-viver literário".

★ "HÁ UM DETALHE que precisa ser destacado: todos os autores incluídos nesta Antologia foram consultados, no devido tempo, sobre se concordavam ou

não com a inclusão dos seus trabalhos neste livro. E todos eles receberam direitos autorais: dez por cento sobre o preço de capa, com ração em partes iguais. É bem verdade que esses dez por cento, traduzidos em cruzeiros, não enriquecerão a ninguém. Mas eu os exigi do editor e livreiro Adonis Chaves, da Júpiter, por achar que o seu pagamento representa um passo a mais para a dignificação e para o surgimento da profissão de escritor, até agora praticamente inexistente no país. Rio de Janeiro, maio de 1957 — dezembro de 1963".

2 A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA está distribuindo às livrarias os primeiros exemplares de Instabilidade do Canto, poemas de Henrique Simas, com ilustrações de

Luís Jardim. Na nota de apresentação, diz Manuel Bandeira: "Em suma, sente-se à leitura dos versos deste livro, que o autor, como disse num deles; "teve a vida": teve isto, teve aquilo, teve a vida; não teve isto, não teve aquilo, teve a vida".

3 TAMBÉM DA EDITORA JOSÉ OLYMPIO é o livro póstumo de Juracy Magalhães Júnior, Luta da Minha Geração. Prefácios de Jânio Quadros e Jorge Amado, capa (muito ruim) de Luís Jardim e bico-de-pena do autor, também de Jardim (muito bom). Oportunamente, Luta da Minha Geração será comentado nesta coluna.

4 "O DEMÔNIO DO MEIO-DIA", de Ursula Curtiss, é o último lançamento da BUP, na série policial. Tra-

dução de Helena Pessoa, apresentação de Alex Viany, capa de Eugênio Hirsch. Trata-se de um policial de boa categoria. Pena que a revisão tenha sido tão malfeita. Aqui está uma pequena relação de algumas das páginas onde aparecem erros tipográficos: 14, 18, 19, 49, 50, 56, 66, 116, 141, 145, 147, 149, 151, 158, 163, 164, 184, 193, 195, 197, 202, 208, 210 e 222. Deve haver mais. Essas falhas de revisão foram notadas no decorrer de uma leitura normal, sem a preocupação de descobri-las. Ainda esta semana, o romance de Ursula Curtiss será comentado com mais vagar.

5 CORRESPONDÊNCIA para esta coluna: Almirante Tamandaré, 32, ap. 204, Flamengo, GB.

① GRUPO SUL NA LITERATURA CATARINENSE

LINA LEAL SABINO*

Se o florescimento da vida cultural brasileira foi moroso desde o seu princípio, atado às áreas mais densamente povoadas e desenvolvidas, muito mais lento foi o desabrochar de Santa Catarina. Durante os primeiros duzentos anos esta terra possuía escassas povoações:

- 1658 - Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco
- 1675 - Nossa Senhora do Desterro
- 1684 - Santo Antônio dos Anjos da Laguna

Ao lado destas, raras eram as freguesias espalhadas por esta Capitania. A atual cidade de Lages só foi surgir em 1766. Os navios faziam "Aguada" (abastecimento) e seguiam seu caminho. Viajantes, aventureiros, padres jesuítas e franciscanos em missão catequética entre os índios constituíram a povoação catarinense.

Não se pode esperar - culturalmente - outra manifestação que não a literatura de reportagem, de autoria de estrangeiros que relatavam aos seus países de origem o Novo Mundo que se lhes descortinava. Estes cronistas, oficiais ou não, fazem muitas referências à natureza, às festas populares, aos escravos, etc. e nada registram sobre a Arte ou a Literatura. Inclusive Paulo José Miguel de Brito, em seu livro "Memória política sobre a capi-

*Mestre em Letras - UFSC.

tania de Santa Catarina", escrito em 1816, refere-se à vida cultural catarinense nestes termos: não há sociedade literária alguma, não há colégios nem seminários; há somente um professor régio de Gramática Latina na Vila Capital e algumas escolas de primeiras letras; os homens ricos mandam seus filhos estudarem na Corte". Diz ainda que na capital há muitas pessoas de instrução mas que se instruíram na Corte ou fora do País.

Findava o século XVIII sem que se tivesse notícia de qualquer manifestação artística ou cultural que denotasse alguma efervescência literária.

Um episódio literário ocorre em 1816 quando vem para Desterro o juiz-de-fora Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva. Doutor e poeta, organiza um concurso literário no qual se inscrevem quatro poetas, incluindo-se ele próprio. Consta de um soneto à moda arcáde. As Arcádias ou Academias haviam florescido, no Brasil e na Europa, no século anterior, revivendo os valores estéticos da Antigüidade greco-latina, como equilíbrio, simplicidade, harmonia das formas e, sobretudo, o cultivo do soneto. Agora, ao despontar do século XIX, colhia-se nesta Terra, um fruto poeticamente tardio. As primeiras inquietações pré-românticas ganham corpo no País e, em Santa Catarina, eleva-se um pedestal ao gosto arcádico.

Como uma espécie de consequência natural deste vago pós-maturo, passam a desfilar as escolas - as ditas literárias - extemporaneamente.

O ano de 1822 desencadeia, com a Proclamação da Independência, um interesse pelo progresso, pelo desenvolvimento, pela cultura.

Em 28 de julho de 1831 surge o primeiro jornal: "O Catharinense". No ano seguinte aparecem "O Expositor" e "O Benfazejo". Desterro, elevada à categoria de cidade por decreto imperial, funda escolas primárias gratuitas.

A "Capitania", do período colonial torna-se, a partir do período imperial, "Província de Santa Catarina". Vêm os imigrantes, a província estende suas povoações, crescem a agricultura e o comércio.

Em 1836, surge o Romantismo no Brasil com a publicação da obra "Suspiros Poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães.

Surge como movimento nacionalista, a literatura mergulhando nas raízes brasileiras, por exemplo, o indianismo de José de Alencar em "Iracema", "O Guarani", "Ubirajara". Em Santa Catarina, porém, até findar-se a primeira metade do século XIX não existia nenhuma sociedade científica, literária ou congênere. Permanecia o gosto arcáde na poesia e permaneciam os traços gongóricos na prosa.

Data desta época a polêmica entre Marcelino Antonio Dutra, chamado de "O Poeta do Brejo" e Arcipreste Paiva (deputado, padre, orador sacro, professor de Latim e Francês). Dedicaram-se à acirrada polêmica político-partidária, retratada por Marcelino Antonio Dutra naquele que foi provavelmente o primeiro livro de um autor de Santa Catarina: "A Assembléia das Aves".

Na segunda metade do século XIX, quando o Brasil se embebe de ciência, verdade e crueza dos fatos, vivendo o Realismo literário, nas paragens catarinenses inaugura-se a Escola Romântica.

A partir de 1850, a Capital da Província ganha novo aspecto: restaura-se o Liceu Provincial, cria-se a Escola de Aprendizes-Marinheiros, lança-se a pedra fundamental do Teatro Santa Isabel (hoje Teatro Álvaro de Carvalho), cria-se a Biblioteca Pública.

Vários jornais circulam e publicam autores românticos, como José de Alencar, Macedo, Castilho e Herculano.

A 8 de outubro de 1862, funda-se a primeira sociedade literária, de cunho romântico, inspirada em autores portugueses principalmente, e, em parte, em autores românticos nacionais. Nosso romantismo foi livresco, com pálidos reflexos do veio nacionalista e do sentimento avassalador da liberdade. Dentre os românticos: José Elisiário da Silva Quintanilha, Júlia da Costa, Lacerda Coutinho, Luís Delfino e outros. Há que se registrar os ultra-românticos, já no início do século XX: Delminda Silveira, Trajano Margarida, Castorina Lobo São Thiago e Ildefonso Juvenal.

No final do século XIX, um fato contribui para que a literatura catarinense experimente algo de novo na arte de escrever. Em 1883 Francisco Luiz da Gama Rosa é nomeado Presidente da Província de Santa Catarina (vale dizer, em termos atuais - Go-

vernador do Estado). Homem culto, vindo da Corte, de onde traz novidades, que passa a divulgar em seus serões literários: Darwin, Zola, Spencer. Os jovens Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo e Cruz e Sousa logo aderem ao que passam a chamar de Idéia Nova, um movimento destinado a banir o Romantismo das letras catarinenses e instalar o Realismo literário. Tem lugar a célebre polêmica que confronta românticos com realistas, os quais se digladiam pelas páginas dos jornais locais. Defendendo o Romantismo, Eduardo Nunes Pires que, além de poeta romântico era político opositor; defendendo a Idéia Nova, Virgílio Várzea e os demais moços frequentadores dos serões literários do Presidente da Província.

Gama Rosa retorna à Corte, os polemistas acalmam-se, absorvidos por outras atividades. Todavia, houvera uma sincera efervescência cultural, ainda que efêmera. A questão da Idéia Nova atiga os talentos dos jovens intelectuais que, a partir daí, amadureceriam suas potencialidades. Cruz e Souza evolui para o simbolismo e torna-se o maior poeta simbolista em nível nacional.

Inicia-se o século XX e o Brasil aspira em largos sorvos o clima modernista, deflagrando-se em São Paulo, em 1922, o Movimento como tal.

Em Santa Catarina, novamente o silêncio. Estas duas primeiras décadas transcorrem em branco. As letras catarinenses encontram-se contaminadas por um Romantismo tardio e renitente. Não há escolas de nível superior, somente alguns cursos secundários humanísticos ou técnicos. Não há editoras, não há livros novos na Biblioteca Pública e nem livrarias para adquiri-los.

Um punhado de moços, alunos do Ginásio Catarinense, pressas de inquietude cultural, procura fazer algo em prol de tão estagnado ambiente. A formação que lhes legam seus mestres, as leituras a que têm acesso (Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Eça de Queirós) direcionam-nos para os problemas ligados à Arte e Literatura, levam-nos ao que lhes pareceu mais benéfico para reavivar a cultura desterrense: uma academia literária.

Imbuídos de elevados ideais, sem dar-se conta do anacronismo que cometem, aliás, mais um, historicamente observando-se, fundam uma Academia enquanto em São Paulo os intelectuais achin-

calham este tipo de sociedade.

Mário de Andrade publica a "Paulicéia Desvairada", Manuel Bandeira ironiza o parnasianismo com seu poema "Os Sapos" e os catarinenses cuidam em compor sonetos parnasianos, caprichosamente metrificadas.

José Boiteux, Altino Flores, Barreiros Filho e outros tomam conhecimento da existência do Modernismo, mas não aderem. Não acreditam que "aquelas garatujas" possam ser chamadas de Arte. Para eles só há uma, a Arte Clássica. "Não há duas Artes como não há dois umbigos".

O GRUPO SUL

Repassamos, em sucintas palavras, a cronologia dos acontecimentos que marcaram a História Literária catarinense. Pode-se facilmente observar que, se a própria colonização desta Terra foi lenta e posterior ao restante da faixa litorânea brasileira, não poderia ser diferente o desenvolvimento cultural.

A Capital catarinense esteve geográfica e culturalmente ilhada do resto do País até o início do século XX. As notícias dos eventos literários aqui chegaram sempre com atraso.

Deste modo, o panorama que antecede o aparecimento do Grupo Sul mostra-se, historicamente, desolador. Sua tarefa seria a mesma tarefa de quantos o antecederam: varrer da paisagem uma moda literária que floresceu serodiamente, fincou raízes e estagnou, esquecida de acompanhar o mundo além de seus limites.

Desejamos examinar aqui a maneira com que o Grupo Sul desincumbiu-se desta missão. Se o fez meteoricamente, tal como seus antecessores. Se deixou marcas profundas.

Na década de 20, os moços que fundaram a Academia Catarinense de Letras e difundiram o Realismo/Parnasianismo eram alunos, rapazes de pouca idade e muita sede cultural. Na década de 40, eles são professores nos colégios em que haviam estudado e nas Faculdades que despontam: Representam a cultura oficial, têm espaço nos jornais locais e permanecem fiéis à postura clássica dentro da qual foram moldados.

A nova geração, formada por seus jovens alunos e outros

jovens, embrenha-se por suas próprias leituras, descobre que existiu - e existe - algo que não lhes foi ensinado. Descobrem Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira. Descobrem os valores estéticos do Modernismo e, com a audácia febril característica dos jovens, arvoram-se em seus intrépidos defensores.

Cinco intelectuais são os iniciadores de tal Movimento. Quatro moços - Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva e Antonio Paladino - e Aníbal Nunes Pires, que era professor, mais velho que eles. O Grupo ganha novos elementos com Élio Ballstaedt, Walmor Cardoso da Silva, Alchibaldo Cabral Neves, Cláudio Bousfield Vieira e outros.

Textualmente, um artigo da Redação do "Folha da Juventude", intitulado "A Juventude de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna", diz, no nº 6, em 1947:

"E é, agora, depois de passados 25 anos do seu aparecimento, que se faz, pela primeira vez em Florianópolis, a Campanha em prol da Arte Moderna, senhores leitores."

Um quarto de século depois, sinal de que as coisas estavam melhorando. A Literatura já estivera cinquenta anos defasada no período Lealista e tivera com cem anos de atraso sua manifestação arcádica!

Em janeiro de 1948 o Grupo lançou SUL - a Revista do Círculo de Arte Moderna, nome com que se deram a conhecer. Porém passaram a ser chamados "o grupo da Revista SUL", "o Grupo de SUL" e, finalmente, cristalizou-se a denominação com que passaram à História da Literatura: "Grupo SUL".

Esta Revista dura trinta números, o último datado de dezembro de 1957, circula no início de 1958.

Dez anos dura a Revista, dez anos dura o Grupo SUL. Trata-se, pois, do mais longo movimento de que se tem notícia nas Letras Catarinenses. No decorrer dos tempos, novos nomes vão a ele se somando: Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, A. Boos Jr., Hugo Mund Jr., Hiedy de Assis Corrêa, Ernesto Meyer Filho e tantos outros.

Além da Revista SUL, os integrantes do Grupo dedicaram-se a múltiplas atividades culturais.

Fazem teatro, liderados neste setor por Ody Fraga. Tea-

tro moderno, escandalizando o público acostumado às comédias e aos dramalhões. Encenam peças de Pirandello, de Bernard Shaw, de Sartre; e peças de autoria de rapazes do Grupo, como Ody Fraga. Por si só já escandaliza a sociedade local a presença de moças no elenco (Eglê Malheiros, Lígia Moellmann) pois "moças de família" deveriam ficar na platéia, jamais sobre o palco.

Nas décadas de 40 e 50 o cinema adquire som e cor, ganha mercado, expande-se mundialmente. Filmes americanos, franceses, ingleses, italianos, suecos, noruegueses e outros invadem o Brasil, cuja incipiente indústria cinematográfica não reúne condições para competição. Reagindo à linha comercial de maus filmes proliferam os Clubes de Cinema, interessados em educar o público, em divulgar filmes de boa qualidade cultural.

O Grupo SUL engaja-se neste mister. Mantém intercâmbio com cine-clubes de outros Estados e até constitui uma companhia cinematográfica para fazer seu próprio filme. Este intitulou-se "O Preço da Ilusão" e para Salim Miguel, "o preço foi uma verdadeira ilusão". A fita, concretizada sob pesados esforços, sofreu falhas técnicas em sua montagem e não pode ser exibida na rede comercial de cinemas. Armando Silvio Carreirão leva sete anos fazendo cine-jornais para pagar empréstimos bancários contraídos com a feitura da película.

Este filme representa o ápice dos esforços de SUL no sentido de contribuir para a realização de bons espetáculos cinematográficos, voltados para a realidade brasileira, dentro da linha de crítica social do "Cinema Novo".

Com relação às Artes Plásticas, o Grupo também marca sua participação. A Revista SUL divulga modernistas, como Picasso, Chagall, Cezanne, Mondrian, etc. Abriga ainda jovens modernistas de seu tempo: Bruno Giorgi, Moacir Fernandes. Falta, contudo, um elemento que polarize a atividade plástica. Nos primeiros anos não há, na pintura, como há na literatura um Salim Miguel ou no teatro um Ody Fraga. Na fase final, vários artistas plásticos que, estimulados pelo espírito de SUL haviam exposto a público suas obras, resolvem unir-se e fundar um grupo próprio, centrado na Arte, seu interesse maior. Nasce em 1958, o GAPF - Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, realizando-se, neste mesmo ano, a primeira exposição coletiva

de seus nove fundadores: Hugo Mund Jr., Ernesto Meyer Filho, Tercio da Gama, Pedro Paulo Vecchietti, Hiedy de Assis Corrêa, Rodrigo de Haro, Thales Brognoli, Aldo Nunes e Dimas Rosa. O Grupo SUL se dissolve, mas a Arte ganha talentos vários, nascidos em SUL e confirmados com o passar dos tempos, hoje engrandecendo o cenário brasileiro.

A principal preocupação do Grupo SUL volta-se para a Literatura. Seus participantes não se satisfazem com publicações periódicas (jornais, revistas). Enfrentam o desafio de verter em livros sua veia modernista numa terra em que sequer editoras há. Concebem dois planos editoriais - os Cadernos SUL e as Edições SUL. Chegam a publicar sete volumes da primeira coleção e oito da segunda. Poesia, conto, romance, ensaio, teatro, escritos pelos integrantes do Grupo. Utilizam as dependências da Imprensa Oficial e, após o expediente, compõem e imprimem seus livros. Buscam dar-lhes feição modernista, na forma e no conteúdo. Alguns o conseguem mais, outros menos, outros, nem tanto. De qualquer forma, um estilo que não revelasse aprimorada forma clássica e conteúdo firmado na clareza, na lógica e na linearidade, viria a ferir os padrões estético-literários vigentes. É o que ocorre, como veremos a seguir.

Árdua polêmica se estabelece entre os Novos (Grupo SUL) e os Velhos (Geração da Academia), de julho de 1949 a maio de 1950.

Para Altino Flores, os Novos cometem a barbaridade que chamam de "Arte Moderna" por serem incapazes de compreender e praticar a "verdadeira" Arte. Eles redarguem que "O Sr. Flores, por mais copioso e arguto que seja, vive em 1900. Por isso não vale a pena discutir com ele as correntes literárias posteriores a esta data" (O Estado, 04/04/50).

Para Othon d'Eça, os jornais e revistas modernistas não custam aos rapazes "senão o esforço conjugado de alinhar, sob quadros em que há bananas parecidas com garrafas e garrafas semelhantes a tatus, algumas palavras insonoras, sem polimento, como tiras de camurça..." (O Estado, 21/11/50).

Intransponível o abismo estético e ideológico entre os contendores. No calor da discussão não medem palavras para defender seus postulados, suas crenças. A ironia de Altino Flo-

res encontra a irreverência dos moços de SUL e do choque resultam agressões mútuas, verbalmente violentas.

Élio Ballstaedt ridiculariza a Academia Catarinense de Letras, compara-a a um subúrbio atrasado, embora constituído de "casinhas bonitinhas" e debocha da imortalidade dos acadêmicos: "Desejam viver eternamente fiéis ao seu subúrbio. Morrer nele. Ser enterrados nele. Ter uma estátua nele. Caso não uma estátua, ao menos uma rua. Serve um beco" (O Estado, 29/11/49).

A certa altura, debatendo a questão de conhecimento de idiomas, atacam impiedosa e irreverentemente: "Perguntamos nós: saberá alemão o Sr. Flores? E também grego? Será possível! Presupunhamos ser ele ignorante apenas em português e francês. Um dia apareceu-nos se inculcando como também sendo em alemão. E agora parece que também o pretende ser em grego. Convenhamos que é demais: - Ignorante em quatro idiomas!" (O Estado, 16/04/50. Isto dá-se em abril de 1950 e em maio é cancelada a Página Literária que os modernistas mantinham n'O Estado. Passa para as mãos de Othon d'Eça, em 1951, o qual se dedica a defender a Arte Clássica e a atacar energicamente a Arte Moderna.

Após dez anos de duração o grupo dissolve-se. Alguns elementos foram saindo ao longo do tempo, como Ody Fraga que em 1950 se mudou para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo, passando a dedicar-se ao cinema. Outros haviam se juntado à turma nos anos finais, como Silveira de Souza (situado entre os "novíssimos de SUL"). Alguns, como Salim Miguel e Eglê Malheiros no Grupo estiveram desde o início até o fim.

Cada qual perseguiu o seu destino: deixando a Literatura para dedicar-se à carreira jurídica, como Walmor Cardoso da Silva; confirmando sua vocação literária como Guido Wilmar Sassi, Salim Miguel, Silveira de Souza e outros cujos nomes se projetam hoje, no cenário nacional.

O Grupo SUL fez convergirem duas linhas que corriam distanciadas. A linha cronológica e cultural da Literatura Catarinense juntou-se à linha cronológica brasileira e universal. Isto é, o Grupo SUL tirou nossa Literatura do século passado e trouxe-a para o século em que deveria estar - o século XX.

BIBLIOGRAFIA

- MELO (filho) Osvaldo Ferreira de. **Introdução à história da literatura catarinense.** Porto Alegre, Ed. Movimento, 1980.
- SABINO, Lina Leal. **Grupo SUL: O Modernismo em Santa Catarina.** Florianópolis, Fundação Catarinense da Cultura, 1981.
- SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina.** Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro.** 2.ed., Petrópolis (RJ), Vozes.

Destaque para os escritores catarinenses

Começa hoje a Primeira Semana Energia-Sesc do Autor Catarinense

FLORIANÓPOLIS

O Colégio Energia está promovendo a partir de hoje um encontro que visa aproximar alunos de 2º grau e escritores de Santa Catarina. A Primeira Semana Energia-Sesc do Autor Catarinense começa hoje à noite e vai até quinta-feira com extensa programação. É aberta ao público e tem entrada franca.

Entre as obras abordadas estão aquelas que figuram na listagem do Vestibular 1997. Segundo a coordenadora pedagógica do Energia, Rosemeri Veras Costa, "o aluno de 2º grau geralmente tem pouco contato com a literatura catarinense, pois as escolas costumam priorizar os autores nacionais, e chega ao concurso despreparado". O projeto,

pioneiro, tenta suavizar esta falha. O poeta Cruz e Sousa foi escolhido como patrono do evento, por ser um dos mais importantes e provavelmente o mais visado devido as comemorações do centenário de sua morte, em 1998.

Centralizado no Ginásio do SESC Prainha (Travessa Syriaco Atherino, nº 100, Prainha, Florianópolis) o encontro prevê a organização de mesas redondas, palestras, apresentação de vídeos, filme, recital e performance. Dele irão participar escritores como Alcides Buss, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Rodrigo de Haro, entre outros.

A performance será apresentada pelo grupo Literatura in Cena e o recital por Alzemiرو Lídio Vieira. O projeto Literatura in Cena, coordenado pela profes-

sa Silvia Schmidt de Carvalho reúne alunos do Energia na encenação de obras cujos textos serão cobrados no Vestibular. Um grupo maior estará percorrendo o Estado com este trabalho. Mas durante a Semana do Autor Catarinense uma pequena parte mostrará vida e obra de Cruz e Sousa. O patrono também será homenageado por Alzemiرو Vieira.

Maria Emilia Azevedo estará presente a projeção do filme *Alva Paixão*. O curta-metragem, dirigido por ela em 1995, conta trechos da vida do poeta e foi filmado em Santa Catarina. No elenco está Zezé Motta, interpretando a esposa de Cruz e Sousa, assim como vários atores catarinenses. Lindolf Bell mostra sua *Catequese Poética*.



ROBERTO SCOLA/DC/Set 96

HISTÓRIA: Salim Miguel é um dos escritores que representa o Grupo Sul, movimento cultural de Florianópolis na década de 50

Variedades

Literatura



DANIEL CONZI/DC/Jul 96

PALAVRAS: Eglê Malheiros é uma das representantes das escritoras que empresta suas letras para o encontro



JULIO CAVALHEIRO/DC/Ago 96

FORÇA: O múltiplo Rodrigo de Haro também participa da Primeira Semana Energia-Sesc do Autor Catarinense



BANCO DE DADOS/DC/Set 96

POESIA: Lindolf Bell vai falar amanhã sobre sua *Catequese Poética*

PROGRAMAÇÃO

★ Segunda-feira

- 19h30min - Abertura
- Palestra: A importância do encontro para a literatura catarinense no ensino de 2º grau - Dr. Paschoal Apóstolo Ptsica
- Recital: Alzemiرو Lídio Vieira
- Performance: Literatura in Cena

★ Terça-feira

- 14h30min - Catequese Poética, de Lindolf Bell
- 16h - Mesa redonda
- Tema: Suportes de divulgação da literatura catarinense, com Alcides Buss (Varal Literário), Sérgio

da Costa Ramos (jornal), Wilson Rio Apa (Literatura do Mar/ teatro: A Paixão Segundo Todos os Homens) e Silvia Schmidt de Carvalho - (Literatura in Cena) - coordenação Maria de Lurdes Krieger Locks

★ Quarta-feira

- 14h30min - Lançamentos
- 15h - Recital, com Alzemiرو Lídio Vieira
- 16h - Mesa Redonda
- Tema: Grupo Sul e a literatura contemporânea em Santa Catarina, com Salim Miguel, Adolfo Boos e Rodrigo de Haro - coordenação: Lina Leal Sabino

19h30min - Mesa Redonda

Tema: Mulheres no exílio, com Derlei Catarina de Luca, Eglê Malheiros, Aúrea de Oliveira Silveira e Marisela Silveira Veríssimo - coordenação

★ Quinta-feira

- 14h30min - Vídeos produzidos pelas equipes de alunos do Colégio Energia
- Filme: *Alva Paixão*, de Maria Emilia de Azevedo
- 16h - Mesa Redonda
- Tema: A literatura catarinense no vestibular, com Flávio José Cardoso, Raimundo Caruso e Claude Amália Segalin de Andrade - coordenação Silvia Schmidt de Carvalho

RESUMOS

(Continuação da 1.ª Pag.)

Pacheco, a centelha do talento ou as gloriolas da predestinação.

Volvamos, por um rápido instante, ao passado, desde aquele dia em que o GRUPO SUL, com grandes tubas, tambores e altivo garbo, surgiu no desfile das letras patricias, sob os aplausos combinados da platéia e das galerias? Quantos já ficaram para trás, desiludidos do seu messianismo literário ou desgastados pelo esforço de substituir, por outras velharias, as antigalhas acadêmicas?

E quais são, na realidade, os seus grandes nomes fora do círculo em que eles vivem e fora da paisagem e da crítica de que eles têm, com outros círculos daquém d'além mar — o monopólio e os adjetivos?

Mas . . . — dirão: — E o Salim Miguel, o Boos, o Sassi no conto, na crítica e mesmo no romance?

— Sim! . . . O Boos, o Sassi, o Salim Miguel! . . . De resto são algumas gotas — mesmo num modesto copo d'água!

Enquanto isso, os homens de letras das velhas gerações, mau grado o "ranço burguês e reacionário" — aí estão em plena maturidade espiritual, trabalhando, produzindo, mantendo o vigor dos seus nomes, fóra de SUL e dos arraias afortunados da "Anita Garibaldi Ltda." . . . Não têm eles, por certo, uma platéia dirigida, do mesmo colorido, nem altos e estridentes pistons, os "câmeras", discretamente conjugadas, para lhes berrar em tórno ou fixar a sua genealidade, os seus tiques e até — a côr íntima das suas piugas! . . .

Todavia, muitos dêles, há mais de trinta anos que apareceram no "écran" das letras e os seus nomes, graças às suas tintas peculiares e essenciais — ainda se não apagaram!

Quem se lembra hoje dos rebeldes, futuristas, do antropofagismo, do "losango cáqui", de GLAXON e dos "pedigrótas roendo caixas de fósforos nos jardins lagartixos"?

Muitos dêles lograram sobreviver porque . . . entraram para a Academia, foram se agasalhar á vetusta tepidez da instituição execrada e gozar, com delícias, a imortalidade, o fardão, o chá das cinco e o "jetton"!

Não há pensamentos coletivizados, nem crítica de grupos! . . .

Também não há privilégios de classes, de idéias ou de idades.

OS Rapazes de SUL vencerão? Todos?

— Não. Apenas aquêles que, de fato, têm talento. E êses triunfariam até mesmo na Cafraria, dentro ou fora das tribos, com a Arte Moderna dos brancos ou com a Arte Velha dos manipanços . . .

É belo o esforço dêses rapazes, — confessemos. É magnífica a perseverança com que, há mais de dez anos, vêm afrontando as duas esquinas famosas!

Na verdade, êles encontraram, como rapazes nascidos de mãos para a lua, tôdas as facilidades da vida: desde o papel para a sua revista, até a impressão gratuita dos seus livros e cadernos, furtivamente chamados "Edições SUL".

A existência literária lhes tem corrido, assim, como um casco de navio num declive ensebado. Não saber o que seja "cavar o dinheiro" para pagar o mensário ou ficar à mercê da bilis dum editor.

Nunca tiveram os originaes de um livro no fundo inútil de uma gaveta, nem às ilhargas, como bandarilhas incômodas, o gramático, o crítico, o maldizente!

Desconhecem a surriada, o remoque, a farpa tinindo em tórno!

Trabalham, assim, de barriga cheia, quietos, agrupados dentro do seu envólucro: — entre êles não há espírito discordantes, rebeldes, cheios de personalidade, capazes de reagir ao jugo da comunidade superiormente dirigida . . . Rosnam, às vézes, mas é quando alguém de fora lhes chega ao pé de OSSO . . .

Êses estímulos, de resto, poderiam ter caído em terra sáfara ou morrer, sem éco, nas distâncias vazias.

Não vejam os moços de SUL, nestas linhas, senão uma advertência amiga e um conselho sem malícia!

Trabalhem, pensem, escrevam e procurem espalhar, com mãos limpas, as boas sementés que houver em seus pensamentos.

Mas não sejam sectários nem gabolas, porque não são estas as qualidades que devem enfeitar os moços de inteligência, mórmente aquêles que se julgam fadados a realizar, num mundo embolorado, postiço e egoista — uma obra de renovação, de humanismo e de beleza.

Nota de Jaime Brasil - Do "Primeiro de Janeiro", grande diário do Partido

BIBLIOGRAFIA



LIVRO PÓSTUMO DUM JOVEM BRASILEIRO

Recebemos, há meses, enviado pelos rapazes da revista «Sul», de Florianópolis, o livro «A Ponte», de Antônio Paladino. É um livro de prosa e verso. Pouco mais tem de cem páginas e parece reunir toda a obra desse jovem, que morreu, aos 25 anos, tuberculoso. Um amigo escreveu no rosto desse volume: «Para «O Primeiro de Janeiro», este livro póstumo dum Cesário Verde ou José Duro do Brasil. Antônio Paladino irmana-se, realmente, com eles, na vida breve e no fim dramático. Um poeta que morreu jovem é uma grande perda, não tanto pelo

que já fez. — e aqueles dois portugueses, como Antônio Nobre, fizeram muito, — mas pelo que poderia fazer.

Folheámos o livro «A Ponte», com tristeza. O autor já não precisa de crítica, nem de elogios, nem de nada. O anjo da morte envolveu-o nas suas asas. O livro tem tudo quanto a piedade, a ternura, dos outros jovens seus amigos lhe podiam dar. Lá vem o seu retrato desenhado por um deles, Moacir Fernandes; um estudo sobre a personalidade do poeta morto, por outro amigo, Salim Miguel; depois as poesias de Antônio Paladino, os seus contos, as suas crônicas e críticas, muito lúcidas, de poesia, e até trechos das suas cartas.

Fizeram bem os amigos de Antônio Paladino em reunir esses escritos. Alguns revelam uma grande sensibilidade e poder de expressão, como a poesia «Anoitecendo», que começa: «Sinto o silêncio... / O silêncio nostálgico das tardes de Outono / E um langor lasso, / Enfadonho, / Medonho... / E o tédio que nasce de tudo que que faço». Tudo indicava que havia de ir longe esse moço poeta. A morte não o deixou; mas, afinal, não morreu de todo: o calor da amizade dos seus irmãos em poesia resuscitou-o. Não salemos, na verdade que mais nos comove, se a morte prematura desse jovem poeta, se essa fraternidade de almas que no-lo restituiu.

Os anos rebeldes do Grupo Sul

SÉRGIO DA COSTA RAMOS

Jornalista

No escritório de Salim Miguel, 68 anos, escrevendo desde os 10 e publicado há mais de 40, há, entre dois mil livros, talheres cruzados numa prancheta, como a sugerir que o autor de mais de vinte títulos acabara de jantar a biblioteca inteira.

Garfo e faca tem ali figuração mais do que simbólica: trata-se de um *souvenir* dos seus 48 dias de prisão durante os *anos rebeldes* da Revolução de 64, que também em Santa Catarina encarcerou e intimidou intelectuais. Os talheres relembram o exato momento em que tinha notícia de sua libertação, mediante um raro habeas-corpus deferido naqueles tempos. Mesmo prelibando a liberdade, o tranqüilo Salim fez questão de terminar o jantar.

Vivendo da palavra escrita desde que se conhece por gente, este biguaçuense nascido no Líbano, catarinense *in pectore* desde os quatro anos e seu cidadão honorário desde maio último, em título outorgado pela Assembléia Legislativa, é também o profeta da moderna literatura de Santa Catarina, renascida a partir dos novos valores essenciais e estéticos do Grupo Sul. O movimento pode ser interpretado como uma vertente da Semana de 22, que, embora já estivesse sendo revista e atualizada em outras regiões do País, ainda não havia chegado a Santa Catarina.

O audaz grupo de jovens insatisfeitos com o mundo mexeu com a pasmaceira, "arejou o ambiente, buliu com os falsos valores, atçou os autênticos". E tirou o bolor não somente das letras. Mas também do teatro, das artes plásticas, da música e do cinema. Basta dizer que Sartre foi pela primeira vez apresentado no País, em teatro, na Florianópolis de 1948. E, suprema ousadia: realizou o primeiro e único longa metragem da fugaz Hollywood catarinense, *O Preço da Ilusão*, rodado em Florianópolis em 1957 - do qual sobrevivem, resgatados por Salim num sebo cinematográfico, os emblemáticos 15 minutos finais.

Com o dinheiro arrecadado nas sessões de

teatro, encenando Shaw, Pirandello e Sartre, o grupo financiou seu veículo mais conhecido, a Revista *Sul*, cujo primeiro número foi todo composto a mão, como um bordado de chumbo. Nomes como Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, Adolfo Boos Jr., Eglê Malheiros, Marcos Farias, Ody Fraga, Anibal Nunes Pires, Hassis e Aldo Nunes, entre tantos outros, surgiram e se afirmaram através do Grupo Sul - que marcou uma década (1947-1957) de eferescência e dinamismo no movimento cultural catarinense.

Jornalista, editor na redação de *Manchete* e *Tendência*, dono de livraria em Florianópolis nos conturbados anos 60, diretor da Editora da UFSC até se aposentar, há dois anos, Salim dedicou uma vida inteira à literatura. Começou criança, em Biguaçu, terra de adoção e palco de suas criaturas literárias - a sua *Macondo*, só que real e palpável. Ali chegou com a família em 1931, aos sete anos de idade. Seus primeiros escritos foram historinhas que relatava para crianças e depois procurava passar para o papel. Começou nesta época a devorar a biblioteca da livraria local, lendo em voz alta para o seu dono, um poeta cego. J. M., o cego, e pessoas que vão do prefeito da época até um preto velho que freqüentava o pequeno armazém de seu pai, estão presentes na sua ficção: "Há escritores que concebem cidades totalmente imaginárias. Eu adaptei Biguaçu e sua gente à minha literatura".

Seu próximo livro, em preparo, simultaneamente com anotações para um novo romance, poderá se chamar *Primeiro de Abril* ou *A Vida Horizontal* - novela que relembra seus dias de cárcere.

- Poderia se chamar *Memórias da Cadeia*, que é isso que é. Mas não ousei batizá-lo assim em respeito a Graciliano Ramos, esse ícone da nossa literatura - que o celebra nos cem anos de seu nascimento - e que nos deu o magnífico *Memórias do Cárcere*.

Para esse alagoano, Salim faz questão de tirar o chapéu.

Nos 40 anos de sua prolífica carreira literária, Salim Miguel deu a seguinte entrevista ao Diário de Cultura.

DC - Quais foram as mutações essenciais e estéticas incorporadas ao movimento literário e artístico de Santa Catarina com a atuação do Grupo Sul?

SM - Para começar, foi um momento de ruptura. Queríamos, o que deve ser apanágio dos jovens, questionar o estabelecido, mexer com a pasmaceira, arejar o ambiente, bulir com os falsos valores, atçar os autênticos. Procurou-se, com acertos e erros, pois só não erra quem nada faz, mostrar que Florianópolis não era o eixo do mundo, mas culturalmente uma cidadezinha provinciana e acomodada. Buscamos trazer para exame as novas correntes estéticas, o que se pensava num mundo saído de uma grande guerra. Aqui, Eça de Queiroz era considerado pornográfico 47 anos depois de sua morte, em 1900. Líamos e discutíamos de maneira informal e aberta, Sartre e Fernando Pessoa, Borges e Joyce, Lorca e Shaw, Graciliano Ramos e Mário de Andrade, Machado e Eça, Goethe e Cruz e Sousa, e tantos mais; a pintura moderna, o cinema-arte, teatro de debate, música de vanguarda. Reflexos de tudo isto são perceptíveis até hoje. Ai está, por exemplo, o MASC.

DC - O Grupo Sul esteve para a arte e literatura catarinenses como a Semana de 22 para as letras e artes nacionais?

SM - Difícil uma análise fria. Participei ativa-

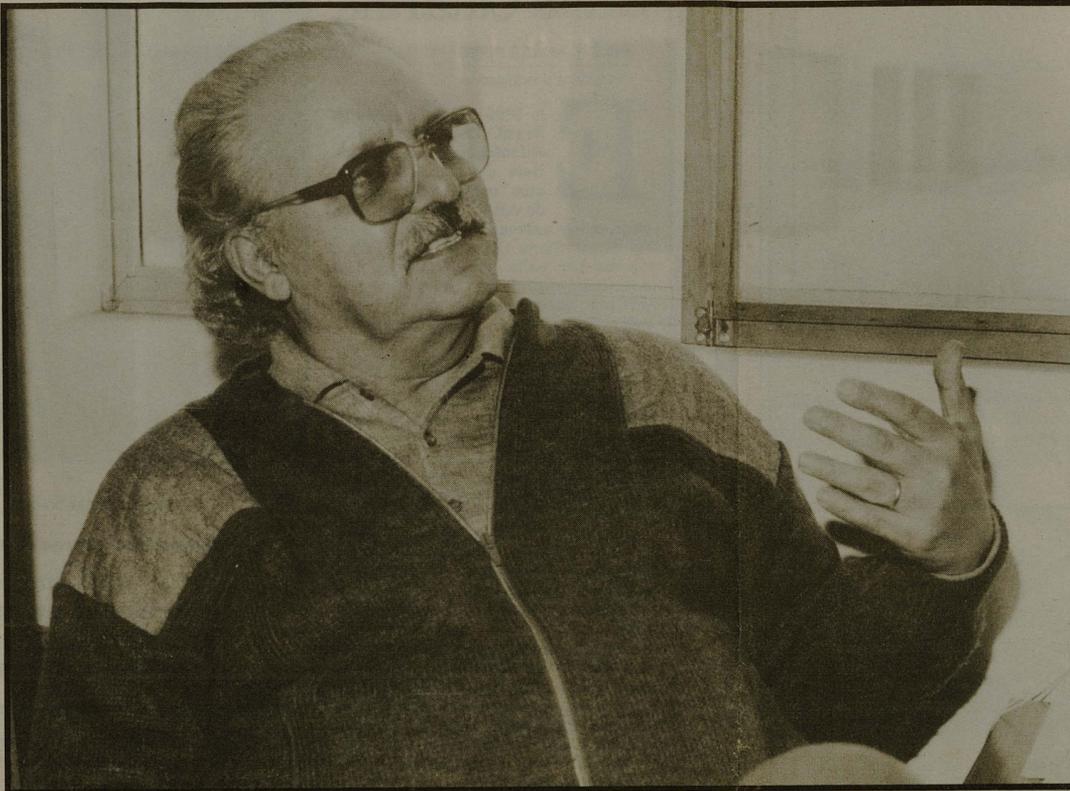
mente de todo o movimento. Estávamos em 1947, a Semana de Arte Moderna de 1922 começava a ser reavaliada. O que digo é que então os movimentos culturais de Santa Catarina - mais especificamente de Florianópolis - não foram mais os mesmos. Sob este aspecto é inquestionável o significado do Grupo Sul, que começou se autointitulando Circulo de Arte Moderna, daí talvez a vinculação com a Semana de Arte Moderna.

DC - Quais os principais valores revelados pelo Grupo Sul?

SM - Sucintamente: em letras um Guido Wilmar Sassi, um Adolfo Boos Jr., um Silveira de Souza, uma Eglê Malheiros, um Walmor Cardoso da Silva, um Anibal Nunes Pires; no cinema e na fotografia, um Marcos Farias, um Ody Fraga - este, em sua fase catarinense, no teatro - um Carreirão, um Martinelli, um Paulo Dutra; nas artes plásticas, um Meyer Filho, um Hassis, um Aldo Nunes, um J. Silveira D'Ávila, um Moacyr Fernandes, escultor que precisa ser mais conhecido, um Hugo Mund Jr., hoje também poeta.

DC - Produzir uma revista há de ser sido um esforço inaudito, no final dos anos 40. Como foi produzir um filme longa metragem no final dos anos 50? Valeu o Preço da Ilusão?

SM - Um dia, cansados da leitura e discussão até dos nossos próprios textos, resolvemos partir



LUIZ MACHADO/DC/Florianópolis

Salim Miguel

Profeta da moderna literatura de Santa Catarina, renascida a partir dos novos valores essenciais e estéticos do Grupo Sul

para uma revista. Bem jovens, vindos de diferentes estratos sociais, sem recursos, relações ou apoio, fomos à luta. Montamos um espetáculo teatral - peças em um ato de Shaw, Pirandello, Sartre pela primeira vez no Brasil. No Teatro Álvaro de Carvalho, em 1948! Com os poucos recursos da bilheteria tiramos o primeiro número da *Sul*, todo composto a mão. A partir do terceiro número, já no governo de Aderbal Ramos da Silva, conseguimos autorização para rodar a revista no loesc, fornecendo o papel e gratificando o pessoal pelas horas extras. Não satisfeitos, começamos as Edições Sul. O filme foi num esquema semelhante, com venda de ações. Saturados de ver cinema de arte, inquietos, decidimos: por que não fazemos nosso filme? Fizemos. *O Preço da Ilusão* - que foi a própria. Coisa que me entusiasma nos jovens é a audácia, e enfrentar os desafios - vencendo-os ou não. Pouco importa entrar aqui numa análise valorativa, este é um problema de triagem, do tempo.

DC - Abstraidas as dificuldades, e a produção sem recursos, o filme sobreviveria como um documentário de época ou como uma certidão de inquietude cultural?

SM - Lamento que o filme esteja desaparecido. Não tanto por seus méritos artísticos, mas porque era um retrato de uma Florianópolis sumida no tempo. Mais de 70% foram rodados em exteriores. Foi um momento inventivo, abstraídos os critérios de valor. Foi uma experiência que conjugava o cinema italiano de um Rossellini, o expressionismo alemão, o documentarismo, as realizações de um Nelson Pereira dos Santos.

DC - Como foi, para você, conciliar durante tanto tempo a atividade jornalística com a literatura?

SM - Jornalismo profissional foi gostoso e sobrevivência; literatura uma necessidade interior de realização pessoal. No meu caso não houve entrocque violento, mas convivência pacífica. O jornalismo me deu agilidade; com a literatura busquei um domínio maior sobre a escrita. Contos

DC - Depois de Rede, seu primeiro romance, vieram mais dois romances e seis livros de contos. A que atribui a circunstância de que foi no conto que seu nome ganhou maior densidade, especialmente depois de A Morte do Tenente e Outras Mortes?

SM - Na verdade, me satisfaria mais ter sido crítico ou ensaista. Sou ficcionista por teimosia, provar que posso fazer, ao contrário de um Guido ou um Boos, que possuem o dom. Insatisfeito, durante um bom tempo parei de

de *A Morte do Tenente* e *Outras Mortes* tiveram sua primeira versão numa redação, quando meu trabalho de redator-chefe de uma revista de economia me dava pequenas folgas.

DC - A história de que você lia romance em voz alta para um amigo cego, dono de livraria em Biguaçu, parece extraída de um conto de Borges. É verdade que foi essa amizade que fermentou seu interesse pela literatura?

SM - Depois de devorar a biblioteca de Biguaçu e de ler e reler até os anúncios de todos os jornais e revistas que encontrava, um dia me armei de coragem e invadi a livraria de J. M. Cego. Foi bom para ele e para mim. Ele tinha ânsia de saber; eu de saber e ler, sem dinheiro. Além de ficar conhecendo autores que me marcaram (Machado, Eça), li intermináveis folhetins (as novelas de tevê de então) como *Buridan* - ou *Os Mistérios da Torre Neslé*, de Michel Zevaco.

“ Insatisfeito, durante um bom tempo parei de publicar. Não de escrever ”

DC - Depois de Rede, seu primeiro romance, vieram mais dois romances e seis livros de contos. A que atribui a circunstância de que foi no conto que seu nome ganhou maior densidade, especialmente depois de A Morte do Tenente e Outras Mortes?

SM - Na verdade, me satisfaria mais ter sido crítico ou ensaista. Sou ficcionista por teimosia, provar que posso fazer, ao contrário de um Guido ou um Boos, que possuem o dom. Insatisfeito, durante um bom tempo parei de

inspiração que tortura? Você é, como Marques Rebelo, um torturado da forma?

SM - O exemplo de Marques Rebelo é pertinente. É raro um texto meu publicado que não tenha passado por cinco ou seis versões. Acredito numa chama inicial, que nos leva a escrever e que é gostosa como um orgasmo. Depois é o podar, o cortar como se cortasse na própria carne. Uma tortura. Cada vez que termino um trabalho me sinto vazio, esgotado, imagino que nada mais farei. Até que num dia qualquer um som, uma música, um ruído, uma flor, uma imagem, uma frase entreouvada me levam outra vez para a máquina. É como se uma bateria tivesse sido recarregada. Tudo recomeça.

DC - Por que é que Santa Catarina, tendo movimento literário dinâmico, nunca explodiu no olimpo nacional de escritores? O Estado não tem acústica para produzir celebridades ou é o Brasil que tem preconceito com escritores regionais? SM - A pergunta pode ser ampliada: por que Santa Catarina, com tudo que possui de significativo, não explodiu? Não só no campo das letras e das artes Santa Catarina não tem acústica. Santa Catarina não sabe trabalhar seus produtos. Há, claro, uma centralização cultural, raríssimos nomes se projetam a partir dos seus Estados (um Érico Veríssimo), São Paulo e Rio dominam a cena. Impõem por vezes valores nem tão válidos. Pergunto: o mesmo não ocorre com o Brasil? Ontem, a França. Hoje, os Estados Unidos. Somos um País culturalmente periférico. Os Estados Unidos nos empurram o que têm de pior, *best-sellers* e filmes de linha de montagem. Conhece-se mais o que lá se produz do que, por exemplo, a importantíssima literatura hispano-americana. Ou a africana. É imprescindível romper o círculo, tanto em termos nacionais como estaduais. Temos em Santa Catarina, em quase todos os setores culturais, nomes que mereciam ser mais conhecidos até mesmo entre nós. Exemplo recente: o romance de Harry Laus publicado na França, que ainda não conseguiu editor nacional.

DC - Qual o pior momento do Brasil: o da fogueira inquisitória que consumiu a livraria do Salim Miguel, pós-64, ou o dos escândalos cujas labaredas lambem diariamente a credibilidade das instituições de hoje em dia?

SM - Difícil decidir. Antes, um esclarecimento. A livraria continuava sendo chamada "do Salim", mas desde 1959 não era mais minha. Explico: quando, por exemplo, o desembargador Hercílio Medeiros encomendava um livro, eu tinha certeza que era bom. Então pedia dois, para mim. Antes que a livraria afundasse, passámo-la, meu sócio e eu, adiante. A queima da livraria apontou para onde se dirigia o País. Vivemos ainda as consequências da ditadura, com suas falcatruas impunes. Nos meus 68 anos de vida nunca vi descalabro semelhante, o País tão à deriva, tanta sujeira (o mar de lama getuliano era uma gota d'água perto do de hoje), tanto descrédito da população, tanta sem-vergonhice e caradurismo. Ainda bem que os direitos democráticos, conquistados com tanta luta, asseguram o funcionamento normal da CPI e a liberdade de imprensa, mantendo a população informada e atenta, capaz de se manifestar.

DC - O que nos reserva a gaveta de Salim Miguel em novos projetos literários?

SM - Aposentado, me dedico com mais afinco à minha obra. Tenho, numa editora de São Paulo, *As Várias Faces*, novela em três atos. Trabalho em outra, que não sei se se chamará *Primeiro de Abril* ou *A Vida Horizontal*, sub-título *Relatos da Cadeia*. Preparo novo volume de contos. Seleciono artigos de crítica, resenhas, entrevistas e palestras para o terceiro volume do *Castelo de Frankenstein*, pois num tal castelo que se preze deve caber absolutamente tudo. E faço pesquisa e anotação para um novo e ambicioso romance.

DC - E a literatura catarinense, como vai?

SM - Vai muito bem. Produz novos valores, se renova. É rica, vai deixar herança. Só não declino nomes porque posso cometer o grave pecado da injustiça ou do esquecimento. São todos meus amigos.

DC - O processo criativo é para você mais

A obra literária e o estilo

Velhice e Outros contos, 1951; *Alguma Gente, Histórias*, 1953; *Rede*, romance, 1955; *O Primeiro Gosto*, contos, 1973; *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, contos, 1979; *A Voz Submersa*, romance; *Dez Contos Escolhidos*, 1985; *O Castelo de Frankenstein*, vols. I e II, 1986/1990; *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, romance, 1987; *As Areias do Tempo*, contos, 1988. Participação em mais de uma dezena de antologias.

Assinalada pelo conto ("O conto é um gênero que acompanha o homem, desde a

Bíblia"), a obra de Salim Miguel é também caracterizada por romances que são contos encadeados. Sobre *O Primeiro Gosto* escreveu o crítico literário Hélio Pólvora: "Salim é um observador atento e solitário, que extrai seus contos do real. O cotidiano é a fonte que alimenta o seu conto. No seu estilo há o escritor que se lembra e o escritor que se entrega a um jogo conceitual que marcou toda a boa ficção de Machado de Assis, de quem, aliás, o ficcionista catarinense guarda certas ressonâncias de tom e de frase".



DIVULGAÇÃO/DC

Florianópolis, 1957: a memorável ilusão de imitar Hollywood numa produção local

Duas meadas em busca de um fio

O Preço da Ilusão é uma crônica da Florianópolis de 1957. A história se desdobra em dois planos, mostrando que mesmo numa cidade pequena as vidas podem caminhar paralelas sem se cruzarem. Na primeira, um concurso de Rainha do Verão visto dos bastidores; na segunda, um grupo de crianças corre as ruas com um livro de ouro, buscando doações para o seu boi-de-mamão.

As duas histórias se encontram num desenlace trágico, sobre a ponte Hercílio Luz, palco de um desastre de automóvel.

Ficha Técnica
Diretor: Milton Nascimento (cineasta gaúcho, autor dos curtas *O Parque* e *Negrinho do Pastoreio*)
Produção: Armando S. Carreirão
Diretor de Fotografia e Câmera: Elizeu Fernandes

Aqueles que fazem a cabeça do autor

Na literatura brasileira de ontem e de hoje: Machado de Assis (*Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *D. Casimiro*); Graciliano Ramos (*Memórias do Cárcere*); Jorge Amado (*A Morte e as Mortes de Quincas Berro D'Água*); Antônio Callado (*Quarup*); João Ubaldo Ribeiro (*Sargento Getúlio*); Luiz Antônio Assis Brasil (*Videiras de Cristal*) e Moacyr Scliar (*O Exército de um Homem Só*).

No cinema: *Cidadão Kane*, de Orson Welles; *Encouraçado Potemkin*, de Sérgio Eisenstein; *Em Busca do Ouro*, de Charles Chaplin; *Rastros de Ódio*, de John Ford; *O Tesouro de Sierra Madre*, de John Huston; *Janela Indiscreta*, de Alfred Hitchcock; *Amarcord*, de Federico Fellini.

Assistentes de Fotografia: José Mattos e Paulo Dutra
Canções sobre temas folclóricos: Oswaldo Ferreira de Mello
Argumento e roteiro: Eglê Malheiros e Salim Miguel

Duração: 80 minutos. Filmado em fins de 1957 e exibido pela primeira vez em novembro de 1958, no Cine São José.

Atores principais: Lillian Bassanesi (Maria da Graça) e Adélcio Costa (Paulo), o par romântico. Emanuel Miranda (Maninho) e Celso Borges (Dr. João Castro).

Figurantes ilustres: João Paulo Silveira de Souza, Ilmar Carvalho (no papel do vilão Edmundo Souza), Murilo Pirajá Martins (um boêmio) e Miro Moraes (no papel do cronista social Miro Moraes)

A obra levava a assinatura da Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti, em homenagem ao cineasta brasileiro, e o selo da Sul-Cine Produções.

A colaboração cinematográfica

O Preço da Ilusão (primeiro e único longa metragem realizado em Santa Catarina), argumento e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros, Florianópolis, 1957. *O Caminho Certo*, documentário. Argumento, roteiro, texto e direção, Florianópolis, 1958. *Santa Catarina 62*, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1962. *Vale o Progresso*, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1964. *A Cartomante* (baseado no conto de Machado de Assis), Rio de Janeiro, 1974, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias. *Fogo Morto* (baseado no romance de José Lins do Régio), Rio de Janeiro, 1976, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias.

SALIM MIGUEL

Os anos rebeldes do Grupo Sul

Jornalista, escritor e diretor, este homem de idéias múltiplas revolucionou o modo de pensar de toda uma geração no Estado

SÉRGIO DA COSTA RAMOS Especial

No escritório de Salim Miguel, 68 anos, escrevendo desde os 10 e publicando há mais de 40, há, entre dois mil livros, talheres cruzados numa prancheta, como a sugerir que o autor de mais de 20 títulos acabara de jantar a biblioteca inteira.

Garfo e faca têm ali figuração mais do que simbólica: trata-se de um souvenir dos seus 48 dias de prisão durante os anos rebeldes da Revolução de 64, que também em Santa Catarina encarcerou e intimidou intelectuais. Os talheres relembram o exato momento em que tinha notícia de sua libertação, mediante um raro habeas-corpus deferido naqueles tempos. Mesmo prelibando a liberdade, o tranqüilo Salim fez questão de terminar o jantar.

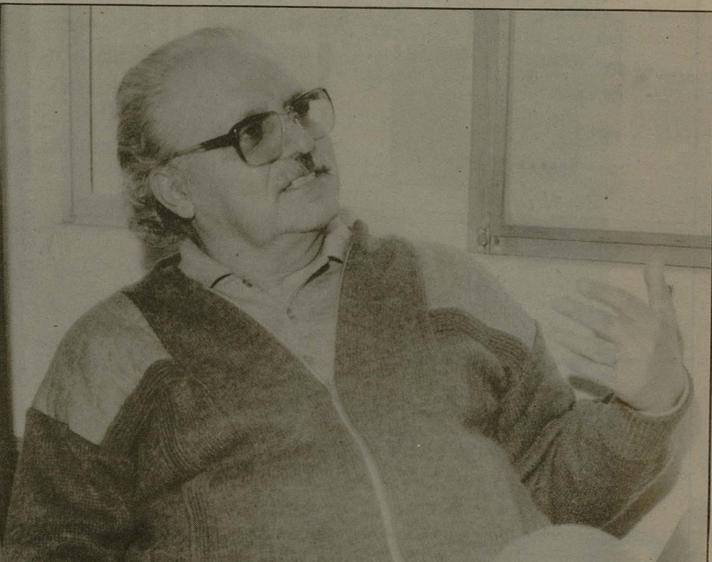
Vivendo da palavra escrita desde que se conhece por gente, este biguaçuense nascido no Líbano, catarinense in pectore desde os quatro anos e seu cidadão honorário desde maio último, em título outorgado pela Assembléia Legislativa, é também o profeta da moderna literatura de Santa Catarina, renascida a partir dos novos valores essenciais e estéticos do Grupo Sul. O movimento pode ser interpretado como uma vertente da Semana de 22, que, embora já estivesse sendo revista e atualizada em outras regiões do País, ainda não havia chegado a Santa Catarina.

O audaz grupo de jovens insatisfeitos com o mundo mexeu com a pasmeira, "arejou o ambiente, buliu com os falsos valores, aticou os autênticos". E tirou o bolor não somente das letras. Mas também do teatro, das artes plásticas, da música e do cinema. Basta dizer que Sartre foi pela primeira vez apresentado no País, em teatro, na Florianópolis de 1948. E, suprema ousadia: realizou o primeiro e único longa metragem da fugaz Hollywood catarinense, O Preço da Ilusão, rodado em Florianópolis em 1957 - do qual sobrevivem, resgatados por Salim num sebo cinematográfico, os emblemáticos 15 minutos finais.

Com o dinheiro arrecadado nas sessões de teatro, encenando Shaw, Pirandello e Sartre, o grupo financiou seu veículo mais conhecido, a Revista Sul, cujo primeiro número foi todo composto a mão, como um bordado de chumbo. Nomes como Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, Adolfo Boos Jr., Eglê Malheiros, Marcos Farias, Ody Fraga, Anibal Nunes Pires, Hassis e Aldo Nunes, entre tantos outros, surgiram e se afirmaram através do Grupo Sul - que marcou uma década (1947-1957) de efervescência e dinamismo no movimento cultural catarinense.

Jornalista, editor na redação de Manchete e Tendência, dono de livraria em Florianópolis nos conturbados anos 60, diretor da Editora da UFSC até se aposentar, há dois anos, Salim dedicou uma vida inteira à literatura. Começou criança, em Biguaçu, terra de adoção e palco de suas criaturas literárias - a sua Macondo, só que real e palpável. Ali chegou com a família em 1931, aos sete anos de idade. Seus primeiros escritos foram historinhas que relatava

Audaz



LUÍZ MACHADO/DC/Florianópolis

Salim foi um dos jovens que mexeu com a pasmeira e aticou os autênticos

para crianças e depois procurava passar para o papel. Começou nesta época a devorar a biblioteca da livraria local, lendo em voz alta para o seu dono, um poeta cego. J.M., o cego, e pessoas que vão do prefeito da época até um preto velho que freqüentava o pequeno armazém de seu pai, estão presentes na sua ficção: "Há escritores que concebem cidades totalmente imaginárias. Eu adaptei Biguaçu e sua gente à minha literatura".

Seu próximo livro, em preparo, simultaneamente com anotações para um novo

romance, poderá se chamar Primeiro de Abril ou A Vida Horizontal - novela que relembrará seus dias de cárcere. "Poderia se chamar Memórias da Cadeia, que é isso que é. Mas não ousou batizá-lo assim em respeito a Graciliano Ramos, esse ícone da nossa literatura - que o celebra nos 100 anos de seu nascimento - e que nos deu o magnífico Memórias do Cárcere." Para esse alagoano, Salim faz questão de tirar o chapéu.

Nos 40 anos de sua prolífica carreira literária, Salim Miguel deu a seguinte entrevista ao Diário Catarinense:

Diário Catarinense - Quais foram as mutações essenciais e estéticas incorporadas ao movimento literário e artístico de Santa Catarina com a atuação do Grupo Sul?

Salim Miguel - Para começar, foi um momento de ruptura. Queríamos, o que deve ser apanágio dos jovens, questionar o estabelecido, mexer com a pasmeira, arejar o ambiente, bulir com os falsos valores, aticar os autênticos. Procurou-se, com acertos e erros, pois só não erra quem nada faz, mostrar que Florianópolis não era o eixo do mundo, mas culturalmente uma cidadezinha provinciana e acomodada. Buscamos trazer para exame as novas correntes estéticas, o que se pensava num mundo saído de uma grande guerra. Aqui, Eça de Queiroz era considerado pornográfico 47 anos depois de sua morte, em 1900. Líamos e discutíamos de maneira informal e aberta Sartre e Fernando Pessoa, Borges e Joyce, Lorca e Shaw, Graciliano Ramos e Mário de Andrade, Machado e Eça, Goethe e Cruz e Sousa, e tantos mais; a pintura moderna, o cinema-arte, teatro de debate, música de vanguarda. Reflexos de tudo isto são perceptíveis até hoje. Ai está, por exemplo, o MASC.

DC - O Grupo Sul esteve para a arte e literatura catarinenses como a Semana de 22 para as letras e artes nacionais?

SM - Difícil uma análise fria. Participei ativamente de todo o movimento. Estávamos

em 1947, a Semana de Arte Moderna de 1922 começava a ser reavaliada. O que digo é que então os movimentos culturais de Santa Catarina - mais especificamente de Florianópolis - não foram mais os mesmos. Sob este aspecto é inquestionável o significado do Grupo Sul, que começou seu auto-intitulado Círculo de Arte Moderna, daí talvez a vinculação com a Semana de Arte Moderna.

DC - Quais os principais valores revelados pelo Grupo Sul?

SM - Sucintamente: nas letras um Guido Wilmar Sassi, um Adolfo Boos Jr., um Silveira de Souza, uma Eglê Malheiros, um Walmor Cardoso da Silva, um Anibal Nunes Pires; no cinema e na fotografia, um Marcos Farias; no teatro - este, em sua fase catarinense, no teatro - um Carreirão, um Martinelli, um Paulo Dutra; nas artes plásticas, um Meyer Filho, um Hassis, um Aldo Nunes, um J. Silveira D'Ávila, um Moacyr Fernandes, escultor que precisa ser mais conhecido, um Hugo Mund Jr., hoje também poeta.

DC - Produzir uma revista há de ter sido um esforço inaudito, no final dos anos 40. Como foi produzir um filme longa metragem no final dos anos 50? Valeu o Preço da Ilusão?

SM - Um dia, cansados da leitura e discussão até dos nossos próprios textos, resolvemos partir para uma revista. Bem jovens, vindos de diferentes estratos sociais, sem recursos, rela-

ções ou apoio, fomos à luta. Montamos um espetáculo teatral - peças em um ato de Shaw, Pirandello, Sartre pela primeira vez no Brasil. No Teatro Álvaro de Carvalho, em 1948! Com os poucos recursos da bilheteria tiramos o primeiro número da Sul, todo composto a mão. A partir do terceiro número, já no governo de Aderbal Ramos da Silva, conseguimos autorização para rodar a revista no Ioesec, fornecendo o papel e gratificando o pessoal pelas horas extras. Não satisfeitos, começamos as Edições Sul. O filme foi num esquema semelhante, com venda de ações. Saturados de ver cinema de

"Cansados da leitura e discussão de textos, resolvemos partir para uma revista. Sem recursos ou apoio, fomos à luta"

arte, inquietos, decidimos: por que não fazemos nosso filme? Fizemos O Preço da Ilusão.

DC - Abstraidas as dificuldades, e a produção sem recursos, o filme sobreviveria como um documentário de época ou como uma certidão de inquietude cultural?

SM - Lamento que o filme esteja desaparecido. Não tanto por seus méritos artísticos, mas porque era um retrato de uma Florianópolis sumida no tempo. Mais de 70% foram rodados em exteriores. Foi um momento inventivo, abstraidos os critérios de valor. Foi uma experiência que conjugava o cinema italiano de um Rossellini, o expressionismo alemão, o documentarismo, as realizações de um Nelson Pereira dos Santos.

DC - Como foi, para você, conciliar durante tanto tempo a atividade jornalística com a literária?

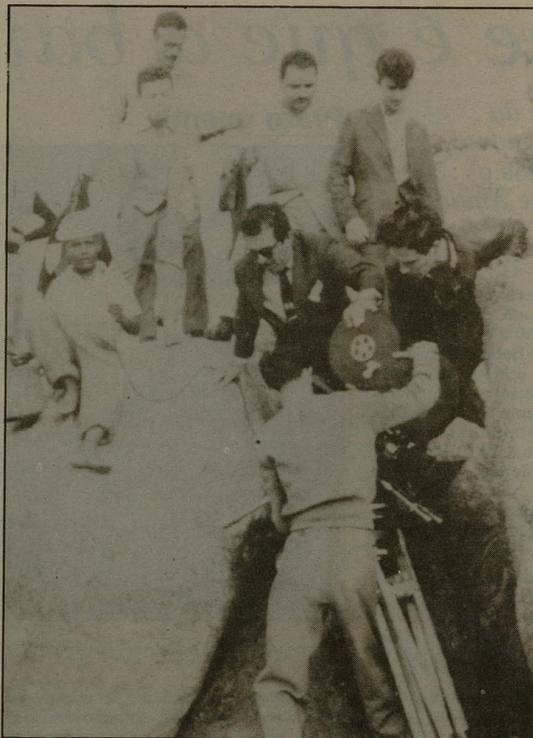
SM - Jornalismo profissional foi gosto e sobrevivência; literatura uma necessidade interior de realização pessoal. No meu caso não houve entretchoque violento, mas convivência pacífica. O jornalismo me deu agilidade; com a literatura busquei um domínio maior sobre a escrita.

DC - A história de que você lia romance em voz alta para um amigo cego, dono de livraria em Biguaçu, parece extraída de um conto de Borges. É verdade que foi essa amizade que fermentou seu interesse pela literatura?

SM - Depois de devorar a biblioteca de Biguaçu e de ler e reler até os anúncios de todos os jornais e revistas que encontrava, um dia me armei de coragem e invadi a livraria de J. M. Cego. Foi bom para ele e para mim. Ele tinha ânsia de saber; eu de saber e ler, sem dinheiro.

DC - Depois de Rede, seu primeiro romance, vieram mais dois romances e seis livros de contos. A que atribui a circunstância de que foi no conto que seu nome ganhou maior densidade, especialmente depois de A Morte do Tenente e Outras Mortes?

SM - Na verdade, me satisfaria mais ter sido crítico ou ensaísta. Sou ficcionista por teimosia, provar que posso fazer, ao contrário de um Guido ou um Boos, que possuem o dom. Insatisfeito, durante um bom tempo parei de publicar - não de escrever. Quando voltei para a ficção me dividi entre romance e conto. Sem falsa modéstia, me dou bem em ambos. Reconheço: minha literatura não é fácil. A Morte do Tenente ... pode ser visto como uma novela desmontável, temas e histórias se interligam através de personagens recorrentes, de uma frase, uma imagem, uma situação. E meu último romance publicado, A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta, quadro da minha geração e suas inquietudes, num painel de Florianópolis e Biguaçu, se desdobra em contos.



ARQUIVO DC

O Preço da Ilusão nasceu de pessoas inquietas e saturadas de assistir a filmes de arte. O argumento e o roteiro são assinados por Eglê Malheiros e Salim Miguel

DC - Todo romancista costuma manter com suas criaturas uma relação de severa autocritica. Você aprova os seus, gosta mais de uns do que de outros? Seu melhor romance é o que está por vir?

SM - Todo o autor deve querer que seu melhor livro seja o que se encontra em processo de criação. Caso contrário é parar. Claro que se possuir autocritica poderá concluir que tal ou qual cena está melhor realizada, que tal ou qual personagem se revelou melhor em sua estrutura, em sua psicologia, em sua inserção dentro do mundo ficcional. E por que não real? Nada sai do nada. Minha literatura se nutre do que

"Voltei para a ficção e me dividi entre romance e conto. Me dou bem em ambos e reconheço: minha literatura não é fácil"

sou, do que intuo, do que aprendi, de pessoas que conheci e que transplantei para o universo mítico e real de Biguaçu.

DC - O processo criativo é para você mais inspiração que tortura? Você é, como Marques Rebelo, um torturado da forma?

SM - O exemplo de Marques Rebelo é pertinente. É raro um texto meu publicado que não tenha passado por cinco ou seis versões. Acredito numa chama inicial, que nos leva a escrever e que é gostosa como um orgasmo. Depois é o podar, o cortar como se cortasse na própria carne. Uma tortura. Cada vez que termino um trabalho me sinto vazio, esgotado, imagino que nada mais farei. Até que num dia, tudo recomeça.

DC - Por que é que Santa Catarina, tendo movimento literário dinâmico, nunca explodiu no olimpo nacional de escritores? O Estado não tem acústica para produzir celebridades ou é o Brasil que tem preconceito com escritores regionais?

SM - A pergunta pode ser ampliada: por que Santa Catarina, com tudo que possui de significativo, não explodiu? Não só no campo das letras e das artes Santa Catarina não tem acústica. Santa Catarina não sabe trabalhar seus produtos. Há, claro, uma centralização cultural, raríssimos nomes se projetam a partir dos seus Estados (um Érico Veríssimo), São Paulo e Rio dominam a cena. Impõem por vezes valores nem tão válidos. Pergunto: o mesmo não ocorre com o Brasil? Ontem, a França. Hoje, os Estados Unidos. Somos um País culturalmente periférico. Os Estados Unidos nos empurram o que têm de pior, best-sellers e filmes de linha de montagem. Conhece-se mais o que lá se produz do que, por exemplo, a importantíssima literatura hispano-americana. Ou a africana. É imprescindível romper o círculo, tanto em termos nacionais como estaduais. Temos em Santa Catarina, em quase todos os setores culturais, nomes que mereciam ser mais conhecidos até mesmo entre nós. Exemplo: o romance de Harry Laus publicado na França, que ainda não conseguiu editor nacional.

DC - O que nos reserva a gaveta de Salim Miguel em novos projetos literários?

SM - Aposentado, me dedico com mais afinco à minha obra. Tenho, numa editora de São Paulo, As Várias Faces, novela em três atos. Trabalho em outra, que não sei se se chamará Primeiro de Abril ou A Vida Horizontal, subtítulo Relatos da Cadeia. Preparo novo volume de contos. Seleciono artigos de crítica, resenhas, entrevistas e palestras para o terceiro volume do Castelo de Frankenstein, pois num tal castelo que se preze deve caber absolutamente tudo. E faço pesquisa e anotação para um novo e ambicioso romance. ■

CINEMA

O Preço da Ilusão (primeiro e único longa metragem realizado em Santa Catarina), argumento e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros, Florianópolis, 1957. O Caminho Certo, documentário. Argumento, roteiro, texto e direção, Florianópolis, 1958. Santa Catarina 62, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1962. Vale o Progresso, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1964. A Cartomante (baseado no conto de Machado de Assis), Rio de Janeiro, 1974, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias. Fogo Morto (baseado no romance de José Lins do Régio), Rio de Janeiro, 1976, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias.

PREFERIDOS DO AUTOR

Na literatura brasileira de ontem e de hoje: Machado de Assis (Memórias Póstumas de Brás Cubas e D. Casimiro); Graciliano Ramos (Memórias do Cárcere); Jorge Amado (A Morte e as Mortes de Quincas Berro D'Água); Antônio Callado (Quarup); João Ubaldo Ribeiro (Sargento Getúlio); Luiz Antônio Assis Brasil (Videiras de Cristal) e Moacyr Scliar (O Exército de um Homem Só). No cinema: Cidadão Kane, de Orson Welles; Encouraçado Potemkin, de Sérgio Eisenstein; Em Busca do Ouro, de Charles Chaplin; Rastros de Ódio, de John Ford; O Tesouro de Sierra Madre, de John Huston; Janela Indiscreta, de Alfred Hitchcock; Amarcord, de Federico Fellini.

OBRA E ESTILO

Velhice e Outros Contos, 1951; Alguma Gente, Histórias, 1953; Rede, romance, 1955; O Primeiro Gosto, contos, 1973; A Morte do Tenente e Outras Mortes, contos, 1979; A Voz Submersa, romance; Dez Contos Escolhidos, 1985; O Castelo de Frankenstein, vols. I e II, 1986/1990; A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta, romance, 1987; As Areias do Tempo, contos, 1988. Participação em mais de uma dezena de antologias.

Assinalada pelo conto, a obra de Salim Miguel é também caracterizada por romances que são contos encadeados. Sobre O Primeiro Gosto escreveu o crítico literário Hélio Polívora: "Salim é um observador atento e solitário, que extrai seus contos do real. O cotidiano é a fonte que alimenta o seu conto (...)." ■

CULTURA



O filme

O Preço da Ilusão é uma crônica da Florianópolis de 1957. A história se desdobra em dois planos, mostrando que mesmo numa cidade pequena as vidas podem caminhar paralelas sem se cruzarem. Na primeira, um concurso de Rainha do Verão visto dos bastidores; na segunda, um grupo de crianças corre as ruas com um livro de ouro, buscando doações para o seu boi-de-mamão.

As duas histórias se encontram num desenlace trágico, sobre a ponte Hercílio Luz, palco de um desastre de automóvel.

Advertisement for La Bella Pizzeria. It features the text 'La Bella Pizzeria', 'Pizzas - Lasanhas - Calzones - Talharin', 'SABOROSAS MASSAS CASEIRAS', 'Aberta Todos Os Dias Das 18:00 às 24:00', 'R: Aracy Vaz Callado, 1.857 ESTREITO Fpolis', 'FONE: (0482) 44-2790'. There is also a small image of a pizza and a building.

A produção contagiante da obra do escritor Salim Miguel

Jornalista, editor, agitador cultural e, principalmente, ficcionista, Salim Miguel, nascido no Líbano há 67 anos, misturou sua vida à cultura brasileira. Levou o modernismo a Santa Catarina, com o Grupo Sul; participou do movimento de renovação do conto brasileiro nos anos 50; editou no Rio de Janeiro a revista *Ficção*, que promoveu a literatura nacional da década de 70; até o começo deste ano dirigiu a editora da Universidade Federal de Santa Catarina, hoje uma das maiores editoras universitárias do País. *Salim Miguel: literatura e coerência*, volume organizado por Iaponan Soares sob pretexto de comemorar os 40 anos da publicação do primeiro livro do escritor, *Velhice e outros contos*, reúne ensaios e depoimentos sobre a sua vida e a sua obra, além de um valioso suplemento iconográfico.

São textos de amigos, de companheiros de trabalho e de estudiosos de sua obra. Em todos eles, um profundo respeito, não só pela sua produção cultural e ficcional, como também pela sua própria pessoa. Salim Miguel, ao longo desses 40 anos, não fez apenas cultura mas também grandes amizades. Sua paixão pela literatura e pela arte em geral é, antes de mais nada, contagiante. Como relata o escritor e jornalista Mário Pontes, num dos artigos do livro, conversar com Salim Miguel sobre um autor de talento seja ele célebre ou um ilustre desconhecido

é uma experiência inesquecível. Na medida em que vai enumerando as qualidades do outro, revelando as particularidades do gênio alheio, os seus olhos incendeiam-se de satisfação, o seu rosto vai ficando corado, a sua fala atropela-se como a de um adolescente que descortina uma beleza virgem”.

É justamente essa paixão, que se estende da literatura à vida, que transparece em cada uma de suas obras, sejam elas de ficção ou de crítica. Depois de *Velhice* vieram, ainda nos anos 50, os contos de *Alguma gente* e o romance *Rede*; em seguida *O primeiro gosto* (contos, 1973), *A morte do tenente e outras mortes* (contos, 1979); *A voz submersa* (romance, 1984), *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (romance, 1987) e *As areias do tempo* (contos, 1988), além dos dois volumes de críticas intitulados *O castelo de Frankenstein*. Um novo romance, *As várias faces*, deve ser lançado no próximo ano. Percorrendo todas essas obras, pode-se perceber uma profunda inquietação com o tempo e com a vida que nele transcorre. Por isso, a presença da memória em seus livros. É ela que conduz a narrativa, ela que desdobra o real em ficção, ou vice-versa.

Grupo Sul — Parte significativa do livro é ocupada por artigos e depoimentos sobre o Grupo Sul, movimento fundado no final da década de 40 por Salim Miguel e outros jovens — entre eles sua mulher, Eglê Malheiros, Anibal Nunes e Pires e Ody Fraga. Eles resolveram, já com mais de 20 anos de atraso, levar o modernismo para Santa Catarina. As polêmicas e os impropérios não foram poucos. Eram chamados de malucos, homossexuais e comunistas. Como diz o romancista Guido Wilmar Sassi, um dos participantes do movimento, “os rapazes do Sul queriam varrer o lixo literário que se fantasiava de cultura, queriam afastar das letras e das artes o cheiro de ranço”.

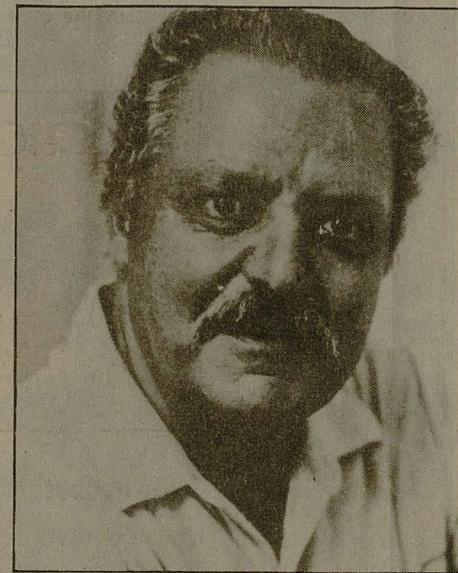
A rixa entre os “velhos” e os “novos” rendeu muito em Santa Catarina mas, não fosse o Grupo Sul e a ousadia de seu rapazes, o ranço academicista teria penetrado ainda mais fundo na cultura e nas letras catarinenses. Junto com a crítica, o grupo trazia também propostas e projetos que pouco a

pouco foram sendo realizados — a publicação de uma revista literária, a encenação de peças teatrais (Sartre foi representado pela primeira vez no Brasil na cidade de Florianópolis), a criação do Museu de Arte de Santa Catarina, a produção em 1957 do primeiro — e único — longa-metragem catarinense, o intercâmbio permanente com artistas e escritores do exterior.

Entre estes, merecem destaque os africanos. A revista *Sul*, publicada em Florianópolis, abriu suas páginas para autores de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau, países que ainda se encontravam sob o domínio colonial português. Um intercâmbio inédito e que, aliás, não se repetiu até hoje. A pesquisadora Tânia Macedo, em seu artigo, mostra que *Sul* foi um momento marcante da história literária africana; a revista permitiu “fazer ouvir a voz dos que o colonialismo queria silenciados”. Além dos africanos, a revista manteve contato com intelectuais da América Hispânica, de Portugal, dos Estados Unidos.

Prisão — O Grupo Sul se extinguiu em 1958. Num depoimento escrito há 25 anos, que até agora permanecia inédito, Salim Miguel diz que a tarefa do grupo já havia sido cumprida e seu fim era necessário: “Caso contrário, por um estranho fenômeno, por uma visão deformada, o que começou como um grito de rebeldia contra um estado de coisas, acaba adquirindo os mesmos defeitos e se transformando também numa fórmula estéril e acadêmica... e, como todas as fórmulas, por melhores que tenham sido os resultados iniciais, termina por ser má”. Em 1964, com o golpe militar, Salim Miguel ficou preso por 48 dias. Depois disso, por intermédio do escritor Adonias Filho, na época seu chefe na Agência Nacional, ele se transferiu com a família para o Rio de Janeiro.

No Rio, além do trabalho na Agência Nacional e nas revistas do grupo Bloch, e da crítica literária feita geralmente para o *Jornal do Brasil*, Salim Miguel criou em 1976, com Eglê Malheiros, Cícero e Laura Sandroni e Fausto Cunha, a revista *Ficção*, que em suas 43 edições contribuiu para a revelação de muitos talentos literários. Cícero Sandroni co-



O escritor Salim Miguel

menta essa experiência no depoimento incluído no livro, lembrando que Salim Miguel era “sempre o mais generoso, sempre encontrando qualidades escondidas e razões para publicar autores novos”.

Ficção deixou de circular em 1980, mas Salim Miguel retomaria as atividades de editor três anos depois, já de volta a Florianópolis, ao assumir a direção executiva da Editora da UFSC. Hoje, mais de 300 livros depois, ela divide com as editoras da USP e da Unicamp os primeiros lugares entre as editoras universitárias brasileiras. O poeta Alcides Buss, que o sucedeu na direção da editora, historia essa exitosa atividade editorial no artigo “Os frutos da sensibilidade e do trabalho”.

■ **Regina Dalcastagné**
Especial para o **CORREIO**

Salim Miguel: literatura e coerência — organização de Iaponan Soares. Florianópolis, Editora Lunardelli (rua Victor Meirelles, 28, Florianópolis, SC), 1991, 134 páginas

TRECHOS

Ser autêntico significa, acima de tudo, mais do que saber copiar ou recriar o real, saber inventar esse real. Inventá-lo e torná-lo plausível ao leitor, ao ouvinte, ao assistente. Fazer com que o que participa da mensagem, integrado, chocado, atingido no mais íntimo do seu ser, acredite, vibre e viva com o que inventamos.

(trecho de “O Movimento do Grupo Sul”, depoimento de Salim Miguel)

Ao tematizar a necessidade do resgate das coisas perdidas pela palavra poética, Salim Miguel procura sempre não se render aos apelos tantas vezes demagógicos da literatura puramente engajada, ainda que não tenha se privado de fazer ficção da história e de importantes momentos brasileiros. A cumplicidade que ele procurou dar aos seus textos (seja na década de 50, ou nos textos mais recentes) entre o poético e os fatos acontecidos, são marcas positivas em seu processo criativo.

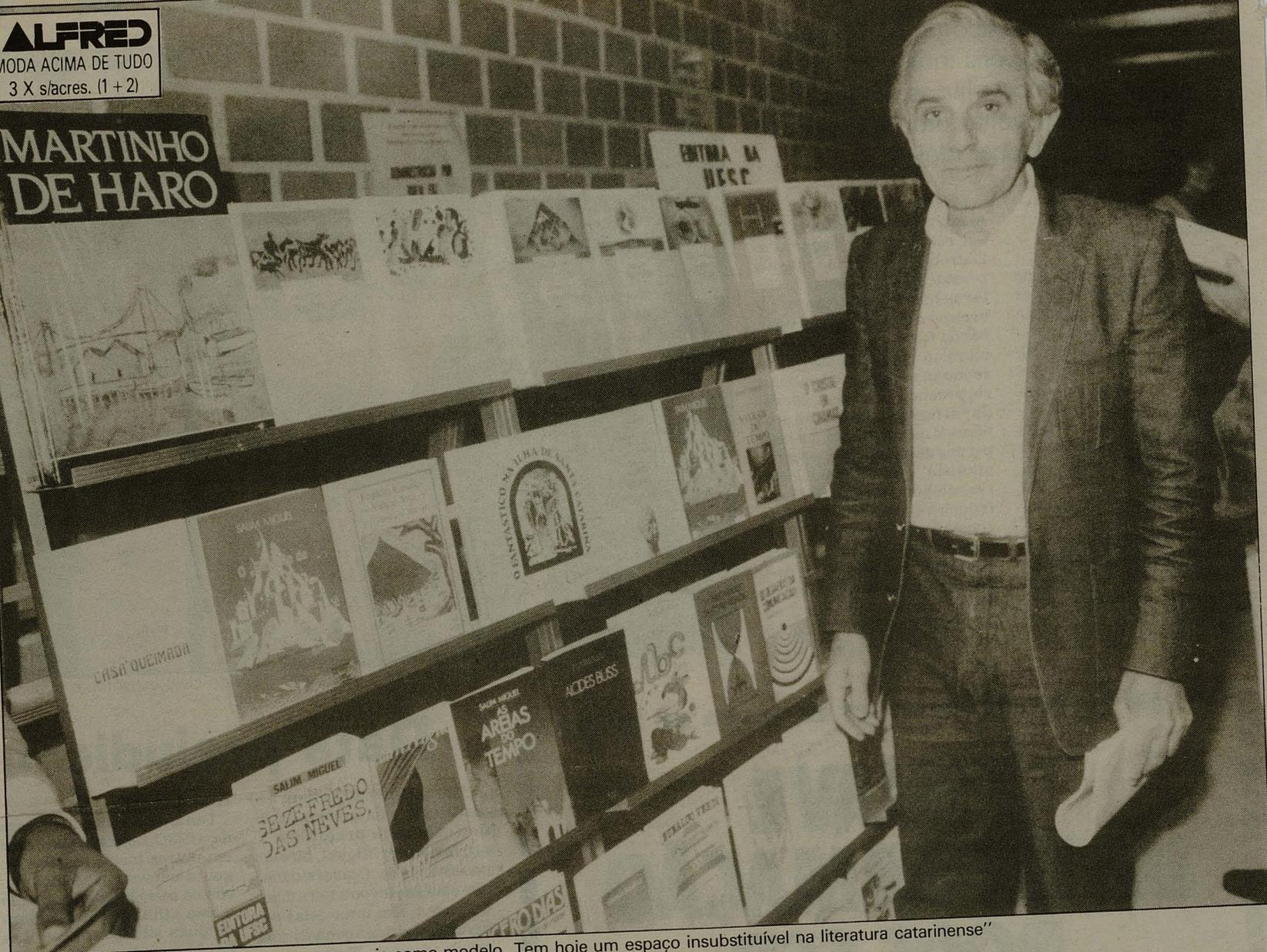
(trecho de “Voz e Vozes Submersas”, de Tânia Oliveira Ramos)

As expressões do sentimento da passagem do tempo sobre nós (e não de nós sobre o tempo, o que indicaria a atividade histórica) são permanentes. Assim, surge a perspectiva negativa da pusilanimidade, da passividade, da artificialidade, que se fortifica sob diferentes aspectos. As personagens não são capazes de viver a vida, pura e simplesmente. Então, necessitam recriá-la, reinventá-la pela memória. Mas a memória acrescenta, retém, filtra, transforma, é sob certo aspecto traidora, ainda que, sob outro, iluminadora.

(trecho de “Entre a Aparência e a Realidade”, de Antonio Hohlfeldt)

ALFRED
MODA ACIMA DE TUDO
3 X s/acres. (1 + 2)

MARTINHO DE HARO



Celestino Sachet: "O Grupo Sul não serve mais como modelo. Tem hoje um espaço insubstituível na literatura catarinense"

A força do Grupo Sul

Simone Bobsin
Florianópolis

Resgatar para a geração de hoje o movimento literário das décadas de 40/50 representado pelo Grupo Sul foi o ponto fundamental da primeira noite do Seminário de Literatura em Santa Catarina, que está acontecendo no auditório do Centro Sócio-econômico da UFSC. Mais que analisar o trabalho do Grupo no seu contexto histórico, é preciso saber tirar lições de um movimento que foi, antes de tudo, autêntico, sincero e honesto nos seus ideais de transformação. "O Grupo Sul não serve mais como modelo, tem um espaço insubstituível na literatura catarinense", como referiu-se o palestrante, Celestino Sachet. Entretanto, sua importância está em colocar em cheque a produção cultural feita hoje. Causar estímulos e reações.

Sem dúvida, foi o que ocorreu com os depoimentos daqueles que participaram e foram protagonistas deste movimento. Entre eles, Adol-

O movimento literário que agitou as décadas de 40 e 50 foi o assunto fundamental da palestra de Celestino Sachet

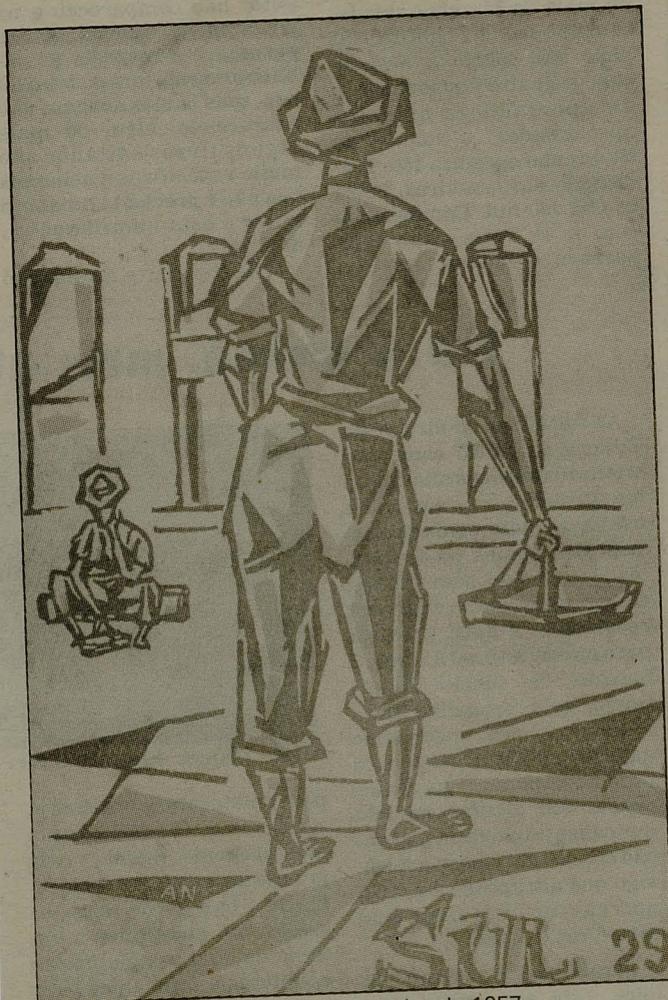
fo Boos Júnior: "Foi meu batizado literário", dizia este aposentado do Banco do Brasil. Na mesa, o clima era de lembranças, rostos que demonstravam uma nostalgia feliz, se é que assim pode-se descrever. Sem saudosismos, no entanto, mas com a certeza e consciência de terem realizado um trabalho "inovador enquanto grupo literário", frisou Sachet. No auditório, olhares perplexos e a cobrança de uma produção que de certa forma foi interrompida. A professora Eglê Malheiros, uma das fundadoras do grupo, e o professor do departamento de psicologia

da Universidade, Walmor Cardoso da Silva, tentavam justificar a pouca produção. "Não há justificativas", rendia-se Walmor.

Durante os 10 anos de existência do grupo, eles procuraram levar à frente um projeto que repudiava a idéia elitista existente no país de acesso à cultura exercendo uma reoxigenação do processo cultural.

"Eu exijo isso", afirmava Eglê Malheiros durante seu depoimento. "Ser capaz de se dar conta do espírito de sua época e também contestar.

Não é uma tarefa individual, nem fácil", disse Malheiros. Eram jovens estudantes, na sua maioria, que "não começaram pretendendo ser um movimento estruturado-orgânico", explica o jornalista Salim Miguel, um dos fundadores e diretor da Revista Sul editada pelo Círculo de Arte Moderna, como denominavam-se. Ele pregava a dinâmica e transformabilidade da arte e aqui encontra-se o caráter renovador e atemporal do próprio processo de germinação da arte.



Diário da Tarde
Folha - 83-8-547

“Adolph
bras : -- Paula Ramos x I
30 horas : -- C. Atletico

CIRCULO DE ARTE MODERNA

Salim Miguel

Sempre o temos dito e nunca será demais repeti-lo: «A arte é a representação da vida». E' a fixação do momento que passa.

Por isto dizer que uma arte, que representa um dado momento da vida, é ou não é boa, é absurdo. A arte é boa enquanto o seu momento na vida, vive. Passado ele, ela não é mais nem boa nem má. Simplesmente passou. E fica tão somente, para mostrar aos pósteros, êsse momento que passou.

Todas as artes, quando surgem, são revolucionárias, como dizia o conselheiro Acácio. Pura verdade! E a luta entre o grupo estabelecido e o que surge é inevitável.

Não se segue daí, porém, que a que surge é melhor ou pior do que a que está. Não! O que há, é que o momento de uma, juntamente com a época, está passando. O mundo vive destas constantes transformações.

Não precisamos ir longe catar exemplos. Olhemos para a nossa época, convulsionada por guerras e incompreensões. E' o prenúncio de que grandes transformações virão. E isto se reflete em tudo: artes, ciencias, etc...

A literatura, filosofia, pintura, música, escultura, tudo adquire novas formas. As ciencias alargaram os seus horizontes. Novos descobrimentos, novas invenções. Isto se torna chocante para os espíritos pacatos, conformistas. Incompreensível para os retrógrados.

O conceito absoluto das coisas ruiu. Hoje tudo é relativo, é correlato.

Muitos são os que permanecem iludidos no passado. Mas não deve ser assim.

Vivamos o momento presente, porque ele também passará. E nós com ele.

Florianópolis precisa acordar do passado. Precisa viver, lutar..

E é aí que o novel «Circulo de Arte Moderna», entra em ação. Seus membros são jovens corajosos de ideais elevados. O Circulo pretende... mas isto já é outra história, como diria o nosso velho amigo Kipling.

a
ela
de
es-
em-
ria,
em,
a
o
se
es
na
o
os
ro
e
a,
i-
is
o
m
li-
go
n-
er-
a-
ti-
m
u-
le
e-
A
ler
io,
ni-
ia,
de.

io
léa
Do-
e
na
eli-
vo

A
men
Mor
do
don
nêgo
Sou
Fé
tem
que
trab
derr
gad
ped
o le
da,
sica
sim
e p
sob
Far
Al
Ex
cog
de
14

INÉDITO

REVISTA SUL

Uma ponte com a África

O grupo de jovens intelectuais catarinenses conhecido como o Grupo Sul sacudiu a cultura do Estado, entre 1948 e 1958. Somou experiências estéticas da Semana de Arte Moderna de 1922 a novas correntes do pensamento pós-guerra, acabou com o marasmo do parnasianismo e, anacronicamente, introduziu aqui o modernismo. Marcou positivamente a literatura e as artes plásticas, não foi longe no teatro e pagou um preço caro pela "ilusão" de fazer cinema.

Mesmo assim, obteve boa repercussão em outros estados e até no exterior. Estabeleceu ligações e correspondências com vários expoentes e grupos literários latino-americanos e, principalmente, abriu as portas (ou as páginas da Revista Sul) à colaboração de escritores africanos de língua portuguesa, que sofriam a censura salazarista. Aliás, esse diálogo — revelou recentemente em dois congressos internacionais de Letras (um em Belo Horizonte e outro no Rio de Janeiro) a professora Tânia Macedo (USP) — foi pioneiro entre o Brasil e aquele continente. O Grupo Sul — diz ela — fez ouvir a voz dos que o colonialismo queria silenciados e tornou audível, até hoje, esse diálogo. Não deixou que as falas se perdessem. Tânia analisa a importância dessa ponte cultural entre África e América (uma ponte maior que a Hercílio Luz), em artigo exclusivo para o Santa. (G.H.)

Tânia Macedo*

Nas trilhas do estudo das literaturas africanas em língua portuguesa, muitas vezes, os caminhos abertos pelas pesquisas surpreendem o estudioso. Ou, como diria o nosso compadre Riobaldo, "assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro pensou".

E que na travessia de um lado a outro, não de um rio, mas do Atlântico, ou seja, dessa "terra brasilis" a Angola, Moçambique, Cabo Verde ou Guiné-Bissau, o que parecia ser apenas voz distante de uma escrita quase silenciada pelo colonialismo, revela-se diálogo que não se imaginava existir. E assim, a outra banda em que o pesquisador de literaturas desses países atinge, acaba sendo uma verdadeira terceira margem. Aquela onde literaturas de países distantes estão próximas por um mesmo programa ideológico de seus produtores. Aquela margem onde o diálogo se faz tendo em vista o trabalho social do escritor: um trabalho de definição, de fixação e enunciação de conteúdos dos movimentos humanos.

O trabalho do pesquisador, dessa maneira, é, entre outros, perceber a terceira margem e reavaliar os pontos de chegada e partida. Não esquecer que o "que existe é homem humano. Travessia". Estar atento ao diálogo e amplificá-lo, fazer plenamente audíveis as falas trocadas entre as margens. (Refiro-me a um desses momentos de diálogo entre as literaturas africanas em língua portuguesa e a brasileira).

A indicação primeira da travessia nos foi dada por um escritor angolano: José Luandino Vieira. Em uma de suas visitas a nós, sua fala deu-nos a pista: "Nós, os escritores angolanos, tivemos muita ligação com um grupo de Santa Catarina". E, logo após, a complementação, indicativa do caminho a seguir: "O Grupo Sul foi-nos muito importante".

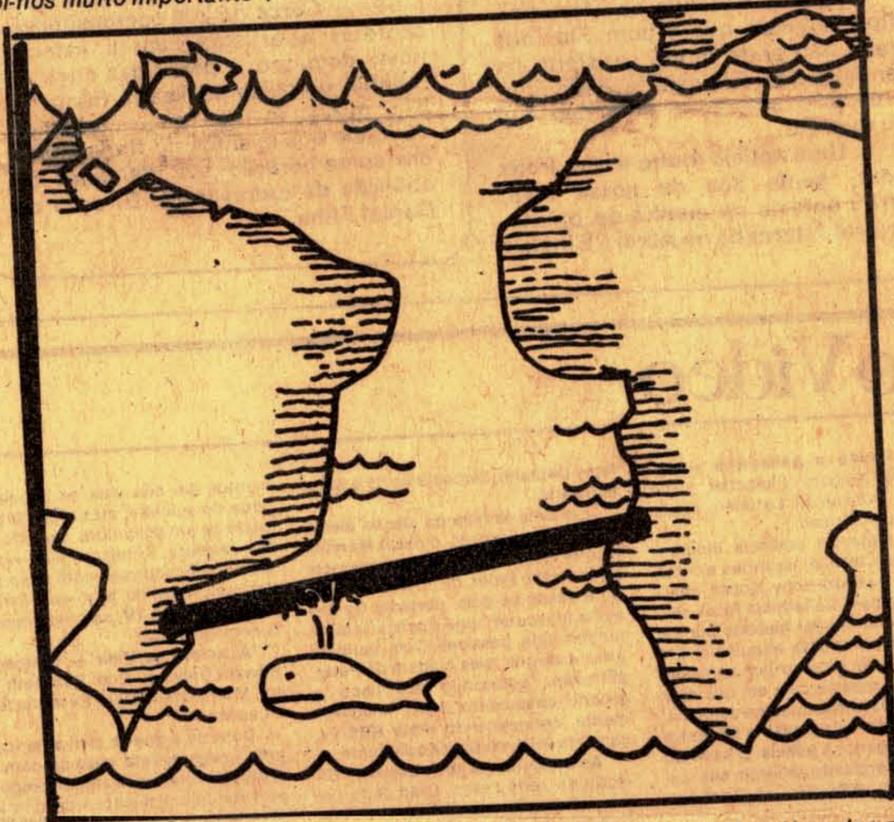
raera efetivamente.

Um parêntese com relação a datas se impõe aqui: 1947, um ano antes do lançamento da Revista Sul. É quando ocorre uma ação dos órgãos de repressão portugueses contra a Casa dos Estudantes do Império, em Portugal. Como se sabe, a casa, um dos canais de divulgação dos "mais esclarecidos intelectuais africanos vivendo em Lisboa ou Coimbra" e aquela ação viria obstaculizar, no momento, a difusão dos autores da África.

Como uma outra via, naquele instante, a Revista Sul, estava iniciando sua atividade e colocando-se como batalhadora da liberdade de expressão. Atentando para esse fato, percebemos a dimensão que o grupo catarinense teve para o incremento de um trabalho de conhecimento das literaturas africanas em língua portuguesa.

O diálogo entre autores africanos e brasileiros se faz pela publicação e debate de textos e idéias. E durante os 30 números de duração da revista, isso prosseguiu. Assim é que em dezembro de 1957, data de encerramento da publicação, o romancista Esdras do Nascimento elabora uma relação dos "nomes das pessoas que de uma maneira ou de outra colaboraram para que "Sul" chegasse a ser o que é: uma magnífica realidade que, infelizmente, vai virar mero capítulo da história", e, entre os listados encontramos Antônio Jacinto, Francisco José Tenreiro, Noêmia de Souza, Orlando Mendes e Viriato Cruz. São nomes que conhecemos bem e que tiveram sua trajetória ligada à Sul. Sob esse aspecto, o objetivo da liberdade de expressão proposto pelo grupo de Santa Catarina foi alcançado. E é essa, sabemos, a condição primeira para que o diálogo se realize.

Há, no entanto, ainda um último ponto a ressaltar relativamente ao Grupo Sul e sua revista. E para tal, vamos tomar exatamente esse último número a que nos referimos há pouco: o de número 30. Nele, além de um balanço do que foram os dez anos da publicação, constam



Dada a localização geográfica, iniciamos a passagem. E o ponto em que fomos dar nos surpreendeu. Havia, em primeiro lugar, um momento literário desse lado ao Atlântico que não tivera muita divulgação. A historiografia literária brasileira quase nenhum destaque havia dado ao Grupo Sul. Se bem que com produções desiguais, o grupo mereceria, por parte dos nossos historiadores, maior importância. E, por outro lado, foi-nos possível verificar que o Grupo Sul realizou, em um meio distante dos grandes centros, em Florianópolis, um diálogo extremamente importante com escritores da África.

Mas o que foi o Grupo Sul, afinal? Quais seus integrantes? Seu trabalho, seu programa?

Foi um movimento de jovens de Florianópolis — formado inicialmente por Anibal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Antônio Paladino — em 1947, que se lançou em uma tarefa de renovação do cenário artístico de Santa Catarina. Ora, seria este mais um dos grupos que se formaram e desapareceram longe do eixo Rio-São Paulo sem deixar traços, não fosse o seu programa claramente definido: a luta pela liberdade de expressão.

Sob essa perspectiva, o grupo, primeiramente com o nome de Círculo de Arte Moderna, organizou o seu Teatro Experimental. Através dele, Sartre, Tchecov e García Lorca, entre outros, são encenados. No terreno das artes plásticas, o grupo leva a Santa Catarina uma exposição de quadros de expressão parate cubistas, surrealistas, de pressionistas. As reações de um meio acanhado como a Florianópolis daquele tempo não são das mais favoráveis. Mas o grupo permanece firme em seu programa e promove debates e palestras. Em termos de música, a atonalidade é levada à Florianópolis. E Schoenberg foi o nome na romântica Ilha. Mais tarde, seria a vez do cinema, com a Sul Cine Produções, na esteira do primeiro longametrage catarinense. "O Preço da Ilusão".

Mas o programa que norteava o grupo exigia um espaço próprio em que as idéias tivessem divulgação e fossem debatidas.

E, atendendo a essa necessidade, em janeiro de 1948, lança-se a Revista Sul. Acolhendo colaboração, inicialmente, de jovens catarinenses, aos poucos a revista se abre a autores de outros estados e através do Atlântico. Nesse momento se inicia um diálogo, com autores e críticos literários dos países africanos de língua portuguesa, que, até então, não ocor-

também poemas e contos. Uma das narrativas, intitulada "O Homem e a Terra", é de autoria de um jovem escritor angolano: José Graças. Trata-se, aqui, como sabemos, do nome com que José Luandino Vieira assinou as suas primeiras produções. "O Homem e a Terra", é, pois, um texto contemporâneo ao livro A Cidade e a Infância, na sua versão de 1957, pertencente aos natimortos cadernos Nzamba (encerrados, destaque-se, por obra e graça da PIDE).

Através desse conto é possível verificar as diretrizes que norteiam a primeira fase do trabalho artístico de Luandino Vieira e da qual poucos textos possuímos.

O que desejamos realçar com esse exemplo é que a Revista Sul, ao abrir diálogo com as literaturas africanas em língua portuguesa, acabou também por ser, em face da situação dos países sob colonialismo, um espaço onde se guardaram momentos importantes da história literária de Angola, Moçambique e Cabo Verde.

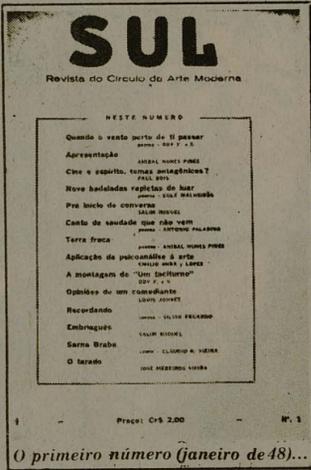
Assim como um dos primeiros contos de Luandino Vieira do qual o autor já não possui mais original ou cópias — ficou registrado, outras produções, graças à Sul, não se perderam.

Temos, assim, a dupla importância do diálogo iniciado pelos jovens catarinenses com escritores africanos: fazer ouvir a voz dos que o colonialismo queria silenciados e tornar audível até hoje, esse diálogo, não deixando que as falas se perdessem.

Hoje discutimos a terceira margem. Nosso outro compadre, Xico Futa, fica com a palavra, que ele navega por águas de alto saber: "Pode mesmo a gente saber, com certeza, como é que um caso começou, aonde começou, por quê, pra quem? Saber mesmo o que estava a se passar no coração da pessoa que faz, que procura, desafa ou estraga as conversas, as macas? Ou tudo que passa na vida não pode-se-lhe agarrar no princípio, quando chega nesse princípio, vê afinal esse mesmo princípio era também o fim doutro princípio e então, se a gente segue assim para trás ou para frente, vê que não pode partir o fio da vida, mesmo que esta pudre nalgum lado, ele sempre se emenda noutro sítio, cresce, desvia, foge, avança, curva, para, esconde, aparece... E digo isto, tenho minha razão (...) Só o que precisa é procurar saber".

GRUPO SUL

40 anos de polêmica



O primeiro número (Janeiro de 48)...

“UM ANO”

“Telegrama aos incrédulos”

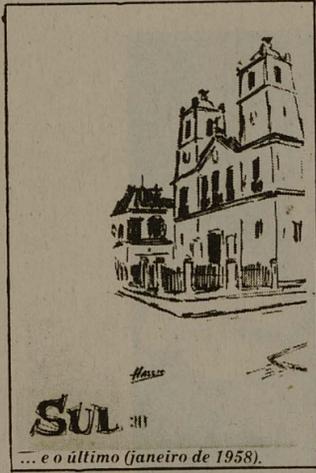
“Estamos vivos. Apesar de todos os prognósticos. Não desistimos. Cada dia que passa ganhamos mais experiência, a mesma que certos senhores não sabem fazer uso. Chegará um dia também, talvez, que não saberemos fa-

zer uso da nossa experiência. Mas por enquanto estamos vivos. E não desistimos. O que não quer dizer que isto não possa acontecer de uma hora para outra. Florianópolis, fevereiro de 1949. C.A.M.”

(Este é o editorial do nº 2 da Revista do Grupo Sul de Arte Moderna de Santa Catarina).

Hoje, 40 anos passados, somente lembranças, arquivos e remanescentes vivos nos li-

gam àquela época (1948-1958) em que um grupo de jovens intelectuais agitou a cultura de Santa Catarina, sobretudo na Ilha. Restam também perguntas não respondidas. A principal delas: a cultura catarinense começou e terminou com o Grupo Sul e não se produziu mais nada depois dele? Será? Com as respostas, dosando a apologia, críticos e integrantes do movimento modernista.



A guerra das cabeças

O processo cultural de Santa Catarina se dá através de ciclos mais ou menos estancados. Isso pode ser rapidamente situado a partir da “Idéia Nova” de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, em fins do século passado. Na década de 20, cria-se a Revista Terra e a Academia Catarinense de Letras. Nas décadas de 40 e 50, o Grupo Sul. Depois disso, com o golpe de 64, nos últimos 20 anos, acirrou-se o individualismo. Claro que se pode falar do papel da Universidade e da Fundação Catarinense de Cultura, mas mesmo aqui, continua o trabalho de vultos isolados, sem proposta de movimento, com todas as implicações que isso representa, assinada Salim Miguel.

Que o Grupo Sul foi importante, não se discute. Revolucionou a mentalidade cultural, estética e moral, pondera o professor Lauro Junkes. Casou idéias de 22 com o pensamento (existencialista) emergente no pós-guerra. Aproveitou o período de redemocratização do País a partir da queda da ditadura do Estado Novo de Vargas.

E inegável (e preocupante) o que sintetiza a professora de Letras da UFSC, Lina Leal Sabino: “Descobrimos notícias de outro movimento na literatura de Santa Catarina que tenha sido tão longo (dez anos); que tenha sido tão abrangente (teatro, cinema, artes plásticas, literatura) e que tenha produzido tantos frutos. Não só frutos dentro da época a que pertence, cronologicamente, no caso a transformação estético-literária dos anos 40 e 50, mas também pelos nomes que, aí gerados, realizam-se vida em fora”.

Estão aí nomes como Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, Adolfo Boos Jr., Salim Miguel, entre outros, na ficção; Marcos Farias e Ody Fraga, no cinema; Hugo Mund Júnior, na poesia e nas artes plásticas; Hassis e Ernesto Meyer Filho, nas artes plásticas, como alguns, exemplos, para dizer que “Sul” deixou marcas positivas e permanece até hoje.

O que ainda não se sabe é se esses autores ou criadores da arte teriam existido sem o grupo, questiona o poeta Alcides Buss. Em que nível se encontraria a cultura de SC se não tivesse existido o grupo? Daí o comentário cauteloso do conista Flávio José Cardozo, tão sutil que parece elogio: “O Grupo Sul foi uma entusiasmada aventura na província Santa Catarina de ontem. Reuniu valores e estimulou talentos em torno de formas de expressão que, não sendo novidade em outros pontos do País, aqui não eram ainda praticadas. Deve ser avaliado com critério, sem excessos, dentro dos limites de sua real significação. Teve a sua hora e a sua importância”.

Alcides Buss vai mais longe. Qualifica-o de um “acontecimento cultural significativo, que deve ser encarado não como filão promocional de caráter festivo, mas mais criticamente, no sentido de ver porque nenhum dos autores ligados ao grupo conseguiu, até hoje, relevância nacional”. Adverte que não interessa a atitude ufanista de tentar recuperar um passado de forma decorativa. “O que precisamos é de um conhecimento crítico desse passado para orientar o presente. A atitude de engajamento de Salim Miguel, por exemplo, é um mérito pessoal que cria a impressão de continuidade que não existe e com a qual os demais ex-integrantes não estão preocupados”, afirma.

Outra consequência negativa é apontada por Lauro Junkes: apesar de vários de seus membros continuarem produzindo, o grupo, como tal, chegou ao esgotamento em 1958; fechou-se como quem tinha cumprido sua missão; não tinha mais o que dizer. O exacerbado “sprit de corp” o asfixiou.

Pode até ser, sob certos aspectos, saudosismo, lembrar o grupo, admite um de seus papas, Salim Miguel. “Mas é preciso avaliar e analisar o passado devidamente para se dar um passo adiante”, concorda com Alcides Buss. “E, aos que falam de saudosismo, ufanismo, eu perguntaria o que foi feito em qualidade depois do grupo Sul. Vejo alguns elementos que começaram a atuar muito depois e que hoje já se debruçam saudosisticamente sobre o que fizeram. Então, por que dois pesos e duas medidas?, torpedeia Salim.

Numa análise mais crítica, ele observa também que muitas das coisas feitas pelo grupo não eram válidas, na medida em que desvirtuaram a proposta inicial. Costuma dizer que “só não erra quem nada faz, assim como não acerta quem nada faz”. E lança um desafio: gostaria que surgisse outro movimento que refutasse tudo o que o Grupo Sul fez e, daqui a 40 anos, verificasse que tudo foi perfeito. Na verdade, nos últimos 20 anos, a cultura catarinense, sobretudo a literatura, deu um grande salto de qualidade, surgiram muitos valores, houve renovação. Só que isso não foi badalado.

Geraldo Hoffmann

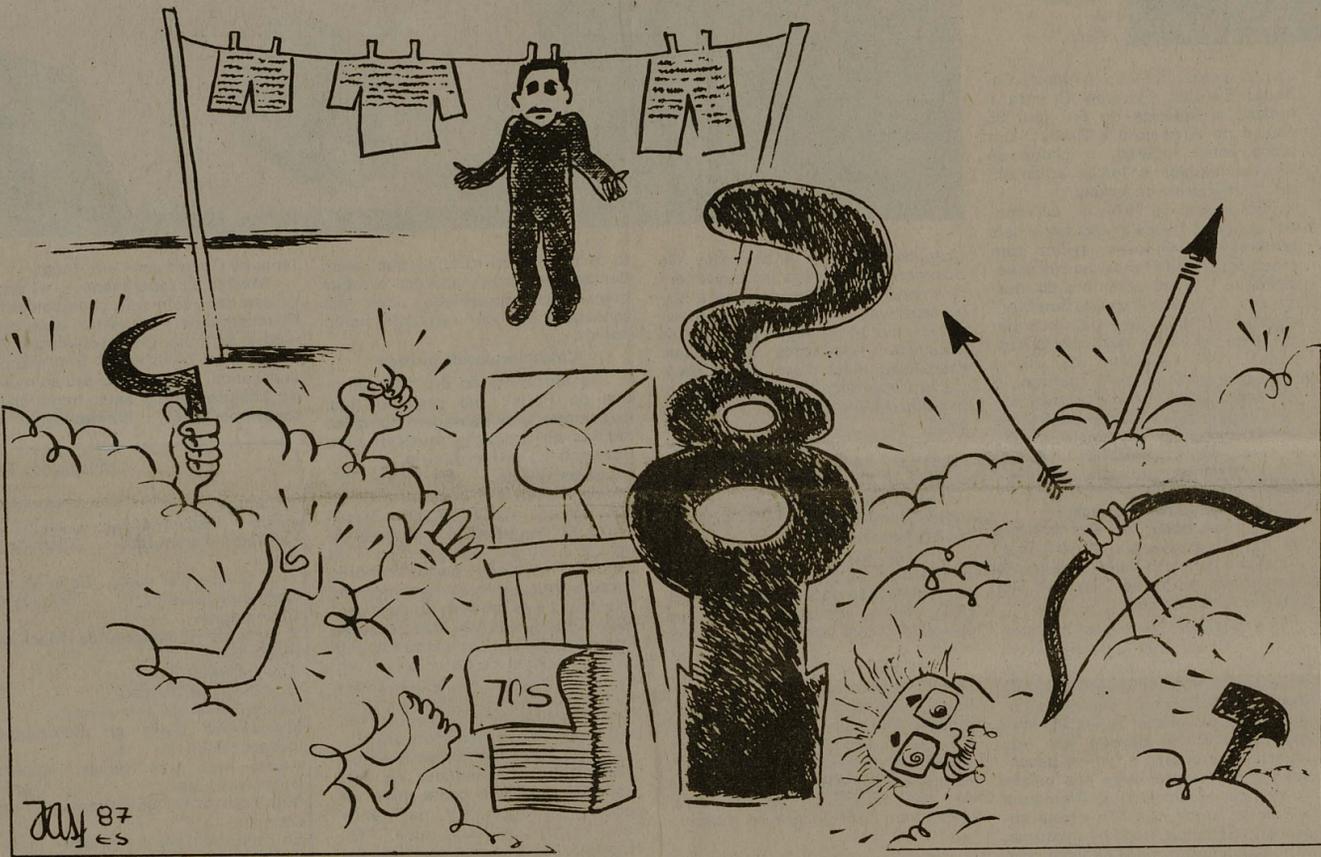
No último dia 7 de novembro fez 40 anos que o Grupo Sul apresentou sua primeira peça teatral para arrecadar fundos destinados à publicação da Revista Sul. A lembrança não é tardia, se considerarmos que o Movimento Modernista, iniciado na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, só chegou a Santa Catarina em 1947. Durante dez anos a cultura catarinense apeou do cavalo do poder político (“Nossos intelectuais sempre usaram a cultura ambicionando cargos, honrarias e migalhas do poder”). Criou-se uma inquietação cultural em Florianópolis, que repercutiu no País e no Exterior. E no interior do Estado? Simplesmente não deixou raízes estéticas e ideológicas nem firmou uma linha de pensamento persistente.

É exagero colocar na ordem do dia — como se ainda fosse atuante — um movimento que nasceu anacrônico, uma vez que, finda a Segunda Guerra Mundial, a literatura brasileira já tinha digerido o modernismo de 22 e partia para outros rumos. Preocupa, porém, que, passadas quatro décadas, a cultura catarinense ainda não produziu um grupo que substituisse os badalados “rapazes do Grupo Sul” e, de novo, rompesse o marasmo que domina a cena atual. O maldadado “individualismo de grupo”, clausura que excluiu os que não se associaram ao “Sul” (como se não fossem bons), é vingado com a pior individualidade. Despontam expoentes individuais isolados.

E mais: inexistente um estudo sério a respeito do tema, um balanço crítico realista e amplo do que foi aquele movimento, com seus méritos e deméritos, para orientar as novas gerações. A crítica mordaz, que à boca pequena, esbravava refutações ao trabalho do grupo, prefere, publicamente, refugiar-se em elogios baratos. Por conveniências pessoais, presta “serviços” ao atraso cultural e à mediocridade. “Perder-se na autocontemplação é perecer”, avisara Eglê Malheiros no penúltimo número da revista, ao prever a morte do “Sul”. E não deu outra.

Os remanescentes vivos, salvo raras exceções, ainda não conseguem desenchar de avaliações auto-elogiosas e apaixonadas. Reduzem o legado de uma dita “explosão criativa” a não mais que um mero capítulo da história. Prendem-se a ele como a um “filão promocional de caráter festivo e ufanista”, num saudosismo que denigre e minimiza sua importância. Será que, culturalmente, não se produziu mais nada em Santa Catarina, depois do grupo Sul?

— Apesar da renovação, incontestável, Santa Catarina ainda é provinciana. Preocupa-se demasiadamente em estabelecer quem é daqui e quem não é daqui. Isso é a negação da cultura, que é justamente troca, movimento, crítica. Enquanto existem pessoas que pensam que a atividade cultural



tem por objetivo alçar o indivíduo à glória municipal, o processo cultural não anda”, dispara Eglê, que participou do Grupo Sul desde o início até o fim. E a existência do saudosismo em relação ao “Sul” (como a outros movimentos) é sintomático de que a cultura catarinense continua provinciana. Eglê acha que não se pode falar em saudosismo, porque, por muitos anos, foi posta uma pedra de esquecimento sobre o grupo.

O escritor Hugo Mund Jr, que inclusive foi gravurista do G.S., discorda que haja provincialismo aqui. “Falta profissionalismo aos artistas e criadores e um entrosamento maior tanto a nível de Estado como de País”, arremata. O produtor de cultura em SC ainda está muito limitado à sua cidade e à sua obra. Não percebe as implicações sociais e comunitárias de seu trabalho. Não há restrições à qualidade dos produtos culturais catarinenses.

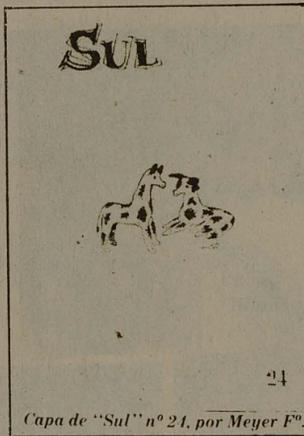
Temos artistas e escritores que podem ser levados para todo o Brasil. Falta estrutura de divulgação. As editoras locais não têm penetração no mercado editorial do Rio e São Paulo, espaço indispensável à consagração. Os órgãos oficiais também ainda não estão devidamente articulados para mostrar nosso trabalho fora daqui, acrescenta Silveira de Souza, ex-G.S.

Mund, atual coordenador de ensino das Oficinas de Arte do Masc, não se considera um saudosista. Para ele, a função do homem é transformar as coisas e não conservá-las. Qualitativamente — diz — o Grupo Sul não produziu grandes obras, por se tratar de iniciantes, mais preocupados em adquirir boa formação do que mostrar produção. Ele o encara como o primeiro impulso à criação, não como realização. “A realização do artista é sua contínua superação. Minha vida não tem nada mais a ver com o grupo. Ele já morreu”, conclui.

Autocrítica precoce

O que de fato teve continuidade foi a revista Sul e a editora. A experiência de cinema foi frustrada. Pagaram o “preço da ilusão”. Formou o grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, que em 88, completa 30 anos. No teatro, houve logo dissidências cujas ramificações se estendem ao grupo atual. Já no editorial da revista nº 29, redigido por Eglê Malheiros, dinamitou a publicação e o grupo com uma autocrítica contundente. Escreve: “Sul foi sempre uma revista de juventude, de mocidade. Não só no sentido cronológico do termo, porém, no seu significado mais lato: de pesquisa, de inconformação e de esperança”.

“Porque o artista e o intelectual sofrem um destino inelutável: ou se mantêm sempre jovens ou morrem, mumificam-se mesmo em vida. Para permanecer em atalantes precisam, ser os eternos insatisfeitos; perder-se na autocontemplação é perecer. Artista não é somente o que cria, é também o que procura. A criação, em última análise, é o resultado palpável dessa indagação, que muitas vezes



Capa de “Sul” nº 21, por Meyer F.

atinge o doloroso e o trágico. Esse impulso para o novo, essa constante revisão, essa inquietação e que fazem com que o homem vença inclusive as mais refratárias junções e se realize.

“Sul” nasceu sob o signo da pesquisa, fruto do choque de jovens com a pasmaceira provinciana. Todos nos atacavam, criminosos que éramos do crime lesa-conformismo. E acicata-

dos pela reação procuramos, produzimos e construímos. E, principalmente, discutimos e debatemos, varremos teias de aranha.

“Folhemos, no entanto, os últimos números da revista. Excetuando a colaboração vinda do exterior (e que vem avultando sobremaneira) que dizer do conteúdo? Há um mofo acadêmico se infiltrando em nossas páginas. Porque já não nos atacam — salvo os que o fazem por despeito, razões pessoais que não podemos levar em conta — nos também nos acomodamos, não discutimos, nem criticamos. Criou-se um “modus vivendi”, um compromisso nada honroso entre os acadêmicos e os que assim, um dia, na academia acabaram.

“Chega-se a desejar que surja um grupo novo, que nos chame de conservadores e vaidosos, para que de novo se rompa o marasmo e nós próprios nos sintamos na obrigação de pensar, estudar e debater. Que a insatisfação nos torne presas novamente e que produza frutos.

“Se não mudarmos passaremos à função decorativa e teremos que reconhecer tristemente que “SUL” morreu”. (O número seguinte encerrava as atividades do grupo. O Movimento Litoral, dissidência, não vingou. Até hoje. Até quando?

Pra quem quer mais

A história do Grupo Sul, o papel que desempenhou em face ao Modernismo, sua duração, abrangência e repercussão dentro do panorama cultural catarinense estão minuciosamente analisados no livro “Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina” (FCC Edições), de autoria da professora Lina Leal Sabino. Servem ainda como leituras complementares, entre outros, o livro do crítico Lauro Junkes, “Anibal Nunes Pires e o Grupo Sul” (Um estudo sobre o Grupo Sul e uma antologia dos poemas e contos de Anibal Nunes Pires, editado pela UFSC e Editora Lunardelli); uma série de três reportagens dos jornalistas Laudelino

Santos Neto e João da Silveira de Assis, intitulada “O Modernismo em Santa Catarina” e publicada pelo jornal “O Estado”, nos dias 11, 13 e 14 de setembro de 1977, por ocasião dos 30 anos de surgimento do grupo; e, “A Literatura de Santa Catarina” (Lunardelli) de Celestino Sacht.

No Caderno C do próximo domingo, o “SANTA” publica com exclusividade um estudo da professora Tânia Macedo (USP), discutido em recentes seminários de Língua Portuguesa (Belo Horizonte) e Discurso e Ideologia (Rio de Janeiro) e que acentua o papel do Grupo Sul para o relacionamento, numa época difícil, com escritores africanos de fala portuguesa.



“A face e a máscara”, escultura de Bruno Giorgi, doada ao Museu de Arte Moderna de SC.

SUL

Revista do Circulo de Arte Moderna

Número

dedicado a

CRUZ E

SOUZA

—

—

—

—

—

—

—

Capa

MOACIR

FERNANDES

Ano 1

Preço: Cr\$ 2,00

N.º 3

Revista Sul: edição de abril de 1948

O Grupo Sul

mo nas Letras catarinenses como aqueles o introduziram nas Letras nacionais.

A Arte e a Literatura de Santa Catarina, em meados da década de 40, encontram-se estagnadas na estética e na filosofia dos fins do século XIX. Domina as Letras a Geração da Academia, fiel ao Realismo/Parnasianismo, refratária a quaisquer propostas renovadoras. Altino Flores é uma amostra deste carancismo. Repudia Mário de Andrade, Graça Aranha, Manoel Bandeira. Rejeita frontalmente a Arte Moderna. O gosto estético inclina-se para as formas serenas e harmoniosas, para a imitação objetiva da Natureza.

As propostas modernistas do Grupo SUL vão sacudir este marasmo intelectual. Os jovens de Santa Catarina, em 1947, à feição dos jovens de São Paulo, em 1922, tomam de assalto o arraial das Letras. De repente, a voz uníssona da Geração Modernista opõe-se à cultura oficial. Derrama pelos jornais novas Verdades: a Arte moderna existe como Arte e não se constitui no caos puro e simples como os Acadêmicos querem fazer crer.

Mário de Andrade é o grande inspirador dos moços do Grupo SUL, seus defensores dos ataques que lhe desfere Altino Flores, durante a polêmica "Os 'novos' e os 'velhos'", em 1949/1950. Salim Miguel responde às críticas que Altino Flores faz ao Movimento Modernista de 1922 e a Mário de Andrade (também Graça Aranha é alvo de acerbas críticas) em seu livro **Goethe, "novos" e "os velhos"**. Embora comece a série de artigos intitulada "A propósito de Mário de Andrade" dizendo "Não es-

tamos aqui para defender, Mário de Andrade, porque, julgamos, ele não precisa de nossa pr'á lá de modesta ajuda" (**O Estado**, 09/11/49), seus artigos fazem eloqüente defesa do autor de **Macunaíma**.

Abaixo relacionamos alguns dos posicionamentos teóricos que norteiam o Grupo SUL os quais o aproximam da literatura modernista de 1922.

a) liberdade individual de criação;

b) respeitar o passado, mas viver o presente;

O Grupo SUL admira, por exemplo, Cruz e Souza, poeta simboísta e o catarinense que maior projecção obtém no cenário da literatura nacional, como respeita outros nomes do passado. O que não impede que abracem postulados divergentes. Em "A propósito de Mário de Andrade" Salim Miguel transcreve estas palavras do autor de **Paulicéia desvairada**: "O passado é lição para se meditar, não para reproduzir".

c) viver a época atual;

Em 1922, vivia-se o período após a Primeira Guerra Mundial; em 1947 vive-se o período imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra. Nas duas situações, tendo o mundo sido convulsionado pela hecatombe geral, é tempo de reconstrução, de reformulação de valores: "Literatura alguma merece respeito ou consideração, a menos que reconheça e registre as circunstâncias históricas, os conflitos morais e sociais que a animam" (**Sul** 27, p.19).

d) combate ao academismo;

Os novos não combatem o passado, pura e simplesmente por ser passado, segundo confusão feita pelos "velhos". Combatem o academismo, antigo e de hoje. Os modernistas não opõem "clássico" a "moderno", eles opõem "moderno" a "acadêmico". Esta idéia encontra-se, inclusive, em "A propósito de Mário de Andrade": "Nós modernos nunca condenamos ou atacamos os clássicos; muito pelo contrário: até os defendemos contra os acadêmicos. Sim, pois que os acadêmicos são nocivos à arte, são a estratificação, a parada numa idéia única e verdade última sem admissão da evolução, a estabilização sem avanço" (**O Estado**, 20/11/49).

e) a Arte e a Criatividade:

Combatem a transcrição literal da realidade. A arte não é imitação da natureza, deve desprender-se do realismo descritivo. "Já L. da Vinci dizia que 'Arte é coisa mental'; e sendo assim nunca poderá ser cópia ou reprodução. Mas criação, o sentimento último do artista, a visão que ele tem das coisas, as reações e idéias que elas lhe sugerem, a contribuição que ele deixa para os que lhe seguirão, o retrato de sua época" (**O Estado**, 20/11/49).

f) a Arte e a Realidade:

A arte deve imiscuir-se na vida quotidiana, deve refletir a época que passa: "Convenhamos que a arte de nossos dias é contraditória e confusa. Que significa tal fato? Que ela não presta? Ou que está representando, fotografando esta nossa época de verdadeiro descalabro moral e intelectual? A obra do artista tem logicamente que refletir a época. E ficará como um espelho da mesma forma que as de outro tempo ficaram" (**O Estado**, 20/11/49).

g) combate ao rigor formal:

Em teoria, os elementos de SUL põem abaixo o rigor formal, o que nem sempre ocorre na prática. Eles ousam mais quanto às idéias do que quanto à forma em que escrevem. O pouco que relaxam o rigor da Língua Portuguesa já escandaliza os puristas. Um pronome oblíquo átono colocado no início da frase é motivo pra duras críticas de Altino Flores. As regras de pontuação, para este crítico, devem ser obedecidas, mesmo na Poesia: "O mais engraçado — diz ele — é quanto tal poesia, desejava de atestar a sua 'novidade', a sua 'atualidade', o seu 'modernismo', atira com os sinais de pontuação às urtigas. Mantém alguns ainda, pudibundamente, o ponto final. É que a completa nudez lhes repugna; daí, conservarem aquela folhinha de parra...".

Bem mais tarde, quando Grupo SUL está prestes a se desestruturar, Salim Miguel admite que o Modernismo catarinense surge (...) com as mesmas características, com os mesmos tiques e cacoetes do de 1922 em São Paulo. Perfazendo os mesmos ciclos, o mesmo trajeto. E que muito embora ultrapassado, deixou na mais santa indignação respeitáveis gagás da praça".

Assim, a Geração Modernista de Santa Catarina ocupa-se em batalhar para que tais valores — liberdade individual de criação, viver a época atual, imiscuir a Arte na vida quotidiana, combate ao rigor formal e outros — sejam reconhecidos e valorizados, postulados estes que, a esta altura, já não constituem novidades em outros centros culturais brasileiros.

O discurso do professor Guilhermino César, proferido no encerramento do Prêmio Cruz e Sousa 1982 em Florianópolis e transcrito na edição anterior de **Letras & Livros**, chamou a atenção de muitos leitores para o papel desempenhado pelo Grupo Sul na renovação da cultura catarinense. A esses leitores, desejosos de saber mais sobre este importante movimento aclonado por jovens intelectuais em 1948, podemos recomendar dois livros: **Anibal Nunes Pires e o Grupo Sul**, de Lauro Junkes, edição conjunta da Universidade Federal de Santa Catarina e Editora Lunardelli; e **Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina**, de Lina Leal Sabino, edição da Fundação Catarinense de Cultura, de onde extraímos a matéria desta página.

LINA LEAL SABINO

O governo de Getúlio Vargas instaura o Estado Novo em 1937, que cerceia qualquer atividade livre no País. Em 1939, eclode a Segunda Guerra Mundial — nela o Brasil entra em 1942 — e convulsiona o mundo, lançando - o no caos geral.

Em 1945, finda a Guerra e extinta a Ditadura o Brasil começa a reerguer-se. A geração do Após-guerra começa então a escrever, a fazer poesia, a publicar suas idéias.

Os jovens de Florianópolis inserem-se na problemática de sua época e incrementam o fazer cultural de seu Estado, não sem entraves. Ody Fraga nos relata que o Circulo Operário quis montar, em 1947, a peça **Deus lhe pague**, de Joracy Camargo, que havia sido proibida como peça comunista durante a ditadura de Getúlio Vargas. "O censor local — diz ele — talvez ignorasse a Constituição de 1946 e não a liberava. O "Circulo" não podia enfrentar a autoridade, o Poder. Mas o Grupo SUL era contestatório e lhe deu cobertura". Ody Fraga assume a produção e a peça é encenada.

A Geração do Após - Guerra em Santa Catarina — ou Geração de 45 — em termos de fazer literário apresenta características diversas da mesma geração brasileira da época.

Em 1922 eclode o Modernismo nas Letras nacionais, momento em que importa destruir os velhos valores estético-literários e polemizar; em 1930 ocorre a fase construtiva do Movimento e, em 1945, a terceira geração modernista opera a revisão de todo o processo.

Este quadro se observa em termos de Brasil. Já não acontece o mesmo fenômeno se nos detivermos na Literatura de Santa Catarina. Na década de 20 a literatura deste Estado vive o Realismo/Parnasianismo, alheia à fermentação modernista de São Paulo; poucas notícias temos da década de 30 e de ponta, também no Estado catarinense, uma Geração de 45, mas com características próprias. Enquanto a nível de País aquela Geração de 45 ocupa-se em repensar as posições modernistas e modelhar - lhes as feições segundo uma nova visão crítica, a Geração de 45 em Santa Catarina repete a missão dos futuristas de 1922; introduzir o Modernis-

Florianópolis, 18.4.1982 — M. Pontes



Remanescentes do Grupo Sul:
1) Silveira de Sousa; 2) Alfredo Meyer; 3) Armando Carreirão; 4) Ernesto Mayer Filho; 5) Salim Miguel; 6) Eglê Malheiros; 7) Yedi de Assis Corrêa, Hassis; 8) Jair Hamms; 9) Walmor Cardoso da Silva

Quando sopra o vento de Sul

Grupo Sul, de Lina Leal Sabino. Edições FCC; 141 páginas, Cr\$ 550.

Mario Pontes

COINCIDINDO com o fim da II Guerra Mundial e a redemocratização do Brasil, começaram a surgir, simultaneamente, em quase todos os Estados, grupos literários e artísticos de tendências e objetivos na maioria semelhantes. Os nomes pelos quais esses grupos ficaram conhecidos correspondem aos títulos das publicações que editaram, às vezes efemeramente, às vezes por anos a fio. Hoje não existe mais nenhum, mas alguns dos seus criadores são figuras de primeiro plano, gente como o contista Dalton Trevisan e o pintor Carlos Scliar.

Os principais grupos nascidos naquela ocasião foram: *A Ilha*, em São Luís; *Novo Mundo*, em Cuiabá; *Clã*, em Fortaleza; *Bando*, em Natal; *Joaquim*, em Curitiba; *Agora*, em Goiânia; *Caderno da Bahia*, em Salvador; *Região*, *Nordeste*, *Presença* e *Letras Pernambucanas*, em Recife; *Panorama*, *Kriterion*, *Alterosa* e *Acaiaca*, em Belo Horizonte; *Orfeu*, *Juventude*, *Cronos*, *Esfera* e *Revista Branca*, no Rio; *Colégio*, *Revista de Poesia*, *Artes Plásticas*, *Letras da Província*, *Palmeiras*, *Trópico* e *Paralelos*, em São Paulo; *Horizonte* e *Quixote*, em Porto Alegre; *Sul*, em Florianópolis.

Os de maior duração foram *Clã* e *Sul*. E este é o primeiro, entre todos, a ser extensivamente estudado, em um livro desde já destinado a tornar-se material de consulta indispensável ao estudo da literatura e das artes brasileiras no imediato pós-guerra: *O Grupo Sul*, de Lina Leal Sabino. Não se trata de uma avaliação crítica da extensa obra produzida pelos integrantes do grupo, mas de um levantamento minucioso, muito bem documentado e exemplarmente apresentado de suas origens e atividades ao longo de 10 anos.

Enquanto em grandes centros, como Rio e São Paulo, o objetivo dos grupos era fazer a revisão crítica do Modernismo, no restante do país a meta era levá-lo a ser aceito, com mais de 20 anos de atraso. Foi isto o que declaradamente se propuseram os de *Sul*. Jovens modernistas, queriam tomar as posições ainda ocupadas por intelectuais renitentemente acadêmicos, e contra eles investiram com um ímpeto que só se diferenciava do de 1922 por ser um pouco menos irreverente. Aliás, este é um traço comum aos diversos grupos da época. Embora não lhes faltasse humor, tinham a gravidade de quem acabava de testemunhar uma gigantesca tragédia — a II Guerra Mundial — e por isso inclinavam-se a conquistar espaço mais pela argumentação séria do que pelo achincalhe.

Ainda sem a designação que o consagraria, o grupo de Santa Catarina fez sua primeira aparição em novembro de 1946, lançando o periódico *Folha da juventude*, que circularia irregularmente até o ano

seguinte, quando anunciaria a existência de um Círculo de Arte Moderna em Florianópolis. Integrantes do CAM veiculam suas idéias também através do jornalzinho *Cicuta*, mas já nos primeiros dias de janeiro de 1948 o Círculo manda para as livrarias o número inaugural da *Revista Sul*, que existiria até 1958. Fundadores do movimento foram Aníbal Nunes Pinto, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Salim Miguel (contista e romancista, hoje com vários livros publicados) e Ody Fraga e Silva (integrado à indústria cinematográfica de São Paulo e roteirista de mais de 40 filmes realizados).

Impressiona nos jovens (e alguns velhos) do Grupo Sul a variedade e a extensão das suas atividades, praticamente não igualadas em nenhum outro lugar. Publicaram 30 números da *Revista Sul*, que às vezes ultrapassou as 150 páginas. Lançaram 15 livros de prosa e poesia. Editaram durante um ano o suplemento literário do mais importante jornal da cidade, nele mantendo acaloradas polêmicas. Criaram um grupo teatral, levando ao palco textos de Joracy Camargo, Luigi Pirandello, George B Shaw, Jean-Paul Sartre (este pela primeira vez no Brasil). Promoveram concertos de música moderna. Realizaram exposições de pintura e lançaram as bases para a criação de um museu de arte moderna. Mantiveram um ativo clube de cinema e, em sistema cooperativo, produziram um filme de longa metragem, *O Preço da Ilusão*.

Intenso intercâmbio com escritores, artistas e instituições culturais nacionais e estrangeiras foi outra característica da ação desenvolvida por Sul. Graças a isso, Florianópolis passou a ser visitada com frequência por figuras destacadas da vida intelectual de outros Estados, que lá iam fazer conferências e participar de debates, tornando-se também parte do roteiro de companhias nacionais de teatro. Hoje, das dezenas de integrantes de Sul, alguns estão mortos e outros afastados das atividades literárias e artísticas. Mas alguns projetaram-se nacionalmente, como Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi e Silveira de Sousa. Autores de dimensão nacional são alguns que vieram imediatamente após a dissolução do grupo, mas começaram sob sua direta influência, como Holdemar Menzes e Flávio José Cardozo.

Graças à mudança de clima trazida pelo discreto furacão Sul, Santa Catarina tem hoje uma vida cultural intensa e atualizada. Seu movimento editorial começa a solidificar-se e, desde 1981, Florianópolis tornou-se um pólo de atração para milhares de escritores de todos os Estados, com a criação dos prêmios literários Cruz e Sousa, que no momento são os maiores do país. Heranças semelhantes — embora às vezes menos ricas — foram deixadas por outros grupos contemporâneos de Sul. Quando cada um tiver feito o seu balanço, poderá ser completado o importante capítulo da história da literatura e das artes do Brasil que nasceu com a República de 1946.

SÔBRE "A CHINA DE HOJE"

Osny Duarte Pereira, como integrante de uma comissão de juristas brasileiros, visitou a China e fez lá excelentes observações, que aparecem agora em seu livro "A China de Hoje" (Edição Pongetti), obra em três volumes, dos quais, o segundo, de que hoje falaremos trata das Instituições, começando por apresentar um organograma da República Popular chinesa e explicar como se processa a representação dos partidos políticos no Parlamento.

Passa, depois, para os seguintes temas, todos eles abordados com muita inteligência e clareza de exposição, num estilo leve e agradável: administração da justiça; aspectos da instrução pública moderna e do teatro clássico chinês; a reforma agrária, o sistema cooperativo, e a distribuição de produtos alimentícios; o desenvolvimento industrial; o liberalidade de religião; as relações exteriores da Nova China — relações culturais, econômicas e diplomáticas.

O livro de Osny Duarte Pereira agrada por vários motivos, principalmente por encerrar uma imensa riqueza de informações, nêle postas de modo a manter vivo sempre o interesse do leitor, que, de página em página, vai logo ao fim, sem se cansar.

No Hotel Pequim, o dr. Jen Lei Yuang, chefe da VII Secção do Conselho de Ministros, explica o seguinte sobre a reforma agrícola:

"Nosso País era um dos mais atrasados do globo. A renda agrícola per capita não permitia a milhões sequer matarem a fome. Os latifundiários, principalmente na periferia dos aglomerados urbanos, mantinham improdutivas largas extensões, ou davam a terra em arrendamento, ou ainda em regime de parceria, com cláusulas tão onerosas, que o camponês não retirava sequer o suficiente para matar a fome e para vestir-se. Quando não se apresentava o latifúndio, surgia o minifúndio, isto é, agricultores dispondo de área insuficiente, para colher o arroz necessário à própria família. Sem remuneração adequada ao trabalho agrícola, o uso de tecidos, calçados, sabões, móveis, material de construção, instrumentos de cozinha, enfim de todos os bens indispensáveis a uma existência decente mantinha-se em limites ínfimos. Ora, sem procura desses artigos, evidentemente a indústria nacional não tinha forma de progredir. Nossas fábricas de tecidos e tôda a indústria ligeira, em geral, permaneciam num ritmo de crescimento totalmente em desacôrdo com o aumento da população, sujeitas ainda a crises que levavam à falência numerosos estabelecimentos. Tôda a burguesia inclusive os grandes industriais, compreenderam a importância da reforma agrária, para melhorar as condições de vida nas cidades e nos campos. Por isso a redistribuição da terra processou-se com muita facilidade, e pouquíssimos sofriram suas consequências.

REGISTRO LITERÁRIO

Gevaldino Ferreira

De maneira geral, o antigo sistema de propriedade rural tinha as seguintes características: os latifundiários e os camponeses ricos constituíam menos de 10 por cento da população rural e detinham de 70 a 80 por cento das terras. Por outro lado, os camponeses pobres, os assalariados agrícolas e os camponeses médios, compondo 90 por cento da população rural, não dispunham senão de 20 a 30 por cento."

Enquanto o técnico chinês fazia essas revelações, o juiz Osny Duarte Pereira relembra que, "quanto à distribuição de terras, o senso brasileiro de 1950 mostrou que 8 por cento dos proprietários, representando apenas 1,4 por cento dos que nelas trabalham, apambarcam três quartas partes da área total das propriedades rurais do país. Isso mostra que a nossa situação é ainda pior do que a de velha China. O mais sério parece-nos "é que um estudo de Tomaz Pompeu Accioly Borges, em "Conjuntura Econômica", de março de 1955, mostra ser progressiva a concentração da propriedade rural e numa escala alarmante. Isto quer dizer que, dia a dia, as possibilidades de expansão da indústria nacional se vão restringindo. Nunca, entretanto, vimos a "Federação de Indústrias do Brasil" tomar uma iniciativa, no exame desse gravíssimo problema. A não ser alguns artigos do "Correio da Manhã", no seio das classes conservadoras, nada surgiu em favor de um movimento nacional pela reforma

agrária. No Parlamento Nacional, agora algumas iniciativas românticas, até hoje nada de positivo existe."

x x x

"Sul" — Está circulando mais um número da revista "Sul", que se publica em Florianópolis, sob a direção de Anibal Nunes Pires e Salim Miguel. A simpática revista barriga-verde traz, como sempre muito coisa boa, começando pela capa, uma excelente linoleogravura de Aldo Nunes, e continuando pela página inicial, de Eglê Malheiros, que começa assim: "Sul foi sempre uma revista de juventude, de mocidade. Não só no sentido cronológico do termo, porém no seu significado mais alto: de pesquisa, de informação e de esperança.

Porque o artista e o intelectual sofrem um destino inelutável: ou se mantém sempre jovens ou morrem, mumificam-se mesmo em vida. Para permanecerem atuantes precisam ser os eternos insatisfeitos; perder-se na auto-contemplação é perecer. Artista não é somente o que cria, é também o que procura. A criação, em última análise, é o resultado palpável dessa indagação, que muitas vezes atinge o doloroso e o trágico. Esse impulso para o novo, essa contante revisão, essa inquietação é que fazem com que o homem vença inclusive as mais refratárias injunções, e se realize."

Salientamos, ainda, um estudo de Guido Wilmar Sassi sobre o contista Silveira de Souza: "O Boi de Mamão", curiosa página do folclôre catarinense, apresentada por Osvaldo Ferreira de Melo Filho; a tradução de vários poetas alemães contemporâneos, pelo prof. Custódio de Campos; e um poema de Lília de Ornellas, delicadíssimo.

x x x

NOTA: Remessa de livros para Gevaldino Ferreira — Rua Dona Leopoldina, 17 — Apartamento 5 — Pôrto Alegre.

Informação Literária

"Jornal do Comércio"

Esgotado o novo romance de Sagan

Apesar de lançado há tão pouco tempo, esgotou-se rapidamente a tradução brasileira do novo romance de Françoise Sagan. "Dentro de um mês, dentro de um ano." A Difusora Européia do Livro, que lançou a obra no Brasil, informa que está rodando a segunda edição que deverá ser lançada dentro de poucos dias. Espera-se que a Difusora tenha mandado fazer uma revisão — em regra — da tradução, como era necessária.

Livros recebidos

Livros recebidos nos últimos dias para registro nesta coluna: "A Bíblia tinha razão", de Werner Keller, Ed. Melhoramentos; "Maravilhas do conto hispano-americano", introdução e notas de Edgard Cavalheiro, organização de Dianka Riedel, seleção de Juan S. Vendrell y Lopez, edição da Cultrix; "A Beata Maria do Egito", Rachel de Queiroz, Ed. José Olympio; "Alegres Histórias", de Mark Twain, introdução de Edgard Cavalheiro, seleção e tradução de Araújo Nabuco, Ed. Cultrix; "Conferências e alocuções", de Annibal Freire da Fonseca, ed. Jornal do Brasil; "Estudo sócio-político da vida nacional", reunião de nove estudos de diferentes autores, editado sob os auspícios do Instituto de Sociologia e Política de S. Paulo; "Migração e Colonização no Brasil", do tte. coronel Geraldo de Menezes Côrtes, Ed. José Olympio; "Rapsódia Hún-

Está fazendo

Esdras do Nascimento, jovem escritor cearense que se radicou no Rio depois de viver durante alguns anos em Porto Alegre, prossegue fazendo a seleção dos contos que pretende incluir em seu "Panorama do novo conto brasileiro", já anunciado nesta coluna.

Além desse trabalho, ED faz a revisão final de seu primeiro romance, "Mandacaru, cidade-caminho", a ser publicado pelas Edições Sul de Santa Catarina. Simultaneamente, trabalha em um livro de histórias curtas: "Contos do mar e da cidade".

Notas Diversas

● O jornalista Melchisedes da Rocha está tratando de fazer uma segunda edição de seu livro «Bandeoleiros das caatingas» (morte de Lampião e vingança de Corisco), editado em 1941. A nova edição coincidirá com o 20º aniversário da morte de Lampião, a se assinalar a 23 de julho próximo.

● Antonio Girão Barroso, poeta cearense do grupo «Clã», é o novo catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Ceará. O concurso para a cadeira foi disputadíssimo.

● Prestes a ser publicado novo livro do poeta Domingos Carvalho da Silva, de São Paulo. O volume sairá com o título de «A Fenix Refratária».

● Nas bancas — e cada vez mais novo — o Boletim Bibliográfico Brasileiro (BBB) em seu número desta mês. Variada matéria assinada e grande volume de informações culturais.

● Pela Editora Brasiliense acaba de aparecer «O drama da descoberta do petróleo brasileiro», de Edson da Carvalho. O estudo é dedicado a Monteiro Lobato.

● Remessa de livros e de informações literárias para esta coluna: M. M. — Rua Barata Ribeiro, 185 — apto. 805 — Copacabana — Telefone 36-1354.

M. M.

ATUALIDADES LITERARIAS

ARTIGOS SOBRE

O GRUPO "SUL"

Geraldo CARVALHO

Vários têm sido os grupos de "novos" que vêm atuando desde 1945 no cenário cultural do país. nas diversas províncias, numa demonstração viva de que as novas gerações de intelectuais buscam uma participação direta na vida literária e a substituição dos valores antigos que já procuram uma cômoda aposentadoria.

Dentre os grupos que vêm tendo uma atuação constante e ininterrupta, figura a dos rapazes da revista "Sul" que merecem louvores e palmas. O trabalho dessa gente é silencioso, apesar de persistente. O movimento não se cinge tão somente a publicação da revista, mas se estende ao campo editorial, contando-se inumeros os exemplares de livros de contos e poesias aparecidos e comentados com destaque pela critica, como por exemplo os de Guido Witmar Sassi e Eglê Malheiros.

A testa desse movimento encontra-se uma das mais dinamicas personalidades de jovem que é Salim Miguel que ora estréia no romance com "Rêde", após ter escrito dois volumes de contos: "Velhice" e "Alguma Gente", anunciando, ainda, para breve a novela "Encontro".

Em "Rêde" o romancista aborda uma questão social baseada em fatos verídicos, mas valendo-se da imaginação para o complemento da criação artistica. O tema é rico de sugestões mas o romancista espraiou-se em demasia, descuidando-se da linguagem, ou melhor, do estilo. Às vezes, aflora nitido o tom da reportagem ou mesmo do contador de "causos". Ao nosso entender o criador devia ter esperado mais um pouco, a fim de realizar um apuramento, uma condensação mais rigida do assunto e transformado "Rêde" em um romance de larga envergadura e capaz de firmar-se definitivamente no panorama da moderna literatura do país. O romance tornou-se massudo, prolixo, descambando, às vezes, para uma frouxidão que teria sido salva numa revisão paciente. Infelizmente, a bô vontade não é tudo. As exigências artisticas são coordenadas imprescindiveis à criação. O conteúdo continúa mais do que nunca subordinado à forma.

Apesar dos defeitos apontados, "Rêde" tem seus méritos prendendo o leitor pela trama, urdidá e desenvolvimento da história.

Livros & Autores

Publicações recentes

A revista "Sul", de Florianópolis, constitui centro dum ativo núcleo intelectual dos novos de Santa Catarina, e vem mantendo um esforço contínuo, artístico, literário e cultural que a torna uma das mais interessantes publicações dos Estados. Nas suas edições, já numerosas, acaba agora "Sul" de publicar "Rede", de Salim Miguel, primeiro romance deste escritor catarinense, o qual é, aliás, o principal promotor da intensa atividade da revista, da qual é um dos diretores.

"Letras Imperiais", de Helio Viana, será uma das próximas publicações dos "Cadernos de Documentação" de José Simeão Leal.

Annuncia-se para breve o aparecimento das "Poesias Completas" de Augusto Meyer, publicação que se tornava bem necessária para levar a um público mais largo o conhecimento duma obra insufficientemente conhecida, que assim poderá ocupar o lugar que merece entre a dos melhores poetas da sua geração.

De Tasso da Silveira anuncia-se a publicação de "Puro Canto", coletânea de versos dividida em três partes: "Puro Canto", "Sonetos Antigos" e "Comedia da Arte".

A Livraria José Olympio prepara a publicação da primeira série, em vinte volumes, das "Obras Completas" de Gilberto Freyre.

Diversos artistas deverão ilustrar uma nova edição do "Cobra Norato" de Raul Bopp, que Simeão Leal se propõe incluir entre as suas publicações do Serviço de Documentação.

Em memoria de Giovanni Papini

O Pen Clube do Brasil promove, no dia 14, ás 17 horas e 30, uma homenagem á memoria de Giovanni Papini, sendo conferencista o escritor Candido Mota Filho, da Academia Paulista de Letras.

"O E.T. de São Paulo" - 12 - 8 - 1956

A COMPANHIA. Editora Nacional, acaba de lançar a segunda edição de "Monteiro Lobato — Vida e Obra". Trata-se, como já sabemos, da melhor biografia que até hoje foi escrita sobre o criador de "Emília". Edgard Cavalheiro, um dos grandes biógrafos que possuímos, nos entregou este trabalho, que perfeitamente, mostra, de maneira clara e concisa, todas as facetas da vida de Lobato. Para aquilarmos a profundidade e agudeza do espírito de Edgard, basta

"Alguma Gente", lançou em 1955 seu romance "Rede", com ilustração do festejado E. Koetz, que foi carinhosamente recebido pela crítica paulista. Nessa obra, que voltaremos a falar mais detidamente, Salim Miguel narra, com muita precisão, a vida e costumes de nossos heroicos trabalhadores do mar.

— (O) —

Recebemos o último número de "Polónia de hoje", boletim mensal editado pelo Bureau de Informações Polonesas no Brasil.

— (O) —

"Terra Branca" revista literária bauruense, que obteve notável repercussão nos círculos artísticos paulistanos, deverá aparecer no mês vindouro, em seu segundo número, com várias colaborações daqui e de fora.

— (O) —

Anuncia-se no México, a edição das obras de Gilberto Freyre, que serão traduzidas por um grupo de especialistas e orientadas pelo próprio escritor patricio.

— (O) —

Mário Donato está estruturando um novo romance. Trata-se do reverso de "Madrugada sem Deus": "Imigrantes", que mostrará a participação do povo, no desenvolvimento paulistano.

— (O) —

"Cafarnaum" o mais recente livro de Argeu Guimarães, onde notamos retratos de personalidades pátrias, acaba de ser lançado pela Organização Simões.



EDGARD CAVALHEIRO

Se dissermos que ele é o verdadeiro reconstrutor de vidas, que anula-se, completamente, como autor, para a ressurreição dos abordados. É este, indubitavelmente, um grande trabalho, pois nem mesmo a própria família do biografado possui dados ou conhece melhor a sua vida do que Edgard Cavalheiro.

— (O) —

"SUL" — Já está no seu 27.º número a revista editada em Florianópolis sob a responsabilidade de Salim Miguel e Anibal Nunes Pires. Essa publicação, indubitavelmente, se constitui numa das melhores que possuímos, dedicada às artes e letras, e a outros assuntos de cultura geral. Nesse seu último número, encontramos contos, poemas, artigos sobre música, ciência, educação, teatro, etc., com colaboração de Osvaldo F. de Melo Filho, Henrique do Amaral, A. Boos Jr., Arnaldo Brandão, Eglor Malheiros, Blanca Terra, Vieira, Renato Barbosa e outros.

— (O) —

"REDE" — Salim Miguel já se constitui numa de nossas figuras projetadas em nosso cenário literário. Depois de "Velhos e outros Contos",

Prepara-se a publicação de valiosísimos manuscritos

O professor G. Quispel, da Universidade de Utrecht, Holanda, será um dos redatores da publicação dos onze manuscritos encontrados em Nag Hamadi, no alto Egito, em 1945.

Entre esses manuscritos, que datam do primeiro e segundo século da nossa era, encontra-se o «Evangelho da Verdade» (atribuído a ognóstico Valentinus) e a coleção completa de «Palavras de Jesus», escritas na Síria, mais ou menos no ano de 130 da nossa era.

O Museu Copta do Cairo obteve o direito de publicação desses manuscritos, tendo sido constituída uma comissão internacional para providenciar a mesma.

Essa comissão se reunirá no Cairo, de 29 de setembro a 27 de outubro.

Folha Literária Baurú, S.P. - 25-8-56

"biana de Pernambuco"
8/1.º/16.

DIARIO DE

ATURA da SE

NICOMEDES

Mauro MOTA

Está no Recife o desembargador Alves Pedrosa. É da melhor gente da zona da mata pernambucana. Um grande e amoroso filho do Timbaúba. Aqui, foi menino de engenho, foi «dandy» da Rua Nova, no tempo do sapatão pé-de-anjo, da calça de flanela e do paletó azul; foi líder estudantil da Faculdade de Direito, bom nas aulas e nos movimentos literários e políticos da sua classe. Formado em 1929, elegeu-se prefeito de Correntes.

Depois quis mudar de ares. Embarcou para Santa Catarina. Juiz e membro do Tribunal de Justiça, conquistou altos postos no Judiciário. Tornou-se jurista de sete fôlegos. As suas decisões têm aberto caminho á afirmação de muita jurisprudência.

Conheci-o no Ginásio do Recife, dirigido pelo padre Felix Barreto. Chamava-o, como ainda hoje, simplesmente de Nicomedes. Ele era um censor cordial. Presidia bancas de estudo de quase cem alunos internos, sem que houvesse de nenhum a menor tentativa de anarquia. Fazia da amizade a sua arma e ouvia-se um vôo de mosca no salão.

Devo-lhe talvez a gênese do meu amor á literatura. Devo-lhe a leitura do primeiro romance («O Guarani») e a minha escolha para orador do Riachuelo Futebol. Já funcionando como goleiro, disse-lhe que isso significava uma duplicidade de fundura. Eu não sabia falar em público mesmo para adolescentes futebolizados. E

muito menos escrever discursos. Nicomedes me animou. E prometeu ajudar-me, senão a deter os chutes adversários, a «interpretar os sentimentos do Clube» nos «momentos solenes», os que precediam as disputas intercolegiais. Ajeitava os meus esquemas e o mestre tanto os concertava que transfigurava os originais.

Num domingo de sessão mais concorrida, escreveu a coisa muito bem, da cabeça ao rabo. Fiz a figura com o chapéu alheio, sob desconfianças generalizadas mesmo porque, já então, o estilo era o homem e o homem tão jovem era aquele compreensivo e fraterno por quem lutaríamos, a um aceno, tôdas as divisões colegiais.

Recebo agora a sua visita na redação do DIÁRIO. A humanidade e o interesse pelos destinos alheios continuam a marcá-lo decisivamente. Quero que fale sobre a sua vida e ele se desvia para Florianópolis. Destaca, e com tôda justiça (é desembargador) a atuação de Salim Miguel. «Conteur» («Rêde», romance regionalista sobre a vida dos pescadores é o livro mais recente) e livreiro, Salim Miguel agita o espírito de sua província meridional.

Admirável Nicomedes Alves Pedrosa, li num jornal do Rio que o Governo planeja criar mais dois Tribunais Federais de Recursos, localizando um no Recife (se os cearenses permitirem) e aproveitando magistrados na composição. Será a vez de Pernambuco recuperar-te.

Revista das Letras

O NORTE, 4-10-957

REVISTA "SUL" N.º 29

Geraldo CARVALHO

A persistência com que a revista «Sul» vem sendo editada pelo grupo comandado por Arnival Nunes Pires e Salim Miguel somente elogia caloroso merece. Aparecendo com regularidade e irregularidade não interessa, o que vale é o espírito da luta imorredouro que se aporou desta gente nova que sabe o que quer e que vem construindo sem titubeos o seu rumo.

O no. 29, último que recebemos, traz um editorial assinado por Eglê Malheiros atacando frontalmente o grupo na afirmativa corajosa de que «Sul» que foi sempre uma revista da juventude e mocidade, caiu num marasmo, num «modus vivendi» perigoso e que «chegasse a desejar que surja um grupo novo, que nos chama de conservadores e vaidosos, para que de novo se rompa o marasmo, e nós próprios nos sentimos na obrigação de pensar, estudar e debater. Que a satisfação nos torne presas novamente, e que produza seus frutos.

«E conclui: «Se não mudarmos passaremos a função decorativa e teremos que reconhecer tristemente que «Sul» morreu».

Esta atitude desassembra e corajosa divisão a que se propõe para a revista não é peculiar, a outros grupos que se entregaram a um confor-

mismo destruidor que a revista «Sul» vem sendo editada muito tempo os consumiu na voragem da evolução.

Destacamos neste número um caderno especial dedicado ao cinema nacional com artigos de Salim Miguel, E. M. Santos e Alberto Cunha, além de um fragmento do roteiro da película «O preço da ilusão» ora em rodagem na cidade de Florianópolis e que tem como argumentistas e dialoguistas a poetisa Eglê (Manhã) Malheiros e o romancista Salim (Rêde) Miguel.

Presentemente, a revista trata de organizar o Club do Livro «Sul» com o propósito de divulgar valores novos em edições uniformes, em três séries: ficção, ensaio e poesia e em um livro brinde para cada série de seis livros retirados consecutivamente e em remessa pelo Reembolso Postal. Estamos absolutamente certos de que mais essa iniciativa da revista «Sul» será viável, pois, o ânimo dos rapazes não é daqueles que se quebra na primeira refrega. Para melhores informações, a quem desejar se candidatar vai o endereço: — «Revista Sul» — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina.

Remessa de livros e revistas: — Av. Vasco da Gama, 521 — João Pessoa — Paraíba.

"O Globo"

30-5-58

Porta de Livraria

DE ANTONIO OLINTO

ROMANCES DE AMOR

O DEPOIMENTO de hoje, no inquérito de "Porta de Livraria" é de Alvaro Moreira. Quais os melhores romances de amor da literatura brasileira? O autor de "As Amargas, Não" fez a seguinte escolha:



Alvaro Moreira

- 1 — "Iracema", de Alencar;
- 2 — "Quincas Borba", de Machado de Assis;
- 3 — "Inocência", de Taunay;
- 4 — Ainda não li.

E explica:

1 — "Iracema" porque é o mais gostoso poema da língua do Brasil.

2 — "Quincas Borba" é o romance de amor dos homens que se deixam levar pela ilusão das mulheres — é o romance do desejo triste.

- 3 — "Inocência" nos leva para a vida pura lá de fora.
- 4 — É o que ainda não li será definitivo."

Na próxima segunda-feira, será a vez de Vinícius de Moraes responder a esta indagação de "Porta de Livraria".

"ESPIRIDIDÃO" NOS ESTADOS UNIDOS

A EDUCADORA Lurdes Mesquita mantém, nos Estados Unidos, na emissora W.R.U.L., um programa semanal intitulado "O Brasil nos Estados Unidos" que é transmitido às quintas-feiras, das 19h 30m às 20 horas, com noticiário geral sobre nossa terra. Num desses programas, nos primeiros dias deste mês de maio, tratou Lurdes Mesquita do livro "Espiridião", de Benedito Valadares, e do modo como estudantes norte-americanos de português o têm julgado. Foram estas as palavras de Lurdes Mesquita, na W.R.U.L.:

"Livro que tem despertado muito interesse nos círculos dos Estados Unidos que se ocupam de coisas brasileiras é "Espiridião" de Benedito Valadares. Foi há duas semanas recomendado como livro a ser preparado para discussão em um dos seminários universitários num curso de Literatura da América Latina. Conversei com vários dos estudantes que o leram para comentá-lo no grupo de discussão. Disseram-me eles que "Espiridião", com seu estilo simples e claro, evitando qualquer processo de psicanálise por parte do autor, levou-os a compreender, sem dificuldade, a vida daquelas populações mineiras antes de 1930. "Os personagens são vivos", disse-me um estudante, "é como se estivesse vendo aquela gente". Comentou outro: "Os caracteres são tão reais que depois da primeira parte já previa como iam reagir os indivíduos diante dos acontecimentos". A figura clássica do coronel de antes de 1930 comoveu-os profundamente. É verdade que fazia votar os mortos e "arranjava" as eleições, mas sofria com seus homens, fazia-os absolver de crimes cometidos, forçados por contingências dramáticas do destino. E também preocupava-se em abrir escolas.



Benedito Valadares

Renascença Poética

É ASSIM que está sendo classificado, nos Estados Unidos, um movimento de jovens poetas de San Francisco. É a Renascença San Francisco. Jack Kerouac, falando da "poesia alegre" dos môcos daquela cidade da Califórnia, disse: "A nova poesia norte-americana é exemplificada pela Renascença S. F. (quer dizer, Ginsberg, eu



Jack Kerouac

mesmo, Rexroth, Ferlinghetti, McClure, Corso, Gary, Snyder, Phil Lamantia, Philip Whalen), é uma espécie de jovem-velha poesia de Zen Loucura, em que se escreve tudo o que vem à cabeça, e como vem, poesia devolvida à sua origem, na criança bardo, verdadeiramente oral como dizia Ferling, ao invés dos tristes balbucios acadêmicos. Poesia e prosa estiveram muito tempo nas falsas mãos dos falsos. Esses novos e puros poetas se confessam pela simples alegria da confissão. São crianças. São também Homeros infantis e grisalhos cantando nas ruas. Eles cantam, e se agitam. É alguma coisa de diametralmente oposta ao estilo Eliot". (Existe, nas palavras de Kerouac, uma aproximação verbal intraduzível: "They sing, they swing"). Os poetas da Renascença San Francisco (S. F.) estão sendo discutidos em todas as grandes cidades dos Estados Unidos.

ANTOLOGIA DE CONTOS

INFORMA o Boletim Bibliográfico Brasileiro que as Edições Sul, de Florianópolis, pretendem lançar uma coletânea de contos brasileiros de autores de uma geração posterior à organização, em 1948, dos "Contos e Novelas", de Graciliano Ramos. Essa antologia terá o título de "Panorama do Novo Conto Brasileiro" e está a cargo de Esdras Nascimento, escritor cearense radicado no Rio Grande do Sul. Eis alguns dos contistas que deverão ler trabalhos incluídos nesse panorama: Armindo Pereira, A. Boos Júnior, Assis Brasil, Braga Montenegro, Hélio Pólvora de Almeida, José Condé, José Cruz Medeiros, Judith Grossman, Lígia Fagundes Teles, Moreira Campos, Rodrigues Marques, Vera Mogilka, Waldomiro Autran Dourado, Nataniel Dantas e Xavier Placer.



Armindo Pereira

A GRANDE MUDANÇA

ARACAJU, 31 DE AGOSTO DE 1957

Notícias literárias

Sul 29 — É sempre com satisfação que o meio intelectual aracajuano acolhe a revista «Sul», editada em Sta. Catarina por um grupo de líderes jovens, do movimento cultural daquele Estado. A seriedade, a consciência da missão que se propôs, marcam, número a número, essa publicação, já de âmbito nacional, e começa a fazer-se conhecida também no estrangeiro. Com efeito, é órgão duma corrente de cultura independente, construtiva, sem entusiasmos passageiros, sem favores a «igrejinhas».

«Sul» não é um divertimento, uma cavação. Estacada contra o falso liberalismo artístico-literário, contra o vazio diletantismo, isto sim, que é; lutando para sobreviver, não se tem amesquinha-do, traído ou vendido.

Núcleo de opinião e pensamento, vanguarda de idéias, «Sul», de Florianópolis, mantém-se fiel à diretriz primeva, e é por isso respeitada. Por justo prêmio, ganhou a certeza de não ser, já hoje, um experimento, mas uma realização, não circunscrita ao sul, mas nacional. O n.º. que nos acaba de chegar é, positivamente, dos melhores.

"O AMERICANO TRANQUILO"

REGISTRO LITERÁRIO

Gevaldino Ferreira

Diante dos novos caminhos seguidos pelo romance nos tempos modernos, surpreendem-se os que se habituaram à velha técnica bem comportada do enredo mostrando os personagens em ordem de cronologia e estrutura espiritual, com os problemas à superfície, o estilo bem cuidado e, por vezes, pedante. Tudo isso ficou para trás. A nova geração de romancistas transmite as suas mensagens retratando-as de um mundo estranho e perturbado, através de um estilo enxuto, dinâmico e sugestivo, não raro, porém, excessivamente descuidado. Seus personagens não são bons nem maus. São humanos.

Françoise Sagan pesquisa os meios estados de alma e mostra todo um novo sistema de psicologia social. Faulkner, esmagando o homem com o peso de sua própria tragédia, embaralha o tempo e o espaço em "Furor e Barulho". Steinbeck retrata a condição social e individual de homens em luta pela sobrevivência. Kafka, penumbroso e hermético, faz de "Metamorfose" o mais doloroso romance da humana tragédia.

E em todo esse cenário novo e impressionante da romancística moderna o nome do escritor inglês Graham Greene não pode ser esquecido. Pois é uma das mais autênticas contribuições do talento britânico para as letras mundiais.

Como o belga Simenon, evoluiu ele da ficção policial para o estudo mais amplo e mais profundo dos grandes problemas morais de nossa época. Compreendeu que não podia circunscrever-se a qualquer limite para a expansão de suas imensas possibilidades. E vieram então obras de grande vulto, romances de aceitação total, tanto pela crítica como pelo público. "The Power and the Glory", "The end of the affair" são suas obras principais.

E agora, em versão portuguesa, lançado pela Editora Civilização Brasileira S. A., aparece o seu novo romance: "O Americano Tranquilo", sem dúvida um dos mais importantes trabalhos que já deu ao público.

Ele retrata nesse livro o comportamento de três povos que se cruzam numa terra estranha e deflagrada pela guerra. É o Vietnam convulsional pelas revoluções comunistas, pelo americano que tenta controlar, ajudar, e pelo francês que se envolve em batalhas intermináveis e inglórias.

Cortando fundo com o seu bisturi analítico, ele vai ao âmago das coisas, como faz sempre, e, corajosamente, mostra a realidade, dolorida ou não, decepcionante ou alentadora.

É rica de sentido humano a passagem das principais figuras pelos dolorosos caminhos do romance. Pyle, o tranquilo americano, querendo alterar a fisionomia social e psicológica do Oriente. O aviador francês que nunca compreendeu porque jogava bombas devastadoras em uma paisagem imponente e milenar. Phoung, a jovem vienense, frágil e enigmática, tudo aceitando, numa passividade desoladora.

EDIÇÕES "SUL" — É um bonito movimento literário o

que vem sendo feito pela revista "Sul", de Florianópolis, a qual vai já para os seus dez anos de vida.

Um punhado de moços de boa enfiatura, idealista e dinâmico, foi fazendo sua revista como pôde, com sacrifícios facilmente imagináveis, espalhou-a pelo Brasil e pelo mundo — pois tem representantes na Argentina, em Portugal, na França, nos Estados Unidos — e fez dela uma editôra, que, já nos deu, entre outras coisas, "Rêde", romance de Salim Miguel; "Terra Fraca", poesia de Anibal Nunes Pires; "Marques Rebelo, Poeta Morto", de Hélio Alves de Araújo.

Val aqui uma idéia ao grupo de "Sul": Estando em Florianópolis um dos valores maiores da nossa literatura — Manoelito de Ornellas — procurem explorá-lo, comedidamente, é claro, pois que é um homem ocupadíssimo. Mas uma conferência é certo que ele não deixará de fazer, pois é um grande amigo da mocidade intelectual.

"A IDADE DA RAZÃO" — Dando existência literária à sua filosofia existencialista, Jean Paul Sartre acaba de publicar "A Idade da Razão", com que inicia a série "Les Chemins de la Liberté". (Difusão Européia do Livro).

"NEW BRAZILIAN SHORT STORIES" — Apareceu, em edição da Revista Branca, "Contistas Brasileiros" (New Brazilian Short Stories) — uma antologia em português e inglês organizada por Saldanha Coelho.

NOTA: Remessa de livros para Gevaldino Ferreira — Rua Dona Leopoldina, 17 (Aparto. 5 — Porto Alegre.

JORNAL DOS NOVOS

Direção: DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Suplemento d'A MANHÃ
RIO DE JANEIRO, Domingo, 26 de março de 1950 — N.º 7

Secretário: FAUSTO CUNHA

Nota complementar à margem de uma antologia

FAUSTO CUNHA

NO ÚLTIMO número dessa muito simpática revista que é "SUL", do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, vem um artigo de Salim Miguel, sobre a "ANTOLOGIA DE CONTOS DE ESCRITORES NOVOS DO BRASIL", edição da "Revista Branca" que constituiu um dos melhores lançamentos de 1949, por sua significação e alcance.

Antes de mais nada, é preciso que se esclareça: por mais acre que se mostre o artigo de Salim Miguel, não tratarei aqui de elaborar a defesa da "Antologia", não só porque ela se defende por si mesma, como principalmente porque não estou investido de nenhum interesse especial para essa defesa. Não tendo tido eu a mínima interferência na organização do volume e não pertencendo, como não pertence, a nenhum grupo de "novos" (mesmo porque nenhum deles precisaria de meu apoio), julgo-me à guisa para falar do assunto sem falso constrangimento.

Fui eu, suponho, o primeiro que, escrevendo sobre a "Antologia", formulou algumas ressalvas. Ressalvas evidentes. Decorrentes da própria natureza da obra. Como panorama e como antologia propriamente dita, o trabalho de Saldanha Coelho era discutível, embora justificável. Como documento de uma geração, decerto porém que tem valor. Não valor absoluto, pois não há valores absolutos. Nem valor excepcional, pois esse valor só existirá para

quem sinta real necessidade de encontrá-lo.

E' pena que a metade dos Estados da Federação não tenha comparecido. Culpa do organizador? Culpa dos contistas? Nem destes nem daqueles. Culpa de nossa situação editorial, que não permite senão cometimentos limitados a certas condições. A quebra dessas condições seria a própria impossibilidade do aparecimento da "Antologia".

Isso, no entanto, são coisas que praticamente não interessam, nem a Salim Miguel, nem a mim, nem ao público. Existe a "Antologia" como um corpo uno e indivisível. Circunstâncias e fatos têm que fugir ao âmbito da discussão entre terceiros.

Quando ao modo de organizar a coletânea (jamais teria coragem de tomar a defesa do organizador, não fora tamanha a evidência), é preciso que se frise: qualquer método seria discutível. O método tipicamente antológico foi prejudicado a fim de que o caráter de documento pudesse aparecer. Viu-se também prejudicado o sentido de panorama. A seleção feita pelo organizador iria desagradar fatalmente a muitos contistas, talvez alguns deles se opusessem à escolha, maxime quando iam pagar pelo conto escolhido. A inclusão de mais de um conto de um e apenas um de outros, criaria mal-estares. Contistas bons, e de Estados não representados, não puderam aparecer.

(Conclui na página seguinte)

"FORMA E EXEGESE"

VEIGA VALE

Nota complementar à margem de uma antologia

(Conclusão da pág. anterior)
cer. Tudo isso feriu a "Antologia" como antologia. Feriu-a mais ainda como panorama. Não logrou, porém, des-

truí-la como documento que é.
O critério de escolha pelo próprio autor nem sempre teve efeitos desastrosos. E' verdade que alguns contistas poderiam ter apresentado trabalhos melhores. Entretanto, nessa mesma preferência podemos encontrar elementos que mais cedo ou mais tarde não de servir para estudo. O fato de contistas como, por exemplo, Almeida Fischer, Breno Accioly, Murilo Rubião, Eduardo Campos haverem optado por contos seus dos mais divulgados não é de estranhar, nada impede que esses contos sejam incluídos em antologia; muito pelo contrário. "Da maneira como a antologia foi feita", era mesmo de se esperar que eles aparecessem, conquanto os mesmos contistas pudessem alinhar produções tão boas quanto essas, na opinião deles e da crítica. E sem nenhuma intenção de ironia, pois isto — em última análise — é apenas uma troca de idéias entre Salim Miguel e este servidor, devo considerar o fato de tais contos — além de outros — lhe parecerem demasiadamente conhecidos, como devido à boa informação do próprio Salim Miguel nesse campo.

Repto que esta humilde nota não transcende, em nenhuma hipótese, a uma defesa dos contistas da "Antologia". Todavia, não há como aceitar a afirmação de que "a grande maioria dos contos" é "inteiramente sem importância", são "contos de verdadeira insignificância, de fatura escolar, de construção vacilante, titubeando, onde não se nota a busca, a procura estafante em procura de novos moldes no gênero" — "ou então uma perfeita técnica, um domínio completo do assunto e da matéria". Uma antologia dos mais perfeitos contos do mundo dificilmente resistiria a tantas exigências. Não esquecer, o Salim Miguel, que se trata de escritores novos.

"Se ela fosse a sua expressão mais alta ("da nova geração") e o que há de melhor estivesse contido nela": não há, em página alguma do volume, que eu tenha lido, semelhante pretensão. E' uma antologia, pura e simplesmente uma antologia, e nenhuma delas até agora, na história de todas as literaturas, pelo menos que eu saiba, se arrogou tamanha glória. O que há é a intenção de reunir elementos de valor, conferir roteiros à posteridade, com trabalhos tanto quanto possi-

vel representativos, não porém o auge de cada autor — porque este vale de opinião para opinião.

Cito um exemplo: "Rosas de Rítmos", espécie de compilação da poesia brasileira através dos tempos, feita por Luís Carlos, foi, à época de seu aparecimento, um livro atacável e por vezes beirando o ridículo, o subliterário. Hoje, pelo menos para mim, é uma fonte inestimável. Um terceto serviria de medida a toda uma lírica? Entretanto, por esse terceto, nem sempre feliz, a lírica poderá ser localizada.

Dizer que os trabalhos da "Antologia" sejam "um momento infeliz de elementos da geração" é generalização sobremaneira infundada. O próprio Salim Miguel faz suas exceções. "De vultos deslocados da geração: uns porque ainda não se encontraram, não encontraram seu meio de expressão; outros por timosta, por insistirem num gênero para o qual não estão aptos nem possuem tendências". Por que Salim Miguel, com a coragem com que talhou o seu artigo (e não é por outro motivo que estou aqui a comentá-lo), não citou esses nomes? Não somente colocaria o assunto no campo da polémica, o mais favorável ao esclarecimento, como permitiria debate objetivo, sem que fossem obrigados a conjecturas inteiramente desprovidas de elementos básicos. Alguns contos são de críticos (quanto a "Capela Velha", de Roland Corbier, note-se a enorme semelhança entre o estilo do ensaísta e o do romancista Cornélio Penna. "Capela Velha" é quase uma página avulsa de "Repouso"), outros de poetas, havendo-os até de romancistas: tudo isso foi informado nos umbrais do volume, e ao organizador, apresentado o espírito da antologia, não lhe competia ser uma limenarca.

"E' de abismar a falta de auto-crítica". Salim Miguel tem razão: vários contistas parece que tiveram a intenção de "sabetar" a coletânea e, entre eles, devo incluir Anibal Nunes Pires, "o único elemento de Santa Catarina que participa da Antologia".

"Nenhum conto que traga uma contribuição verdadeiramente nova ou original": será isso possível, pelo menos entre contistas novos? Um Teókov, um Poe, uma Mansfield, um Munro não são fabricados às dúzias. "Nenhuma revelação": não foi bem este o plano da "Antologia". Confesso, entretanto, que para mim houve revelações: Bernardo Gersen, com "As Barbas do Pai", por exemplo. Domingos Félix, com "O Maquinista". Roland Corbier, com "Capela Velha". O próprio Saldanha Coelho, em "A Mulher do Comerciante". Mas

já entraria a questão de gosto, e há sobre isto uma célebre afirmação de Kari.

Desejaria Salim Miguel uma antologia que pudesse ser mais tarde "um ótimo documento, contribuição valiosíssima para o conhecimento "exato" de um período de grandes transformações tanto culturais como sociais no Brasil". Conheço dezenas e dezenas de seleções de dois ou três idiomas, se me permite a valdeade. Entretanto, em nenhuma delas encontrei, além do deleite estético e do conhecimento literário, algo que me levasse a acreditar na aquisição de cabedais tão complexos.

Não sei se verificarão amanhã que Salim Miguel tinha razão quando lastimou a quase inutilidade desta ANTOLOGIA DE CONTOS DE ESCRITORES NOVOS DO BRASIL; ou se alguém de boa-vontade irá comprá-la ao "sebo", excitado com a descoberta, como foi o que me sucedeu a mim com o "Rosal de Rítmos". obra tão apagada, tão modesta.

O valor antológico como tal será decerto superado, porque os próprios autores se desenvolverão; dos que não evoberem, o trabalho editado poderá ficar servindo de medida. O valor panorâmico parece-me que, mortificado na origem, ainda sofrerá maiores cortes no correr dos anos. Força é que assim aconteça.

Quanto ao valor documental, limitado obviamente ao momento, ele existe e continuará existindo. Por maiores ressalvas que lhe oponhamos, não deixará o "documento" de afirmar-se, dentro de suas proporções e fins.

O que a Salim Miguel assentou foi o número de mediocridades presentes na "Antologia". Quem foi, neste mundo, que organizando uma coletânea se livrou dos mediocres? Nem o tempo, o grande executor, o "algoz retardatário", consegue alijá-los de todo. A presença desses mediocres é uma auréola para os que têm algum valor. Na "Antologia" não estão todos os que deviam estar, mas "quase todos", isto sim. Há gente clandestinamente embarcada e ninguém faz mister disso: os clandestinos mesmos se exibem com acinte!

Cabe mérito a Salim Miguel em apontar muitas mazelas, escasseando-lhe apenas o ímpeto necessário para indicar os autores. Seria mais útil. Poderia suscitar o debate, que morre de inanição quando há generalização e prevenção sistemática. A "nova geração" está cheia de gatos pingados, de intrujões, de mistificadores, de avantesmas. Se quisermos atacá-los o método a empregar será o do ataque direto, o tiro certo. Por as cartas na mesa. A generalização fere os justos e acoberta os verdadeiros delinquentes.

O BOI-DE-MAMÃO

Eduardo CAMPOS (Dos "D. A." do Ceará)

Paulo Botelho, "double" de agrônomo e intelectual, reúne mais uma qualidade essencial ao homem: forte amor ao culto das tradições populares. Pergrinando por Santa Catarina, lá encontrou — e extasiou-se, — o boi-de-mamão, auto popular em quase todos os pontos semelhante ao nosso bumba-meu-boi, com a diferença de circunstâncias, poderemos dizer, pois lá êsse auto dramático é um espetáculo que de-leita a todos e, mais do que nunca, é festejado por ricos e pobres.

O ceramista popular é um artista que só modela no barro as coisas que mais o impressionam. Porisso é que em nossa geografia ambiente, para exemplificar, nascem das mãos dos ceramistas quase sempre vaqueiros, animais do nosso criatório, e raramente criaturas humanas em função social. O ceramista de Santa Catarina, entre outras coisas, ao modelar os bichos e criaturas que participam do seu boi-de-mamão, fá-lo sob a influência de um acontecimento que representa naturalmente, uma realidade ponderável em seu meio.

Basta essa particularidade para sentirmos a importância que o festejo representa para os filhos daquele estado sulino, e temos nós mesmos satisfatória a averiguação pela magnífica coleção de bonecos que integram o bumba-meu-boi de Santa Catarina e que me foi presenteada pelo dr. Paulo Botelho. A rigor a coleção não se destinava ao meu museu particular, pois era um oferecimento daquele estagiário das emoções cratenses ao folclorista Florival Seraine que, num desses momentos de pura reflexão afetiva, achou que os bonecos catarinenses, com tôda a sua mensagem nascida do povo daquela região, estariam

melhor guardados em minhas mãos, o que não deixa de ser puro excesso de generosidade a meu respeito.

O boi-de-mamão que vejo aqui em minha frente, nessas graciosas estatuetas de argila, reúne as figuras do boi, do vaqueiro, que é o Mateus, do médico (sob o disfarce de Feiticeiro), dos tocadores (um homem ao pandeiro, outro à viola e um terceiro na sanfona) do urubu, do cavalinho, da bernúncia, do urso, da cabrinha e da maricota. Enche-nos logo a vista uma figura dêsse bicho estranho, a bernúncia, que naquela região é o terror dos meninos que assistem espetáculos. Enquanto no Ceará e em todo o Nordeste os participantes da brincadeira do boi tentam colocar os meninos na trazeira do animal em Santa Catarina são levados os fedelhos, aos gritos para a bocarra da bernúncia. Entram as vítimas por ela e saem pela trazeira do bicho, isto é, por baixo da empanada que configura o estranho animal.

Por que bernúncia? De onde veio isso? Que significa? Acho-o, particularmente, parecido com o Jaraguá, que embora não procure engolir as crianças possui uma caveira exagerada que se põe a movimentar os maxilares diante da meninada que estremece tomada de medo. Numa e noutra figura encontramos nós pelo menos um ponto de atuação, o qual seja o de aterrorizar, infundindo medo. Mas vejamos o que escreveu a respeito Osvaldo Ferreira de Melo (filho): "Abrenuntio é a resposta que o ba-

tizado dá à celebre pergunta: "Abrenuntias satane?" O povo, que não sabe latim, teria, identificado a palavra abrenuntio com satanaz. Satanaz, segundo concepção hoje aceita é o inspirador de todos os "mitos do mal". O bicho papão é um deles e a bernúncia, uma forma colocada no mundo exterior. Entre êles parece haver uma só linha mitológica e nisso somos levados a crer até que se prove em contrário".

O urso que se exhibe, segundo lemos no trabalho do citado autor, integrando o folguedo em Imarui Santo Amaro, Biguaçu, São José, Palhoça e Florianópolis parece-nos outra figura inteiramente deslocada, estranho até mesmo à nossa fauna. Não possui mós ursos, e embora não tenhamos dados comprovatórios, imaginamos ser pura influência européia. Essas manifestações folclóricas do sul do país estão, pelo menos suponho, sujeitas a influências externas que diferem das que sofremos, principalmente no Nordeste. E' o caso, para exemplificar, de animais estranhos ao nosso "habitat" que são modelados com frequência pelos ceramistas populares de Santa Catarina. Possuo algumas peças que reforçam êsse raciocínio.

Mas, voltando ao tema da Bernúncia, vejamos se não existe uma relação bastante próxima entre êle e o Jaraguá (ou Jaraguara, como é conhecido em Pernambuco). Enquanto os figurantes dançam, o côro canta:

"Bernúncia, minha bernúncia,
Vou te mandar chamar
Foge menino pequeno
Pra ela não te pegar"

Os versos do nosso bumba-meu-boi se referem ao Jaraguá, desta forma:

"Lá se vem o Jaraguá
Com os dentes de fóra
Quem tiver medo
Que vá embora"

Na palestra íntima realizada na Livraria Renascença, o dr. Paulo Botelho solicitou dos intelectuais presentes maior simpatia pelas tradições populares do Ceará, principalmente pelo bumba-meu-boi, louvando-se no belo exemplo que testemunhara em Santa Catarina. Da nossa parte podemos garantir que de há muito vimos nos empenhando a fundo para ressaltar todos os valores do boi que ainda se dança no Ceará, infelizmente desajudado pelas elites, pelos governos e até mesmo pelo povo que dia a dia se deixa influenciar pelos novos divertimentos da época.

Está na hora da Universidade do Ceará que se propõe — e está a cumprir, — plano cultural de tão largo alcance, incluir na devida conta a preservação dêsse folguedo popular, estimulando a quantos ainda se interessam por êle.

E, assim, imaginamos, fizemos mais um artigo e honramos o presente recebido.

"Usutavis" — 27/12/1959

Com sinensis votis de um July 1960.

FLORIANÓPOLIS

Um Taciturno - A peça escolhida

(SALIM MIGUEL - Círculo de Arte Moderna)

Em artigos anteriores, temos tentado dar uma rápida visão do que é o "Círculo de Arte Moderna" e qual são as suas finalidades. Agora, dêste artigo em diante, iremos dando pequenas notícias sobre a primeira realização prática do "Círculo".

Além de reuniões culturais e debates sobre temas de Arte em geral, o "Círculo" apresentará uma peça teatral, que já está em ensaios.

A peça escolhida para estréia no "Círculo" no campo teatral foi "Um Taciturno", de Roger

Martin du Gard. e a escolha não poderia ter sido mais acertada. É uma peça de valor, sob todos os pontos de vista. Tanto no tema, como na apresentação e no desenrolar da história.

Roger Martin du Gard dispensa apresentação. Autor famoso de "Os Thibault", prêmio Nobel de literatura, em 1937, para citar sómente a sua obra mais conhecida. Qualquer pessoa, ainda que medianamente interessada pelas letras, tem a obrigação de conhecer du Gard.

Por isto, falaremos principalmente da peça. "Um Taciturno" é composta de personagens não de todo normais, cheios de complexos, vivendo um drama intenso de realismo, que vai de crescendo em crescendo, até atingir o climax de todo inesperado, porém natural e inevitável.

As personagens de Roger Martin du Gard não são heróis nem fantoches. São humanos, reais de carne e osso. Bons e maus. Cretinos e caridosos. Com momentos de exaltação, de ódio e de ternura. Nós os encontramos a toda hora, em toda parte, ao redor de nós. Conversamos com eles. Partilhemos dos mesmos dramas que eles. E, qualquer um de nós, se pôsto em idêntica situação, agiria da mesma forma pela qual eles agem.

Eis aí um dos valores principais da peça: a verossimilhança do tema com a vida. Roger Martin du Gard tem a coragem de abordar um assunto tabú, qual seja o do homossexualismo, em sua peça. E o faz com realismo, com profundo sentimento de humanidade, não permitindo que a peça desçambe para o dramalhão folhetinesco ou a comédia vulgar. Ele trata o tema com toda a seriedade — ainda bem que às vezes penda para o ridículo — que o mesmo merece. Encara os fatos como... fatos. Talvez escabrosos, mas que tem sua explicação científica. E os

analisa.

A análise de caracteres, na peça, chega às vezes a ser cruel. Du Gard diseca as personagens. Retalha-as até o fundo dalma.

Quanto á encenação, a peça oferece várias dificuldades. E quanto á parte interpretativa, os artistas terão de se comenetrar do papel, vivê-los mesmo pois sendo como é, uma peça e de idéias e não de movimentação. os artistas deverão se empregar a fundo. Mas isto já é matéria para outro artigo, que daremos oportunamente. Até lá.

LITERATURA

bre Juan Ramón Jiménez, que firma el joven profesor Juan B. Aguilar.

* ¿Quién recuerda algún título debido a la pluma de Pearl Sydenstrycker, Karl Ludwig v. Heyse, Johannes V. Jensen, Erik Axel Karlfeldt, Henrik Pontoppidan, Wladislaw Stanislaw Reymont, Friedrich Georg Spitteler o Sigrit Undset? Sin embargo todos ellos merecieron en su hora sendos Premio Nobel de Literatura, la más alta distinción internacional, etc., etc.

* Promete ser obra de gran aliento el "Panorama de la poesía argentina contemporánea" ordenado y comentado por Mario Trejo y Alberto Vanasco; incluye a treinta y cinco poetas y su aparición es inminente. Se trata de un aporte útil y necesario, más si se tiene en cuenta lo escasas que andan las antologías en un país de tanta poesía secreta.

* Dirigida por Ernesto Sábato, a quien asistirá en sus tareas Hellen Ferro, aparecerá una copiosa y bien discriminada enciclopedia de literatura, con la cual la Imprenta López inaugura su departamento editorial. Se adelanta que éste sólo se aplicará a la difusión de empresas de gran aliento y de rigurosa especialización como la anunciada.

* Próximamente veremos la edición de "Oro bajo", novela de Joaquín Gómez Bas conocida ya por nuestro público en su versión cinematográfica.

LA MUERTE DE ANTONINI

Dice Carlos Prelooker en la sopala respectiva: "He aquí la primer novela que se publica de un trabajador incansable. En efecto, Gastón Gori viene publicando desde 1940 en su provincia natal, Santa Fe, ensayos, poemas, cuentos, estudios históricos, según puede verse en la nota biográfica. Sin embargo, Gori apenas es conocido fuera de su provincia. ¿Lo conocía usted?"

Y la nota biográfica nos informa de que Gastón Gori es abogado, nació en Esperanza en 1915, y ha publicado libros de poemas: "Mientras llega la aurora" (1942), "Vidas sin rumbo" (1943), "Se rinden los nardos" (1946); ensayos: "Anatole France"

(1940), "Intermezzo de las rosas" (1946), "Ha pasado la nostalgia" (1950), "Vagos y mal entretenidos" (1951), "La pampa sin gauchos" (1952), "Familias colonizadoras" (1954); monografías sobre temas de historia: "Colonización suiza en Argentina" (1947), "Colonización" (1948); cuentos y narraciones: "Y además, era pecoso.." (1945), "El camino de las nutrias" (1955).

Las ediciones "doble p" dieron a la circulación recientemente su primera novela: "La muerte de Antonini". Puede disentirse en cuanto a la clasificación genérica. No creo se trate de una novela. Es, por su forma y circunstancias, un relato extenso publicado en volumen, no una novela. Pero sí un volumen que merece ser leído.

En próxima entrega recibirá su merecido estudio crítico. Mientras tanto, queda para el lector la exhortación a la lectura.

POETAS ARGENTINOS EN BRASIL

Ha aparecido el número 28 de "Sul", la interesante y compacta revista del Círculo de Arte Moderno de Florianópolis (Brasil). Con el mismo, la publicación entra en su décimo año de vida. Entre el numeroso material, es de destacar la selección "Seis poetas argentinos contemporáneos", que incluye poemas en lengua original y notas bibliográficas de Edgar Bayley, Francisco José Madariaga, Raúl Gustavo Aguirre, Osmar Luis Bondoni, Francisco Urondo y Rodolfo Alonso.

Completan la entrega un buen estudio sobre el panorama del cine japonés que firma Glauco Rodrigues Correa, un desgarrado "Poema de Aikichi Kuboyama" de Antonio Rebordao Navarro, narraciones de Marcos Fariás y Lopes Salinas, una recensión sobre la Tercera conferencia nacional brasileña de periodistas, poemas de Egle Malheiros, Elizabeth Gallotti, Félix de Cunha, Thereza Austregésilo, Sebastião de França, y Paulo Bonfim, secciones permanentes y abundantes reproducciones de pinturas y dibujos.

El Círculo de Arte Moderno, que entre otras importantes actividades sostiene un cineclub y un teatro-experimento consagrado a la producción de vanguardia, posee su sede en Praça 15, n. 27 — Caixa Postal 384 — Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

RESUMOS

II

Othon d'Eça

Para certo grupo de intelectuais de Florianópolis, segundo um depoimento crítico publicado há tempos num jornal do Rio de Janeiro — só há trabalho, esforço, criação literária dentro dos embandeirados arraiais do Grupo!

Fóra — existe apenas a savana sêca, vasta e por onde sopra um vento árido. Ora, além de não ser verdadeira, essa afirmação é uma reprovável jactância.

Então a ação jornalística de Rubens de Arruda Ramos, de Martinho Callado, de Tito Carvalho — não pode ser considerada como uma visível manifestação de esforço, de criação intelectual?

E Nerêu Correia não continua a dar, com espírito novo, às letras de Santa Catarina, a sua continuada e silenciosa cooperação? E Henrique Fontes? E Carlós da Costa Pereira? E tantos outros “velhos”?

Porque apenas a revista SUL deve ser tomada como expressão espetacular e única da cultura, da capacidade literária, de valor pessoal dos que nela colaboram, inclusive os escritores de Angola, Moçambique e Banguela? Reconheço nesses jovens que constituem a velha carcassa do movimento chamado de ARTE MODERNA e agora ARTE CONTEMPORÂNEA — uma alta, bela e fidalga intenção de labor pródigo.

Concordo que êles queiram dar, a seu modo, à literatura brasileira, a contribuição do pensamento e da cultura das gerações novas de Santa Catarina.

Há entre êles, na verdade, dois ou três nomes que conseguirão atravessar, com galhardia e pendão alto, essas duas próximas décadas.

Não lhes dou, porém, o direito de se julgarem “os únicos”, os privilegiados, aquêles que receberam de Prometeu ou de

(Continua na 6ª página)

DIÁRIO DA TARDE (5)

Resumos...

MARCEL DE PREVAUX

No ano passado, pelo outono, a propósito de grupos literários isolados e mantidos por diretrizes ideológicas, um jornal parisiense fez uma série de indagações entre os intelectuais franceses: — "Esses grupos poderão produzir uma forte modificação na fisionomia da cultura francesa?"

As respostas foram quasi unânimes: — Não!

E venham, num resumo geral, as justificações.

Como esperar que esses grupos construam alguma cousa de francês se eles não têm, da alma francesa, nem a ternura, nem o "pannache" que levou a França às mais altas e puras atmosferas do pensamento, da ação e do heroísmo?

No plano literário esses "círculos" crearam um conceito de vida que não é francês e no cam-

po político representam idéias que não são francesas.

E continua o comentarista: — "Se passarmos a outras considerações e a outras perguntas, como, por exemplo, "como tratam eles a sua língua e como encaram eles os problemas sociais que em torno palpitam e fremem", a resposta é pronta e unânime: — "de uma forma universal!"

Importa-lhes mais o que decide sobre o assunto a Internacional dos escritores de que os aspectos nacionais desses problemas.

Fazem literatura de "efeitos", sem pensar na França e, por isso, poderão ser apenas, dentro da obra cultural francesa — "um capítulo de literatura estrangeira.

E muitos desses escritores, firmados no próprio Sartre, concluíram: — "Não basta denunciar, em formoso estilo, os abusos e as injustiças, ou fazer uma psicologia brilhante e negativa da classe burguesa, nem mesmo pôr a nossa pena a serviço dos partidos sociais: — para salvar a literatura, há que tomar posição em "nossa literatura".

E como ponto final à condição e ao dever do escritor, foi ainda Sartre quem forneceu o período final: "Não se é escritor porque se tenha resolvido dizer certas cousas e sim por se haver decidido a dizê-las de "certa maneira". O estilo, desde logo, representa o valor da prosa".

Façamos nós, aqui no Brasil, uma indagação semelhante: perguntemos aos escritores brasileiros o que esses grupos chamados modernistas, ou como se intulam agora, de Arte Contemporânea, têm feito ou farão pelo reajustamento da cultura brasileira ou a sua ressonância nos quadros da literatura universal?

E responderemos, como a grande maioria dos homens de letras franceses ao inquérito do jornal parisiense: — Nada, ou quasi nada!

Jornal de Letras - fev março
Florianópolis
1957

ARTES PLÁSTICAS

Marques Rebelo e as Artes Plásticas

Flávio de AQUINO



MARQUES REBELO

NO DIA 6 de janeiro, o escritor Marques Rebelo fez cinquenta anos. Passou-se silenciosamente, num jantar íntimo para o qual convidou apenas dois casais amigos e logo depois seguiu para São Paulo, para deixar que o meio centenário esfriasse. O grande contista e romancista que é Marques Rebelo, certamente será exaltado em outras seções que não esta e por outros que não este cronista. Cabe-nos aqui é acentuar sua atividade como propagador das artes plásticas; seu incansável e desinteressado trabalho em favor da nossa arte moderna.

Por volta de 1945, Rebelo tinha um emprêgo no Conselho de Imigração que o obrigava a viajar constantemente pelo interior do Brasil; isto o permitiu levar consigo exposições de pintura e entrar em contacto com os meios oficiais dos Estados. Seu espírito irrequieto, seu cáustico bom humor, seu pelegar constante por tudo que o interessasse foram postos, então a serviço da arte.

Tornou-se, "marchand de tableaux", fundador de museus de arte e conferencista contumaz. Aliciava artistas, recolhia peças, encaixotava quadros e saía a viajar. Em cada lugar que chegava, congregava e entusiasmava logo os jovens intelectuais da província.

Assim foi em Cataguases, em Oezende e em Florianópolis. Em Florianópolis fundou o Museu de Arte Moderna, até hoje em funcionamento e deu nova vida ao grupo da Revista "Sul". Com apenas 15 mil cruzeiros de verba concedida pelo Estado e um velho prédio cedido pelo Centro Santa Catarina Rebelo passou, junto com os rapazes da "Sul", noites inteiras a pregar quadros pintar paredes e limpar salas.

Com outras verbas diminutas, conseguiu arranjar para este museu um excelente acervo; onde figuram telas de Di Cavalcanti, Djanira, Milton Dacosta, Pancetti, Alfredo Volpi, Jan Zack, Maria Leontina, Oswaldo Teruz, Fulvio Pennachi e desenhos de Portinari, Kubin e Oswaldo Goeldi. Com isso Santa Catarina, em matéria de artes plásticas, deu um avanço de quase cem anos; pois lá ainda se pensava que a pintura havia parado em Vitor Meirelles.

Em Cataguases no Ginásio Municipal, fundou um museu de arte popular que é dos mais perfeitos do Brasil. Seu amigo o escritor Francisco Inácio Peixoto junto com Marques Rebelo foram os introdutores da arte e da arquitetura modernas em Cataguases.

Pela mão deles, a pequena cidade da zona da mata encheu-se de prédios projetados por Oscar Niemeyer, Aldary Toledo e Francisco Bolonha; e ganhou telas da maior importância, culminando com o painel "Tiradentes", de Portinari. Proporcionalmente, Cataguases é, hoje a cidade brasileira que tem mais arquitetura moderna: desde a própria residência de Francisco Inácio Peixoto e o seu Ginásio projetados por Niemeyer, até o cinema, a catedral, a maternidade e inúmeras residências particulares.

Em Rezende, Marques Rebelo fundou o Museu de Arte Moderna, ao qual dotou também de um bom acervo. Infelizmente, pelo desleixo das autoridades municipais, e pela vinda para o Rio do jornalista José Carlos Macedo Miranda — seu entusiasmado diretor — o Museu atualmente se acha fechado.

E ainda hoje, aos cinquenta anos, Rebelo ainda tem o coração generoso para os seus museus. Há coisa de dois meses atrás ainda foi a Florianópolis para, desinteressadamente, atender ao convite do governador Jorge Lacerda que procura dar nova vida ao Museu de Arte Moderna do seu Estado.

Por volta de 1947 Rebelo levou a Buenos Aires uma exposição de pintura moderna brasileira, onde figuravam obras dos nossos mais importantes artistas. Pela primeira vez promovia-se, na Argentina, uma exposição coletiva de pintura brasileira.

A exposição teve grande êxito e Rebelo, além de promotor, escreveu um livro sobre a nossa pintura, livro que até hoje, ainda é o melhor no gênero.

É assim que achamos mais do que justo ilustrar essa face da versátil e generosa personalidade do grande escritor, agora cinquentenário.

ver intenso intercâmbio cultural, ainda conseguiu que a editora Poseidon lançasse, com texto de Romeró Brest, um ex-

«A PONTE»,
de ANTÔNIO PALADINO
ED. «SUL», FLORIANÓPOLIS (BRASIL)

ANTÔNIO Paladino morreu também, como Manuela Porto, em 1950; aos vinte e quatro anos. Tal como a sua vida, breve é a obra que deixou, como poeta, contista e cronista.

Pertenceu Antônio Paladino a um grupo de intelectuais novos de Santa Catarina, que aí têm publicado a revista «Sul» e desenvolvido uma acção cultural a muitos títulos notável. Tocado já pela morte, nem assim o seu entusiasmo esmorecia e lá estava ele ao lado dos seus camaradas, acompanhando as tentativas literárias, teatrais e cine-clubistas do grupo de Florianópolis. E foram esses que ficaram que agora reuniram e deram publicidade no livro aos seus inéditos e dispersos.

«A Ponte», que inclui um poema de Eglê Malheiros, um retrato de Moacir Fernandes e um ensaio interpretativo de Salim Miguel, reúne o melhor que deixou Antônio Paladino. Nada disto, principalmente os poemas, tem a marca de uma obra já madura, mas, mesmo assim, valeu a pena. Fizeram bem os jovens da «Sul» em recolher os escritos de Paladino. Por eles se pode ver que o seu autor não era um simples amator provinciano da coisa literária, que encaminhava os seus passos num sentido que não é o que seguem os literatos de província. E há nos seus contos uma vivacidade, um poder de comunicação que denuncia um escritor que o tempo não permitiu que se firmasse («A Morte de Vôô», por exemplo).

Disse atrás que tinham feito bem os jovens de

«Sul» em reunir e publicar em livro os escritos de Paladino. Salva-se assim uma obra, embora breve e ainda pouco segura, do esquecimento total a que estão condenadas quase todas as revistas. A uma devoção semelhante deve Portugal um poeta como Cesário Verde e o Brasil assim deve também ter-se salvo as obras de alguns dos seus homens de letras.

Muitas são as recolhas desta natureza que temos visto publímadas. Lembro agora a «Correspondência Frustrada» de Carlos Tinoco, o Duarte Pires de Lima e, mais para trás, além de Cesário, os «Diamantes Negros» de Eduardo Metzner (cuja edição se deve ao cuidado do tão esquecido Bourbon de Meneses), as «Póstumas» de Alfredo Pereira Pinto (recolhidas por Júlio Dantas e Manuel Penteado e acompanhadas de um prefácio em que é sensível a dedada do admirável prosador que foi o segundo). Um costume que parece ter-se perdido — e é pena.

Quantos poetas, quantos prosadores não estarão hoje injustamente esquecidos por não terem tido amigos que piedosamente lhes recolhessem em livro o que deixaram? Para exemplo, basta apresentar dos casos: Sílvio Rebelo e o parnasiano-simbolista Fernando de Sousa. O primeiro é hoje somente conhecido como homem de ciência; o segundo, menos feliz, ninguém o lembra. E, todavia, foi dos primeiros que entre nós descobriram o simbolismo e dos que o praticaram de forma mais pessoal.

Pelas colunas do Estado, em outubro de 1949, publicamos um ensaio intitulado *Goethe, os "novos" e os "velhos"*, inspirado por vários conceitos emitidos a propósito do bicentenário do poeta alemão por inteligente moço, que, estando, já agora, a escrever com satisfatória clareza e propriedade, demonstra — talvez sem o querer... — que os nossos conselhos não lhe bateram nos ouvidos como bala de chumbo em saco de algodão.

Logo a seguir — graças à cativante iniciativa de alguns amigos, — foi aquêlo nosso estudinho enfeitado em folheto, havendo-se realizado a impressão em oficina que, com tóda a certeza, lhe teria dado mais "elegante" acabamento, se, na ocasião, não se encontrasse abarbada com inumeráveis encomendas de caráter urgente...

Lido com acintosa prevenção e, em consequência, mal compreendido pelo círculo a que visava, sofreu o opúsculo desafinados remos e interpretações inelutavelmente infundadas. Atribuíram-se-nos intenções que nunca nos passaram pelo espírito, conforme tivemos oportunidade de provar.

Quatro meses escoados, eis que o famigerado "Círculo de Arte Moderna" — a respeito do qual se contam na cidade as mais picantes anedotas — vem, incorporado, em pêso, na suposta coesão de todos os seus membros, dar à luz uma crítica menoscabadora, não tanto do já quase esquecido opúsculo, quanto dos possíveis e falíveis méritos literários do autor, a quem os rapazes *modernistas*, pela vez primeira, belicosamente personalizam entre ironias mais ou menos decorosas e sempre desenxabidas.

Diante disso, pois, apelamos para o direito de os tratar, doravante, como eles querem ser tratados. Assim, talvez lhes cativemos a simpatia... Já numa aparente crise de atrabilis, Goethe chegou a escrever: "Não é procurando

Maldades e calinadas do «modernismo» ilhéu

Parte I

ALTINO FLÓRES

enobrecer os homens, dar-lhes uma alta idéia de si mesmos e fazê-los sentir o valor de uma nobre existência que lhes agradamos e os conquistamos. Não. É aviltando-os, corrompendo-lhes o gosto e o julgamento" (*Memórias*, trad. brasileira, vol. II págs. 43-44).

Certo, não seguiremos a opinião final do conceito goethiano; mas nunca mais daremos passo no sentido de tratar com interesse cordial, como parecia merecê-lo, esse decadente batuque literário rotulado de "movimento modernista".

No artigo coletivo saído agora, após tão dilatada gestação, contra o nosso opúsculo, repuxa, de comêço, esta incomensurável paparrotada: "Fazemos público que sempre que os assuntos do espírito estiverem em ponto de debate nesta cidade de Florianópolis, estaremos nós, conhecedores [puf!] dos valores da nossa terra, prontos a fornecer um material esclarecedor, da mesma espécie do que este".

Em matéria de ousadia, não pode haver maior topete! De sorte que esses mocinhos, em geral, tendo lido duas ou três dúzias de autores mal traduzidos e não sabendo, sequer, os mais corriqueiros preceitos gramaticais da sua língua, inauguram, assim, uma *barreira fiscal* na literatura ilhoa, apesar de ninguém lhes reconhecer a mais mínima autoridade para tão severa empresa.

Em tal conjuntura, a reação impõe-se, em prol dos fóros culturais da nossa terra, já tão vilipendiados pelo modernismo mais que suspeito dessa rapaziada. Tudo quanto eles vierem a dar à luz da publicidade estará sob a ponta do nosso bisturi. Ou a coisa mostra que traz dentro músculos, nervos, sangue latejante de vida, ou palha vil como a que recheava o bandulho dos "judas" desventrados ontem — sábado de Aleluia — pelos garotos da cidade.

Mas, tornando ao fantástico artigo contra o nosso folhetinho, diremos que essa estranha obra coletiva, espécie de *hidra-de-de-cabeças* literária, subscrita pelo "Círculo de Arte Moderna", faz-nos lembrar aquela ópera que Eça de Queiroz imaginava *composta por uma filarmônica...*

Seja lá como for, não podemos crer que TODOS os moços (e moças?) do C. A. M., estejam cúmplices nessa pândega conjura de aristarquinhos barbipontes. Aqui, com tóda a certeza, é maroteira de poucos, talvez, mesmo, de um só, — algum mariola que abusou do nome social da firma para praticar ação tão feia. A ser assim, fôra o caso de apitar pela polícia, — se polícia houvesse no arraial das letras.

Embora! Por nossas próprias mãos liquidaremos o caso.

Daquele palanfrório não estila somente ignorância; ressuma principalmente má fé. A ignorância desculpa-se, quando se envolve na candidez das almas simples e sinceras; a má fé incorre o ferrete da ignomínia. É de lastimar, portanto, que esses moços ofereçam, assim, com tamanho desplante, à contemplação pública, as facetas menos nobres dos seus corações.

(Continuará)

o O ESTADO -09-04-50

LAÇÕES

36

ista do Círculo

de Arte Moderna do Brasil

Na minha mesa, contemporâneas de minha leitura, há revistas tão dispares como a «Europe», os «Tempos Modernos» e a «Sul», revistazinha de Florianópolis. É um título breve, geográfico, para contrastar com a largueza do «Europe» e dos «Temps Modernes». É que os jovens que a fazem viver, através de uma devoção firme, através de sacrifícios numerosos, sabem o pouco lugar que a sua pequena revista ocupa no mundo. Sabem-no e persistem, pois sabem também que é construindo com pequenos tijolos que uma cultura assenta e se define.

O Brasil vê, assim, ir-se processando o levantamento da sua cultura, através de revistas que definem e enformam os mais recônditos lugares brasileiros, lugares onde vive a sombra perpétua e inalcançada da sombra da sobrinha da rainha Luzia. É através delas que o fundo surto humanista, iniciado com a Semana da Arte Moderna, em S. Paulo, dos anos de 1922, continua a sua obra brasileira.

Os dois números recentemente chegados a Luanda, aparecem-me no quarto triste da pensão, pela mão dum poeta que, de ora avante, ficará sendo o representante desta revista em toda a Africa Ocidental. E quase sem querer, por vício de pensamento, encontrei-me a tentar decifrar as razões que negam a Angola uma revista de cultura, mesmo uma revista «pobre», como é a «Sul». Nem em Luanda, nem em Benguela, nem em Nova Lisboa, nem em Moçâmedes, nem nesse vigoroso reduto académico que é Sá da Bandeira, aparece um núcleo de jovens suficientemente fortes e conscientes de si, e da base humana em que assentam, para se lançarem a uma realização idêntica que, sendo sem dúvida de menos interesse, em relação ao mundo, é de decisivo interesse para o Brasil e até para Portugal, pela afirmação paralela das culturas portuguesa e brasileira.

A desculpa do futebol está estafada. O futebol, ou o desporto, «tout-court», são apenas uma escola: escola de disciplina, de esforço colectivo, quando bem entendido e bem ensinado. O futebol, se bem repararmos, é uma árvore de onze ramos, todos igualmente necessários para o seu bom funcionamento orgânico. Que melhor hipótese do que esta, no plano colectivo de realização? E de resto, não é o Brasil uma das nações onde o futebol alcançou nível altíssimo? E, paralelamente, não vemos surgir, pelo Brasil fora, estas revistas teimosas, vivendo a vida rude dos cactos, com os fôlegos todos do gato?

O panorama da cultura portuguesa não é esquecido pela revista. Assim, encontramos um estudo bastante interessante acerca do poeta português Alexandre O'Neill, ao lado de um extenso conto, de clima africano, do conhecido romancista Alexandre Cabral. E o panorama português entrosa-se no panorama mundial, com as inesperadas «Notícias da Vida Cultural em Tchecoslováquia», ao lado da análise de «Jesus Lara, romancista boliviano». E temos o cinema, a pintura, o desporto, tudo o que realmente define o homem nosso contemporâneo, tratado com acuidade, com pertinência.

E, outra vez pelo já citado vício de pensamento, não existirão problemas de cultura para os portugueses de Angola? E que a fraca colaboração que os jovens oferecem aos jornais angolanos e o facto de nos não surgir uma revista, mesmo em papel de embrulho, para estruturar os problemas mentais de Angola, me deixam um tanto perplexo. Não que a revista devesse ser um modelo de organização mas sim uma revista viva, com os seus erros, com as suas tibiézas, mas, também, com a sua coragem, com vontade de levantar problemas, mesmo que surgisse para depois se afundar e dar lugar a outra, num esforço de construção dialéctica que realmente valesse a pena.

Não quero ser profeta nem condutor de coisa nenhuma, nem de rebanhos, mas gostaria de ver aparecer por aí uma revista, a dizer alguma coisa que valesse a pena. Uma revista como é esta «Sul», da cidadezinha brasileira de Florianópolis, cuja leitura aconselho aos leitores deste jornal. — Paulo

"a Província de Angola" de 9/10/56

RODAPÉ

Por MÁRIO MOTA

A propósito de revistas de cultura, Paulo Saraiva trouxe a este jornal o contraste entre o fenómeno cultural que de há muito se afirmou em Florianópolis, e os problemas mentais de Angola. A seguir e com certa propriedade, o articulista interroga-se acerca das razões que negam a Angola uma revista de cultura, mesmo uma revista pobre, como é a «Sul», de Florianópolis, Santa Catarina — Brasil!

Porque fomos dos que assistimos à ronda de amor e de entusiasmos que tornaram possível o aparecimento da revista brasileira, rejubilamos com a referência e logo demos razão a Paulo Saraiva. Por que não?

Já vão sendo horas para em Angola, onde não faltam esteios da tempera de um Aníbal Nunes Pires, de um Salim Miguel, ou de Eglé Malheiros — para citar alguns — se enraizarem iguais tendências na formação de um núcleo que o promova. Não será difícil!

Seja em Luanda, ou em Benguela, em Sá da Bandeira, N. Lisboa ou em Moçâmedes, importa sim que a revista surja! Seria notável!

Na ocasião em que surgia «Sul», tínhamos a nosso cargo a redacção de «Alvorada».

A razão de ser do nosso esforço era irmã-gêmea do mesmo esforço da «turma» de «Sul»!

Quantas e quantas vezes Salim Miguel nos disse da incerteza de «Sul» reaparecer...

Depois, mesmo enfrentando encruzilhadas, mesmo desafiando a má vontade de alguns e o acolher de ombros de outros, «Sul» ressurgiu!

Quando da morte de António Paladino — tudo parecia sosobrar, mas não, os rapazes de Santa Catarina sabiam o que queriam, sabiam a razão de ser da sua existência, conheciam de perto os problemas...

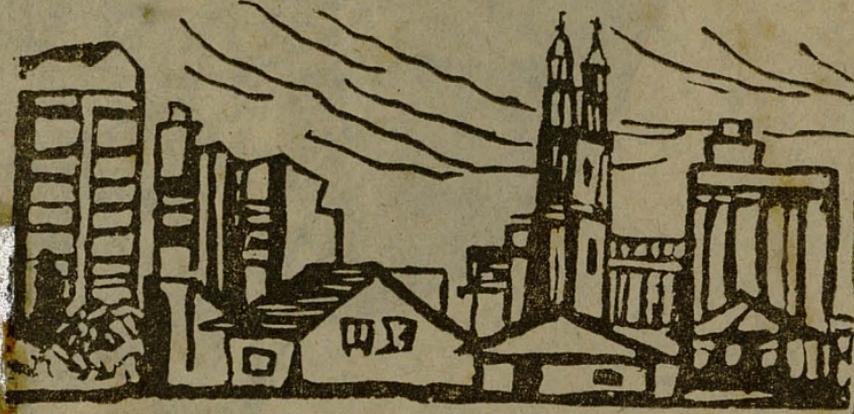
E «Sul» aí está! «Sul» — que é hoje o símbolo de uma pléiade que corre o Mundo!

Há muito que lá não escrevemos. Voltaremos em breve...

Não será difícil a Angola — temos disso a certeza — definir-se! Bastará, para tanto, que se ponham de parte certas extravagâncias doentias e ocas, mesmo exóticas, a que muitos se dão, com atrevimento, certos desencontros a que a inutilidade preside nesta ânsia de criticar e de se dizer mal de tudo e de todos! Então, sim, Angola marcará uma presença!

De contrário, o problema subsiste e subsistirá!

"a Província de Angola" Luanda 10.10.1956



FLORIANÓPOLIS — Linoleogravura de Aldo Nunes, um dos integrantes do grupo de artistas plásticos que se reuniu em torno da revista "Sul", pois o movimento que a mesma promoveu não foi apenas literário, mas também eminentemente artístico.

DEIXOU DE CIRCULAR A REVISTA "SUL"

A revista "Sul", que se editava em Florianópolis e em torno da qual se organizou um dos movimentos literários e artísticos mais expressivos do país, suspendeu a circulação.

No seu derradeiro número, a direção da marcante publicação expõe os motivos pelos quais "Sul" deixou de circular.

Trata-se de um documento realmente sincero e de certo modo dramático, motivo pelo qual passaremos a transcrevê-lo:

"Sul", com este número, o tríplesimo, suspende suas atividades. Não sabemos se temporária ou definitivamente. Os motivos são múltiplos. Problemas internos e externos. Em nosso número anterior Eglê Malheiros levantou alguns deles. Que não são os únicos. Outros existem, de igual importância. Tudo isto junto contribuiu para que chegassemos a este ponto em que nos encontramos agora. Embora com dez anos de vida, a revista luta hoje com as mesmas ou maiores dificuldades e incompreensões do que antes. Por outro lado compreendemos perfeitamente que chega um momento em que uma revista não pode mais ser aceita com complacência, como uma publicação de jovens de "rapazes", meramente experimental. Ou ela é aceita como uma revista literária, como tal, com valores específicos próprios ou então mesmo que a situação financeira seja boa (o que não é de forma alguma o caso presente, muito pelo contrário) ela não tem mais razão de existir. Se torna inoperante, acadêmica.

Bem sabemos que com uma base econômica sólida, alguns dos problemas poderiam ser resolvidos, contornados outros, até que a revista voltasse a ter maior significado. Mas esta base eco-

nômica não apenas não existe de uma forma relativa — pois a verdade é que não existe base econômica alguma. Nem ajuda. Além disto, na fase atual que atravessa a revista, alguns dos problemas persistiriam...

Pretendíamos dar um número de despedida melhorado, com um levantamento completo das atividades da revista até a presente data, abarcando tudo o que ela fez ou possibilitou fazer nestes dez anos. Infelizmente nem isto foi possível. Limitamos a um trabalho do escritor Escrãs Nascimento, que procurando contribuir para este número de despedida, nos dá um panorama a largos traços dos números passados. Um breve apanhado de opiniões de publicações literárias e personalidades, completa a parte informativa.

E terminamos então com "um muito obrigado" a todos os que, de qualquer forma, nos auxiliaram e estimularam, permitindo que a revista vivesse até agora. E vivendo movimentasse e modificasse um pouco o modorrento ambiente literário da ilha. Nosso adeus não é melancólico porque temos certeza de haver contribuído, embora não o quanto teríamos desejado, para que o movimento cultural e artístico entre nós fôsse incentivado e se tornasse conhecido em outros recantos do país. Ao iniciarmos o nosso segundo ano dizíamos que "SUL" continuaria. Ela continuou. E mesmo suspendendo suas atividades, o espírito que a animou continuará. Termina a revista mas não terminará o movimento "SUL", nem a influência que ele exerceu e exercerá nas letras catarinenses.

Que outros, já com a experiência de nossos erros, não incidindo nos mesmos, mais e melhor façam.

Comissão do Povo - 15.2.58

38

PUBLICAÇÕES REÇEBIDAS

O Arauto — E' órgão da Associação dos Sub-tenentes e Sargentos, em Natal. Está no Ano II, n.º 13. Diretor: Geraldo Medeiros Santiago.

O Infante — vem de Caruarú (Pernambuco) publicado pelo Tiro de Guerra 266, sob a direção de Augusto Pacheco Feitosa.

O Acadêmico — revista iguaçua, dirigida pelo Sr. Ruy Afrânio Peixoto. Recebemos os números de março, abril, maio e junho.

Avante Bombeiro — julho 1957, N.º 7 — Rico número comemorativo do 101.º aniversário da corporação.

O Veterano — n.º 12 (maio-junho 1957), revista literária de alunos do "Colégio Militar do Rio de Janeiro". Viva, bem feita. Pena tenha ignorado o Prêmio Barão Homem de Melo, para estudantes do Curso Secundário, instituído pela **Biblioteca do Exército**.

Cicerone brasileiro — n.º 27 — publicação de propaganda turística. Arlete de Almeida, Hilda Perez de Medeiros, Maria Alice A. de Almeida e José Mário Alves da Silva respondem pelo bom gosto com que é feita.

Vida Ferroviária que se edita em Pôrto Alegre, sob a competente orientação de Thomaz Thompson Flôres.

Boletim Técnico Informativo da Fábrica Presidente Vargas — nos. 7 e 8 (junho-julho).

A Crônica — ativo e simpático jornal que se publica em Apucarana, Paraná, sob a direção do Sr. Francisco Dias Sobrinho. Recebemos o número de agosto.

Boletim Informativo do Serviço Geográfico, sob a competente direção do Coronel Augusto Sérgio Ferreira da Silva, número correspondente aos 1.º e 2.º trimestres de 1957. Publicação feita com rigorosa seriedade, em correspondência às tradições do Serviço Geográfico do Exército.

Revista Potiguar, que se edita em Natal. O número de junho contém variada matéria de natureza literária e econômica. A parte fotográfica inteiramente prejudicada pelo

papel. Cada foto é um borrão.

Pontual e vitorioso, continua saindo o **Ideal**, órgão das alunas do Curso de Nutricionistas do SAPS, que o fazem integralmente, inclusive quanto à impressão, que é feita em mimeógrafo.

REVISTAS DE CULTURA

● **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, vol. XXVII, cujo sumário inclui dois importantes estudos: "Aspectos da mestiçagem nas Alagoas", de Abelardo Duarte e "Fandango", de Théo Brandão.

● **Sul** — a revista do Círculo de Arte Moderna, em Florianópolis, que trás, entre outras matérias expressivas, poemas de Eglê Malheiros e o estudo de Osvaldo Ferreira de Melo (filho), "O Boi de Mamão no folclore catarinense", com ilustrações de Orlando Ferreira de Meio.

(*Continúa na pág. 41*)

RECOMENDAMOS

* **Caminhos e Fronteiras** de Sérgio Buarque de Holanda, que acaba de sair na coleção **Documentos Brasileiros**.

* **O Império em Chinelos**, crônicas históricas feitas por esse inesgotável e sempre interessante R. Magalhães Júnior.

* Os novos contos de Ricardo Ramos reunidos em **Terno de Reis**, edição da Livraria José Olímpio.

* **As fotos** que o "Jornal do Brasil" vem estampando 1ª página.

* **Cadernos de João**, de Aníbal M. Machado, edição da Livraria José Olímpio.

* **Fala, Amendoeira**, volume em que Carlos Drummond de Andrade reuniu crônicas das que publica no "Correio da Manhã". Também edição de José Olímpio.

* **Trovas Populares do Rio São Francisco**, recolhidas e colecionadas (segundo os motivos) por José Gonçalves de Souza. O desenho da capa, suave e sugestivo desenho, é do 1.º Sargento Geraldo Feliciano de Carvalho. Edição da Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

* **Estante**, a coluna que Adonias Filho está fazendo diariamente no "Diário de Notícias", a qual não é apenas de noticiário bibliográfico, é algo mais, pois nela se exercita também o comentário crítico feito com independência e vivacidade.

* **Das coisas brasileiras**, estudo de Jayme Adour da Câmara, publicado no 3.º caderno do "Jornal do Comércio" de 15 de setembro último. Toma os autores básicos da historiografia brasileira e caracteriza a importância da obra de cada um.

A Biblioteca e o Instituto Cultural Brasileiro-Germânico

(*Continuação da pág. 1*)

em contato com o livro alemão, em benefício de conhecimentos mais amplos e atuais nos vários tipos de estudo em que a bibliografia e as realizações do povo alemão desfrutam de justa e renomada celebridade. Para isso, dispõe, o Instituto, de uma primorosa Biblioteca, sempre enriquecida e atualizada, onde se encontram, também, os últimos números das revistas e publicações leves, recebidas com pontualidade e presteza. As instalações escolares, a competência e a dedicação dos professores do Instituto explicam, por outro lado, a eficiência do ensino que ali se ministra. Numas das classes que visitei, preponderavam, entre os alunos, professores, advogados, juizes e intelectuais de grande projeção.

* Os artigos de Joel Silveira, publicados no "Diário de Notícias", subordinados ao título: **Bolívia; uma revolução em retrocesso**.

EM JUNHO de 1949, quando estive nesta página, graças a um desses prodígios de Dinah Silveira de Queiroz, capaz de encontrar dentro do nada um lugar para o nada, falei na *floresta* de revista de "novos". Floresta... Uma e uma, foram as árvores caindo.

Restam de pé algumas poucas. *Orfeu* não dá sinal de vida como publicação, embora continue resplendida editora. Na Bahia, no Ceará, no Rio Grande do Norte e no do Sul a negrada prossegue na luta contra o meio adverso, porém não obtém a regularidade. *Cronos*, que prometia ir longe, morreu.

Revista Branca vive por um absurdo da força de vontade, como esses doentes que cientificamente estão mortos. Cada vez mais forte, também cada vez mais solitária. O ambiente não ajuda, ninguém ajuda. Saldanha Coelho e Braulio do Nascimento, com o auxílio de Rocha Filho e Haroldo Bruno, extraem do éter as substâncias vitais.

Outro caso de resistência impossível é *SUL*, a brava revista de Florianópolis.

(Continuando da edição de 4 de novo)

Incensar o novo, somente por ser novo, é parvoíce. Essa crítica apressada e vazia parece desconhecer o valor da tradição como "categoria moral", — no dizer de Rodó — na vida das nacionalidades orgulhosas da sua evolução plena. Assim como a ferrenha rotina é mania grotesca, a embriaguez do "novo" é, também, com os seus excessos revolucionários, uma fantástique mórbida. Se é o homem de gênio que inova, êle nada destrói nem subverte com a cegueira fanática dos iconoclastas; no dizer de Antheaume e Drumard, "quando êle desdenha as regras conhecidas é porque observa outras menos factícias; quando zomba da lógica geralmente admitida, é que achou com a sua clarividência razões mais profundas e mais essenciais; quando quebra os padrões antiquados e os moldes gastos, constrói, com o mesmo gesto, novas formas" (*Poésie et Folie*, p. 436).

Lastimam sinceramente as inteligências delicadas que na maneira de Mário de Andrade não se revele por êsse modo o seu plano de *mudança para melhor*. O "modernismo" pelo qual, êle, em virtude não só da sua cultura, mas da obstinação dos seus propositos, ficou sendo o maior responsável, assumiu caricatural não através dos vulgarismos de linguagem e os neologismos preconcebidamente forçados para distinguir a sua prosa. Por isso, vemos muitas das suas páginas adquirir uma feição extravagante e bufã, deixando-nos sem saber se êle não tinha convicção do que dizia, ou se apenas nos queria meter os pés nas algibeiras.

Do ponto-de-vista estético, o seu exemplo foi, portanto, nocivo. O que desde então se produziu no Brasil, dentro da famigerada corrente "modernista", veio quase sempre viciado, por sua causa, tanto na prosa como na poesia. Principalmente na poesia. Ainda hoje não poucos poetas tataranham com a maior delícia naquela falsa naturalidade, na chochice daquelas vulgaridades, sem que os senhores críticos lhes façam ver o ridículo dessas fáceis sensaborias.

"Lançou-se" — escreveu recentemente João Gaspar

Goethe, os «NOVOS» e os «VELHOS»

ALTINO FLORES

Simões — "lançou-se a poesia dos últimos dez anos numa espécie de devassidão do natural, que chegou a persuadir os poetas dêsse período que eram êles os primeiros a fazer versos não convencionais. Que o seu erro é irremediável, prova-se facilmente mostrando-lhes como as suas composições são convencionalmente não convencionais. Onde há convenção não pôde haver verdadeira naturalidade". Ainda: "Poesia e vulgaridade, eis coisas que nunca se deram bem". E mais adiante: "... Os poetas brasileiros dos últimos anos resvalaram facilmente para a "naturalidade" vazia, para a "naturalidade" vulgar, para a "naturalidade" simples tradução à letra daquilo que em si mesmo é incompatível com qualquer espécie de literalismo: a poesia".

Foge ao nosso propósito discutir aqui a evolução da poesia "modernista" do Brasil. Queremos apenas sublinhar uma feição cômica dessa poesia, apresentada como novidade: — a total, ou quase total ausência dos sinais de pontuação no corpo do poema. Tão-pouco discutiremos se poderá chamar-se poema uma composição a que falte absolutamente a medida rítmica. A idéia de *musicabilidade* (harmonia e melodia) sempre nos parece inseparável da idéia de *verso*. Desde que ao verso falece tal espírito, passa êle a ser um mero período ou uma simples frase em prosa. Não é a arrumação escalonada de pseudos versos no papel, que faz com que o pseudo poema vire realmente poema, pois há inúmeras composições dêsse feitio modernamente qualificadas de poéticas, que poderiam passar sem a mínima objeção à categoria de prosa formal, escrevendo-se-lhes aquêles pseudos versos a fio corrido. Aqui

está uma amostra colhida nas páginas da revista *Sul*, de Florianópolis:

*O sol ainda brilha,
Os pássaros ainda cantam,
As crianças ainda riem...
Mas a massa passa curvada e enfraquecida,
Arrastando dolentemente as correntes,
Abafando o tédio e a revolta...*

*As nùvens do poente ficam mais rubras
E alastram-se pelo céu,
Como se quisessem queimar as estrélas
Que em breve brilharão."*

Eserevamos isso em linha seguida, e veremos se tal "poesia" não fica sendo "prosa" — e da pior espécie:

"O sol ainda brilha, os pássaros ainda cantam. As crianças ainda riem. Mas a massa passa curvada e enfraquecida, arrastando dolentemene as correntes, abafando o tédio e a revolta.

"As nùvens do poente ficam mais rubras e alastram-se pelo céu, como se quisessem queimar as estrélas que em breve brilharão."

Temos de reconhecer que essa literatura "nova" ou "novíssima" é coisa curiosa; lembra certas fazendas de duas vistas, que não têm direito nem avêso: tanto servem assim, como assado. Dá-se-lhe um jeito, é verso; dá-se-lhe jeito contrário, é prosa. E como aquilo de Cruz Malpique: "um estilo-alforreca, que não é nem deixa de ser antes pelo contrário." Aos poetas dessa poesia bem se poderia aplicar o agudo epigrama desfechado por Agripino Grieco contra Gian Pietro Lucino: "Era doido pelo verso-livre, fazendo-o livre de mais ou fazendo, sem querer, apenas prosa, como o vetusto Mr. Jourdain".

(Continuará em próxima edição)

Lendo a Revista Sul (I)

O Estado 28/11/72 41

De repente, Celestino Sachet, aluno de pós-graduação, Curso de Literatura Brasileira da UFSC, recebe como tarefa: fichar três números da revista *Sul*. Eu disse “fichar”? Perdão; me enganei e retifico: fichar, ler, comentar.

— Das muitas — muitas e intermináveis tarefas, pensei aliviado: ora, viva, até que enfim um trabalhinho canja. O que é ler três revistas, em trinta dias para quem está habituado a ler o *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, nosso *Jornal de Santa Catarina*? E, evidentemente, *O ESTADO*. Semanalmente; *Cruzeiro*, *Manchete*, *Visão*, *Veja*, *Time* e agora, o jornal- revista *Opinião*.

Bem, e daí o negócio começou enrolado desde o início. Cadê a revista *Sul*? E daí começou a luta mais titânica dos últimos decênios jamais enfrentada por um cidadão-súdito da República das Letras: localizar números da revista *Sul*.

— Revista *Sul*, onde está que não responde! Em que cidades, em que ruas, em que casas, em que bibliotecas, em que prateleiras, com que cavalheiros tu te escondes? Anda, responde!

— Na Biblioteca Central da Universidade não tem!

— Tem, sim. Há tempos atrás eu vi uma porção de números abandonados, rasgados, empoeirados, emprateirados, encurralados.

— Pôxa, mas onde?

E cinco futuros masters catarínicos, próximos pê aga dêes em éle bê adentraram o mar de salas, prateleiras, estantes, mesas, livros, códigos, funcionários, estudantes, falantes, palpitan-tes, atrapalhantes tentando desvendar a incógnita: ubi jacet revista *Sul*. Num corredor-sala transamazônico, quilômetros de revistas: amarradas, ordenadas, alfabetadas. E a *Sul* ali não se achava.

E procura. E vai. E vem. É a Heloísa, é o Glauco, é a Vânia, é eu. Todos vivendo a batalha da necessidade da descoberta.

De repente, de mim — afinal, eu estou escrevendo a resenha — ecoa o brado mais retumbante das últimas centúrias:

— Achei!

Que ponta de inveja diante do “herói” vi nos olhares de todos os olhos que olhavam as revistas que eu estava olhando! E eu, feliz da vida!

Quase com a certeza de que nem mais precisaria

ler as revistas. Afinal, eu achara o que praticamente perdido estava! E no gesto Olímpico que me foi copiado pelos atletas de Munique ergui para a posteridade, um belo pacote das recém descobertas, ex-procuradas, revistas *Sul*.

Eram os exemplares de número vinte e seis e vinte sete, egoística e miseravelmente repetidos. E eu tinha que ler os números um, dois e três. Os outros, em continuação. Os cinco mal e mal passaríamos do número dez.

Perdida a batalha do corredor, adentrados mais e mais. Primeiro a grande sala de leitura, depois um corredor em frente, mais outro à direita, uma porta grande de vidro, a sala da diretora, a sala de catalogação, outra sala de catalogação. Procura, mexe, pergunta, eu vi algumas por aqui, abaixe-se, levante-se, suba na escada, abra a gaveta da escrivaninha porque o funcionário saiu, vai, vem, volta, desamarra um pacote, dois, cinco.

— Opa, viva, achei mais um pacote diz a Maria Alice (a professora)!

Eram mais alguns números. Do quatorze em diante!

Três dias depois, a Heloísa com todas as alegrias e as prosas do mundo somadas, vem e diz:

— Estou com a coleção completa da revista *Sul*. Arranjei com o Anibal e com a Hend Miguel. Amanhã posso te dar os três primeiros números.

E daí, o Ano I, números 1, 2 e 3 de *Sul* encontraram quem tanto por eles havia procurado.

Os três números têm o formato de uma folha de papel tamanho ofício, com 16 páginas cada um, capa e contra-capas de papel amarelado, um pouco mais resistente.

O número I, corresponde a janeiro de 1948, traz, escrito à mão no reverso da última capa: “Redação da *Revista Literatura*, Rua Alcindo Guanabara, 17, 7o. andar, sala 702, Rio”. Há um selo de 100 réis, carimbado. O que significa que o exemplar saiu daqui, foi para a Guanabara e acabou voltando para a terrinha. Desinteresse do destinatário?

Celestino Sachet

Lendo a Revista Sul (II)

O Estado - 5/12/72 42

Os três primeiros números da Revista *Sul* têm o formato de uma folha de papel tamanho ofício, com 16 páginas cada um. Capa e contracapa de papel amarelo, um pouco mais resistente.

O número I, correspondente a janeiro de 1948, que me veio às mãos traz escrito no reverso da última capa: "Redação da *Revista Literatura*, rua Alcindo Guanabara, 17, 7o. andar, sala 702, Rio". Há um selo de 100 réis carimbado. O que significa que o exemplar saiu daqui. Foi para a Guanabara. E acabou voltando para a terrinha.

A capa dos três primeiros números é praticamente idêntica. A do primeiro, de alto a baixo, foi transformada em índice dos artigos inseridos na revista; na segunda, ao alto, encontram-se 12 linhas de um texto de Romain Rolland, e na outra fez-se o relacionamento dos artigos que a Direção deve ter considerado importantes. No terceiro número, dedicado a Cruz e Souza, a capa estampa uma xilogravura do poeta negro — bastante negra! — de autoria de Moacir Fernandes!

Nas três contra-capas, publicidade. A primeira, sugere voar "pela REAL, perfeição sem igual"; na segunda e na terceira, diferentes produtos são anunciados. Tudo a demonstrar que a Companhia de Aviação que anunciara no primeiro, não voltou a fazê-lo depois da primeira experiência. No verso de cada capa, foi estampado, sempre, um poeta: Ody F. e S., Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires. O verso das três contra-capas, publicidade. Inclusive do próprio Círculo de Arte Moderna mantenedor da Revis-

ta, que anunciava as peças teatrais: *Um Taciturno* de Roger Martin du Gard (na primeira) e na terceira. Nesta, a informação de que seria a terceira récita. Círculo de Arte Moderna?

Em recente entrevista que me concedeu Salim Miguel — das 23 à uma hora da madrugada! — a história do Círculo de Arte Moderna, do Grupo Experimental de Teatro, da Revista e do Grupo *Sul*, me foi levantada com o ardor com que todo personagem narra episódios fundamentais de sua vida. Sem gravador, apenas anotando nomes e fatos, eis o que mais ou menos — aqui muito *menos*, na hora muito *mais* — me disse o autor de *Rede*:

No após guerra de 1946, quis a instabilidade, a fossa e a angústia existencial sartreanas que quatro Don Quixotes se encontrassem numa nova ilha da Baratária. Para uma longa — e vitoriosa? — luta contra fortes moinhos de vento!

Sem o Rocinante, sem o Escudeiro, sem a Espada, sem a Dulcinéia, Ody F. e S. volta de S. Paulo, recém fugido de um Seminário Protestante. E o quase pastor, encontra os primeiros fiéis de uma nova velha religião estética, saída muito mais dos contactos com os alegres meios artísticos da Grande Capital do que com os sérios estudos as Sagradas Escrituras: Antônio Paladino (que lia muito!), Cláudio Bousfield (filho de maestro, com a arte embebida desde os primeiros contactos com o leite materno) e Salim Miguel (filho de emigrante, recém importado de Biguaçu, com profundos estudos de árabe e de alemão).

Em determinado momento o acaso joga os quatro na mesa de um bar (deve ter sido o do

Katcips! e discutem... Sartre. "Todos sem a mínima farofa intelectual" me completa o entrevistado.

Como o bar, a cerveja e as saídas sartreanas não curassem a angústia de que eram portadores partem para ... mudar os outros. Para mudar o mundo! Precisavam mudar tudo! Como? Ora, mudar e pronto!

A primeira decisão: fundar o *Sicuta*. Para agredir todo o mundo. Era um jornal datilografado. Tiragem: cinco exemplares. E por três vezes não muito consecutivas o jornalzinho viu as glórias da luz do dia! Com a nobre e espinhenta missão de incomodar os acomodados! (Por falar nisso, alguém me arranjaria as três edições?)

Mas, apenas, a imprensa não é suficiente para os quatro. Resolvem criar o Grupo Experimental de Teatro. Escolhidos, ensaiados, apresentados, aplaudidos, foram os textos de Roger Martin du Gard, Sartre, Pirandello e... Ody F. e S.

Estavam as coisas nesse pé quando o Grupo descobre o seu Graça Aranha. Também vindo do Rio; também mais velho (nem tanto!); também intelectual. Também disposto a se aliar a jovens para repetir em Santa Catarina o que se fizera em S. Paulo em 1922: Aníbal Nunes Pires.

Entre 1946 e 1947, o Grupo publica um tablóide (que o Salim não se lembra mais do nome). Agora, impresso. Com uma certa linha de esquerda. (Afinal, estava-se no Após-Guerra e a União Soviética, fora uma aliada, contra as forças do Eixo!). E, enquanto Truman, Churchill e Stalin, detrás de copos de whisky e de wodka procuram reconstruir a Humanidade, o pessoal

do Grupo teima em canalizar os cânones modernistas dos grandes centros brasileiros para a Província.

Mas, assim como as conversas dos Três Grandes terminam na Guerra Fria e no cerco a Berlim pelos russos, o tablóide dos quatro terminou logo.

Em fins de 1947 fazem nascer o Círculo de Arte Moderna com a finalidade de promover palestras, divulgar artes plásticas e fazer teatro. Fazer teatro... para, com os fundos, publicar uma revista que fosse porta-voz do pensamento estético-filosófico da turma. Isto porque haviam chegado à conclusão de que não tinham ambiente, nos jornais da Cidade, para publicar o que gostariam de dizer. (Depois o Ju nos deu um cantinho no jornal O ESTADO).

No primeiro espetáculo teatral (com o Aníbal e o Salim de atores) foram levadas três peças: *O Homem de Flor na Boca* de Pirandello, a adaptação de um conto de Sarte — pela turma — e uma peça ... do Ody!

Isto em outubro de 1947. O espetáculo dará para pagar as três primeiras edições da revista que se chamaria *Sul*.

Exatamente os três primeiros números que têm o formato de uma folha de papel tamanho ofício, com 16 páginas cada um. Capa e contracapa de papel amarelado, um pouco mais resistente. (continua)

Celestino Sachet

Lendo a Revista Sul (3)

O Estado 12/12/72

43

Comparando os artigos e os temas publicados nos três primeiros números da Revista Sul nota-se que só a partir do terceiro número (abril de 1948) o Grupo Salim – Aníbal parece ter comprovada a Filosofia da publicação da Revista.

Na Apresentação do primeiro número (janeiro de 1948) seu Diretor, Aníbal Nunes Pires escreve “O SUL (do Círculo de Arte Moderna), que hoje apresentamos, em Florianópolis, se propõe, na medida das coisas possíveis, revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, no campo das letras e das artes. Por questões de princípios o SUL, não cogita, terminalmente, de questões político-partidária e de religião.

Dentre os novos valores da terra, Ody F. e S. comparece com a poesia **Quando o vento perto de ti passar** (Quando o vento envolver teu corpo / Não o expulses / Ele cumpriu um pedido meu / Aconchega-te em seus braços / Porque são os braços meus); Eglê Malheiros escreve uma longa balada, praticamente sem pontuação (influência de Apollinaire de 1912?) para dizer que “Eu ainda estava desnuda / De todo sonho e desejo / Quando o relógio bateu / Fazendo-me despertar / Foram nove batidas / Que vieram cheias de lua / Bailar sorriso e beleza / Ao som daquela sona-

ta / Que tem um nome – viver; Evaldo Ramos Schaefer estampa **Tempestade** (A chuva caindo, / O vento uivando, / Os homens correndo, / Correndo aos abrigos /) e Armando S. Carreirão, **O Canto da Montanha** (Anoiteceu. O sol fugiu... / Anoiteceu! Anoiteceu!).

Nas páginas 6 e 7 poemas de Antônio Paladino – **Canto da saudade que não vem** – e Aníbal Nunes Pires – **Terra Fraca**. O primeiro vasado em termos lírico-simbolizantes (“O frio das noites sepulcrais... / O encanto lúgubre dos cemitérios e das sepulturas ... / Voa alma! Voa! Vence o tempo... atravessa o espaço ... / Dorme o sono eterno nos braços do passado/) o segundo, sem dúvida alguma o melhor de todos quantos foram publicados nesse número, tanto pela temática quanto pela visão de encarar o fazer poético. Intitulado ao seu trabalho **Terra Fraca**, (que mais tarde se transformará em livro), o Autor começa dizendo “Rolarão os anos / Na montanha de todas as horas: / Os mistérios e os segredos / Ficarão na angústia / De todos os silêncios; / A dúvida e incerteza / Envolverão os homens / Com todas as suas sombras” e termina com a preocupação de que “Rolarão os anos / Na monotonia de todas as horas / E a terra fraca / Terá perdido / O barro virgem / O barro moço / A argila virgem / A argila moça”.

Três contos, estão igualmente neste primeiro

número: **Embraguês** de Salim Miguel – um estudo, dentro de uma linguagem muito mais pensada do que falada do comportamento e dos pensamentos de um bêbado. As frases (curtas do tipo “levanto-me. Cambaleio. Esbarro em mesas. Piso pessoas. Sou xingado. Xingo. Falo e rio. E vou até o balcão”) parecem indicar uma familiaridade com o Alcântara Machado de 1926–1929; C. Bousfield Vieira pública **Sarna Brava**, as desventuras de um pobre diabo que “coça que se escangalha todo! A barriga, o pescoço, as costas, os sovacos, o peito, as pernas.

Oh, que sarna braba”! e que sadicamente se vingando dos bichinhos que o fazem coçar colocando enxofre encima deles. “Agora sofre, cambada! Aguenta o tronco, aí qu’eu vou dormir, sabe”. Na última página **O Tarado** de José Medeiros Vieira: a história de um gurizinho que fica com grande peninha porque três leões ao tempo de Nero, têm apenas dois cristãos para comer!

Os demais artigos deste número são transcrições, principalmente, do Serviço Francês de Informação abordando o cinema, a literatura, o existencialismo, o teatro, a música... que se está fazendo na França. Numa comprovação comprovada de que o pessoal de um Círculo de Arte Moderna ainda vê na França a sede da cultura e da vanguarda.

Salim Miguel faz, ainda, rápidas considera-

ções sobre os que pouco lêem. Ou lêem mal. E diz que a revista terá crítica de livros, garantindo porém que “nunca teremos coragem de recomendar aos leitores Suzanas (Nélson Rodrigues) Flags, Senhoras Leandro Dupré e outros abacaxis”. Ody F. e S. explica como a montagem de **Um Taciturno** procurará “atingir a realidade temática através da irrealidade cênica”, numa repetição evidente daquilo que, em São Paulo, se fizera com o **Véu de Noiva ...** de Nélson Rodrigues.

Neste primeiro número o pessoal modernista da terra, está na mesma encruzilhada do Grupo de 22: sabendo o que não quer, mas não sabendo exatamente o que queria. De outra forma, como explicar a promessa de revelar os valores novos da Casa, ao mesmo tempo que dos quatro clichês publicados todos do British News Service, um mostrasse a reabilitação dos mutilados da guerra; o outro a primeira escola britânica... do após guerra e os dois restantes... a indústria cerâmica da Grã Bretanha quando a cerâmica de Santa Catarina, tornar-se-ia mais conhecida se a Revista lhe tivesse dado o mesmo espaço concedido aos produtos “made in England”!

Celestino Sachet

Lendo a Revista Sul (4)

O Estado - 3/1/73

44

O número 2 da Revista *Sul*, publicado em fevereiro de 1948, segue, praticamente, a mesma linha do número de estréia: muita transcrição de temas europeus: pouca bolação de temática da terrinha. E, até, o Vinicius de Moraes entrou na dança.

É bem verdade que a revista — 16 páginas tamanho ofício — começa com Eglê Malheiros, que no verso da primeira capa dá “um soco na janela da imaginação”. E daí, “encontrei por que lutar/ Um pouco em tudo/ Nunca num porto só/ Escancarei a imaginação/ Tentando ser compreensiva/ Procurando me dissolver/ Para me realizar!”. Ody F. e S., na *Balada de transeunte tristonho*, pede a “todos vós que passais/ Parai e vede minha dor/ Estou triste/ Profundamente triste/ Porque faz muito tempo que não vejo/ Meu primeiro brinquedo de criança/ Que é meu único amor”.

Como se vê são duas composições onde o lirismo sentimental personalístico ainda não se desvinculou daquele passadismo que o Grupo, não há que duvidar, tanto queria combater.

Há dois contos. Em um deles, Aníbal Nunes Pires, sob o título *Caixa de Música*, faz uma experiência de mundo surrealista: “Uma gargalhada exparramou-se pelo corredor e eu tive a impressão que as vibrações intensas do meu cérebro estavam sendo transmitidas ao ar. Os sintomas da loucura deveriam ser semelhantes. Os pensamentos dentro da minha cabeça, eram serpentinas e confétis emaranhados num salão de baile de carnaval”. Na última página, *O Idealista*

de José Tito Silva, sonha em salvar o Brasil enquanto “caía uma chuvinha fina”. E enquanto “o vento refrescava aqueles dias cálidos de dezembro”.

Há, também a peça de teatro de Ody F. e S., *Três histórias sem fim*. Elas, as histórias, se desenrolam em três partes distintas. E não há, entre elas, senão uma divisão intelectual. Dos três personagens, cada um tem a sua loucura e suas taras peculiares. Um, nada tem que ver com o outro. A peça não passa de um monólogo tríplice. Em resumo: um surrealismo-sartreano-Kafkaiano!

Fúlvio Vieira, em *Progresso e Evolução*, faz a apologia da Arte Moderna. Porque é ela que “representa o momento atual”. Na poesia, “o desprezo da forma favoreceu a espontaneidade e a sinceridade. O poeta moderno para externar seus sentimentos, não mais precisa enquadrá-los em gaiolas de ferro”. As gaiolas de ferro deveriam ser o soneto parnasiano. Que Manuel Bandeira já malhara, com sucesso, em 1919, com o seu famoso *Os Sapos!*

Salim Miguel, congratula-se com as letras brasileiras pela notícia “bastante auspiciosa”: uma editora do Rio vai publicar toda a obra de “Lima Barreto um escritor quase desconhecido”. Mais adiante, à página 15, preocupa-se com a juventude que prefere ler “Gibis”, jogar futebol e ir ao cinema. E lhe aponta o rumo certo com a leitura de bons livros. Embora não dê nenhum exemplo de que livros são por ele considerados bons!

Bem verdade que, na mesma coluna, ao alto, o livro de Carlos Lacerda pretende provar *Como foi perdida a paz! De 1945!*

Nos demais artigos, a vanguarda européia. Através de Roger Martin du Gard; através de Baudelaire numa opinião crítica de A. Simon; do Festival Shakespereano na Polônia; do teatro na França com Hamlet versus Hamlet.

À página 11, assinadas por Hamilton V. Ferreira, pequenas notas de interesse local e da revista. Entre elas, a notícia do recebimento da revista paranaense *Joaquim*. E das andanças teatrais e teatralizantes do Senhor Paschoal Carlos Magno!

Quatro ilustrações enfeitam as 16 páginas: na primeira, um retrato de Roger Martin du Gard; na sétima, um moderno Hospital para crianças... em Londres. E, pela primeira vez, desenhos de um catarinense: Alfredo Meyer ilustra *A Balada de Ody F. e S.* e *A Mulher que Passa de Vinicius de Moraes*. E não eram galos!

O número dois estampa, igualmente, um bom número de informações publicitárias.

Na última capa, C. Ramos S.A. — Comércio e Transportes (Rua João Pinto, 9) oferece o Caminhão Internacional “possante” econômico e de funcionamento suave” que “proporciona maior rendimento com menor consumo de combustível — uma grande vantagem nos transportes a longa distância por estradas acidentadas”.

Mas folhas internas, em pequenos anúncios de 5 por 10 centímetros: Victor da Luz Fontes

se oferece para “Projetos, Cálculos, Construções, Topografia e Urbanismo”; a Aguardente Lausiana jura que não tem cheiro, mas tem sabor; a Livraria Moderna de Pedro Xavier e Cia (Rua Felipe Schmidt, 8) “dispõe de variado sortimento de material escolar, livros didáticos, papelaria e artigos de escritório em geral”; o Restaurante do Clube 12 de Agosto — com “perfeito serviço de cozinha” num ambiente de higiene, conforto e distinção oferece vinhos nacionais e estrangeiros” e a Livraria Rosa (pôxa, eram duas. Hoje temos três: aumento substancial de 50 por cento em 25 anos o que dá a excelente média de dois por cento ao ano), na Deodoro, 33 — hoje transformada em perfumaria (salvou-se a rima) anunciava “qualquer livro de qualquer editora”.

Há dois médicos: dr. Cavalcanti e Arthur Pereira e Oliveira; Carioni e Irmão “tudo para o automóvel”; Relojoaria Gomes “vende sempre por menos” (— parece que fechou. Será que foi por isto?); Marçal “um café superior para o seu paladar apurado”; a Farmácia Moderna” com preços sem concorrência” e atenção, senhoras e senhores “Ingressar no quadro social do *Figueirense Futebol Clube* é trabalhar pelos desportos catarinenses. É dar disciplina e criar espírito associativo entre os jovens”.

Criou? Prá melhor ou prá pior?

Celestino Sachet

Lendo a Revista Sul (5)

6 Estado - 9/01/73

15

No terceiro número de *Sul*, pelo menos três fatos despertam atenção do leitor. O primeiro: no mês de março, a revista não foi publicada — a presente edição, correspondente ao mês de abril de 1948; a partir da página 8, a numeração segue a seguinte ordem: 9, 14, 15, 12, 13, 10, 11, 16; e, por último, o ponto alto: *Sul* já está se identificando como uma revista catarinense, agora, quase que todinha vinculada com a Arte que os Novos pretendem fazer na Província. As sete ilustrações, nelas incluindo-se a capa, são xilogravuras do catarinense Moacir Fernandes. E a terça parte do conteúdo foi dedicado... a Cruz e Sousa.

Há Cruz e Sousa na capa. Salim Miguel fala do *Atualismo de Cruz e Sousa* nas páginas um e quatro. Cruz e Sousa está na página cinco, com o poema *Mãos*. E na nona, com *Cristo de Bronze*. José Tito Silva, na última, publica oração proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Pela passagem e comemoração.. da morte de Cruz e Sousa.

Cruz e Sousa! Cruz e Sousa! Cruz e Sousa! Instituto Histórico e Geográfico! Cruz e Sousa Numa revista de vanguarda? Numa revista do Círculo de Arte Moderna? O que estaria acontecendo? Cruz e Sousa era simbolista!. O pessoal do Instituto é uma turma de madurões! De bem ditados nas letras!

Cruz e Sousa sempre mereceu o respeito dos modernistas catarinenses. Ao contrário do que acontecera com Emiliano Pernetá do Paraná (o

Cruz e Sousa deles), onde Joaquim (a revista *Sul* de lá), quando caiu nas mãos de Dalton Trevisan — que queria ser um dos Novos — sapecou as mais ferozes críticas prá cima do pobre poeta patricio.

Aqui, não! A valente moçada do Grupo era bastante aberta. A mesma conferência que interessara ao Instituto Histórico e Geográfico, recebia, agora, guarida no órgão do Círculo de Arte Moderna! Bom, afinal, se tratava de Cruz e Sousa “uma das mais altas vozes da poesia brasileira” no dizer de Salim Miguel tentando uma chave de ouro para terminar seu artigo de fundo com que o número três da *Sul* homenageava o catarinense que ainda nos baba de orgulho.

No papo-entrevista que Salim Miguel me concedeu, esclarecendo, longamente, esta amizade e este respeito mútuo entre os dois grupos de intelectuais: “Cruz e Souza sempre foi respeitado por nós. Prova que não queríamos destruir nada. Queríamos, apenas, fazer chegar em Santa Catarina o que já ocorrera no Brasil vinte e cinco anos antes, em São Paulo com a Semana de Arte Moderna de 1922.

E, olha, que não respeitávamos somente Cruz Sousa e Vergílio Várzea. O professor Henrique da Silva Fontes e o professor Oswaldo Rodrigues Cabral sempre foram amigos e assíduos frequentadores de nossas programações. Pessoalmente, eu fui o coordenador das festividades oficiais para o Centenário de Nascimento de Cruz e Soza. E, anota: o meu melhor amigo

se chamou Othon da Gama d’Eça. Há, inclusive, episódios engraçadíssimos que comprovam o respeito e a admiração com que nos tratávamos os Velhos e os Novos. Apenas dois fatos para exemplificar. Melhor, três.

Havíamos combinado uma conferência do Ody. Não me lembro sobre qual assunto. Pois bem, esta conferência, teve, imagina, a presença única e exclusiva do Professor Fontes. Nem o conferencista lá esteve!

Certa vez, o professor Fontes me encontrando na rua me chama e diz — com aquela franqueza que o tornou famoso: — Olha, Salim, eu não entendo vocês. Mas eu acho que vocês têm todo o direito de fazer o que estão fazendo.

E, por último, a Academia Catarinense de Letras na época tinha morrido. (Tanto assim que por ocasião do Primeiro Congresso Nacional de Escritores realizado em Porto Alegre, Santa Catarina se fez, oficialmente, representar pelo Grupo Sul. Com passagens fornecidas pelo Governo do Estado). Pois bem! Gama d’Eça — o eterno Presidente do Imortal Sodalício tinha em mente ressuscitar a pobre e injustificada funta. E não é que me convidou para me assentar numa de suas cadeiras? Aí eu não aguentei e parti para a brincadeira.

— Olha, Gama d’Eça, se eu entrar na Academia, ou eu acabo com ela, ou ela acaba comigo. Acho que somos necessários.

Eu devo continuar existindo para atacar a

Academia. E, ela, deve ressurgir para poder nos atacar.

Nunca houve o interesse de hostilizar quem quer que fosse. Houve, é bem verdade, uma famosa polêmica com o professor Altino Flores.

A respeito dessa polêmica, perguntei ao Professor Nereu Correa: “Qual a repercussão, nos meios literários locais não modernistas, do trabalho do Círculo de Arte Moderna?”

Para o autor de *A Palavra*: “A repercussão não se fez esperar. Quem saiu a campo, em defesa dos princípios violados, foi o professor Altino Flores. Tudo surgiu a propósito de um artigo de Hélio Balstaedt a respeito de Goethe. Altino Flores, velho jornalista, mestre da língua, para quem a Literatura é a arte de escrever bem, e sem ofensa aos preceitos gramaticais, publicou um artigo, e depois outro, e mais outros, já então em acesa polêmica com Hélio Balstaedt, revelando-se ambos grandes contendores. Creio que essa polêmica foi útil inclusive para os jovens, porque galvanizou os prós e os contras no atrito dos valores em causa, entre Velhos e Novos. Além desse episódio, houve outros pronunciamentos (inclusive uma série de artigos de Othon Gama d’Eça), porém em tom mais moderado. Os artigos do Prof. Altino Flores foram reunidos no volume *Goethe, os Velhos e os Novos*”.

Celestino Sachet

Lendo a Revista Sul (6)

Para Salim Miguel, o Grupo Sul queria, apenas, fazer chegar em Santa Catarina o que já ocorrera vinte e cinco anos antes, em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna de 1922. E o Grupo sempre se deu muito bem com o pessoal não modernista. Pois estas afirmativas não rimam lá muito bem com o que me disse Nereu Corrâ. A quem perguntei:

— Como justifica o surgimento do Movimento Modernista em Florianópolis, apenas, vinte e cinco anos depois da explosão da Semana de Arte Moderna?

— Não me parece que o Movimento surgiu em 1947, que ficou conhecido como o "Grupo da Revista Sul", seja um fruto serôdio de 22. O que há de comum entre os dois movimentos, guardadas as devidas proporções, é a repetição pelo Grupo de Florianópolis de alguns processos empregados pelos rebeldes da Semana de Arte Moderna. Exemplo: pichar a cara de um medalhão do passado. Se Oswald de Andrade e seus seguidores haviam enterrado Coelho Neto — que para eles simbolizava tudo o que se não devia fazer em arte — por que enterrá-lo novamente em 1947, exatamente numa época em que o autor de *Rei Negro* começava a ser exumado por alguns reabilitadores da sua obra? Mas o Grupo Sul foi além: lavrou a certidão de óbito de Camões, creio que através de um artigo de Ody Fraga. Atacando o grande poeta eles foram mais originais, pois Camões, ao que sei, foi respeitado pelos modernistas de São Paulo.

Afora esse denominador comum, não se pode afirmar que o Movimento daqui tenha sido um efeito retardado do Movimento de 22. Várias causas contribuíram para que as letras e as artes em Santa Catarina também se renovassem. Uma delas, e talvez a mais importante, foram as idéias surgidas com o após guerra. A geração que lançou a revista *Sul* eram jovens recém saídos das Faculdades, e que sentiam a mesmice do ambiente, o carrancismo das idéias, a imagem da tradição já oxidada pelo tempo, quando lá fora e por toda a parte, o hálito mortífero que empestou o mundo, sobreveio o sopro renovador. Sob esse aspecto a situação também pouco diferia de 1922. Um segundo fator é que no Grupo havia alguns jovens de esquerda. E o homem de esquerda, como se sabe, é sempre um espírito de vanguarda. O movimento em si não estava enganado ideologicamente, muito embora eles fossem todos tachados de comunistas. E não foi um movimento isolado. No estado do Paraná, mais ou menos nessa época, surgiu a revista *Joaquim*, onde começou a escrever um moço que hoje é nome nacional: Dalton Trevisan. Em outros Estados, também ocorreram movimentos semelhantes. Por aí se vê que o Grupo da Revista Sul não tinha raízes no Movimento ocorrido na Paulicéia em 1922.

— Por que teria surgido justamente com aquelas pessoas?

— De certo porque não havia outras pessoas. Pelo menos, com o mesmo espírito de luta, pois

nem todos tem o gosto da polêmica. Para a maioria, quanto mais parado o ambiente, melhor. Em toda parte, em todas as épocas foi sempre assim. Eles são necessários como fatores de equilíbrio. Sem eles os valores não teriam estabilidade e o mundo viveria em permanente ebulição. Mais ou menos como ocorre na sociedade de hoje, em que o número de contestadores aumentou consideravelmente.

— O senhor chegou a ser convidado? Porque não aderiu ao Movimento? Ou chegou a ser considerado um deles?

— Não fui convidado, como também não aderi ao Movimento embora tivesse mantido as melhores relações com os seus integrantes. Nessa época eu residia em Itajaí. Mas acompanhei as atividades do Grupo através da imprensa. A coisa começou numa página semanal do jornal *O Estado*, dirigida, se não me engano, por Salim Miguel, um dos mais atuantes do clã e o único que sobreviveu literariamente. Os outros, passado o vendaval, foram cuidar da vida, pois literatura em Santa Catarina não dá dez réis de melcoado, como se dizia antigamente.

Se residisse em Florianópolis, à época em que eclodiu o movimento, creio que não teria feito parte do Grupo. Sempre fui visceralmente contra toda forma de violência e de radicalismo em termos de Arte. Não nego o mérito do Movimento, o que ele representou como processo de renovação, trazendo para o debate novos nomes, novas formas nas letras e nas artes, embora

as idéias nem sempre fossem novas. Eles conseguiram aquilo que realmente queriam: agitar o meio, sacudir os espíritos, chamar a atenção para si próprios, provocar o debate, em suma, ver quem era que tinha peito para atar o guizo no pescoço do tigre, ainda que esse tigre fosse de papelão.

Mas aqui como lá, houve injustiças. Ninguém pode se arrogar o direito de passar uma esponja no passado, de minimizar um nome consagrado por várias gerações, mesmo que tenha sido superado pelo tempo.

— Acha que o trabalho da Revista *Sul* trouxe novas perspectivas às letras em Santa Catarina, ou elas (as letras) estariam hoje exatamente como estão mesmo se não tivesse existido o referido Grupo?

— Creio que já respondi a esta indagação. Acrescento, porém, que assim como no plano nacional a Literatura Brasileira teria chegado ao que é hoje mesmo que não tivesse ocorrido o Movimento de São Paulo, por força das circunstâncias — pois não há idéias estanques — também em Florianópolis o panorama literário não seria muito diferente do que é na atualidade. Talvez houvesse, em ambos os casos, apenas um retardamento do processo renovador".

Celestino Sachet

O Estado - 12/1/73

46

Lendo a Revista Sul (7)

O número três da Revista *Sul* — abril de 1948 —, dá guarida especial a três poetas da casa. Que eram catarinenses. E eram da Revista! Aníbal Nunes Pires, em *Deuses e Demônios*, diz que “Possuo dentro de mim /Sinfonias dolentes /E carícias brancas /Para te oferecer /Na madrugada luminosa /Da tua realização”. Antônio Paladino, o pobre poeta que haveria de morrer três anos depois, como que antevendo inconscientemente o que aconteceria, com sua *Balada do Silêncio*, jura que “A alma quer repouso /A alma quer conforto /Quer o silêncio que nasce no seio das horas”. Salim Miguel, a locomotiva de tudo quanto está ocorrendo com a Revista e com o Grupo, com seu *Palavras Doidas*, faz uma incursão pelo mundo do inconsciente para descobrir que “elas vinham /As palavras doidas /Invisíveis e mornas /No silêncio escuro e pegajoso da mente /Línguas de fogo na imaginação gelada”.

E, pela primeira vez na história da Revista, afinal, já conta com quatro meses de badalação, há artigo especialmente escrito para ela (“Os dois primeiros números foram meros informes com as embaixadas da França e da Inglaterra fornecendo artigos e clichê - me disse o Salim em entrevista): Reinaldo Moura, diretor da Biblioteca Pública de Porto Alegre manda a colaboração *A Tarde Imóvel* — “poema inédito, especial para *Sul*”. E, ainda do mesmo diretor, é publicada carta, na qual diz que “tenho a im-

pressão de que vocês transportam para cá o melhor que vai pela França. Essas preocupações com Sartre, com o cinema e com o teatro em suas últimas manifestações, mas principalmente com a literatura de após guerra, tudo isso afirma definitivamente o valor de vocês.”

Esta não era, porém, a opinião de Yvonne Jean no *Diário de Notícias* do Rio e transcrita no mesmo exemplar que tenho à mão: “acho que *Sul* deverá dar menos espaço aos artigos estrangeiros”.

Ody F. e S., ainda no mesmo número, escreve mais uma peça de teatro em um ato *Os Anjos*. Nela, Ingré e Ômar não se entendem... quanto à intensidade de seu amor. (Como se vê, um tema lá não muito de vanguarda. E que não ficava assim tão vanguardeiro numa revista que pretendia vanguardar as artes numa Província que há vinte e cinco anos teima em dizer que a Semana de Arte Moderna não tinha existido. Ou, pelo menos, que estava tão longe no tempo e no espaço que não mais valia a pena com ela se preocupar. E Aníbal Nunes Pires, mais uma vez o meu querido professor de Matemática no Colégio Catarinense de 1948, publica o que foi, durante muito tempo — e dito por ele mesmo — o seu melhor conto!... (Eta continho bão ainda hoje!) *Estátuas Quebradas*. Uma história angustiante, um tanto surrealista! Baseada na falta de sintonia entre o que transmite o cérebro e o que escrevem as mãos: “as mãos, pendentes e aban-

donadas, saem à rua, em direção ignorada... e os dedos modelando o nada. A perna esquerda e a dextra à frente, a perna direita e a sinistra atrás, sempre naquele movimento monótono de passo certo, um dois, um dois, um dois ao longo da rua... e os dedos modelando o nada”. Eglê Malheiros, num misto de crônica-conto narra a história do afogamento de Cumparsita, jovem de 18 anos, que se joga do Trapiche — era ali na Baía Norte perto do Kacips (corram para vê-lo porque está morrendo por causa do Aterro mal aterrado com promessa de praia artificial com Draga a todo vapor atrapalhando o esgoto da Baía Norte depois que tiver resolvido e revolido o esgoto Sul de gerações ilhoas; mas eu estava falando do afogamento da Cumparsita, jovem de 18 anos que se joga no Trapiche. Melhor, parece que caiu quando estava procurando “lá no fim o mar... tão bonito, tão dourado”? Numa repetição do que fizera a *Ismália* do Alphonsus de Guimaraens que “quando enlouqueceu /Pôs-se na torre a sonhar /Viu uma lua/ no céu/ Viu outra lua/ no mar.” E no sonho em que se perdeu, queria a lua do céu queria a lua do mar. E daí, acabou rufando as asas com o corpo no mar e com a alma no céu.

A esta altura, Florianópolis, já é um excelente campo para os jovens dedicados ao mundo das letras. Mais do que um certo tempo, muitos anos depois! Dia 26 de maio — de 1948 — o desembargador Hercílio Medeiros, a pedido do

Círculo de Arte Moderna, realiza conferência sobre André Gide! A sete de maio o teatro de Câmera tem sua segunda récita. “Atendendo a pedidos são reprisadas as peças “O homem de Flor na Boca” de Pirandello e “Como ele mentiu ao Marido dela” de Bernard Shaw. Nessa mesma noite é estreada a peça “As estátuas volantes” de Jean Paul Sartre numa adaptação da novela *O Quarto* pelo nosso Ody. E José Silveira d’Ávila realiza sua primeira exposição. E Marques Rebelo, convidado pelo Sr. Secretário da Educação e Saúde, dr. Armando Simone Pereira promete vir a Florianópolis para apresentar “uma amostra de pintura contemporânea brasileira e realizar conferência sobre arte”.

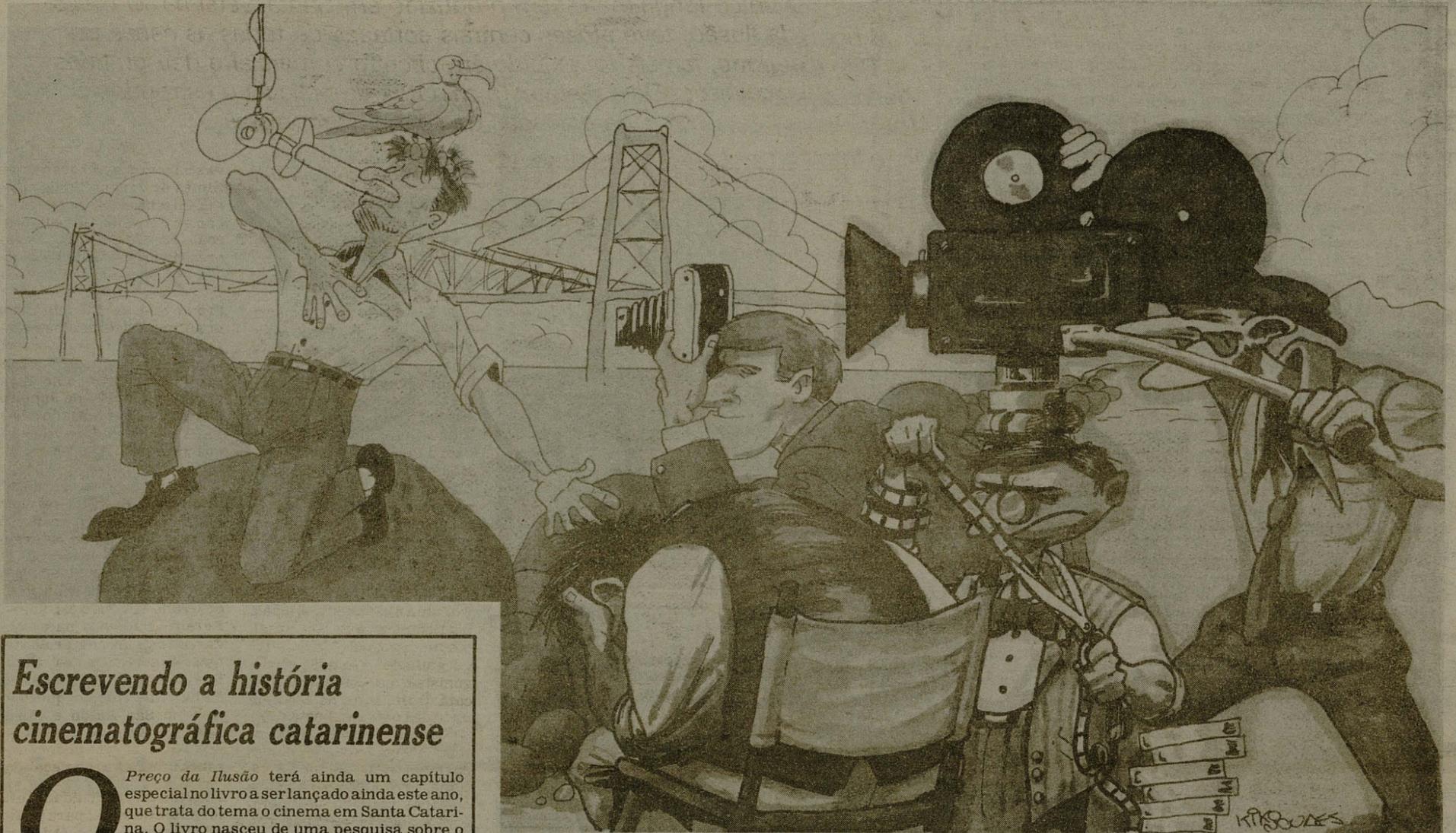
Marques Rebelo veio. Trouxe um belo acervo que acabou gerando o Museu de Arte Moderna. Marques Rebelo veio e tentou falar no Colégio Coração de Jesus, a convite de um de seus professores: Aníbal Nunes Pires. Tudo pronto, tudo programado. Marques Rebelo não pôde falar porque... era modernista. Aníbal Nunes Pires quase que perde seu cargo de professor naquela escola. E até no Colégio Catarinense! Porque... era modernista!

Celestino Sachet

O Estado - 24/1/73

47

tragédia do cinema



Escrevendo a história cinematográfica catarinense

O Preço da Ilusão terá ainda um capítulo especial no livro a ser lançado ainda este ano, que trata do tema o cinema em Santa Catarina. O livro nasceu de uma pesquisa sobre o cinema catarinense, feita em 1985 por um grupo de estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como trabalho para três matérias do currículo. Foi mandada uma cópia dessa pesquisa para a Embrafilme que se interessou pelo trabalho. Depois de alguma burocracia, ficou acertado o lançamento do livro pela Embrafilme em co-edição com a editora da UFSC.

José Henrique Nunes Pires - um dos autores do livro - fala da dificuldade em recolher material sobre o cinema local. Até a década de 50, por exemplo, a produção é bem amadora. "Não existia montagem, roteiro". A partir de *O Preço da Ilusão* começou, pelo menos, uma preocupação com o papel do profissional do cinema, com a divisão de funções e a existência de um roteiro. Mesmo assim, o que mais se fez aqui foram jornais de tela e documentários. E ainda hoje, está longe o desenvolvimento do cinema em Santa Catarina, por pura falta de apoio.

Em coro com Zé Henrique, dois outros autores do livro - Sandra Mara Araújo e Norberto Depizzolotti - fizeram mesmo questão de terminar o trabalho falando de cineastas catarinenses que tiveram que sair daqui para poder fazer cinema. É uma crítica à falta de interesse dos responsáveis pela cultura no estado. Dos cineastas catarinenses destacam Silvio Back - *A guerra dos Pelados* e *Aleluia Gretchen* - e Rogério Sganzerla - *O Bandido da Luz Vermelha*.

Mais sobre o livro só mesmo em meados desse ano, quando deverá ser lançado. Nome já tem: *O cinema em Santa Catarina*. Além dos três autores citados, trabalharam em sua elaboração: Andréa Grossembacher, Maria Eremita Nesi, Beth Biegling, Taiana Cardoso de Oliveira e Simone Garcia.

O grupo que sacudiu a Ilha

O movimento modernista, cuja explosão é marcada pela Semana de Arte Moderna acontecida em São Paulo em 1922, chega a Santa Catarina em fins da década de 40. As cabeças que trazem para cá as novidades modernistas são as de jovens intelectuais catarinenses conhecidos mais tarde como Grupo Sul.

O movimento existiu no período de 1947 a 1958. São eles que apresentam aos catarinenses, entre outros, os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade e os artistas Portinari e Di Cavalcanti. "O Grupo Sul trouxe um movimento já reavaliado no resto do país", avalia Salim Miguel. Na verdade, a "semana" ganhou novos ele-

mentos. As experiências estéticas que vinham de 1922 foram enriquecidas com as novas correntes do pensamento europeu do pós-guerra. Os ousados jovens do Grupo Sul transitavam por todas as áreas - teatro, cinema, artes plásticas e literatura. O atual Museu de Arte de Santa Catarina - o primeiro museu oficializado no país - foi obra do grupo. Este museu foi resultado de uma exposição de arte moderna, a primeira em Santa Catarina, organizada por Marques Rebello e pelo Grupo Sul. Trouxeram para cá obras de Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Pancetti e outros. Alguns expositores fizeram doações de seus quadros para o museu.

PIRANDELLO

No teatro, Salim Miguel

conta que foram eles os primeiros a representarem Sartre no Brasil. A peça baseada no conto *O Quarto* foi apresentada em 1947. Ody Fraga fez a adaptação do conto que no espetáculo teatral ganhou o título de *As estátuas volantes*.

Esse mesmo Ody, aliás, trabalha atualmente em roteiros de filmes eróticos, em São Paulo. Outras peças foram encenadas aqui na época. Autores do peso de um Pirandello ou Bernard Shaw foram apresentados ao público. E os novatos catarinenses como João Paulo Silveira de Sousa e Marcos Farias também mostraram seus trabalhos.

Em 1949, o Grupo Sul organiza um clube de cinema que pretende basicamente trazer a Santa Catarina filmes de

arte que normalmente não seriam exibidos aqui e promover conferências, sessões de estudo e debates sobre cinema. São exibidas algumas comédias de Chaplin, documentários e filmes representativos do cinema internacional. Dessa "over dose" de cinema nasceu a idéia de se fazer um filme.

Três publicações devem ser citadas quando se fala na história do Grupo Sul: os jornais *Folha da Juventude* e *Cicuta* e a *Revista Sul*. Como iniciadores do movimento destacam-se: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Antônio Paladino. Muitos outros se juntaram a esses e balançaram o marasmo cultural de Florianópolis.



HOTEL BERTASO



11 andares de conforto no primeiro hotel quatro estrelas do Oeste de Santa Catarina.

★★★★★

Av. Getúlio Vargas, 2205 ★ CHAPECÓ - SANTA CATARINA ★
★ Fone (0497) 22-1444 (PABX) ★ Telex (0492)289 ★

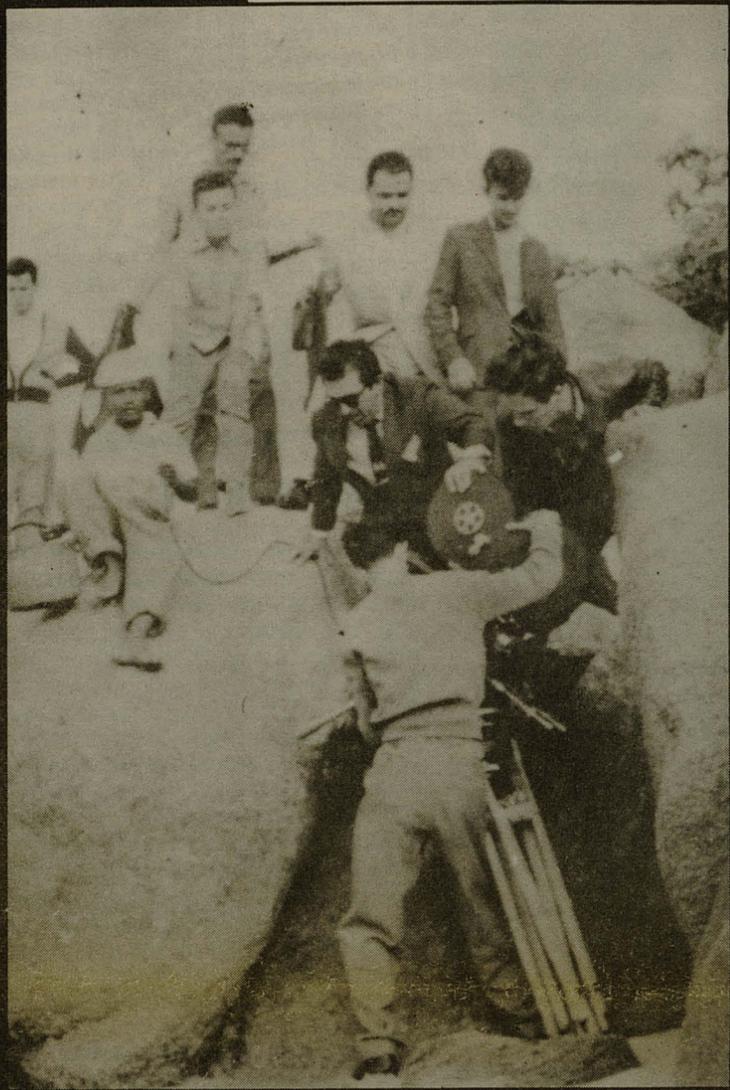
GRANDE OFERTA DE BEBIDAS NO ATACADÃO

WHISKY A PARTIR DE Cz\$ 67,00 LT.
SANGALO A PARTIR DE Cz\$ 94,00 LT.
VODKA A PARTIR DE Cz\$ 54,00 LT.
CACHAÇA ONCINHA caixa de 24 Cz\$350,00 com vasilhame.
MESA COM 4 CADEIRAS Cz\$ 750,00.

VINHOS, BATIDAS, BEBIDAS EM GERAL, VENDAS EM CAIXAS ATACADÃO EM CHAPECÓ E CAMBORIÚ
Rua 1601 esquina com Avenida Brasil - CAMBORIÚ
Rua Fernando Machado, 4654 - CHAPECÓ

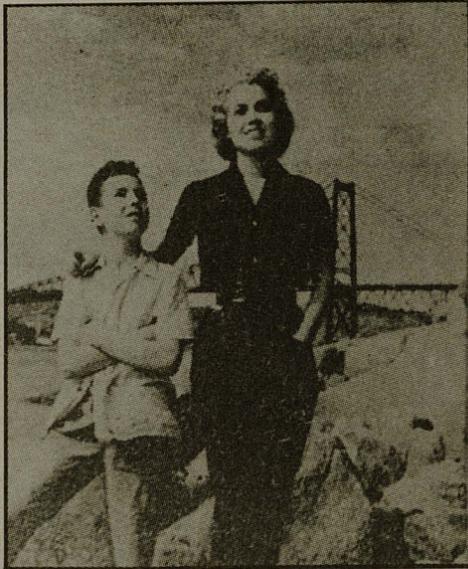
A mais cômica

A equipe de filmagem em Itaguaçu: aventura exótica



O único longa-metragem produzido em Santa Catarina, O Preço da Ilusão, teve atrizes centrais cortadas de todas as cenas por engano, jamais foi exibido em circuito comercial e deu grandes prejuízos. Dele restam 15 minutos de película e estrondosas gargalhadas de seus protagonistas

Fotos Divulgação/DC



Dinéia Maia com Maninho: cortada por engano pela montagem

Márcia Corrêa Sampaio Especial/DC

Numa tomada sob a ponte Hercílio Luz quando a dupla romântica senta, aparece um cacho de bananas. Quando se levanta, o cacho sumiu. Esse foi apenas um dos tropeços cinematográficos enfrentados pelos jovens intelectuais que se aventuraram a fazer um filme na Florianópolis dos anos 50. Aliás, fazer cinema no Brasil ainda hoje é uma aventura. Sem muito esforço dá para imaginar, há 30 anos, como foram as filmagens do primeiro e único longa-metragem produzido em Santa Catarina. Foi uma verdadeira epopéia tragicômica que se atualmente provoca deliciosas gargalhadas em seus protagonistas, na época beirou a catástrofe. Para se ter uma idéia da confusão, basta dizer que uma das atrizes principais, Dinéia Maia, um dos chamarizes publicitários do filme, teve todas as cenas cortadas, por erros de montagem e abandonou a gloriosa avant-première em lágrimas. O público decepcionado, viajava, pois todos queriam admirar Dinéia, uma das musas da Ilha na ocasião.

A idéia do filme O Preço da Ilusão nasceu das cabeças de alguns dos integrantes do Grupo Sul - movimento artístico e literário que sacudiu os meios culturais catarinenses no período de 1947 a 1958. O filme pretendia ser uma crônica de Florianópolis. A intenção, mostrar num aspecto global como era a vida na província. A maior parte das cenas são externas mostrando as praias, ruas, becos, os recantos pitorescos e a ponte Hercílio Luz.

ELENCO EXÓTICO

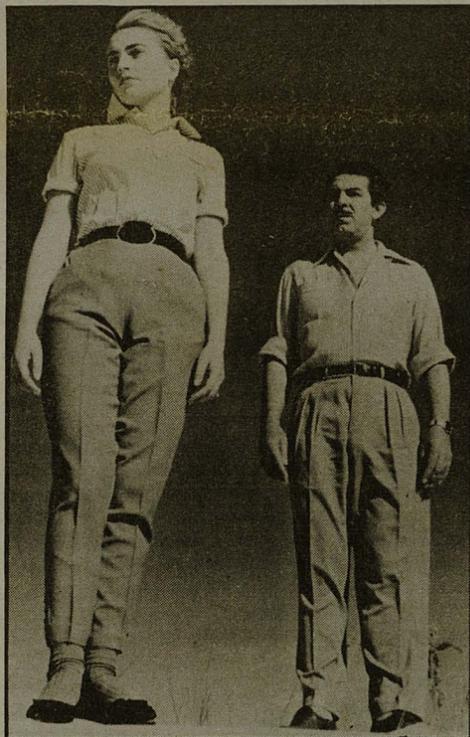
A vontade de fazer cinema

nasceu em função dos vários filmes de vanguarda do cinema internacional cuja exibição era promovida pelo pessoal do Grupo Sul. Eram organizadas sessões de cinema no Clube de Cinema do Círculo de Arte Moderna e promovidos debates em torno dos filmes e da arte cinematográfica. Ao mesmo tempo, começava a explodir o movimento conhecido como cinema novo e no Rio de Janeiro acabava de ser lançado o Rio 40 Graus, de Nelson Pereira dos Santos.

"Devíamos fazer um filme também", conta o escritor Salim Miguel. Da teoria à prática foi um pulo. O argumento escrito por Salim Miguel e por sua mulher Eglê Malheiros - jovens militantes do Grupo Sul - foi o escolhido. Foram chamados para ajudar na façanha dois profissionais experientes na área. Eram eles E. M. Santos e Nilton Nascimento que vieram de São Paulo e Porto Alegre para cuidar da direção do filme. Os problemas estavam apenas começando.

A primeira dificuldade era levantar o capital para poder começar o trabalho. O dinheiro vem, finalmente, de duas fontes: financiamento bancário e a venda de cotas que, na época, custaram um conto de réis cada uma. Como investidores destacam-se o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, o escritor e professor Aníbal Nunes Pires e o produtor do filme Armando Carreirão.

A equipe técnica é formada por teóricos e alguns profissionais, mas a maioria deles nunca tinha visto uma máquina de filmar antes. Os atores, chamados através dos jornais, viraram artistas da noite para o dia e com esse exótico elenco começou a maior aventura cinematográfica jamais vista em Santa Catarina.



A estrela Liliam Bassanesi e o vilão Celso Borges: drama nas dunas

Preço da Ilusão: sucesso apenas nos jornais



Estréia hollywoodiana, mas a atriz chorou

Aos trancos e barrancos o filme ficou pronto. As filmagens se estenderam por 3 meses. Enquanto a fita está sendo processada em São Paulo, aqui é feita intensa campanha publicitária em torno do filme. A estréia de O Preço da Ilusão é anunciada e adiada várias vezes. Até que finalmente a pré-estréia é marcada para o dia 7 de dezembro de 1958. "Uma festa hollywoodiana", brinca Salim Miguel. De fato. O Corpo de Bombeiros da cidade é acionado e produz a iluminação na frente do cinema São José. Os atores desfilam no palco e são aplaudidos pelo público que lota o cinema. Isso tudo antes do filme começar. Porque apesar de toda pompa, a pré-estréia foi um fracasso.

Ninguém teve a preocupação de projetar o filme antes da exibição oficial e

na hora é que se vê a péssima qualidade técnica da fita e a montagem mal feita.

Além disso uma das atrizes - Dinéia Maia - a mais badalada pela imprensa, não apareceu no filme. Suas cenas foram cortadas por estupefatos erros de montagem. "Ela chorou. Foi uma decepção", conta o escritor Silveira de Sousa. O filme voltou ao laboratório - em São Paulo - para refazer o som, a mixagem e algumas ordens de cenas de montagem. Depois de alguns meses o filme volta a circular por aqui mas não consegue o certificado de boa qualidade. Sua exibição, portanto, não é obrigatória nas cadeias cinematográficas da rede comercial. Nem o dinheiro para devolver aos investidores se consegue. Armando Carreirão, o produtor do filme, realizou durante anos jornais e documentários cinematográficos para conseguir saldar as dívidas. Ossos do ofício.

TRAPALHADAS

"O único acontecimento feliz foi o casamento do diretor do filme com a atriz principal", delicia-se Salim Miguel. Para Eglê Malheiros a experiência fez sentir as condições de se produzir cinema no Brasil. "A aventura intelectual virou uma aventura de verdade". Com tantas idas e vindas do filme, hoje restam apenas os 15 minutos finais. E justamente nesse final um mero figurante ganhou destaque nunca esperado. O escritor Silveira de Sousa também integrante do Grupo Sul - foi chamado pelo amigo Salim Miguel para fazer uma ponte. Ele foi flagrado pelas câmaras no Poema Bar, na Praça XV, seu ponto de toda a noite e ali apenas se levanta e abraça o galã quando este entra no bar. Silveira ficou imortalizado no celulóide, numa das muitas trapalhadas que marcaram o atribulado O Preço da Ilusão.

Cenas dantescas na ponte Hercílio Luz

A crônica da cidade, é contada através da construção de duas histórias em contraponto. A primeira história é de uma garota que se candidata a rainha do verão e a idéia é mostrar o lado de dentro dos concursos: o cronista social de futilidades, os coronéis que apóiam as meninas visando um futuro programa com elas, as mães das garotas, entre outros envolvidos. A personagem principal, Maria da Graça - representada por Liliam Bassanesi - ganha o concurso e a festa da vitória acontece nas dunas da Lagoa da Conceição onde a moça perde a virgindade. Em crise, Maria da Graça resolve ir embora da cidade e comunica a decisão ao seu patrocinador no concurso, enquanto atravessam a ponte Hercílio Luz num carro em alta velocidade. O veículo se desgoverna e cai no mar. Um garoto assiste a cena e grita.

A outra história conta a vida do garoto Maninho - feito por Emanuel Miranda - engraxate que ajuda no sustento da família e cujo maior sonho é ter um boi-de-mamão. Para conseguir o dinheiro Maninho lidera um grupo de meninos e organiza um Livro de Ouro a fim de arrecadar doações para montar um boi-de-mamão.

Então sua mãe adoece e o pai recusa-se a comprar remédios. Maninho resolve utilizar o dinheiro arrecadado e dirige-se à farmácia atravessando a pé a ponte Hercílio Luz. Ele presencia o acidente, grita por auxílio e na confusão o dinheiro cai por uma fresta da ponte.

CULTURA

□ SÁBADO, 25 DE JANEIRO DE 1997

Há 50 anos, Grupo Sul mudava Santa Catarina



Há 50 anos, um grupo de jovens artistas e intelectuais, influenciados pelos ventos redentores pós-Segunda Guerra e pregando a livre criação, promoveu uma verdadeira reviravolta cultural no Estado. Em 1947, nascia o Circulo de Arte Moderna, que renovou o teatro, a literatura e artes plásticas. Incursionou pelo cinema, tendo produzido o único longa-metragem da história catarinense - *O Preço da Ilusão*. O movimento entrou para a história como Grupo Sul, denominação herdada da sua mais importante publicação, a *Revista Sul*.

Formado inicialmente por Ody Fraga, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Anibal Nunes Pires, Armando Carreirão, Hassis, Meyer Filho, Aldo Nunes, Hugo Mund Jr., Silveira Dávila e Antonio Paladino, o Grupo Sul pretendia colocar Florianópolis em contato com as tendências modernistas, que haviam escandalizado o centro do país 25 anos antes, em 1922, com a Semana de Arte Moderna, mas que até então eram ignoradas na capital catarinense.

As idéias avançadas e de vanguarda lhes renderam as denominações de subversivos, comunistas, malucos e até pederastas. Mas o grupo se caracterizou por não envolver a política em suas manifestações. Eram artistas natos e não seria isto que iria abrasar a sede de revolução artística pela qual eles lutavam. Desde 1957, quando os integrantes resolveram dissolver formalmente o grupo, não surge em Santa Catarina um movimento cultural tão forte.

□ Páginas 5 a 9

Dois contos da geração Grupo Sul

□ Páginas 10 e 11

Joca Wolff e a vida de um escultor

□ Página 4

BANCO DE DADOS/DC

MARCO: Equipe de filmagem prepara-se para rodar uma das cenas de *O Preço da Ilusão*, o único longa feito por SC

SHAKESPEARE

As múltiplas faces de Cleópatra

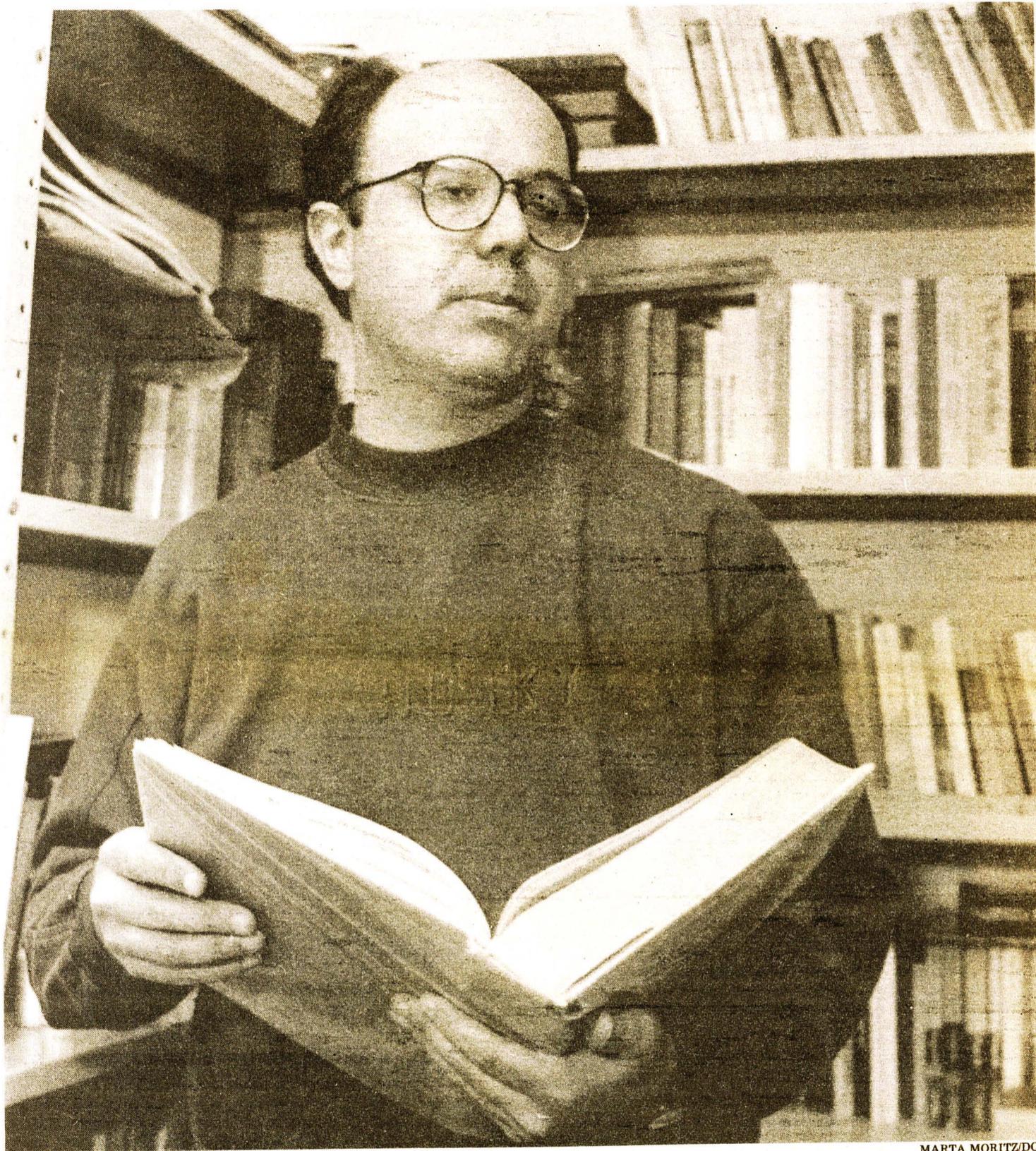
O professor José Roberto O'Shea partirá para a Grã-Bretanha na primeira semana de fevereiro com um desafio semelhante àqueles enfrentados pelos grandes investigadores policiais: durante um ano, este professor titular da cadeira de Literatura Anglo-americana da UFSC estará analisando nove produções da tragédia shakespeariana *Antony and Cleopatra* (Antônio e Cleópatra), realizadas durante um período de 20 anos, entre 1972 e 1992. Seu objetivo é, tendo como ponto central a observação das diferentes construções da personagem Cleópatra ao longo do tempo, comparar estas produções (oito para o teatro e uma para a televisão) e a partir daí perceber como a obra de Shakespeare é compreendida dentro de cada contexto histórico.

Uma das maiores autoridades em Shakespeare no país, O'Shea é o único catarinense membro do Centro de Estudos Shakespeareanos (CESh), uma entidade sediada em Belo Horizonte filiada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). A viagem, no entanto, é parte de um programa de pós-doutoramento, com bolsa financiada pela Capes.

O trabalho de José Roberto segue uma tendência verificada desde 1985, quando o livro *Alternative Shakespeares*, uma coletânea de ensaios de diversos autores editada por John Drakakis, iniciou o debate em torno das percepções de William Shakespeare (1564 / 1616) sobre as relações de poder e injustiças sociais de seu tempo. "Pesquisas de Margaret Lamb sobre as diversas encenações de *Antônio e Cleópatra*, do início do século até 1979, mostram que os textos de Shakespeare foram ganhando força política à medida que o Ocidente conquistava maior liberdade para poder interpretá-los", comenta O'Shea. Com efeito, foi somente em 1972, com a primeira encenação de *Antônio e Cleópatra* pela Royal Shakespeare Company, é que Cleópatra passa a ser apresentada como uma mulher de firmes convicções, como uma estadista disposta a toda espécie de atos para salvar o Egito. Até então, prevalecia a visão romântica do dueto de amor.

A intenção de O'Shea não é a de desmistificar o "herói" da literatura universal mas sim torná-lo mais humano e portanto mais compreensível. "Veja o caso da controvérsia sobre a paternidade de numerosos escritos tradicionalmente atribuídos a Shakespeare. Hoje, não estamos tanto preocupados se este ou aquele texto é ou não de Shakespeare. Inserindo-o em seu contexto histórico, percebemos que colaborações de outros autores eram não só admissíveis como constituíam-se em prática das mais comuns no teatro inglês. Cada companhia teatral se permitia alterar textos, contratar terceiros para criar personagens, para reduzir ou ampliar peças. Ben Johnson, um contemporâneo de Shakespeare, colaborou em mais de 200 peças."

A viagem de O'Shea é decorrente de um árduo estudo de três anos recentemente



MARTA MORITZ/DC

INVESTIGAÇÃO: Professor da UFSC José Roberto O'Shea ficará 1 ano na Grã-Bretanha estudando a obra de W. Shakespeare

concluído: está para ser lançada até novembro, pela Editora Siciliano, sua tradução anotada de *Antony and Cleopatra*, um trabalho de fôlego que vem suprir um pouco da terrível lacuna existente no Brasil no que se refere à obra de Shakespeare - até hoje, só tínhamos as traduções anotadas de Onestaldo de Pennafort (*Romeu e Julieta*, publicada na década de 50, e *Otelo*, de 1995). Sem falar que as duas traduções brasileiras de *Antony and Cleopatra* disponíveis no momento (a de Carlos Alberto Nunes e a de Cunha Medeiros, Oscar Mendes e Francisco Carlos de Almeida) não têm anotações.

São 356 notas cobrindo aspectos de texto e contexto, tradução de 3.254 versos

em decassílabos, com ictos preferencialmente na sexta e décima. Os decassílabos foram escolhidos por serem os que mais se aproximam do *blank verse*, utilizado no original. O'Shea tomou como base para a tradução a edição Arden (série editada por M. Ridley), de 1954, considerada a de menor índice de corrupção de texto. As anotações foram feitas em função do Folio de 1623 e de outras três edições da tragédia. "Uma das vantagens de *Antônio e Cleópatra* é que esta tragédia teve apenas uma edição contemporânea quando saiu o Folio de 1623. Outras obras, como *Hamlet* ou *Rei Lear*, possuíam até 10 edições circulando em uma mesma época, o que facilitou as deturpações."

DIÁRIO CATARINENSE

Cultura

EDITOR: Flávio Cardozo Jr - 216-3540

COLABORADORES: Flávio José Cardozo, Sérgio da Costa Ramos, Alckmar Luiz dos Santos, Raquel Eltermann, Miguel Sanches Neto e Salim Miguel

ARTE: Andrei

DIAGRAMAÇÃO: Tessália Schmidt

DIGITAÇÃO: Marcos Roberto Machado e Lauro Moresko Júnior

DIGITALIZAÇÃO: Ricardo Silva

MONTAGEM: Andréa Demiciano, Deuri da Silva, Fábio Rosa e Marcos Zimmermann

SECRETARIA GRÁFICA: Romi de Liz e Célio Klein

POESIA

Vãos caminhos urbanos

O Diário de Cultura publica quatro poemas do francês Jean Tardieu (1903/1994), traduzidos por Alckmar Luiz dos Santos, professor de Literatura Brasileira da UFSC. Ainda pouco divulgado no Brasil, Tardieu está entre os nomes mais representativos da poesia e teatro franceses deste século. Como autor teatral, apresenta muitos pontos de convergência com o absurdo de Ionesco.



Les Logements

Ce qu'on entend à travers les plafonds,
ce qui vient des étages profonds
n'élève pas, ne baisse pas le ton:
gravement, les paroles bourdonnent,
le feutre tombe sur la bouche qui chantait
sur l'eau qui dans les cuisines coulait
sur tout ce qui se délivre et résonne.

Terrons-nous dans ces antres de laine
enveloppons notre rire et nos cris:
il ne faut pas que le jour nous entraîne
vers les lieux où le monde bondit!

As Acomodações

O que se escuta através dos telhados,
Que vem, profundo, dos pisos ao lado,
o tom não eleva, nem deixa abafado:
gravemente, toda fala sussurra,
o feltro cai na boca que entoava
na água que, nas cozinhas, escoava
em tudo o que se libera e murmura.

Enterremo-nos nesses antros de lá e
encubramos nosso grito peralta:
Não é preciso que o dia nós apanhe,
Nos levando onde o mundo vem e salta!

Le Danger de la Memoire

Ils s'assemblent souvent, pour lutter
contre des souvenirs très tenaces.
Chacun dans un fauteil prend place
et ils se mettent à raconter.

Les accidents paraissent les premiers
puis l'amour, puis les sordides regrets
enfin les espérances mal éteintes.
Toutes ces images sont peintes
au mur, entre les fleurs du papier.

Ils pensent ainsi à s'habituer
aux poisons que leur mémoire transporte.
- Moi cependant, derrière la porte,
je vois le PRÉSENT fuir avec ses secrets.

O Perigo da Memória

Reúnem-se, com frequência, a lutar
contra lembranças que trazem tormento.
Cada qual, num sofá, toma assento,
Pondo-se, todos, logo a contar.

Cada acidente, em primeiro lugar,
Depois o amor, e os remorsos indecentes
Enfim, as esperanças mal extintas.
Imagens calcadas em tinta
Que, às flores da parede, vêm se juntar.

Pensam, assim, poder se habituar
aos venenos que a memória transporta.
- Eu, no entanto, vejo, pela porta,
Fugindo, em seus segredos, o PRESENTE.

L'Alerte

Pâle de peur dans sa chambre, il voyait
que la porte fermée frissonnait.
Une main au-dehors tourmentait par moment la
poignée
Mais n'ouvrait pas! Et des voix courroucées
dans le corridor résonnaient.

"C'est de moi, - pensait-il -, que l'on parle ici!...
"Qui m'accuse? Qui me cherche? Qui me suit?
"Quel crime ai-je connu ou commis?
"Qu'ai-je oublié, ou perdu?... Ah!... la porte
"s'ouvre!..."
Mais non. Les voix, les pas qui les emportent
s'éloignent sur les parquets tremblants.

Il s'agissait de lui (ou d'un autre) pourtant!...

O Alerta

Pálido de medo, no quarto, a supor
a porta tomada de tremor.
Uma mão lá fora atormentava nesse instante
a trava
Mas não abria! E vozes alteradas
Ressoavam no corredor.

"É de mim, pensava -, que falam aqui!...
"Quem me acusa? Quem me quer? Quem segue a
mim?
"Que crime conheci ou cometi?
"O que esqueci ou deixei?... Ah!... a porta
"se abre!..."
Mas não. As vozes, os passos que as portam
fogem no assoalho que treme bem.
Tratava-se dele (ou de um outro), porém!...

Heure de Presence

Nous cherchons au bord d'une eau louche
l'éclatement d'un soleil chandestin.
Les désirs assouvis sont jetés aux souches
çà et là sous le jour incertain.

Peut-être est-ce un bureau ou une prairie
chargée de débris et de reliefs
ou encore un fauteuil couvert d'affreuses broderies?

Quelqu'un siffle en tout cas
et l'autre lui répond.
Un mince rayon fuit du sol au plafond.
C'est le moment de rire et de casser la vie
à tout petits coups de talon.

Hora de Presença

À beira de uma água turva, buscamos
os fragmentos de um sol clandestino.
Desejos satisfeitos podados como ramos
Cá e lá, no clarão do dia indeciso.

Será talvez um escritório ou um prado
cheio de destroços e relevos
ou ainda um sofá coberto de horrível brocado?

Alguém assovia, assim mesmo,
outro responde, num só ato.
Um fino raio foge, do chão até o alto.
É hora de rir, partir a vida em pedaços
Batendo de leve com o salto.



CULTURA É PONTO ALTO DO
PLANO DE GOVERNO.



SECRETARIA
DE ESTADO
DE GOVERNO



SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

Número
dedicado a
CRUZ E
SOUZACapa:
MOACIR
FERNANDES

Ano 1

Preço: Cr\$ 2,00

N.º 3

REVISTA SUL: Nasceu em janeiro de 1948, tornando-se o principal meio de propagação do movimento. Ao lado, duas capas da Revista, a primeira da edição número 3, de abril de 1948, de autoria de Moacir Fernandes; e a segunda da edição número 4 (junho de 1948), feita por José Silveira D'Ávila

ANO 1
NUM. 4
PREÇO 2,00

SUL

CAPA:
Trabalho de
José Silveira
D'Ávila

Revista do Círculo de Arte Moderna



GRUPO SUL

Há 50 anos, Santa Catarina despertava

Raquel Eltermann
FLORIANÓPOLIS

Já está fazendo meia década que um grupo de jovens se reuniu em torno de um sonho comum: tirar Florianópolis do isolamento cultural e da mesmice artístico-literária em que a província se encontrava. Suas atitudes teriam um profundo reflexo para o crescimento da Capital, influenciando as novas gerações e incluindo a cidade no roteiro de artistas nacionais.

O ano era 1947 e a revolução cultural do pós-guerra invadia a cabeça dos novos intelectuais de Florianópolis. Nascia, então, o Círculo de Arte Moderna (CAM), o maior e mais abrangente movimento cultural de que se tem registro no Estado, envolvendo as áreas de teatro, cinema, literatura e artes plásticas. A partir deles, foi realizado o primeiro e único longa-metragem da história do cinema catarinense: o filme *O Preço da Ilusão*.

Há 50 anos, o grupo promoveu uma revolução na mentalidade artística da

cidade. Pregava a livre criação, considerando como arte não só a reprodução de imagens, mas tudo que fosse fruto da imaginação humana. Isto, numa cidade de 50 mil habitantes, numa época em que os livros de Eça de Queirós não eram leituras apropriadas para "mocinhas". As idéias avançadas e de vanguarda lhes renderam as denominações de subversivos, comunistas, malucos e até pederastas. Mas o grupo se caracterizou por não envolver a política em suas manifestações. Eram artistas natos e não seria isto que iria abrasar a sede de revolução artística pela qual eles lutavam.

Intitulavam-se Círculo de Arte Moderna - fazendo alusão à Semana de Arte Moderna de 1922, evento que passou completamente despercebido pela imprensa e público local. "Costumávamos dizer que era a Semana de Arte Moderna que chegava à cidade com 25 anos de atraso", relembra o escritor e jornalista Salim Miguel, um dos pioneiros do Grupo.

A sigla CAM acompanharia o Grupo por toda a sua trajetória, mas os jovens

modernistas ficariam conhecidos mesmo é pelo nome de Grupo Sul, devido à dimensão que a *Revista Sul* - editada pelo CAM - teve na época.

SEM LENÇOE SEM DOCUMENTO - Se fôssemos catalogar a forma como o Grupo Sul nasceu, a palavra certa seria "parto normal". A naturalidade das idéias propostas se refletia também na forma de trabalho. Os jovens, com idade média de 20 anos, realizavam suas atividades por amor à camisa e ao ideal. "Havia um responsável por cada área de trabalho, de acordo com a aptidão de cada um. Não tínhamos estatuto ou funções delimitadas. As pessoas entravam e saíam do Grupo e não havia organização formal, mas todos trabalhavam em equipe", revela Eglê Malheiros, que na época atuava como atriz, escritora e cronista.

Alguns dos novos intelectuais da época iniciaram com colaborações em jornais alternativos da cidade, como a *Folha da Juventude*, em 1946. Neste veículo, foi criada a página de Arte Moderna, que seria o embrião do CAM.

Em dezembro deste mesmo ano, o Grupo, composto por Ody Fraga, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Anibal Nunes Pires, Armando Carreirão, Hassis, Meyer Filho, Aldo Nunes, Hugo Mund Jr., Silveira D'Ávila e Antonio Paladino resolveu criar um informativo próprio, que atendesse às suas expectativas. Só faltava o dinheiro.

Ody Fraga sugeriu, então, a montagem de uma peça de teatro para arrecadar fundos. Passou-se quase um ano até que em 7 de novembro de 1947 o público se dirigiu ao Teatro Álvaro de Carvalho para assistir aos espetáculos em um ato *O Homem da Flor na Boca*, de Luigi Pirandello, *Como Ele Mentiu ao Marido Dela*, de Bernard Shaw, e *Um Homem Sem Paisagem*, de Ody.

Em 1º de janeiro de 1948 circulava o primeiro número da *Revista Sul*, patrocinada pela renda do teatro. Era a concretização de um movimento que iria perdurar por mais 10 anos, marcando época e estabelecendo um contato entre Florianópolis e o mundo modernista além Ponte Hercílio Luz.

PRESERVANDO OS VALORES
CULTURAIS DE NOSSA GENTE.



SECRETARIA
DE ESTADO
DE GOVERNO



O exemplo da persistência

O movimento Grupo Sul nasceu das idéias de um punhado de estudantes vanguardistas que foram, aos poucos, se estabelecendo na vida e constituindo família. Muitos saíram em busca de oportunidades de trabalho e estudos em outros centros, visto que Florianópolis, na época, não oferecia espaço para uma atividade cultural profissional. Mesmo os jornalistas trabalhavam de "bico" e necessitavam de outra atividade para sobreviver.

"Faz parte destes grupos ter um começo, um auge e um declínio. Estudamos a

situação e chegamos à conclusão que: ou acabávamos gloriosamente, em pleno prestígio, ou iríamos morrendo aos poucos", avalia Eglê Malheiros. E o Grupo Sul optou por se desfazer no auge, em 1957.

Os integrantes do Grupo chegaram à conclusão de que a *Revista* não poderia mais circular como uma publicação de jovens, que era, então, a justificativa para a sua produção. Ela tinha que se organizar, se estabelecer como um órgão cultural perfeitamente estruturado. Mas não havia condições para isso. A falta de uma estrutura financeira para formar uma redação, com pessoas trabalhando integralmente, com

compromissos e salários foi mais forte que os 10 anos de resistência cultural.

"Hoje, se examinarmos a *Revista* com as suas perspectivas de tempo, ela continua tendo suas qualidades e defeitos. A gente dizia sempre que, se nenhum dos participantes do Movimento ficar com o reconhecimento de realização cultural, pelo menos o Grupo Sul fica como um exemplo de que o jovem, querendo e tendo persistência, realiza alguma coisa envolvendo a sua terra. Acredito nesta como uma das lições dessa época", complementa Salim Miguel.

RECONHECIMENTO - Nem os pró-

prios integrantes do Grupo Sul sabiam, na época, da importância do Movimento para a cultura catarinense. Salim e Eglê, dois dos nomes que acompanharam a trajetória do Sul desde o primeiro até o último dia, contam que somente no ano de 1970 se deram conta do trabalho realizado. "Quando fomos procurados por um repórter do *Jornal O Estado*, no Rio de Janeiro, onde morávamos desde 1964, acreditávamos ter pouco a dizer sobre o Grupo Sul", conta Salim. Ao revirarem os papéis acumulados por 12 anos no fundo do armário é que se aperceberam do volume de publicações e atividades realizadas.

Em 1979, Lina Leal Sabino fez a mais

completa pesquisa publicada sobre o Movimento. O livro *Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina*, editado como tese de Mestrado na UFSC, se constitui na mais completa fonte de pesquisa sobre os vanguardistas das décadas de 40 e 50.

Os modernistas do Grupo Sul ainda deixaram o "campo" aberto aos novos artistas locais. Até o ano de 1947, o movimento artístico de maior expressão no Estado havia sido impulsionado por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, chamado *A Idéia Nova*, nos fins do século passado. E, desde 1957, não se tem registro de um movimento artístico-literário de tamanha repercussão em Santa Catarina.



INTERCÂMBIO:

Em busca de contatos, o Grupo foi ao Rio de Janeiro. A partir da esquerda: Jorge Lacerda, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Taulois, Oswaldo Goelde, Dante Ravaglio, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Ody Fraga e Simião Leal



BANCO DE DADOS/DC

ODY FRAGA: Jornalista, crítico, escritor, teatrólogo e cineasta versátil, Ody foi um dos grandes nomes do Movimento Grupo Sul

Peças teatrais abrem caminho para o grupo

A pesar de não ter perdurado tanto tempo quanto o movimento em si, o teatro foi de suma importância para a formação do Grupo Sul.

Com o dinheiro levantado pelas peças dirigidas por Ody Fraga e Silva, em 1947, o Círculo de Arte Moderna pôde, finalmente, editar a revista que seria o carro-chefe do movimento.

Estrearam, no palco do Teatro Álvaro de Carvalho, Anibal Nunes Pires e Salim Miguel, na adaptação de *O Homem da Flor na Boca*, de Luigi Pirandello, e Jason Cesar, Lory Ballot e Ody em *Como Ele Mentiu ao Marido Dela*, de Bernard Shaw. Ainda atuaram nesta noite W.J. Mattos e Eglê Malheiros na peça *Um Homem Sem Paisagem*, assinada por

Ody. Armando Carreirão trabalhou como ponto nas três peças, que foram recebidas com certa cautela pelo público, não habituado a textos que questionavam costumes, moral e tradição.

O polêmico diretor ainda foi o primeiro roteirista a teatralizar um texto de Jean-Paul Sartre no Brasil, com o espetáculo *As Estátuas Volantes*, adaptado do conto *O Quarto*, em 1948.

Cerca de um ano depois é montada a peça *Cândida*, de Bernard Shaw, e o Grupo inova o teatro local com a exclusão do ponto - pessoa que fica soprando a fala aos atores (em sua maioria amadores e provenientes da própria comunidade). Na época, este era um artifício utilizado por atores profissionais das grandes cidades. A peça foi um sucesso de público e crítica e abriu caminho para a visita de compa-

nhias teatrais vindas do Rio de Janeiro como os Artistas Unidos, dirigidos por Madame Henriette Morineau e ainda Sandro e Maria Della Costa.

O Grupo Sul ainda se destaca por imprimir profissionalismo ao teatro infantil. Na encenação da peça *Pinocchio*, em dezembro de 1949, publicidade e expectativa precedem à primeira montagem infantil feita inteiramente na cidade.

Em 1950, parte do Grupo vai ao Rio de Janeiro a fim de manter contatos com os novos intelectuais cariocas. Ody Fraga resolve se instalar na Capital Federal e os demais retornam a Florianópolis sem o responsável pelo setor teatral, dando um fim às atividades de artes cênicas do Grupo Sul.



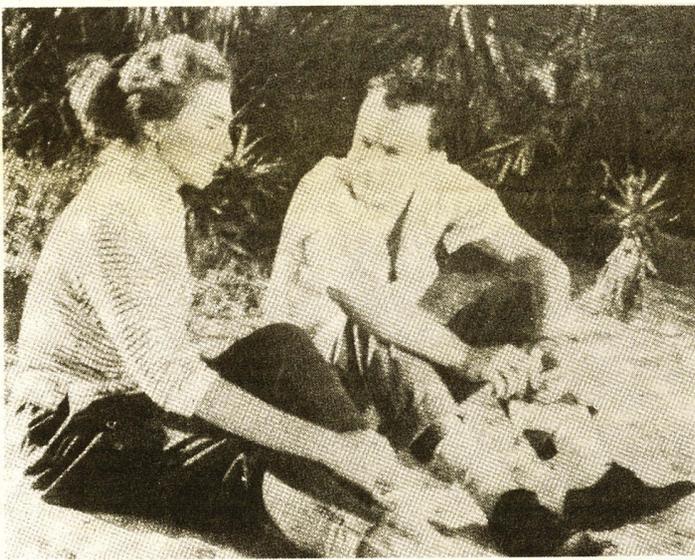
CINEMATOGRAFICA: Uma tranqüila paisagem florianopolitana é retratada em *O Preço da Ilusão*, filme produzido em 1947 - é o único longa realizado até hoje por Santa Catarina

A experiência de um longa-metragem

Em 1958, a Sul Cine Produções consegue projetar o filme *O Preço da Ilusão*, que apesar de não ter sido um sucesso estrondoso de crítica, tem o mérito de ser o primeiro e único longa-metragem da história do cinema catarinense. Isto, numa época em que as grandes produções chegavam à cidade com três a cinco anos de atraso.

Os tempos são de grandes mudanças na sétima arte, com a introdução da cor e do som. Os integrantes do Grupo Sul resolvem retratar em película as imagens e histórias da terra, em contra-ponto aos filmes norte-americanos que estrelavam mulheres tipo Marilyn Monroe e uma realidade artificial para os padrões brasileiros. A inspiração vem do neo-realismo italiano, impulsionado por novos diretores como Roberto Rossellini e Vittorio de Sica.

A idéia de se filmar um longa em Florianópolis surgiu de Armando Carreirão - que presidia também o Clube de Cinema do Grupo Sul - e as atividades iniciaram em maio de 1947. A tarefa não foi das mais fáceis. O próprio Armando se encarregou de buscar patrocínio para a produção que contou com a direção de Nilton Nascimento, argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel e temas musicais folclóricos de Osvaldo Melo Filho. Os atores foram selecionados entre a comunidade e se destacaram nos papéis principais Lilian Bassanesi, Emanuel Miranda, Celso Borges e José Vedovato, entre o



PAR: o casal romântico do filme era formado por Lilian Bassanesi e Adélcio Costa

elenco formado por mais 11 atores locais.

O enredo do filme envolve duas histórias paralelas que se entrelaçam. A da mocinha que queria vencer o concurso de Rainha do Verão e a do menino que tem como sonho montar um boi-de-mamão. Suas vidas se cruzam quando o carro onde

estava a bela jovem se desgoverna e cai da Ponte Hercílio Luz. O menino é a única pessoa a passar pelo local naquele instante e vê a cena. Mais que a narração em si, o filme *O Preço da Ilusão* destaca o cenário da cidade de Florianópolis, seus costumes, culturas, botecos, praças, praias e personagens pitorescos.

Mas as atividades do Grupo Sul na área cinematográfica não se restringem a esta produção. O movimento pela sétima arte acompanhou a trajetória do Grupo do início ao fim com o Clube de Cinema. Já no final da década de 40 os jovens se preocupavam em exibir películas alternativas, que fugiam das produções comerciais, e discutiam o conteúdo projetado. "O Clube de Cinema seria para a cidade o que representa o Art 7 nos dias de hoje", compara Salim Miguel.

Os cine-clubistas do Grupo Sul queriam ver a sociedade brasileira representada na tela. Citam como exemplo do novo cinema brasileiro o filme *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos, que retrata a vida humilde dos habitantes das favelas cariocas e satiriza a elite. Com obras voltadas para o cotidiano do país, eles queriam representar a cultura brasileira no Exterior, com seus problemas, vitórias e lutas de sobrevivência.

O Clube ainda promovia debates e palestras sobre as películas apresentadas. O filme de estréia foi *O Idiota*, uma produção francesa baseada em Dostoiévski. Ainda foram apresentados filmes italianos do período pós-guerra, como *Delito*, de A. Lattuada, *A Pérola* e *O tesouro da Sierra Madre*, entre outros.

Os modernistas também abriram espaço para a projeção das comédias de Chaplin, exibidas em 1950. *Rua da Paz*, *O Conde*, *O Balneário*, *O Imigrante* e *A Uma da Madrugada* são alguns títulos que participaram da mostra.

Revista Sul, carro-chefe do grupo

As letras foram o ponto forte destes 10 anos de atuação do Grupo Sul. No currículo estão o jornal *Cícuta*, as 30 edições da *Revista Sul*, além dos Cadernos Sul e as Edições Sul que, juntos, respondem pela publicação de mais de 15 títulos entre contos e poesias.

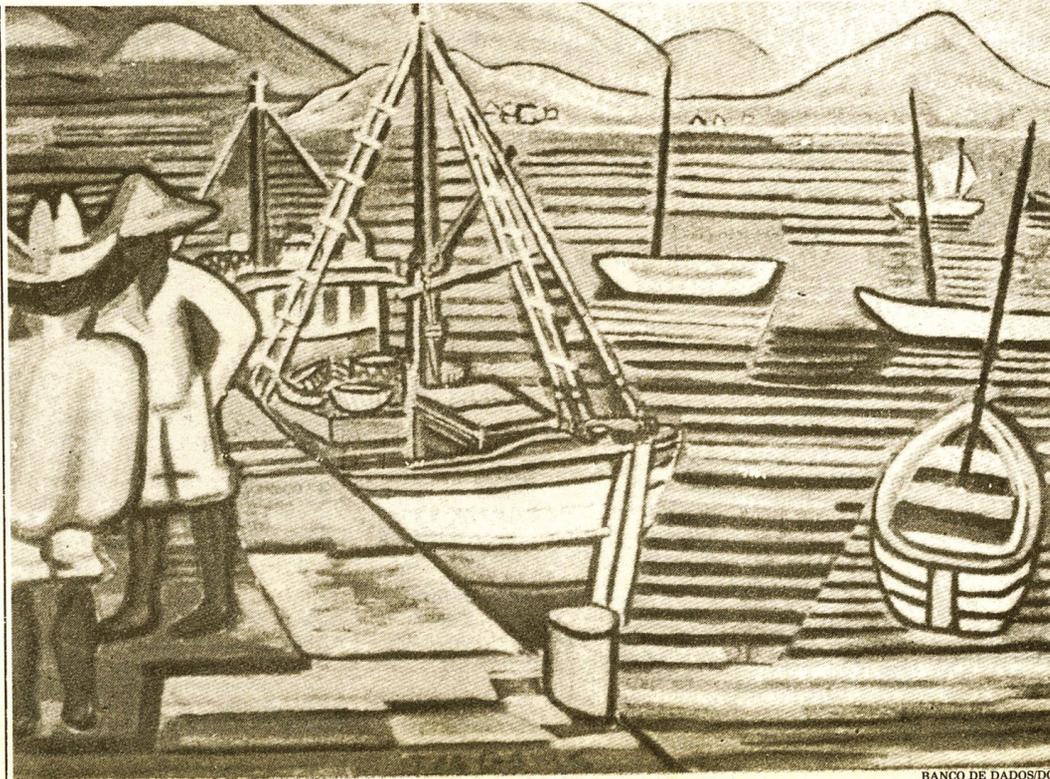
A primeira publicação, ainda amadora, foi o jornalzinho *Cícuta*, de 1947. Conhecido como o jornal de menor circulação do mundo, ele foi editado com apenas quatro exemplares, em quatro edições mensais de quatro páginas, feito pelos quatro "justos". Eram eles Salim Miguel, Aldo Sagaz, Antonio Paladino e Claudio Bousfield Vieira.

Juntos, eles tentavam imprimir à sociedade uma nova mentalidade em relação aos impressos com os seguintes dizeres: "é costume do leitor dar um fim desolador a quase todos os jornais... mas, leitor, não sejas mau; não faças a este jornal o que fazes aos demais".

O carro-chefe da área literária foi a *Revista Sul* - que devido à sua abrangência fez o Circulo de Arte Moderna ficar nacionalmente conhecido por Grupo Sul. O primeiro número saiu em 1º de janeiro de 1948 e foi todo feito por composição manual, onde caixas de tipos permitiam montar o jornal letra por letra. O segundo número já seria rodado em linotipo.

A partir da terceira edição, conseguiram auxílio da Imprensa Oficial do Estado para utilizar a gráfica, desde que pagassem um "extra" aos funcionários depois do expediente. Partiram então atrás de anúncios para sustentar a *Revista* que já possuía, na época, uma tiragem de mil exemplares. "Atualmente, não existem mais que meia dúzia de coleções completas da *Revista*", lamenta Salim Miguel, um dos diretores da publicação. Isto porque alguns exemplares ficavam na capital, outros eram enviados ao restante do Estado e do país e muitos iam para o Exterior.

Eglê Malheiros recorda que "muitas pessoas hostilizavam, mas não rejeitavam o movimento, acreditando ser apenas um impulso de juventude". Ledo engano. O Sul perduraria por mais 10 anos e a *Revista*, quando encerradas as atividades em 1958, possuía correspondentes em 15 países da Europa, América do Sul e do Norte, além de manter contatos em todas as capitais brasileiras, onde também pipocavam revistas de jovens modernistas. Publicaram textos de Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade e os escritos dos jovens intelectuais de Florianópolis também circularam em publicações de todo o Brasil. "Dois grandes nomes da literatura catarinense atual, Silveira de Souza e Adolfo Boos Júnior, iniciaram na *Revista*", relembra Salim Miguel.



BANCO DE DADOS/DC

NOVOS VALORES: Tela de Rodrigo de Haro, de 1958. Um dos primeiros desenhos feitos pelo artista foi publicado pela Sul

A direção da *Revista Sul* nestes 10 anos de atividades foi dividida entre Aníbal Nunes Pires, Hamilton Valente Ferreira, Fúlvio Luiz Vieira, Ody Fraga, Sálvio de Oliveira, Eglê Malheiros, Archibaldo Cabral Neves e Salim Miguel.

A *Sul* ainda inovou na arte gráfica, imprimindo em suas capas obras dos novos artistas plásticos locais. Sabiam como ninguém revalorizar a cultura açoriana, fosse ela popular ou não. Uma das primeiras matérias feitas com o "bruxólico" pesquisador Franklin Cascaes na Ilha foi publicada na *Revista Sul*, que ainda dava destaque para as olarias e cerâmicas ilhoas, produtos considerados como porcaria (nestes termos, mesmo!) pela sociedade local.

As capas da

Revista eram apresentadas com ilustrações de Martinho de Haro - nome já consagrado na época - e de alguns novos que viriam a se tornar ilustres na província como Meyer Filho, Hassis, Aldo Nunes, Moacir Fernandes, José Silveira D'Ávila e Hugo Mund Júnior (que obteve destaque, posteriormente, na literatura). "Um dos primeiros desenhos de Rodrigo de Haro, quando ainda era garoto, foi publicado pela *Sul*", complementa Salim.

A partir da publicação na *Revista Sul* da visita que o escritor Marques Rabelo faria a Florianópolis, em abril de 1948, foi realizada uma exposição de arte contemporânea que reuniu artistas brasileiros, húngaros, alemães, tchecos, argentinos, austríacos, chilenos, franceses, ingleses, portugueses e russos - resultando numa mostra de 74 obras originais, em um evento nunca visto na cidade. Foi o ponto de partida para que, em 1949, fosse criado o Museu de Arte Moderna de Santa Catarina, que conforme publicado na 13ª edição da *Revista*, "deveria se chamar Museu de Arte Contemporânea, um termo mais am-

plô, que não despertaria a ojeriza com que o público em geral encara a Arte Moderna".

ARTE EM PALAVRAS - "A partir da *Revista*, resolvemos que queríamos fazer uma editora. E fizemos", orgulha-se Salim Miguel. Com a criatividade de realizar vários movimentos enfrentando a falta de patrocínio e a desconfiança de um público pouco acostumado à arte vanguardista, os integrantes do Grupo Sul investiram também em títulos e cadernos literários. As publicações foram editadas em duas séries: os Cadernos Sul e as Edições Sul.

A primeira publicação saiu no ano de 1949, com o livro de poesias *Idade 21*, de Walmor Cardoso da Silva. Através dos Cadernos Sul seriam editados, ainda, mais sete volumes entre prosa, poesia, memórias, peça teatral e ensaio. Já as Edições Sul abriram espaço também para romances, crônicas e contos, somando nove títulos publicados entre 1951 e 1957. A editora ainda contava com mais sete obras que não chegaram ao conhecimento do público.

OS PRECURSORES - As capas da

PROJETO
CULTURA
VIVA

DESCOBRINDO
E INCENTIVANDO TALENTOS.



SECRETARIA
DE ESTADO
DE GOVERNO



PROJETO
CULTURA
VIVA

DEMOCRATIZANDO O
ACESSO AOS RECURSOS.



SECRETARIA
DE ESTADO
DE GOVERNO



CONTO

Dorotéia, distinta vaca

Ody Fraga

Era uma vaca distinta. Raça: holandesa, vermelha e branca. Possuía documentos irrefutáveis da pureza de estirpe. Registro nos diversos serviços especializados. Conhecida nas rodas governamentais a cargo dos negócios agro-pecuários. Na Holanda mesmo, seu país natal, se guarda com orgulhosa eficiência farto documentário sobre sua ascendência e primeiros anos de vida. Era, sem dúvida, uma vaca distinta, ruminando carinhosas rações. Com veterinário assistente. Tratador exclusivo (espécie de criada de quarto). Vida rigorosamente programada dentro de horários cientificamente pré-estabelecidos. Acabava de ser eleita, numa grande exposição nacional, a campeã da raça, recebendo afagos do governador, do secretário da Agricultura, até do ministro de Estado, os quais reunidos, por certo, não poderiam competir com ela em distinção, pois suas fichas genealógicas morriam nos cartórios onde foram registrados, com vagas referências aos pais, ligeiras aos avós, somadas a duas testemunhas mentirosas que juraram falso serem filhos de quem eram, coisa que ao certo não sabiam.

Era uma vaca distinta. Retornando dos diversos concursos, das diferentes exposições, cumulada de taças, detentora de vitórias deslumbrantes, deu-se a desgraça. Caiu na mais profunda das apatias. O veterinário, grandemente preocupado com os sofrimentos de tão ilustre paciente, diagnosticou tal e tal doença, prescrevendo-lhe enorme receita. A vaca, distinta como sempre, levantou a altiva cabeça coroada de louros, deitou o olhar plácido na cara mais ou menos animalóide do veterinário (por estranho mimetismo certamente) e jogou-lhe nas bochechas um desdenhoso Múúú!

Faleceram as ciências veterinária e curandeira (porque o Perdígão, velho prático no tratamento do gado das fazendas da região, foi chamado) em atinar com as razões do sofrimento da vaca, ou melhor, da distinta vaca.

- Acho que é saudade - dizia o veterinário, numa tentativa de estabelecer doutrina sob psicologia animal.

- Múúú, respondia a vaca, desmoralizando o coitado.

- A alimentação é correta? Perguntava seu Zuza, aflito proprietário da venerável vencedora de concursos.

- Múúú!
Grave problema. Profundo drama.

Em Cruz das Almas, sua nova terra, o vereador Policarpo, autor ineficaz de projetos de lei dando nome às novas ruas, propôs à Câmara de Vereadores, chamar-se qualquer logradouro público de DOROTÉIA (assim chamava-se a distinta vaca). Sua bancada imediatamente o apoiou. A edilidade já tinha denominado Coronel isso, General aquilo, Capitão aquilooutro, Vereador Fulano, Professor Beltrano, a diversas ruas. Afinal de contas,

quem eram estes senhores? Mediocres celebridades municipais.

- Sim, o meu nobre colega Policarpo foi feliz na sua propositura. Quem, Senhor Presidente e Senhores Vereadores, trouxe para Cruz das Almas maior número de vitórias? Quem nos trouxe fama nacional? Internacional até? Claro que a vaca Dorotéia. Por isso, declaro ser o meu voto favorável ao projeto do ilustre colega. Tenho dito. - Assim discursou o vereador Braulino, na sessão em que o projeto de lei lhe foi apresentado.

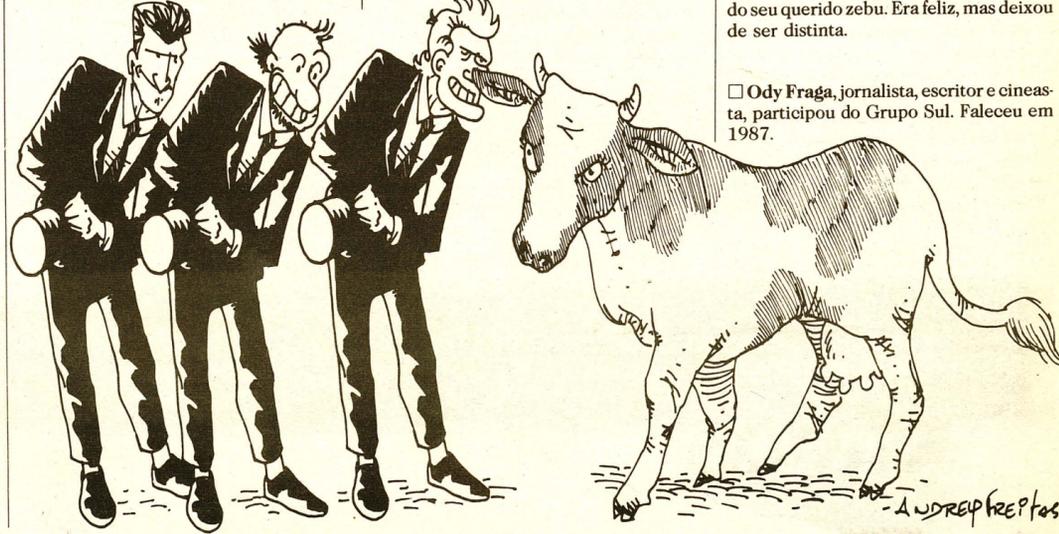
O presidente da Câmara, fazendo uma exceção, falou de sua alta tribuna.

- Esta Presidência considera a homenagem em foco das mais justas. Era, por sinal, nosso propósito descer ao plenário, requerendo a medida em apreço. O nobre vereador Policarpo Assunção se nos adiantou, o que não tira a primazia de nossa idéia, nem o nosso entusiasmo em apoiá-la.

Já o vereador Pedro de Alencar, da bancada da oposição, considerando perentor a distinta vaca Dorotéia a destacado membro situacionista, discursou desta maneira.

- Senhor Presidente! Caros colegas! Querendo votar em sã consciência e não possuindo maiores informações sobre a ilustre figura que se pretende homenagear, solicito à Mesa remeter ao sr. Prefeito Municipal o seguinte pedido de informações: 1 - Está comprovada oficialmente a genealogia de Dorotéia? 2 - Pertence ela de fato ao rebanho de nosso município? 3 - Os prêmios que levantou são reconhecidos pelos poderes públicos? 4 - É animal digno da admiração de nossos municípios? De posse destes elementos, Senhor Presidente, darei o meu voto. - Entregou o requerimento ao secretário e sentou-se.

Iam os debates acalorados quando o vereador Antônio Rivera, voltando da sala do café, pediu a palavra, requerendo regime de urgência para o projeto, pois acabava de ser informado estar a vaca Dorotéia passando mal. Foi grande a



consternação no recinto.

- Múúú!

Quinze dias eram passados sem qualquer alteração no estado de Dorotéia. Seu Zuza já havia utilizado todos os recursos possíveis. Até uma junta veterinária, reunindo os mais ilustres especialistas nacionais, foi convocada. Fracassavam os sábios.

O jornalista Amadeu Rodrigues, vice-diretor de A Voz de Cruz das Almas, hebdomanário social e noticioso, lançou em uma de suas edições dominicais editorial bastante apreciado, que terminava assim:

“Não faltará à ilustre Dorotéia, por certo, o carinho da população amorável desta terra. Os cruzalmenses, que em tantas vicissitudes têm demonstrado firmeza de espírito, vencem com ânimo forte estes dias aziagos, nos quais, com os riscos por que passa Dorotéia, se compromete a mais ilibada glória conterrânea”. Como em tudo e por tudo o jornalista Amadeu Rodrigues erguia preces aos céus, assim fechava o festejado artigo: “Ergamos nossas preces aos céus, para que Cruz das Almas conte com a ventura de ver Dorotéia, a gloriosa, completamente curada a fim de conquistar lá fora novos louros para nossa querida terra”.

Esgotados todos os recursos científicos, soltou-se Dorotéia para os campos, a fim de viver só, longe dos curiosos, os seus derradeiros dias de vida.

Eis quando se deu o milagre, que resultou no maior escândalo de Cruz das Almas, nos últimos cinquenta anos. Passado um mês, seu Zuza mandou dois homens à procura de Dorotéia. Não teve coragem de ir pessoalmente, temendo encontrá-la morta.

Voltaram os homens fazendo grande algazarra. Dorotéia, a distinta vaca, não só ainda estava viva como gozando de perfeita saúde, totalmente recuperada da perniciosa e desconhecida moléstia.

- Que teria causado a cura? Indaga seu Zuza enquanto se prepara para ir ao encontro da distinta vaca.

- Um zebu!
- O quê?
- Sim, anda de amores com um zebu.

Seu Zuza não permitiu qualquer companhia. Dirigiu-se ao encontro de Dorotéia. Encontrou-a pastando placidamente sob as vistas de seu amado.

- Mas, Dorotéia! Exclamou num misto de angústia e alegria.
- Múúú, respondeu-lhe a vaca toda coquete.

- Você me decepcionou.
- Múúú!
- Eu que reservava para você o melhor. Ia mandar buscar na Holanda um touro especial, de alta linhagem.

- Múúú!
- É, consou-se seu Zuza, o coração de vaca tem razões que a própria razão desconhece... Imperscrutável mistério...

Os amores de Dorotéia foram o assunto de Cruz das Almas nos três meses seguintes. O vereador Policarpo retirou, às pressas, o seu projeto de lei homenageando a distinta vaca. O oposicionista Pedro de Alencar aproveitou o escândalo para um longo discurso reclamando a moralização dos costumes em Cruz das Almas. O jornalista Amadeu Rodrigues noticiou o restabelecimento de Dorotéia com apenas três linhas na secção de notícias diversas.

Dorotéia passou a viver na companhia do seu querido zebu. Era feliz, mas deixou de ser distinta.

□ Ody Fraga, jornalista, escritor e cineasta, participou do Grupo Sul. Faleceu em 1987.

Guido Wilmar Sassi

Secaram os seios de Augusta. Os beijos da criança, sófregos, tateiam em busca dos mamilos. Os lábios sugam, sugam, em vão. O leite sai aos poucos, em gotas miúdas, a muito custo. Mas é bom o calor e a maciez daqueles peitos. A teta mole e quente lhe enchendo a boca, enganando a fome, a criança adormece.

Augusta se movimenta no sono. O pequenino desperta e molha os cueiros. A urina esfria, produzindo-lhes dores nas perninhas irritadas pelas assaduras. A fome aumenta. Ele chora.

A mãe se acorda e lhe bate nas costas, de leve, acalentando-o:

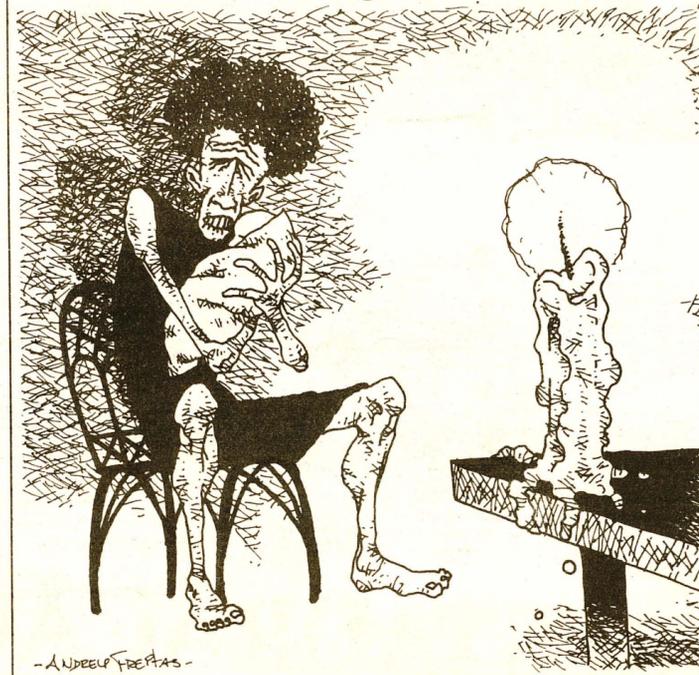
- Ahn-ahn-ahn, ahn-ahn-ahn... Não adianta. A criança berra, agora, esfaimada. Augusta ensaia uma canção de ninar, mas desistindo logo, praçueja:
- Dorme, dorme. Dorme, porcaria!

Acendendo um toco de vela, Augusta senta-se na cama. Olha para o filho, com raiva. Aquela peste não a deixa dormir. Por que não se cala? - Toma, raio do diabo! Toma! - E dá-lhe o seio, novamente. A boquinha se fecha sobre ele, aprisionando-o. Mas o leite não desce, não desce, não adiantam os chupões dos lábios famintos. Augusta cabeceia, dominada pelo cansaço e pelo sono. A criança abandona o seio inútil e vazio. E chora, chora, arroxando-se com o esforço. Seus berros reclamam panos enxutos, mamadeira quente, banho. A mãe, porém, está cansada, muito cansada. Seus membros estão lassos, moidos pela trabalhadeira de todo dia. Seus olhos teimam em ficar fechados, um peso enorme caindo sobre eles. Um peso de todas as fadigas do mundo, grande, muito grande.

Aproveitando um momento em que a criança deixa de chorar, por lhe faltarem forças, o corpo da mulher estende-se no leito. Sua cabeça procura os travesseiros. Não vê mais a claridade da vela, nem resiste mais ao peso invencível. Entrega-se a um cochilo bom, reparador. Mas o pequeno recobra novo alento. Seu choramingar constante penetra no sono da mãe, como uma broca tenaz, perfurando, perfurando. Augusta ouve o choro contínuo, que se aproxima, se aproxima, torturando-lhe os nervos, os sentidos, o corpo todo, a alma. Ela desperta por completo e se enraivece. A mão pesada cai com fúria nas costas da criança.

- Dorme, peste! Dorme! O diacho, que não deixa a gente sossegar.
O menino emite um som mais alto, na primeira vez em que a mão raivosa se abate sobre ele. Depois se cala, de súbito. Augusta aguarda uns instantes, os ouvidos escutando ansiosos, tensos. Mas não ouve nada mais. Mergulha outra vez no sono, tão bom, tão bom. A

Mãe



- A. UDELP FREITAS -

vela bruxoleia um pouco. Depois se apaga. Silêncio e escuridão envolvem tudo. Ritmo compassado de respiração adormecida é a única coisa a se fazer ouvir, de manso, de manso.

Para Augusta, o filho acontecera simplesmente, como um fato de somenos. Concebera-o sem amor, sem paixão, sem prazer, entregando-se ao homem que a desvirginara como se obedecesse a um destino cego, predeterminado.

Negrinha estouvada, boba, deixou-se engabelar pelo primeiro que apareceu. E depois lá ficou, de ventre cheio, agüentando a carga. Com apatia, notou as “diferenças” e suportou o entorpecimento. Seu choramingar constante penetra no sono da mãe, como uma broca tenaz, perfurando, perfurando. Augusta ouve o choro contínuo, que se aproxima, se aproxima, torturando-lhe os nervos, os sentidos, o corpo todo, a alma. Ela desperta por completo e se enraivece. A mão pesada cai com fúria nas costas da criança.

- Dorme, peste! Dorme! O diacho, que não deixa a gente sossegar.
O menino emite um som mais alto, na primeira vez em que a mão raivosa se abate sobre ele. Depois se cala, de súbito. Augusta aguarda uns instantes, os ouvidos escutando ansiosos, tensos. Mas não ouve nada mais. Mergulha outra vez no sono, tão bom, tão bom. A

cria, disse - “Teus sentimentos de mãe tão recolhidos. Tu vai ver é mais tarde... Agora tu não ligas. Mas tu vai ver mais tarde... tu vai ver o que é ser mãe”.

Mas o tempo passava e Augusta não via coisa alguma. O filho continuava a não representar nada em sua vida. Era, mal comparando, semelhante àquela ferida feia que ela tivera na perna, quando criança. A ferida veio, criou pus, alastrou-se, incomodou-a por uma porção de tempo. Mas acabou cicatrizando, indo embora, só deixando um simples sinal como lembrança de sua passagem.

Pois o filho, para ela, era certamente menos importante do que a chaga antiga. Havia prometido dá-la a uma ricaça metida a caridosa. Quando o desse, não sentiria remorsos nem saudades. A recordação do filho, no seu peito, deixaria apenas um sinal pequeno, menor ainda do que o produzido pela ferida. Nem parecia uma coisa que lhe houvesse nascido do sangue, algo que lhe tivesse habitado o ventre e chupado os seios. Era nada, absolutamente nada.

Carregava-o consigo para o emprego, deixando-o ao léu, num galpão, enleado nos trapos e dentro de uma caixa qualquer. E freqüentemente se esquecia da sua existência, distraída com o serviço.

A patroa vinha ralhar com ela, mandar que fosse amamentar a criança. Ela ia, sim, mas com maus modos, de cara amarrada. Com o tempo roubado pelos cuidados que devia administrar ao pequeno, o trabalho atrasava, obrigando-a a serões. Augusta não gostava disso. E vinha uma pontada de raiva, fina, sutil, apossar-se dela. “Esse peste...”

E depois, havia ainda o acervo imenso de noites maldormidas, dando-lhe de mamar, mudando-lhe os cueiros, ouvindo a toda hora o seu chorar ininterrupto de esfoameado crônico. Também não poderia trazer homens para casa. Eles ficavam arreliaados, aborrecidos com a gritaria que lhes estragava as noites de prazer, as horas de sono.

Que ele crescesse ligeiro, era o seu único desejo. Ver-se livre do fardo incômodo, o seu único ideal. A ricaça não o queria assim, ainda dos cueiros, sem caminhar. Esperava que ele ficasse maiorzinho, que não desse tantos trabalhos por sua causa, mourejar que nem cativa, abster-se dos momentos de repouso e das noitadas de alegria. Dentro do coração de Augusta, o ódio criava raízes. Era um ódio disfarçado, traícoeiro, inconsciente. Mas que existia, apesar disso.

Manhãzinha, o sol entrando pelas frinchas das paredes desperta Augusta. Após a noite repouante, refeita das fadigas, ela está quase alegre, um desejo de acariciar alguém lhe comichando por dentro. Mas não há ninguém, só o filho. Augusta segura-o, para dar-lhe de mamar. A criança não corresponde ao seu aperto. A mulher se assusta. Um pensamento ruim lhe vem à mente. Lembra-se das pancadas que lhe dera na noite anterior. Sua covardia, porém, impede-a de olhar para o embrulho que tem nos braços. Suas mãos apalpm as faces da criança, sentem-lhe a pele gelada, os músculos rígidos. Uma bola sobe ao peito de Augusta, estrangula-a. Seu afeto materno sai do letargo. “Teus sentimentos de mãe tão recolhidos. Tu vai ver é mais tarde...” Ela aconcheça o filho, apertando-o nos braços, muito, muito. Seus lábios se movem, murmurando palavras de amor. Canções de ninar, termos doces, que embalam, que afagam, lhe saem da boca:

- Ahn-ahn-ahn. Bonequinha da mãe. Queridinho. Ahn-ahn-ahn...
E ali fica ela, muito tempo, a cantar para o filho morto. Seus braços embalando a trouxa imóvel, seu peito aquecendo inutilmente o corpinho frio.

- Ahn-ahn-ahn. Bonequinha da mãe. Queridinho. Ahn-ahn-ahn...

E ali fica ela, muito tempo, a cantar para o filho morto. Seus braços embalando a trouxa imóvel, seu peito aquecendo inutilmente o corpinho frio.

Guido Wilmar Sassi, natural de Lages, é autor de *Piá, Amigo Velho*, *São Miguel, Geração do Deserto*, *Testemunha do Tempo*, *O Calendário da Eternidade* e *A Bomba Atômica de Deus*.

PROJETO
CULTURA
VIVA

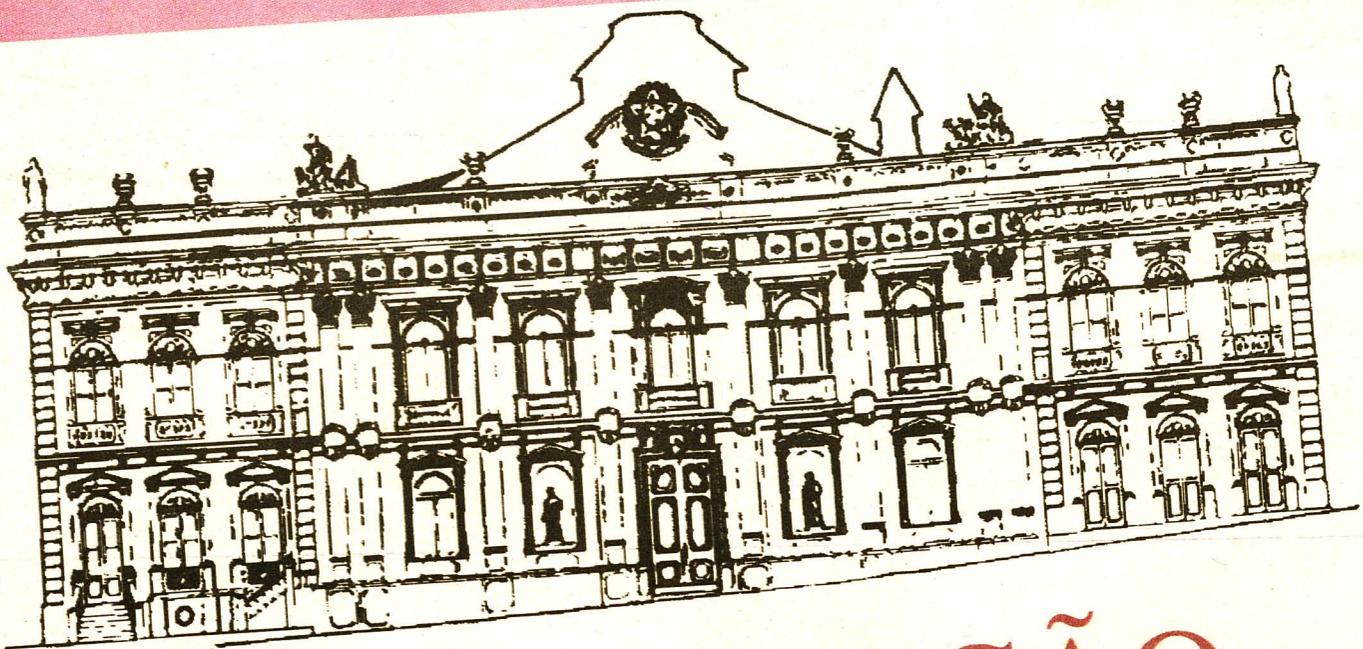
ESTIMULANDO E VALORIZANDO
A PRODUÇÃO CULTURAL CATARINENSE.



SECRETARIA
DE ESTADO
DE GOVERNO



PROJETO



RESTAURAÇÃO PALÁCIO CRUZ E SOUSA

SUA EMPRESA VAI ENTRAR PARA A HISTÓRIA DE SANTA CATARINA PELA PORTA DA FRENTE.

Faça parte da história de Florianópolis e de Santa Catarina. Coloque sua empresa no **PROJETO RESTAURAÇÃO PALÁCIO CRUZ E SOUSA**. Além de receber todos os incentivos fiscais e benefícios institucionais do marketing cultural, sua empresa vai ajudar a recuperar um dos mais importantes patrimônios históricos do Estado e manter viva a história de Santa Catarina. Participe.

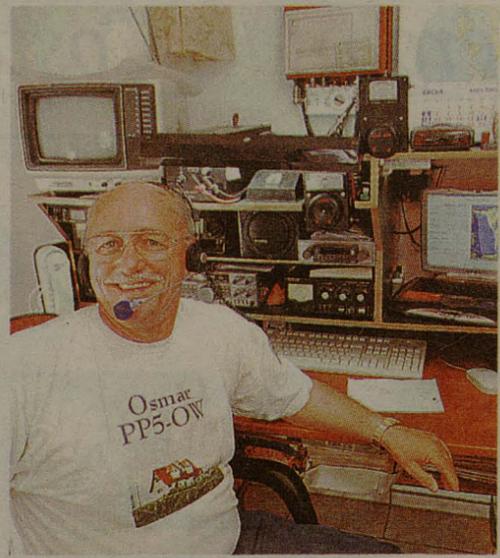
PROJETO RESTAURAÇÃO PALÁCIO CRUZ E SOUSA. De portas abertas para você fazer parte da história de Santa Catarina.

Para mais informações sobre o Projeto, entre em contato com a Fundação Catarinense de Cultura. DIRETORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL - Av. Rio Branco, 387 - 5º andar - Cx. Postal 1471 CEP 88015-201 - Florianópolis - SC - Fone (048) 224-3800



revista DC

O MUNDO SE COMUNICA E SE CONHECE PELAS ONDAS DO RÁDIO



PÁGINA 6

TK HELENA/DC/FLORIANÓPOLIS

OS PASSOS QUE DEVEM SER SEGUIDOS ATÉ COLOCAR O LIVRO NA PRATELEIRA

PÁGINA 7

PK
POKAONDA
"A onda da moda jovem"

Moda Outono Inverno

Florianópolis
R. Cons. Mafra, 399
F. (48) 322-1883

Stop Shop Brusque
loja 48 Sup.
F. (47) 255-7148

Fábrica
Nova Trento-SC - F. (48) 267-0668

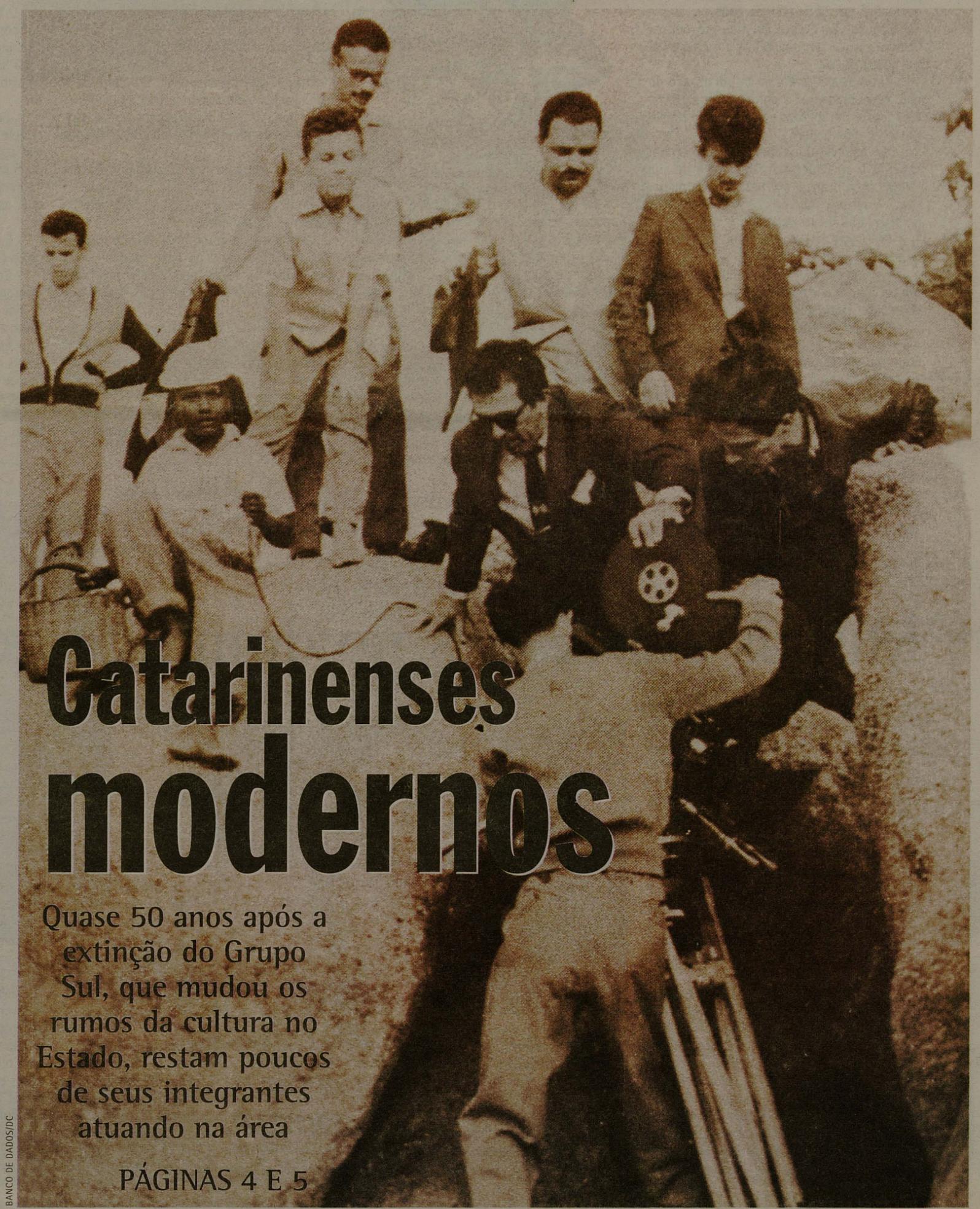
Home Page: www.titita.com.br
e-mail: titita@titita.com.br



TITITA

A moda da Garotada Esperta

Tem alguém sorrindo prá você!



Catarinenses modernos

Quase 50 anos após a extinção do Grupo Sul, que mudou os rumos da cultura no Estado, restam poucos de seus integrantes atuando na área

PÁGINAS 4 E 5

BANCO DE DADOS/DC

No ano de 1957, o editorial de uma importante revista literária proclamava o fim do Grupo Sul, que modernizou a literatura do Estado. Hoje, quase 50 anos depois da despedida, o Diário Catarinense revela os rumos tomados pelos seus ex-integrantes

O destino da geração Sul

FÁBIO BIANCHINI

Quando o Grupo Sul, que trouxe o modernismo para Santa Catarina, anunciou o seu fim, em editorial do trigésimo número da revista *Sul*, lançado em 1957, 10 anos após seu início, nenhum dos integrantes pensou no fato como uma tragédia. "Era um grupo com muita consciência, eles sabiam o que queriam. Quando viram que haviam atingido suas metas, tiveram a prudência de terminar as atividades", explica Lauro Junkes, professor titular do Departamento de Língua e Literatura Vernácula da Universidade Federal de Santa Catarina. Além de terem trazido as novas tendências artísticas para o Estado (às vezes, às custas de muita polêmica, como o famoso embate com o acadêmico Altino Flores, pelas páginas dos jornais, em 1948), ajudaram a fundar o Museu de Arte de Santa Catarina e revelaram vários novos talentos. Após a dissolução, cada um deles seguiu seu caminho, dentro ou fora das atividades artísticas e/ou dos olhos do público.

"Um grupo com muita consciência, eles sabiam o que queriam"

Quatro deles continuam em atividade: Salim Miguel tornou-se um dos principais escritores catarinenses e recebeu, no fim do ano passado, o Troféu Juca Pato para o intelectual do ano, conferido pela União Brasileira dos Escritores. Adolfo Boos Júnior, que não era do núcleo original do Grupo, mas se integrou a ele pouco de-

pois, prepara uma novela policial e um romance ambientado na Guerra do Contestado. Seu livro mais recente, *Presença de Pedro Cirilo*, é de 2001. A poetisa Eglê Malheiros passou a dedicar-se também à literatura infanto-juvenil, além da coluna que mantém às quartas-feiras no *Diário Catarinense*. Silveira de Souza também continua produtivo. "O Grupo Sul foi como uma escola intermediária para mim", garante. "Eu tinha 14 anos e o Grupo Sul trouxe muitas novas informações. No início, foi um choque".

Vários membros já morreram. A primeira grande baixa foi Antônio Paladino, contestista dos mais ativos, que faleceu em 1950, aos 25 anos. De lá para cá, foram-se Glauco Rodrigues Corrêa, os artistas plásticos Hassis, Pedro Paulo Vecchietti, Martinho de Haro e Meyer Filho, o dramaturgo Ody Fraga, o crítico Hélio Ballstaedt e o escritor Guido Vilmar Sassi (estes últimos, no ano passado).

Outros continuam vivos, mas afastaram-se um pouco do meio. Walmor Cardoso da Silva, por exemplo, foi o autor do primeiro livro publicado pela Editora Sul, *Idade 21*. "Era a maior esperança poética da época, mas, após o fechamento da revista, passou a se dedicar à carreira jurídica e ao magistério", fala Junkes. Hoje, ele mora em Florianópolis e trabalha como professor universitário. Já o artista plástico Hugo Mund Júnior mudou-se para a capital federal no início dos anos 60, quando foi fundada a Uni-

versidade de Brasília, onde leciona nos cursos de artes visuais. "Ele hoje se dedica mais à poesia, às palavras", diz Silveira de Souza. A mudança, segundo o escritor, começou quando Mund passou a fazer poemas concretos, visuais.

Armando Carreirão também foi colaborador e se destacou como produtor do primeiro longa-metragem catarinense, concebido pelo Grupo, *O Preço da Ilusão*, lançado em 1958. No mesmo ano, fundou um cinejornal (curta-metragens jornalísticas que passavam no cinema antes dos filmes principais) que durou até 1970. "Eu falava das coisas de Santa Catarina", lembra. Desde então, também se distanciou da produção artística. "Ainda gosto, aprecio, mas acompanho toda a atividade de fora, como leitor. Realizei muita coisa, mas no campo particular", explica. Atuou também como advogado e hoje está aposentado.

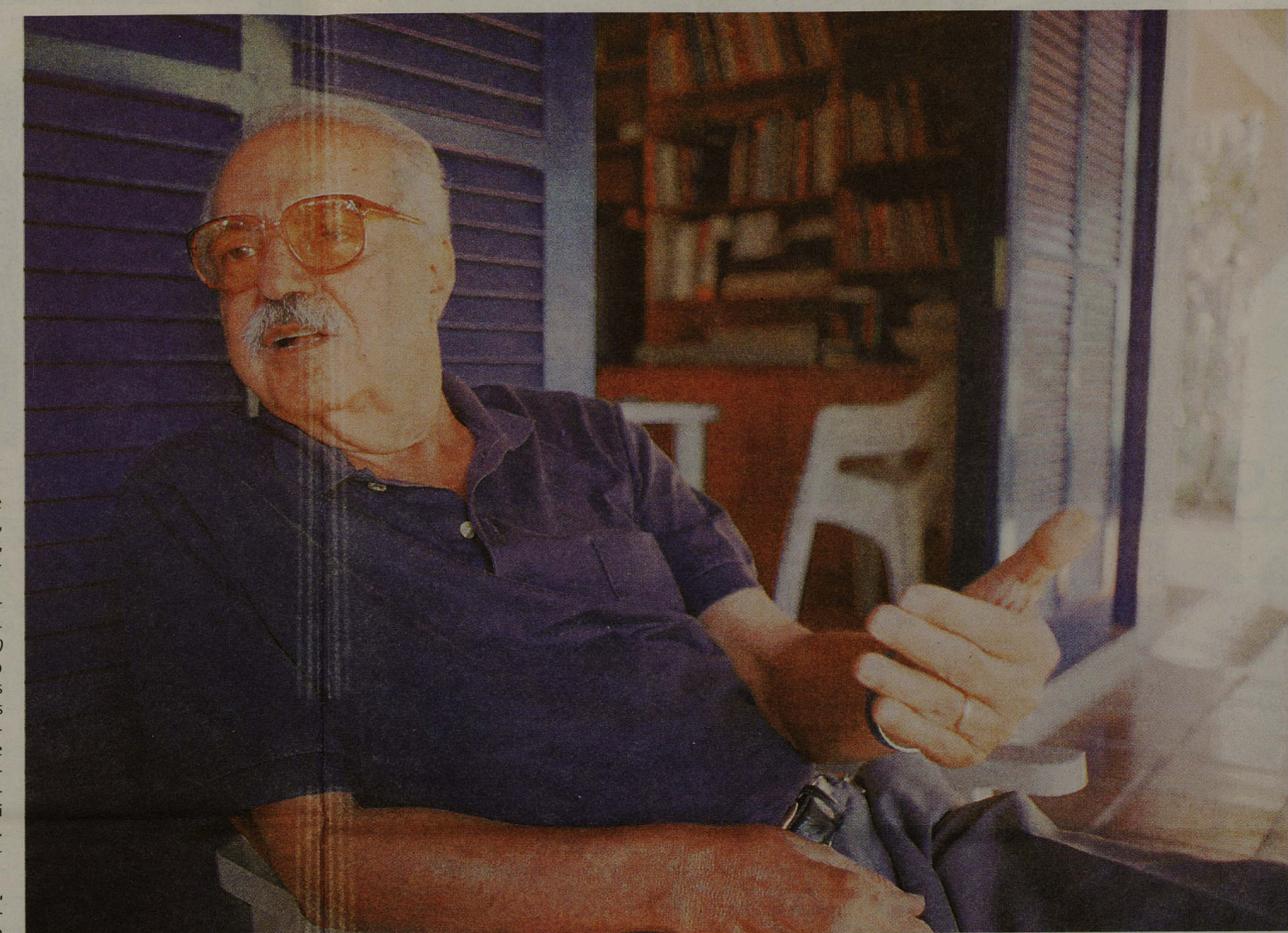
Archibaldo Cabral Neves, um dos fundadores, deixou o Grupo em 1953, quando passou a assinar uma página literária em um jornal local. Em 1955, ganhou uma bolsa de Unesco e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi estudar na Fundação Getúlio Vargas e trabalhar no setor de treinamento e relações humanas da Petrobrás, onde ficou por quase 30 anos, até aposentar-se, em meados dos anos 80. "Depois de conhecer o Brasil inteiro em viagens de trabalho, resolvi voltar a Florianópolis", conta. Ele ainda escreve, mas não se preocupa em publicar. "Hoje existe muita coisa repetitiva e é preciso arcar com custos ou participar de concursos. Aos 75 anos, prefiro fazer só para mim mesmo", diz.



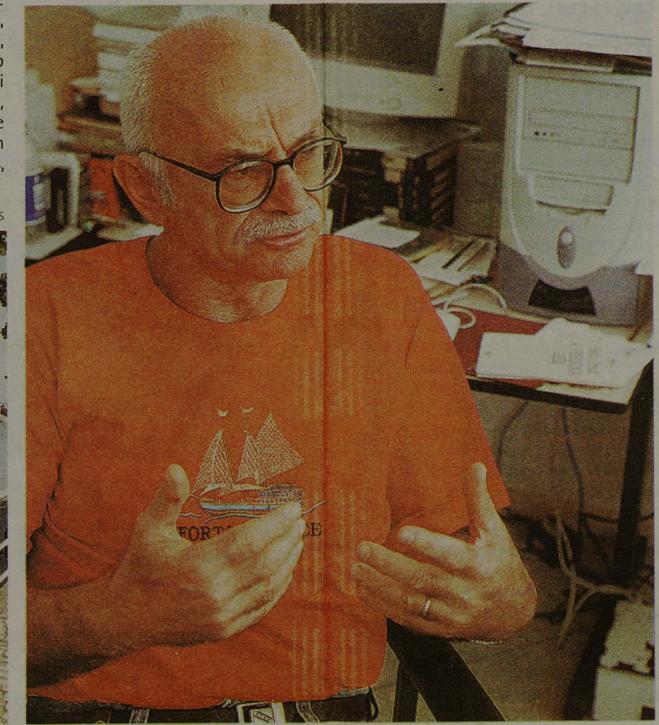
BASTIDORES: Salim Miguel testa meninos candidatos a atores para o longa *O Preço da Ilusão*



PRODUÇÃO: Silveira de Souza continua ativo



SUCESSO: O "libano-bigaçuense" Salim Miguel recebeu o troféu concedido pela União Brasileira de Escritores para os intelectuais de maior destaque, no fim do ano passado



PRUDÊNCIA: Lauro Junkes defende que o Grupo acabou quando atingiu suas metas

Roteiro e título trocados

Com o fim "oficial" do Grupo Sul, uma das trajetórias mais curiosas foi a de Ody Fraga e Silva. Ele era o responsável pela força que o teatro teve no grupo logo no começo. "Foi o primeiro a encenar uma peça de Jean-Paul Sartre no Brasil, salienta Lauro Junkes. O conto *O Quarto*, do escritor e filósofo francês, foi transformado na peça *As Estátuas Volantes*, uma das três montagens de um ato que em 1947 compuseram o espetáculo, ao lado de *O Homem de Flor na Boca*, de Pirandello, e *Como Ele Mentiu ao Marido Dela*, de George Bernard Shaw. Foi justamente com a renda da bilheteria desse evento, exibido em Florianópolis, que os jovens idealistas financiaram a primeira edição da revista *Sul*.

Fraga e Silva transformou o teatro numa das atividades mais expressivas do iniciante modernismo catarinense, com suas peças curtas, de apenas um ato, com cerca de 20 minutos, como *O Homem Sem Paisagem*, *O Novo Céu*, *a Nova Terra* e *Três Histórias Sem Fim*. "Mas já em 1950, ele foi para o Rio de Janeiro e o teatro ficou enfraquecido. Ody teve uma carreira estranha, entre São Paulo e Rio de Janeiro", conta o professor Junkes.

A carreira estranha a que ele se refere inclui alguns roteiros para telenovelas, como *O Preço de Um Homem* e *Vendaval*, para a TV Tupi, e a transferência para o

cinema, em que tornou-se o principal mentor, trabalhando como diretor, roteirista e produtor, de um gênero que estourou no Brasil do fim dos anos 60 para o início dos 70: as pornochanchadas, produzidas na chamada Boca do Lixo, em São Paulo. Ody assinou obras como *Vidas Nuas* (de 1968, um dos pilares do estilo), *Macho e Fêmea*, *Senta No Meu Que Eu Entro na Tua*, *O Sexo Mora ao Lado*, *Terpia do Sexo*, *Reformatório das Depravadas* e *Fêmea do Mar*, este filmado em Florianópolis em 1979, com a atriz Aldine Müller, que se tornaria uma das principais estrelas do gênero.

Salim Miguel lembra que a filmagem de *A Fêmea do Mar* foi a primeira ocasião em que Ody voltou à Ilha desde sua partida: "Para conseguir apoio local, como hospedagem e alimentação, ele dizia que o título do filme era outro. E o roteiro também, era uma história complexa, sobre um estrangeiro que chega em uma praia e muda tudo". Quando chegou o dia da estreia catarinense, o nome da película, que havia sido anunciado como *Jerusa do Mar*, havia sido alterado, assim como a história. "Ficou todo mundo espantadíssimo, foi um choque", diverte-se o escritor.

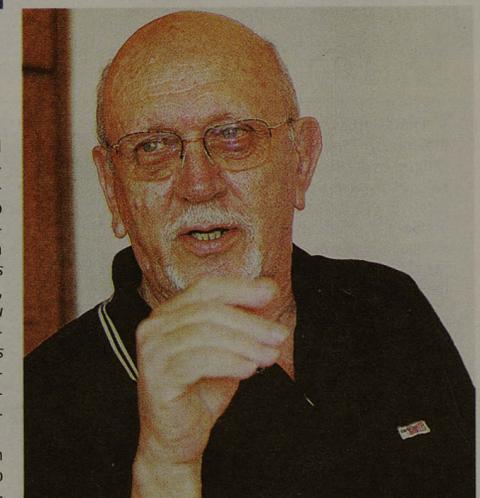
Ody morreu em São Paulo no dia 4 de setembro de 1987, aos 59 anos, vítima de problema pulmonares.

Eles produziram o primeiro longa

O jornalista florianopolitano Marco Stroich contou a história do filme *O Preço da Ilusão*, uma realização coletiva do Grupo Sul. O trabalho surgiu a partir de sua ideia para o trabalho de conclusão do curso de jornalismo. Inscreveu o projeto no Edital da Cinemateca Catarinense, onde conseguiu os recursos para a realização. Agora, conta, o plano é fazer um filme contando os bastidores da realização de *O Preço da Ilusão*. "Tudo era improvisado. Todos gostávamos de cinema, líamos muito a respeito, mas ninguém tinha prática nenhuma", lembra Armando Carreirão, que ficou com a incumbência de produzir o filme.

Por conta da improvisação, o orçamento era curto e havia apenas um ator profissional, Celso Borges. O diretor Nilton Nascimento e o co-diretor E.M. Santos, mais experientes, transformaram em roteiro cinematográfico o argumento de Salim Miguel e Eglê Malheiros. Sucediaram-se pequenos incidentes, como o do ator principal que, ao ouvir gozações na rua por causa de sua maquiagem no primeiro dia das filmagens, abandonou o trabalho. Após vários adiamentos, o filme estreou em Florianópolis um ano depois do previsto. Quando um incêndio na Cinemateca Nacional destruiu os negativos, começou a nascer a lenda. "Cada pessoa conta uma história diferente. Podem até existir cópias do filme. De certo, os negativos se perderam, mas existem cópias de todo o som e da última lata, correspondente aos sete minutos finais", diz o jornalista.

O trabalho de Stroich está disponível para consulta no Museu da Imagem e do Som, no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, em cinco volumes. O primeiro conta a história do filme ao mesmo tempo em que narra os passos da investigação de Stroich. O segundo traz a íntegra de todos os depoimentos que ele colheu. O terceiro tem a clípgem, com todo o material que saiu na época. O quarto reúne as fotos que foram feitas e o quinto é a publicação do roteiro original. O prêmio do edital previa apenas o material impresso, mas Stroich fez ainda um vídeo também disponível no MIS, em VHS e DVD. "Não é bem um documentário. Eu dei uma editada, mas é essencialmente a reunião dos depoimentos e mais os sete minutos restantes", esclarece.



PRELO: Adolfo Boos Júnior prepara obra sobre o Contestado

ELIMINE DEFINITIVAMENTE seus problemas de pêlos com a DEPILAÇÃO PERMANENTE A LASER. Sua melhor opção neste verão!

APROVEITE NOSSOS PREÇOS PROMOCIONAIS! 6 Sessões em média

AXILA DIREITA APÓS 1ª SESSÃO

AXILA DIREITA APÓS 2ª SESSÃO

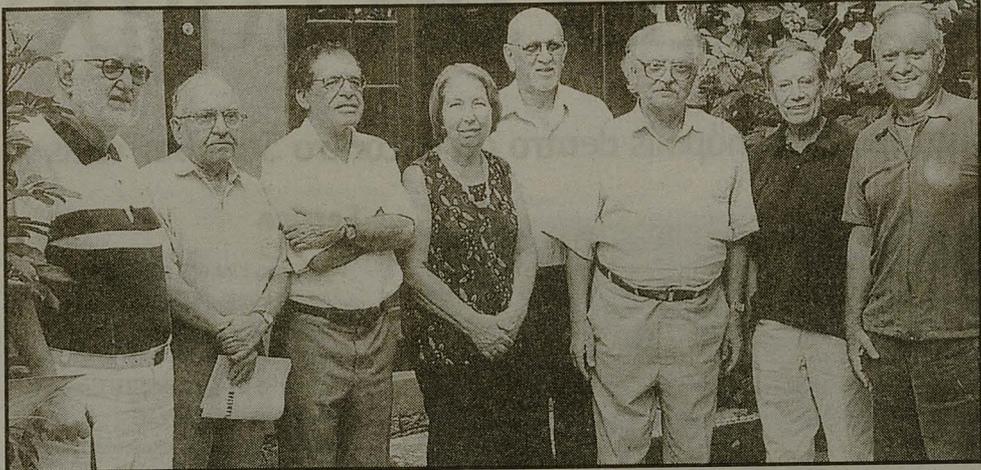
DERMÔSTÉTICA R. Felipe Schmidt, 291 - sala 401 - Centro - Fpolis Marque sua avaliação. Fone: (48) 224-5625 www.dermostetica.com.br



José Simão
simao@uol.com.br

CINEMA

DIVULGAÇÃO/DC



REUNIDOS: Cabral Neves, Silveira de Souza, Tércio da Gama, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Jr., Salim Miguel, Walmor Cardoso da Silva e Miro Moraes em encontro neste ano

Modernos do Sul tem pré-estreia

Documentário de Kátia Klock será exibido hoje no CIC

TATIANA BELTRÃO

O documentário que reconstitui a trajetória do mais marcante movimento cultural catarinense - o Grupo Sul - tem pré-estreia hoje em Florianópolis.

Produzido pela jornalista Kátia Klock, *Modernos do Sul* será exibido às 19h30min, no Cine Nossa Senhora do Desterro, no CIC, em Florianópolis. A exibição tem entrada franca.

Para produzir o documentário, Kátia colheu depoimentos de mais de 30 pessoas - na sua maioria, integrantes do grupo que trouxe o modernismo a Santa Catarina, nos anos 40 e 50, e representou a vanguarda em várias linguagens artísticas: na literatura, nas artes plásticas, no teatro e no cinema. Aos depoimentos se somam imagens de época e fotografias antigas garimpadas à exaustão pela equipe.

- Esta talvez tenha sido a parte mais difícil. Não existe memória documental em Santa Catarina. Naquela época, havia pouca preocupação em registrar os acontecimentos - diz Kátia, que recorreu a arquivos públicos (como a Casa da Memória, de Florianópolis, e a Fundação Catarinense de Cultura) e colecionadores particulares.

Os 52 minutos de documentário também têm outro molho, como diz a cineasta: são esquetes feitos a partir de textos dos autores integrantes do grupo, como Adolfo Boss Jr. O resultado, que pode ser visto pelo público hoje, não tem intenção de ser só homenagem ao grupo que ousou questionar o conformismo da estética cultural da época no Estado e propor novas linguagens, mais afinadas com o modernismo que já ganhava força no Brasil. A idéia não é só "jogar flores", afirma a diretora:

- Não é um 'institucional' sobre o grupo

Serviço

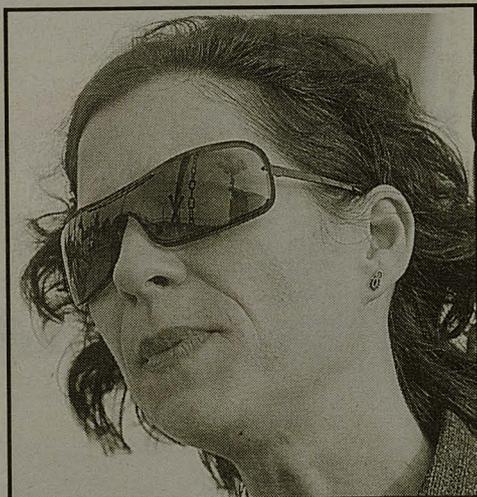
Documentário *Modernos do Sul*: pré-estreia hoje no Cine Nossa Senhora do Desterro, no CIC, às 19h30min. Entrada franca
Sul - Edição Especial: lançamento hoje no Café Matisse, no CIC, às 20h30min

Sul. Também há uma visão crítica. Mostramos outros lados - diz a jornalista. Kátia conta que escolheu o grupo como objeto de seu filme pela sua importância: foi o maior movimento cultural que Santa Catarina já teve, afirma. O Círculo de Arte Moderna, que viria a ser chamado Grupo Sul, trouxe o modernismo a Santa Catarina, representando a vanguarda na literatura, no teatro, nas artes plásticas e no cinema.

"Não é um 'institucional' sobre o grupo Sul. Também há uma visão crítica"

- Eles levaram coisas daqui para o país e trouxeram informações, também. O movimento sempre me chamou atenção porque seus artistas conseguiram ser inovadores em várias linguagens. Eles foram abolindo regras - explica.

JULIO CAVALHEIRO/DC/FLORIANÓPOLIS



KÁTIA KLOCK: O resgate de uma época

Ueba! Serra é papagaio de pirata do Alckmin!

Buembra! Buembra! Macaco Simão Urgente! O braço armado da gandaia nacional. Direto do Planeta da Piada Pronta! Sabe como é o nome da nova vice-presidente da CNN? Susan Bunda. Abrasileiraram a CNN. O Primeiro Mundo entrou para o Brasil. Rarará! E eu disse que o garoto das Casas Bahia morreu numa explosão de ofertas. Errado. Ele morreu na queima de estoques. Rarará! E o "Jornal Nacional" faz 35 anos e o Cid Moreira completa 135! E sabe como apelidaram a coligação da Marta? Coligação Laquê Botox! E ela tá tão novinha nos cartazes que daqui a pouco vão cassar o título de eleitor dela. Ela não tem idade pra votar nela!

E posso fazer uma pergunta? O Serra Vampiro Anêmico é candidato a prefeito ou a dama de companhia do Alckmin? Ele só fala no Alckmin e só faz campanha com o Alckmin. A plataforma dele é: Alckmin! O Serra é papagaio de pirata do Alckmin! Rarará! E por que no horário do Maluf fica todo mundo batendo com a mão no peito? É pra segurar a carteira? Rarará!

E as duas pessoas que ficaram mais famosas nas Olimpíadas: o irlandês doído e a filha do Giba! E o Colunático já saiu com nova enquete: "Se você fosse o irlandês, doído, quem você agarraria?". 1) Ficava peladão, invadia o vôlei de praia e agarrava a Ana Paula. 2) Pulava na piscina, agarrava o Phelps e dava um caldo nele. 3) Botava o cartaz "Xô Estresse" e derrubava o Bernardinho no tie break. 4) Ninguém. Casava com o Galvão e ia morar num hospício na Acrópole. Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

A Volta da Galera Medonha. O Pleito

Caído! Mogi das Cruzes tá ótima de candidatos: Cachaça, Patife, Jolindo Feio, Luisão Comedor e Palhaço Bubú! E em Tupaciguara, Minas, tem um candidato chamado Kundum, com o trepidante slogan: "Não enfie seu voto em qualquer um, enfie em Kundum". E um amigo meu, numa noite de sábado, assistiu a "Poltergeist 3, a Missão", "A Serra Elétrica 4" e "A Última Profecia" e aí comeu duas latas de feijoadinha Swift e foi dormir. A família acordou



com seu berros, e banhado em suor, ele contou sobre terríveis pesadelos em que aparecia um ser assustador, vestido de vermelho, que berrava "MEU NOME É HAVANIR!". Rarará! Era a candidata do Prona, a Enéas de saia! O piloto de trem-fantasma. Ela provoca síndrome alucinatória. Avise aos amigos e familiares.

E atenção! Cartilha do Lula. Mais dois verbetes pro óbvio lulante. "Temperança": condimentos pra churrasco. "Marketing": propaganda eleitoral da Marta. Rarará! Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanha! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Reedição da revista traz textos inéditos

Além do documentário *Modernos do Sul*, a noite marca também o lançamento de uma edição especial da *Sul*, revista publicada entre 1948 e 1957 e que, com um total de 30 números, foi a voz do movimento do Círculo de Artes Modernas. A edição especial, organizada por Kátia e Dennis Radünz, traz textos novos e antigos de intelectuais integrantes do grupo.

A idéia de reeditar a revista, mesmo que em uma única edição, surgiu em



uma crônica publicada por Salim Miguel no *Donna DC*. Kátia decidiu seguir a sugestão. A publicação tem Salim Miguel (com o primeiro capítulo de seu próximo livro, *Mare Nostrum*), Eglê Malheiros (que assina o prefácio), poemas de Guido Vilmar Sassi, Adolfo Boss Jr., Silveira de Souza, Aníbal Nunes Pires, Antonio Paladino, Archibaldo Cabral Neves, Miro

Morais, Walmor Cardoso da Silva, Ody Fraga e Silva, Há também obras de Hassis, Rodrigo de Haro e Martinho de Haro.

AUDIOVISUAL

Vestígios do Grupo Sul

Jornalista busca imagens do movimento cultural catarinense para a produção de documentário

FÁBIO BIANCHINI

A jornalista Kátia Klock procura imagens para documentário que produz sobre o Grupo Sul, que, no fim dos anos 40, trouxe a arte moderna para Santa Catarina.

As filmagens vão de 5 a 30 de abril e o lançamento deve ser em julho.

Quem mais cedeu material, principalmente fotográfico até agora, foram os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros. "De todo o pessoal, são eles quem mais guardam e têm isso mais organizado", conta Kátia, responsável pelo roteiro e direção do projeto. Mas ela explica que, apesar de ter reunido uma boa quantidade de fotografias, seu maior interesse é por imagens cinematográficas.

Até agora, já conseguiu a liberação de trechos dos cinejornais de Armando Carreirão, do longa-metragem *O Preço da Ilusão*, lançado pelo grupo em 1958 e rolos de filme encontrados no ano passado na Casa do Barão, no Centro de Florianópolis, que mostram cenas da cidade entre 1937 e 1943. "Os cinejornais de Carreirão foram produzidos depois que ele afastou-se do Grupo, mas mostram a cidade na época", diz. Há também rolos de filme encontrados na casa de Martinelli, ex-cinegrafista de Carreirão, cujo conteúdo ainda é desconhecido.

Enquanto esteve ativo, o grupo preocupou-se pouco em registrar seus eventos. Assim, não há nem mesmo muitas fotos das montagens teatrais ou exposições de arte. A *Revista Sul*, que batizou definitivamente o coletivo (inicialmente auto-denominado Círculo da Arte Moderna), também



NO MIRAMAR: Martins, Carreirão, Balstaedt, Salim Miguel, E.M. Santos, Nunes Pires e Silveira de Souza

não é facilmente encontrável. "Acredito até que haja mais exemplares fora do Brasil do que aqui. Vi a correspondência que eles guardaram e há muitas cartas do exterior agradecendo por números enviados da revista e pedindo mais. Cartas dos países europeus de língua portuguesa, de toda a América Latina, Europa, até da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos", diz Kátia.

Além de contar a história do Grupo Sul, o documentário vai contextualizar e apresentar a obra criada por seus integrantes. Para isso, apresentará a sociedade florianopolitana dos anos 40 e 50, com o choque ocasionado pela chegada das artes modernas, e incluirá encenações, em forma de esquetes, dos contos, peças e poemas. "É um documentário de mais de 50 minutos,

então esses esquetes funcionam também como um respiro entre as entrevistas", fala a jornalista. Junto com os participantes do movimento, deve haver depoimentos de artistas surgidos nos anos seguintes, que falarão sobre a importância do Grupo Sul e declamarão poemas em sarau.

Para fazer a estréia, Kátia pretende captar recursos, por meio da Lei Rouanet, para distribuir o filme e disponibilizá-lo, em VHS e DVD, para bibliotecas e escolas. A produção foi financiada com apoio cultural das empresas Duas Rodas Industrial e Urbano Agroindustrial, após aprovação da Lei de Incentivo à Cultura do Estado.

A diretora continua em busca de imagens para o filme e pode ser contatada pelo e-mail kklock@matrix.com.br ou pelo telefone (48) 269.8679.

FOTOS ÁLBUM DE FAMÍLIA/DC

CINEMA

Andy Garcia poderá filmar no Brasil

▼ SÃO PAULO

Produtores americanos pretendem filmar no Brasil *Genesis Code*, protagonizado pelo ator de origem cubana Andy Garcia, conforme informou a revista especializada *Variety*.

Baseado em um romance de John Case e co-produzido por Bigel/Mailer Films e Scorpion Prods., o filme será dirigido, provavelmente, por Hugh Hudson.

Segundo Michael Mailer, um dos três filhos do consagrado escritor americano Norman Mailer e fundador da produtora, esta não será a primeira vez que pensa em rodar no Brasil. "Planejamos abrir mais portas para produzir filmes americanos no Brasil", garantiu. A Scorpion Prods., produtora brasileiro-americana com escritórios em Los Angeles e São Bernardo, espera atrair mais produtoras americanas para o Brasil. "Os custos de produção são, pelo menos, um terço menores do que nos Estados Unidos", disse o presidente da Scorpion Prods., Mario Romano.

Barbra Streisand retorna em Meet the Fockers

▼ LOS ANGELES

Barbra Streisand, afastada do cinema desde *O Espelho Tem Duas Faces* (1996), deverá voltar aos sets de filmagens nos próximos meses.

Atriz está em negociações finais para fazer o papel da mãe de Ben Stiller em *Meet the Fockers*, a seqüência do sucesso *Entrando Numa Fria*, de 2000. *Meet the Fockers* será dirigido por Jay Roach e produzido pela Universal Pictures. Ben Stiller, Robert De Niro, Blythe Danner e Teri Polo vão retomar os papéis que tinham no primeiro filme. Dustin Hoffman foi escolhido em janeiro para representar o pai de Ben Stiller. Na seqüência, Greg Focker (Stiller) e sua noiva, Pam Byrnes (Polo), já conquistaram os pais da noiva, Jack (De Niro) e Dina (Danner).

Mas, quando a rígida e controladora família Byrnes conhece os pais de Greg, os super-avoados Fockers, o choque é imediato. Barbra Streisand recebeu o Oscar de melhor atriz por *Funny Girl - A Garota Genial*, de 1969, e foi indicada na mesma categoria por *Nosso Amor de Ontem*, de 1973.

Vinte e cinco anos depois, o modernismo

O Grupo Sul é considerado o terceiro, último e maior movimento cultural da história de Santa Catarina. Anteriormente, havia o Idéia Nova, criado por Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, que trouxe o simbolismo para o Estado no início do século passado, e a criação da Academia Catarinense de Letras, na década de 20, quando estabeleceu-se a literatura chamada acadêmica, à qual os modernistas mais tardes se oporiam e com os quais tiveram embates públicos nas páginas dos jornais, principalmente com o escritor Altino Flores, em 1948.

Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Antonio Paladino, Martinho de Haro, Hassis, Guido Wilmar Sassi, Adolfo Boos, Walmor Cardoso da Silva, Silveira de Souza, Armando Carreirão, Rodrigo de Haro, Elisabeth Galotti, Hugo Mund Jr, Judith Wendhausen, Fulvio Luís Vieira, Lígia Neumann, Osvaldo Ferreira de Melo, Claudio Bonfield Vieira, Ilmar Carvalho, Silveira Lenzi, Lory Ballod, Archibaldo Neves, Miro Morais, Aldo Nunes, Tércio da Gama, entre outros, atuaram em todas as áreas, exceto música e dança, e fizeram surgir o modernismo em Santa Catarina 25 anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922, quando o Brasil já estava na terceira geração do modernismo.



JUVENTUDE: Odir Fraga e Eglê Malheiros são alguns dos nomes que influenciaram a cultura local

Supl. Dom. de "O Estado" -

17-3-57

Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel e Silveira de Souza

NO BOSQUE

Conto de O. G. Rêgo de Carvalho.

O MENINO estremeceu quando viu uns olhos brilhando junto às raízes de um pau-d'arco; seu coração pos-se a bater descompassadamente, tal a alegria da descoberta.

Era uma manhã de inverno.

Sua irmã vestira-o bem cedo, calçando-lhe os sapatinhos velhos, e o levava ao pequeno bosque da cidade. Ele adorava esses passeios já que quase sempre ficava livre para apreciar os arbustos carregados de flores e os patinhos que nadavam sob a ponte rústica do regato.

Diariamente renovava esse prazer: nunca, porém, tivera surpresa tão agradável como agora. Aquêles olhinhos menores do que os seus, o seduziram, e em mirá-los levou alguma tempo, a princípio curvado, depois estendido ao chão, de mistura a folhas úmidas e flores orvalhadas.

Maninho não se conteve em fitar os estranhos olhos; quis pegá-los, senti-los nas mãozinhas rosadas. E foi meio encabulado que notou não mais estarem ali: tinham-se desaparecido misteriosamente.

Embalde esperou que tornassem a aparecer, e vendo que não conseguia seu propósito, levantou-se às pressas e correu para pedir ajuda à irmã. Estava ela sentada num banquinho de pedra conversando com o rapaz de azul, que o presenteava frequentemente com bombons.

Aproximou-se inquietamente e lhe tomou as mãos:

— Vem, vem — e a puxava com força.

A irmã, porém, não queria olhar para ele: toda a sua atenção se voltava para o companheiro, a quem sorria, contente em tê-lo ao lado. O rapaz de azul falava-lhe num tom de voz meigo e se interrompeu de súbito ao ver o Maninho.

— Olá — cumprimentou-o afetuosamente.

— Meu bem, vá brincar — ela desprendia as mãos e o empurrava com bravura. Os patinhos estão chamando.

O menino ouvia a algazarra deles caindo n'água, mas eram os olhinhos que o atraíam. E como não conseguisse animá-la a ir com ele, voltou para perto do ipê na esperança de que reaparecessem.

Maninho já se desiludia, quando percebeu uma coisa esquisita. Oculto na folhagem, um pequeno rabinho movia-se lentamente, à procura de sol para aquecer-se.

Era gozado e de cores vivas: o corpinho amarelo pintado de anéis vermelhos, semelhante-se à volta que a irmã costumava pôr nos dias de festa.

O menino curvou-se para apanhá-lo. O rabinho correu apressado e parou adiante, para ver quem o perseguia.

Foi nesse instante que Maninho tornou a notar aquêles olhos, que os raios de luz faziam mais claros ain-

da. Chocou-o essa nova impressão e se deteve assustado, as mãos frias de medo.

Depois, como a acreditasse mansa, ousou dar alguns passos em direção à cousa. Esta não se moveu, hesitan-

do no que deveria fazer; por fim sentiu que Maninho era amigo e se arrastou para ele.

Ficaram os dois bem próximos, quando o menino se abaixou e lhe estendeu as mãos. (Continua em outro local)

ANOITECENDO

— Antônio Paladino —

Sinto o silêncio...
O silêncio nostálgico das tardes de outono,
E um langor lasso,
Enfadonho
Medonho...
E o tédio que nasce de tudo o que faço...

Sinto a tristeza...
A tristeza invulgar das tardes de outono.
E uma apatia estranha,
Doentia,
Sombria...
E o descanso que tudo acompanha.

Sinto a saudade...
A saudade nascida das tardes de outono.
E um vago prazer,
Agradável,
Adorável...
E a paz efêmera que empolga meu ser.

Uma brisa fresca sacode o arvoredo
Folhas secas despenham-se no espaço
Há silêncio, há tristeza, há saudade
E a tarde vai fugindo, fugindo
Passo a passo.

NOTICIÁRIO

As Edições SUL programam publicar um novo volume da Antologia CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA. Procurar-se-á enfeixar, neste segundo volume, como no primeiro, sem preocupações de escolhas, trabalhos de elementos que, de uma forma ou de outra, tentam dar sua contribuição num terreno tão amplo e tão difícil quanto é o do conto.

CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA, II, está sendo organizado por Silveira de Souza e contará, além de uma introdução crítica de Salim Miguel, com a colaboração de artistas plásticos catarinenses.

LITERATURA E ARTE estende daqui um convite aos contistas catarinenses que se interessarem em colaborar no volume, para que enviem os seus trabalhos ao seguinte endereço: Edições SUL — Caixa Postal, 384 — Florianópolis, S.C.

Surge o TEATRO EXPERIMENTAL DE SANTA CATARINA que, com inte-

gral apóio da Diretoria de Cultura, dentro em breve iniciará as suas atividades. O TESC é o resultado da fusão de dois grupos existentes em nossa Capital; o Teatro Catarinense de Comédias, que bons espetáculos nos deu nesses últimos tempos e o Teatro Experimental de Florianópolis, que tinha a direção de Hugo Mund Jr. e Silveira de Souza.

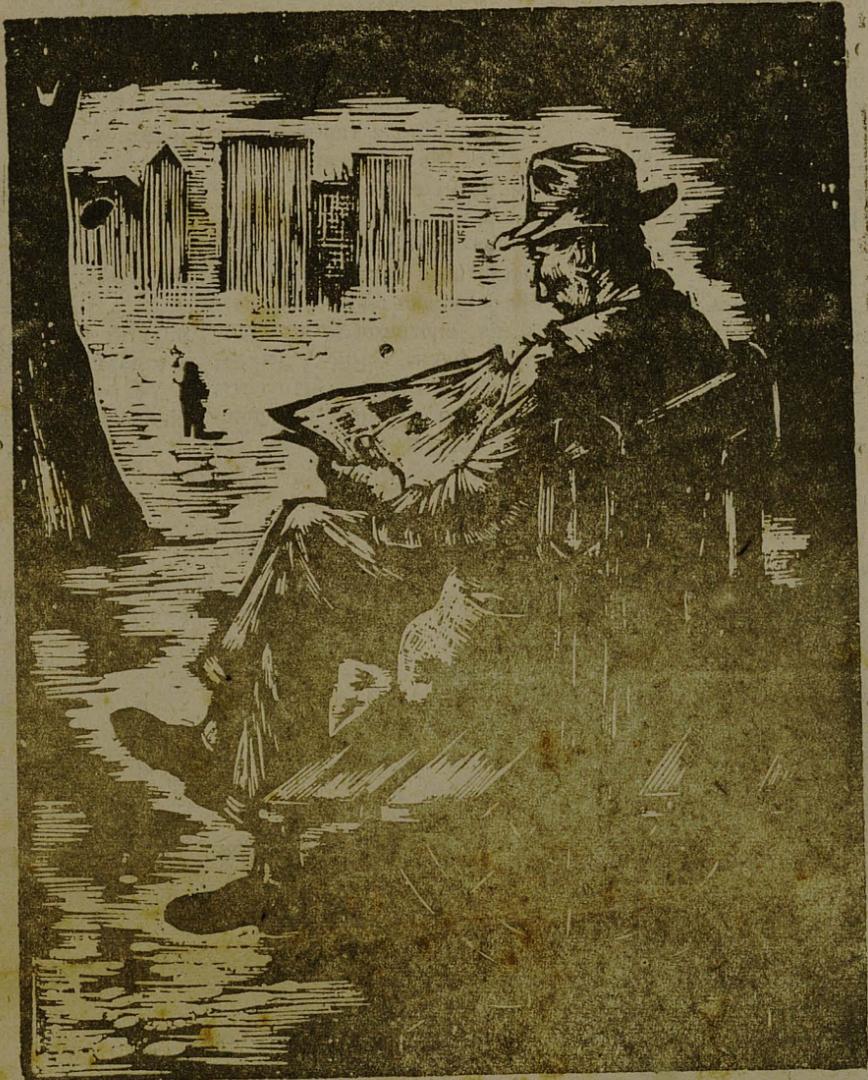
O TEATRO EXPERIMENTAL DE SANTA CATARINA tem à sua frente Altamiro Moraes e Silveira de Sousa.

Breve daremos notícias mais detalhadas sobre o novo grupo.

x X x

LITERATURA E ARTE pede aos grupos e organizações artísticas e culturais da Capital e do interior, que enviem noticiário de suas atividades, assim como tem o prazer em publicar toda colaboração, dos gêneros, conto, crítica literária e poesia, que nos seja enviada.

ARTISTAS PLASTICOS CATARINENSES



Xilogravura de HUGO MUND JR.

Carreira
pois qu

MIRO MORAIS E "LE MONOCLE MONDAIN"

APRESENTANDO OS "DEZ MELHORES DO ANO" !!

Esta é decididamente uma "lista de Dez..." transbordante de ineditismo no jornalismo catarinense. E talvez, de todas as listas apresentadas, a única que se apresenta sem a costumeira "perfumaria" de colonismo social (isso, usando de toda a sinceridade).

Trata-se de "os dez catarinenses do ano". Para que a idéia nascesse realmente a forma de tipos de jornal, acompanhei o envolvimento das atividades de alguns catarinenses durante todo o ano, escutei opiniões e sobretudo estudei a coisa em si, para que amadurecesse com seriedade.

O fruto deste trabalho aqui está, para satisfação dos leitores.— Espero que para o próximo ano outros cronistas sociais sigam o meu exemplo, apresentando também a sua lista de "os dez catarinenses do ano", mas que o façam com honestidade, bom gosto e senso jornalístico. Aguardamos, pois.

1 — SR. HERIBERTO HÜLSE (político). Foi sem dúvida, o ano que passou, um dos melhores para os catarinenses, no que diz respeito a administração de seu Estado.

O governador Heriberto Hülse, homem de uma formação política verdadeiramente sadia (coisa já bastante rara neste nosso Brasil de hoje) está realizando uma administração intransigentemente acima de toda e qualquer conveniência partidária.

Os catarinenses são gratos ao seu mais destacado homem político.

2 — DR. ARMANDO CARREIRÃO (produtor cinematográfico). É este o primeiro produtor de cinema catarinense. Quando começou a ser divulgada a intenção de que este jovem advogado pretendia realizar um filme genuinamente catarinense, os chamados "bôca-pequena" consideraram uma audácia. E na verdade foi uma audácia de realização, porque foi daí que se formou esta nova indústria para Santa Catarina.

E até agora, sua produtora, que caminha de vento em pôpa, já realizou um longa metragem (O Preço da Ilusão), três documentários, dos quais dois em "sulescopo" e 26 jornais.

3 — PROF. SÁLVIO DE OLIVEIRA (diretor de teatro). Foi Sálvio de Oliveira quem promoveu os primeiros espetáculos teatrais de primeira grandeza, em Santa Catarina.

Não há dúvida que poderá surgir movimento de teatro amador de grande quilate em nossa Capital, mas tenho certeza que ninguém mais realizará idêntico trabalho de direção absoluta e de equipe tão boa como a que realizou Sálvio. Hoje, radicado no Rio, empregando sua cultura no Colégio Além Paraíba do Instituto de Educação Euvalde Lodi, fazendo bom teatro, sempre com a colaboração de Antônio Lopes Faria, Sálvio de Oliveira desfruta a glória realmente merecida.

4 — ANTÔNIO LOPES FARIA (cenógrafo e figurinista). Aqui está o catarinense mais premiado. As vitórias de Antônio Lopes Faria, como cenógrafo e figurinista são qualquer coisa invejável (e realmente lá pelos bastidores isso acontece). Creio mesmo, que tudo que se possa dizer dos cenários e figurinos criados por este artista, resulta um mínimo de apreciação. Daí, deixemos falar os prêmios: Arlequins 1955, 1956, 1957; Prêmio Governador do Estado de São Paulo, 1956-1957; Prêmio Cidade de Santos, 1957 e 1958.

5 — GUIDO WILMAR SASSI (contista). Neste gênero de literatura foi o catarinense que mais se destacou em 1958. Seu volume de contos "Amigo Velho" lançado pela Edição Sul (editora que por sinal é a barca da salvação neste mar tão embarrelado da literatura catarinense), resultou-lhe o prêmio Artur de Azevedo, do Instituto Nacional do Livro.

6 — DR. CELSO RAMOS FILHO (engenheiro). É das pessoas mais bem quistas nesta "terra cercada de ondas por todos os lados". Indiscutivelmente foi, em 1958, o engenheiro-arquiteto que mais se projetou, o que aliás lhe mereceu o prêmio Medalha do Mérito do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, entregue pelo presidente JK no dia 11 de dezembro último.

Hoje este engenheiro, cheio de sensibilidade, bom gosto e inteligência é presidente do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura em nosso Estado (escolha bastante louvável), cargo que para exercer, teve que deixar a presidência da Associação Catarinense de Engenheiros, onde já havia realizado um belíssimo trabalho.

7 — EDMUNDO DA LUZ PINTO (diplomata). Este filho de Santa Catarina, mesmo nas andanças pelo exterior, onde representou com inteligência e dignidade nosso país, jamais esqueceu o seu Estado natal, onde nós o estimamos muito e sempre o aguardamos de braços abertos.

Sinceramente, Edmundo da Luz Pinto, vota tanta gratidão por sua terra e é a ela tão reconhecido por tê-lo como filho, que nos faz meditar... Mas, afinal, Santa Catarina é que lhe é grata, pois é ele o seu mais brilhante filho...

8 — HUGO MUND JR. (gravurista). Este jovem artista pelo espírito de criação e seguro nos seus cortes na madeira, depois de cursar, Belas Artes, onde foi aluno de Oswaldo Goeldi — considerado pela crítica o maior gravurista brasileiro — integrou alguns trabalhos na Delegação Brasileira que compareceu à Bienal do México e retornou a Florianópolis, onde já expôs e ilustrou o volume "Sonetos da Noite", poemas de Cruz e Souza — uma beleza de livro — selecionado por Silveira de Souza.

9 — HAMILTON MARTINELLI (cinematista). Assim que foi fundada a Empresa Cinematográfica Carreirão, Hamilton Martinelli ingressou na sua equipe de cinematistas. Seus documentários têm agradado sobremaneira ao público em geral e a crítica.

Segundo é próprio, em 1958, entre dezenas de notícias e documentários que fotografou, considera os de maior importância "Estradas para S. C." como documentário e o casamento deste cronista com a então senhorita Marlene Leal, como notícia.

10 — SALIM MIGUEL e EGLÊ MALHEIROS (argumentistas). Nomes já conhecidos na literatura com obras de profundo sentido social, foram estes dois nomes os responsáveis pelo argumento do filme "O Preço da Ilusão". E se bem que a história escrita para o cinema, uma vez no celulóide não conservasse o verdadeiro conteúdo, pela fraca direção e outros detalhes, Salim e Eglê criaram como argumentistas um tema digno de louvor.

MARITA PINHEIRO MACHADO (catarinense honorário). Marita Pinheiro Machado, aquela criatura que já cantou em poesia e em música esta terra, inspirando-se neste Estado e no seu povo, mesmo sem ser catarinense, quero aqui incluí-la "hors concours" como prova de gratidão pelo todo que tem feito por S. C. divulgando nossas letras e nosso folclore. É uma embaixatriz espontânea de Santa Catarina.

Diário da Tarde

Florianópolis, (S. Catarina), 10 de janeiro de 1959

Morre Aníbal Nunes Pires, um dos líderes do Grupo Sul

Aníbal Nunes Pires foi um dos líderes — para não dizer o principal — do maior movimento cultural catarinense até hoje, o chamado **Grupo Sul**, que durante 10 anos, a partir de 1948, dominou a cena do nosso Estado. Além da arte, Aníbal Nunes Pires foi professor de várias gerações de catarinenses. Nos últimos anos, era titular de Língua Portuguesa da UFSC e da UDESC.

Um dos mais profícuos intelectuais catarinenses, conseguia realizar diversas atividades ao mesmo tempo. Ultimamente, dirigia peças de teatro de alunos da UFSC. Como pioneiro, além de participar da criação do **Grupo Sul**, que introduziu o Modernismo em Santa Catarina, Aníbal Nunes Pires foi um dos idealizadores e executores do Ensino Supletivo catarinense.

GRUPO SUL

Como líder do **Grupo Sul**, Aníbal Nunes Pires começou suas atividades artísticas através do teatro, visando angariar recursos para a impressão da **Revista Sul**. O então **Círculo de Arte Moderna** realiza sua primeira apresentação em 1947, no Teatro Alvaro de Carvalho.

As atividades dos jovens do **Grupo Sul** começam em 1945, com a edição do jornal **Cicuta**. A edição era de apenas três números datilografados, e trazia um pedido: "Passem adiante para que todos possam ler". Em 1948, Aníbal Nunes Pires e seus amigos

conseguem três feitos notáveis: sai o primeiro número da **Revista Sul**, tendo ele como diretor; pela primeira vez no Brasil, é encenado um trabalho de Sartre, a adaptação do conto **Estátuas Volantes**, no Teatro Alvaro de Carvalho; Exposição de Arte Moderna, feita pelo Grupo, com a colaboração de Marques Rebelo.

Como poeta, publicou Aníbal Nunes Pires o livro **Terra Fraca**. Mas suas atividades e do **Grupo Sul** não ficaram apenas em literatura e teatro. Em 1957 realizam o filme **O Preço da Ilusão**, primeiro e único rodado em nosso Estado.

Por tudo que fez, liderou e organizou, Aníbal Nunes Pires é considerado um dos maiores intelectuais catarinenses dos últimos tempos. Aníbal Nunes Pires nasceu em Florianópolis a 9 de agosto de 1915. Casado com Eugênia de Oliveira Nunes Pires teve quatro filhos: Maria Cristina Cáceres, Clarisse N. Pires, Maria José N. Pires e José Henrique N. Pires e, ainda, três netos.

Cursou a Faculdade de Direito, Economia, Letras e foi catedrático em Literatura Brasileira.

Foi professor no Colégio Catarinense, onde trabalhou 4 anos, na Faculdade de Educação e na Universidade Federal de Santa Catarina.

Foi, também, diretor da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o primeiro Sub-reitor da U.F.S.C.



Ensaio da peça **Cândida**, de Bernard Shaw, em 1949. Da esquerda para a direita: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Jason Cesar de Carvalho, Egil Malheiros, Salim Miguel, Walmor Cardozo da Silva, Armando Carreirão e Archibaldo Cabral Neves. Embaixo, o programa para a primeira recita do C.A.M.

Teatro Alvaro de Carvalho
Dia 7 de novembro de 1947 — Às 20 horas

1ª. RÉCITA DO C. A. M.

PROGRAMA

1 - O homem da flor na boca
de LUGI PRANDELLO
PERSONAGENS: Homem da flor na boca — A. N. Pires
Homem pacífico — Salim Miguel

2 - Como ele mentiu ao marido dela
de G. B. SHAW
PERSONAGENS: Ele — Jason Cesar
Ela — Lory Baioll
O marido — Ody F. e S.

3 - Um homem sem paisagem
de ODY F. e S.
PERSONAGENS: Martell — W. J. Mattos
Moça bonita — Egil Malheiros

Direção: Ody F. e S. *Lory Baioll*

Ponto: Armando Carreirão *Armando Carreirão*

Contra-regia: Fúlvio Vieira

Aguardem *Armando Carreirão*

UM TACITURNO
Três atos de ROGER MARTIN DU GARD
Mais uma criação do **CÍRCULO DE ARTE MODERNA**
Lia, 7 11 47

A Última Entrevista

No último dia 17, Aníbal Nunes Pires concedeu a entrevista à repórter Abegair Madeira, que seria publicada junto com outras matérias sobre Literatura Infantil, que estão sendo realizadas pela Editora de Pesquisa. Abaixo, a íntegra do seu depoimento.

OE - Do seu ponto de vista, o que de mais importante Monteiro Lobato trouxe para a Literatura Infantil?
A.N.P. - Justamente este horizonte que ele abriu para escrever para crianças aproveitando a história brasileira.
OE - O que é necessário para compreender as crianças?
A.N.P. - Alguns dizem que se as crianças pudessem escrever para elas mesmas agradariam muito mais, porque quando o adulto escreve é mais difícil porque eles pretendem educar e agradar ao mesmo tempo.
OE - Acha que os meios de comunicação (rádio, televisão, etc.) são obstáculos à leitura da obra literária?
A.N.P. - De maneira nenhuma, mas as programações que devem tomar um caminho diferente. Olha, quando a programação é bem feita, acontece justamente o contrário. Por exemplo: a pintura não morreu, por causa da fotografia, o teatro não morreu por causa do cinema.
OE - O que a ficção traz de positivo para a educação da criança?
A.N.P. - Para mim não existe realismo em literatura. Certas histórias como a de Hércules, por exemplo, são muito válidas e até mitologia.
OE - Por que os temas mais realistas são pouco abordados pelos escritores?
A.N.P. - Porque a realidade aqui não é muito romântica e sonhadora. E além disso, somos um povo falho de mitos e lendas e não penetramos na razão do nosso ser. (talvez esteja dizendo heresia).
OE - Quais os temas principalmente enfocados nas obras infantis?
A.N.P. - As histórias em geral porque basta ser História para que seja abordado.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

OE - O que tem mais aceitabilidade por parte das crianças?
A.N.P. - As histórias de quadrinhos. Acho que é muito bom pois é uma iniciação à leitura, inclusive, antigamente, existia a revista Tico-Tico que agradava até a grandes escritores (se não me engano até Machado de Assis lia-a).
OE - O que pensa das personagens perversas das histórias infantis?
A.N.P. - Acho que devemos viver "neste mundo", o que acontece a que se fala em paz na escola e na rua se vê guerra. É preferível a criança saber que existe gente boa e gente má, se não for assim, seria uma geração traída.
OE - O que se produz de Literatura Infantil em Santa Catarina?

A.N.P. - Quase nada se produz de Literatura Infantil em Santa Catarina. Existe aqui um rapaz que escreve peças para crianças para apresentá-las na Páscoa, no Natal, em ocasiões assim.

OE - Existe literatura negativa?
A.N.P. - Eu acho que quando a literatura é bem feita ela é sempre positiva, porque a arte quando é arte sempre será positiva.

OE - Por que o sr. ensina literatura infantil na Faculdade, especificamente no curso de letras?

A.N.P. - Porque a literatura ensina a viver, é o início e a criança também tem o direito, talvez até mais que nós, de viver. A cultura ensina realmente a viver melhor.
OE - Que autores nacionais o sr. citaria para crianças de até 12 anos de idade?

A.N.P. - Monteiro Lobato, Mário Donato, Tales Andrade e outros.

COMO ESCREVER PARA CRIANÇAS

OE - É difícil produzir para crianças?
A.N.P. - Acho que é bem difícil agradar as crianças porque elas têm um sexto sentido muito grande, elas sabem quando a gente está mentindo e quando a gente está falando a verdade.

OE - O que acha de criança escrevendo para crianças?

A.N.P. - A criança pode ser mais original, o adulto é muito mais complexo. Ao adulto a sociedade já viciou ao passo que a criança não.

TOMADA DE PREÇO 004/78

AVISO

A Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina — CITUR — Sociedade Anônima de Economia Mista, CGC do Ministério da Fazenda n.º 83.469.908/0001-76, com sede à Rua Altamiro Guimarães n.º 15, em Florianópolis, torna público, para conhecimento dos interessados que se acha aberta a Tomada de Preços n.º 004/78, destinada a selecionar propostas, pelo total ou por itens, para obras complementares do Centro de Promoções da CITUR, no km 137 da BR 101, em Balneário Camboriú, cujo prazo de entrega fica afixado para o dia 8 de maio de 1978, até as 15:00 horas na sede da Companhia.

A cópia do Edital, especificações, plantas e maiores esclarecimentos, poderão ser obtidos na Rua Altamiro Guimarães n.º 15, nesta Capital, com o Arquiteto João Granemann Carneiro e/ou com o Sr. Haroldo Polatti.

Florianópolis, 19 de abril de 1978.

WALMOR PICCOLI
Diretor Administrativo Financeiro



CONCORRÊNCIA PÚBLICA BÁSICA N.º 105/78.

A CENTRAIS ELÉTRICAS DE SANTA CATARINA S/A. — CELESC, estabelecida à rua José da Costa Moellmann, 129, em Florianópolis, S.C., torna público que se acha aberta a licitação supra referida, com vencimento para às 11:30 (onze trinta) horas do dia 24 de maio de 1978, destinada à aquisição de materiais e/ou equipamentos para iluminação pública.

O edital, contendo todas as condições e especificações técnico-administrativas, poderá ser retirado pelos interessados, no endereço acima, no Departamento de Materiais — Divisão de Compras, no horário comercial das 08:00 (oito) às 11:00 (onze) e das 14:00 (quatorze) às 17:00 (dezessete) horas, de segunda à sexta-feira.

Florianópolis, 14 de abril de 1978.

Dr. Aldo Belarmino da Silva
Diretor Administrativo



COMPANHIA INDUSTRIAL SAXONIA

C.G.C. 84.148.469/0001-62

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas:

Cumprindo disposições legais e estatutárias, temos a satisfação de submeter à vossa apreciação o Balanço Geral, a Conta de Lucros e Perdas e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 1977. Este relatório encontra-se disponível em nosso escritório.

de Carvalho hotel

Rua Fulvio Aducci, 410
Fone 44-1537 - DDD 0482
Fpolis - S.C.



CURSO DE CONTROLE MENTAL

57



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Ano XII -Abril de 2002 - Nº 354

PORTE PAGO
DR/SC
PTR/SC 0860/99

CULTIVANDO O MAR

UFSC colabora com o crescimento e controle de qualidade da produção de ostras em Santa Catarina



Ponto de Vista

Uma reflexão sobre o papel do Conselho Universitário

3

Pesquisa

Novos tratamentos para o Mal de Parkinson

10



Saber Novo

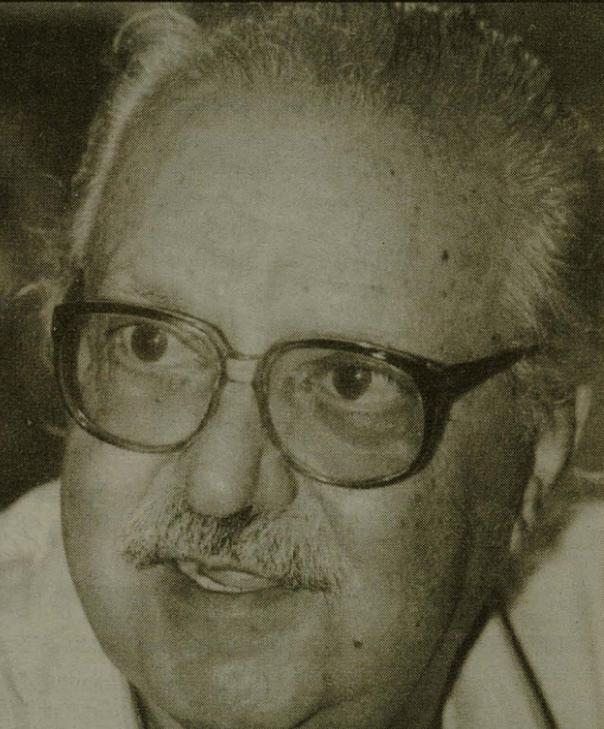
Tecnologia a serviço da pesca

12

Espaço Cultural

SALIM MIGUEL
Um "Doutor" escritor

4



Uma poeta conta histórias

14

Laboratório é referência em Chagas e Leishmaniose

6

Memória: a determinação do ex-reitor Stemmer

16

O Conselho Universitário da UFSC aprovou no dia 26 de março a concessão do Título de Doutor Honoris Causa ao escritor e jornalista Salim Miguel. A proposição do título foi do Magnífico Reitor, e o parecer sobre a sugestão foi do diretor do Centro de Comunicação e Expressão, Dilvo Ristoff. No seu parecer, o professor Ristoff destacou "que a UFSC, como espaço de promoção da arte e da ciência, deve a Salim Miguel a mais enfática manifestação de seu apreço e admiração - pela sua obra, pelo seu exemplo de vida e pela sua incansável dedicação à promoção das manifestações artístico-culturais de nosso estado." Salim Miguel, que completou em janeiro 78 anos de idade, foi também diretor da Editora da UFSC de 1983 a 1991. A reportagem que o JU publica revela um pouco do homem Salim Miguel.

“

SALIM MIGUEL

Vou ser escritor sim, e com esse nome!

Elaine Tavares
Jornalista

Nos olhos amendoados, escuros feito azeviche, dá para ver o menino de calças curtas, correndo livre pelas ruas de Biguaçu, em direção à livraria do poeta cego João Mendes. Menino sedento de letras, de livros, de saber. O mesmo que, poucos meses depois de sentar na primeira série do grupo escolar, chorou ao receber um elogio da professora. "Vejam, chegou aqui ontem, é turco, e hoje escreve melhor do que vocês". Naquele dia Salim sentiu o salgado das lágrimas correr pela carinha semita. Até hoje não sabe se chorou pelo elogio ou pelo "turco". É que os libaneses odeiam ser chamados de turco. Mas, afinal, não importa. O menino, que nasceu no Líbano, venceu o preconceito, a pobreza, a dor, a prisão, hoje é um importante escritor do país e o mais novo "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal de Santa Catarina. Corria o ano de 1924, e dois libaneses ainda jovens, com três filhos, decidiram mudar para os Estados Unidos. Lá a vida seria melhor que nos caminhos poeirentos e pobres da terra natal. Mas, uma doença obrigou-os a ficar em Marselha, na França. Situação resolvida, a família decidiu vir para o Brasil, onde o homem tinha uma irmã. A idéia era fazer um dinheirinho e depois seguir para os EUA. Assim, o destino foi São Pedro de Alcântara, núcleo de colonização alemã. Ali, Salim Miguel viveu suas primeiras lembranças. Aulas em árabe e alemão, alfabetizado pelo pai, que tinha sido professor no Líbano. Este, apaixonado pelo Brasil, nunca mais pensou em EUA. Só saiu de São Pedro de Alcântara quando o padre da comunidade disse na missa que as pessoas não deveriam comprar na venda do "gringo". Ninguém mais foi lá e o negócio niu.

Mudaram para Biguaçu, e ali, perto do mar, o garotinho Salim foi atrás de seu destino: as palavras. Respeitado pela professora por sua facilidade em lidar com as letras, ele queria mais. Queria livros. Na cidade não havia biblioteca. Mas



“

Descobri aos 10 anos quando o pai, vendo-o grudado em papéis lhe perguntara. – O que tu pretendes da vida? – “Ler e escrever”



Foto: J. Bastos

tinha a livraria do poeta cego que também era doido por livro. Fazia pedidos em consignação. Ninguém comprava, mas eles liam. É que Salim tinha vencido a vergonha e ido lá pedir para ler os livros que mofavam nas prateleiras. Lia para João, em voz alta, de quatro a seis horas por dia, e assim matava sua sede. Um acordo feliz. Aos 12 anos já lera Schopenhauer. E não era só isso. Devorava tudo que aparecia, livros de aventura, folhetins, romances e escrevia e escrevia e escrevia. Já sabia o que queria fazer. Descobri aos 10 anos quando o pai, vendo-o grudado em papéis lhe perguntara. – O que tu pretendes da vida? – “Ler e escrever”, dissera, sem titubear. Foi o que fez e ainda faz.

O Grupo Sul

O apartamento de Salim tem a cara dele e da mulher Eglê. Sem luxo, discreto, na medida. Uma sala simples, um sofá antigo, um estante cheia de CDs. Mas as paredes estão repletas da arte de Santa Catarina. Quadros de artistas locais cobrem o branco e pulam na cara de quem chega. Na frente de Salim, um Dom Quixote pintado por Hassis parece espelhar o homem de gestos doces, que ri com os olhos cheios de saudade ao lembrar a vinda para Florianópolis. Eram os tempos da guerra. O pai, que vendia fiado, confiando nas cademetas, não conseguia receber dinheiro dos credores. Faliu outra vez. Foi tentar a sorte na capital. Salim era o mais velho de sete filhos mas, como não sabia vender, só ia ao armazém, uma vez por mês, para fazer a contabilidade. Naqueles dias, o rapazote já era jornalista free-lance, mas seu primeiro emprego de carteira assinada foi em 1951, no jornal *Diário da Manhã*.

Enquanto derramava nas páginas dos jornais as crônicas do cotidiano Salim também participava da eferescência literária da velha Desterro. A juventude ilhoa ansiava por fazer soprar por aqui os ventos da Semana de Arte Moderna, que sequer passara como brisa. Foi quando nasceu o Círculo de Arte Moderna, mais tarde transformado num importante movimento cultural de Florianópolis, o Grupo Sul. Nele, toda a gente que lidava com cultura passou a militar. Eram artistas plásticos, atores, cineastas, escritores e aquilo virou um turbilhão. Veio a *Revista Sul*, a Editora e o grupo se manteve por 10 anos. Ao todo foram publicados 30 números da revista e 10 livros. Praticamente todos os participantes do grupo fizeram sua primeira publicação a partir daquele movimento. A vida da Semana de Arte Moderna não veio como brisa mas como vento sul. Varreu a ilha e firmou nomes. Salim era um deles.

Mas o vento sul não varreu só a cultura bolorenta e conservadora, trouxe ainda o amor. Nesse movimento veio Eglê Malheiros, que entrou na vida de Salim e aí está, há 55 anos, companheira e crítica mais atilada. Desse encontro de almas artista nasceram cinco filhos, todos ligados à palavra. “Não seria o escritor que sou se não fosse ela”, diz, emocionado. Eglê é a primeira a ler os textos, dá sugestões, discute. Ele, às vezes não concorda, mas deixa o texto dormir, depois volta a ler e admite. Reescreve. “É que, para mim, escrever é a arte de reescrever e cortar palavras”.

O golpe, o Rio, a volta

Quando o Brasil caiu sob o regime militar, os jovens escritores, marcadamente de esquerda, estavam “fritos”. Pouco depois do golpe Salim foi preso, ficou 48 dias na cadeia. Quando saiu, não tinha mais o emprego no governo do estado, nem no jornal. Decidiu se exilar dentro do próprio país. Foi para o Rio de Janeiro, transferido, já que era funcionário da Agência Nacional de Notícias. Não foi fácil para esse libano/biguaçuense ficar longe do seu lugar, mas não havia jeito. Florianópolis já não era a mesma. Foram 14 anos de exílio e uma longa experiência na imprensa, na literatura e no cinema.

“

“Por fantasiosa que possa parecer uma história ela nunca é inventada. Sempre existe algo lá, preso na memória, visto ou ouvido”



Quando a democracia começou a acenar ele voltou à ilha e desembarcou na Universidade Federal. Veio para a Assessoria de Imprensa, transferido da Agência Nacional. Mas, quis o destino que o diretor da recém criada Editora da UFSC recebesse uma proposta e fosse embora. Salim assumiu. Ali ficou até 1991, quando se aposentou. Deixou marcas. Garantiu as verbas para a construção do prédio da editora e montou toda a estrutura do setor. Não é à toa que a UFSC tem uma dívida com o escritor.

Salim conta que depois da aposentadoria teve mais tempo para os seus livros. Ao longo da vida sempre escrevera nos intervalos. Jornalista, metido em movimentos culturais, tinha jornadas de 12, 15 horas. Os livros brotavam no meio de um fechamento de revista, na folga para um café, nos finais de semana. Além disso tinha por costume ler, ler muito, de cinco a seis horas, também nas folgas, no “quando dá”. Nesses 10 anos de aposentado fez mais 10 livros. Agora, o criador está livre.

Como constrói mundos

Para Salim, escrever é vocação. É coisa feita, inata. Ele não planeja, não constrói “planta baixa” dos romances e textos. Não faz estudo de personagens. Quando senta diante na velha máquina de escrever – é, ele ainda usa uma – tem apenas uma vaga idéia. Às vezes, as personagens ganham vida, se rebelam, viram o que ele não pensara, tomam conta. “Nunca consegui escrever um livro certinho, começando no começo e indo para o fim. Tudo é feito aos borbotões. O Nur foi assim. Em blocos. Eu desestruturo para depois estruturar”.

A palavra é sua obsessão, seu amor, seu abismo. Ele escreve, reescreve. Nur teve nove versões. Começou com 500 páginas, terminou em 250. O machado da perfeição cortando, burilando, lapidando. Adjetivos, não gosta. Só em ocasiões muito especiais. Prefere os verbos, ação, ritmo, vertigem. A memória é o cântaro mágico de onde brotam os seres de sua prosa, romances e novelas. “Por fantasiosa que possa parecer uma história ela nunca é inventada. Sempre existe

algo lá, preso na memória, visto ou ouvido”. Salim carrega a maldição dos jornalistas. Olhar atento, ouvidos atilados. Das histórias das vidas que se derramam vinganças as personagens. Verdadeiras. Reais.

A vida hoje

Salim se pega triste, muito triste. Vê na TV os horrores em Israel, a luta do povo palestino. Lembra do pai que dizia - “são todos semitas, é luta de parentes” – e balançava, desconsolado, a cabeça. “Israel recebe três bilhões de dólares dos EUA todos os anos, e ainda as armas. Hoje cercam o Arafat e o primeiro ministro diz que lamenta não tê-lo matado. Onde vai parar o mundo? A ONU pediu que os tanques saíssem. Não tinha que pedir. Era ordenar. Os jovens palestinos se explodem em desespero. Isso tem que acabar”, diz Salim, tão desconsolado quanto o pai.

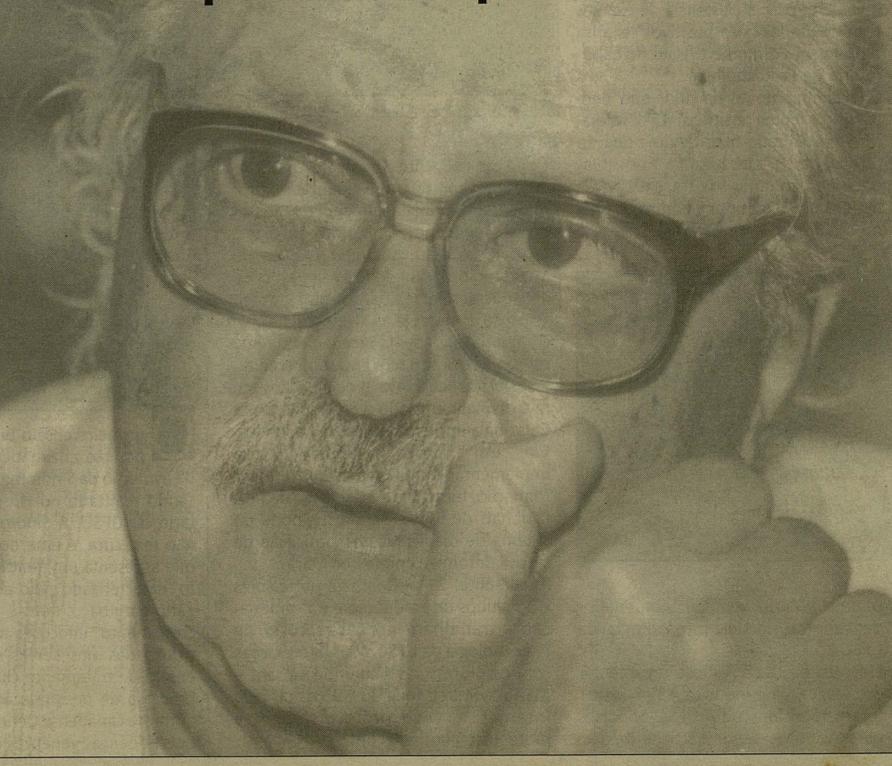
O escritor homenageado pela UFSC é um homem de esquerda. Sofre também pelo Brasil. Não suporta saber que vive num país com 52 milhões de miseráveis, prisioneiros da fome, da violência. “Não entendo porque poucos têm tudo e a maioria cada vez menos. Não entendo ter que haver os sem-terra com essa barbaridade de terra que há. Mas acredito na humanidade e sei que temos que lutar”.

O título de *Doutor Honoris Causa* traz a emoção de volta aos olhos graúdos de Salim. Ele pigarreia, faz si-

lêncio e depois diz que não esperava essa honra. Confessa que é, talvez, a coisa mais importante que recebeu nos 78 anos de vida. “Eu vi o sonho da UFSC nascer, vi o primeiro prédio, acompanhei o crescimento e, depois, durante 10 anos minha vida esteve ali. Sei o papel da UFSC na comunidade catarinense. É uma honra. Eu me sinto emocionado”. Salim Miguel diz que está feliz mas não realizado. “Um homem realizado não teria o que fazer no mundo. Eu tenho”. Tem três “vagas idéias” para três livros, está em ebulição. Sua maior tristeza é não poder mais mergulhar na leitura. Tem um problema na vista. Mas trocou as seis horas de leitura por seis horas de música. Ouve tudo, embora prefira a clássica e a MPB.

Salim Miguel já é lenda. É parte de Santa Catarina. De Biguaçu. Mas ele não gosta do próprio nome, por isso faz tantas personagens sem nome. Diz que foi um colega de classe, quando era menino, que lhe disse: - tu vais ser escritor com esse nome? – Emburrado e acometido de sua atávica veia árabe ele decidiu: - Vou ser escritor sim, e com esse nome! - De fato é. E dos bons. Na porta, ao se despedir, ele não sabe, mas quem sorri é o mesmo menino de calças curtas que corria para a livraria do poeta cego. Está ali, inteiro e ainda com sede...muita sede... “

“Não entendo ter que haver os sem-terra com essa barbaridade de terra que há. Mas acredito na humanidade e sei que temos que lutar”



Cinematografia CATARINA

Memória. Exposição conta a história da sétima arte no Estado

FLORIANÓPOLIS — Foi no ano de 1897, em plena praça 15 de Novembro, no Centro da Capital, que a primeira projeção cinematográfica foi realizada em Santa Catarina. Depois da praça surgiram as salas de projeção especiais, em Florianópolis e no Vale do Itajaí, com exhibições de obras clássicas e históricas, como “A Falsária”, produção americana do começo do século 20. Essas e outras memórias estarão em exposição na mostra “Luz e Sombra: o Cinema em Santa Catarina”, que abre hoje na sala de exposições do MIS (Museu da Imagem e Som), no CIC (Centro Integrado de Cultura).

A exposição resgata desde as primeiras salas de cinema até as produções catarinenses pioneiras e o cinema contemporâneo. Com a curadoria do museólogo Renilton Roberto da Silva Matos de Assis, a mostra inclui reproduções de jornais de produções francesas cujas cópias foram doadas diretamente pelos pais do cinema, os irmãos Lumière, ao catarinense Frederico Guilherme Busch. Ele foi o primeiro cinematógrafo de Santa Catarina, no começo dos anos 1900.

Além de objetos, documentos e imagens históricas, será possível também assistir a filmes em uma sala especial, mediante agendamento prévio. São produções antigas, como os documentários de Armando Carreirão, que mostram Santa Catarina nas décadas de 1940 e 1950. Há menções também ao primeiro longa-metragem catarinense. “O Preço da Ilusão”, filmado em 1957 em Florianópolis e lançado em 1958, tem roteiro de Salim Miguel e Eglê Malheiros, expoentes do Grupo Sul.

Entre os destaques estão ainda a produção do Guca (Grupo Universitário de Cinema Amador), da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), além de uma lista dos filmes feitos entre 1956 e 1976 e, mais atualmente, das produções após a retomada do cinema catarinense, a partir da década de 1990.



EXIBIÇÕES

Será possível também assistir a filmes em uma sala especial, mediante agendamento



Filmes. O longa “O Preço da Ilusão” (1957) é mencionado em documentário de Carreirão, que pode ser visto na mostra

Catarinense. “O Preço da Ilusão” traz cenas de Florianópolis antigamente



- **O quê:** Exposição “Luz e Sombra: o Cinema em Santa Catarina”
- **Quando:** 12/7, 19h (abertura). Visitação até 14/10, terça a sexta-feira, 10h às 21h15, Sábados, domingos e feriados, 11h às 17h
- **Onde:** Sala de exposições do MIS, av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600, Agrônômica, Florianópolis, tel. 3953-2329
- **Quanto:** Gratuito

FOTOS: CINEMATECA BRASILEIRA/DIVULGAÇÃO/ND

Sem reforma

O MIS foi criado em 1998 para dar continuidade às atividades realizadas pelo Núcleo de Documentação Audiovisual, de 1989. Localizado dentro do CIC, estava fechado desde 2008 para reforma do prédio. O Museu ainda não passou pelas reformas previstas para a ala norte da instituição, mas a sala de exposições foi readequada para receber a mostra “Luz e Sombra: o Cinema em Santa Catarina”.

Faturamento do comércio em Santa Catarina no primeiro semestre de 2004 supera o do ano passado

Página 6

O ESTADO

FLORIANÓPOLIS • 1º de Setembro de 2004, Quarta-feira

Lula perdoa dívida de Moçambique e elogia recusa do presidente daquele país à reeleição

Página 4

Uma noite para o Grupo Sul

Documentário resgata as ousadias de escritores e artistas e o modo de vida da pacata Florianópolis dos anos 50. Livro e revista fecham o ciclo, com textos relevantes de alguns dos principais autores do movimento



Archibaldo Neves, Silveira, Tércio, Eglê, Adolfo Boos, Salim, Walmor Cardoso e Miro Moraes

Um documentário de 52 minutos, uma edição da revista Sul com ares modernos (mesmo com formato próximo ao original) e uma coletânea de contos de Salim Miguel, Adolfo Boos Jr., Silveira de Souza e Guido Wilmar Sassi, organizada pelos escritores e editores Dennis Radünz e Joel Ghelen. Com este 'pacote', a ser lançado hoje, o Grupo Sul, o principal movimento literário de todos os tempos em Santa Catarina, volta a ser reverenciado. A exibição do filme, a que a diretora Kátia Klock deu o nome de *Modernos do sul*, será às 19h30 na Sala de Cinema do CIC, em Florianópolis. Na seqüência, no Café Matisse, serão apresentados o livro e a revista, numa noite em que o célebre grupo de intelectuais voltará a ser o centro de todas as atrações.

A jornalista e documentarista Kátia Klock conseguiu aprovar seu projeto na Lei Estadual de Incentivo à Cultura e, após intensa pesquisa, ouviu os remanescentes do grupo, todos na faixa acima dos 70 anos. Promoveu um sarau em Santo Antonio de Lisboa, na Ilha, em abril, onde colheu depoimentos e aproximou escritores e artistas que, em alguns casos, não se encontravam há vários anos. Depois, realizou entrevistas individuais, particularizando algumas abordagens. Para fechar, reuniu alguns textos de pessoas do grupo como Ody Fraga e Silva e Adolfo Boos Jr. para que fossem tratralizados por atores como Waldir Brazil, Severo Cruz e Renato Turnes.

Outro recurso utilizado pela diretora e sua equipe foram imagens que sobram da época, como parte do *making of* do filme *O preço da ilusão*, concluído em 1958, cenas gravadas por cinegrafistas anônimos e capas de livros e revistas, além de textos e a vasta correspondência que o grupo manteve com escritores de outros estados e países. Os entrevistados foram Salim Miguel, Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Silveira de Souza, Adolfo Boos Jr., Armando Carreirão, Archibaldo Cabral Neves e Aldo Nunes - os dois últimos, falecidos em julho e agosto, respectivamente, antes da conclusão do documentário.

Também foram ouvidos o pintor Rodrigo de Haro, que era jovem à época mas acompanhou o apoio dado pelo pai Martinho aos mentores do movimento, o professor Lauro Junkes (autor do livro *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*) e a escritora Lina Leal Sabino (que escreveu *Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina*), entre outras personalidades que de alguma

forma passaram pelo grupo ou analisaram a sua rica trajetória. O movimento teve o grande mérito de chacoalhar a pasmeira cultural da província, que ainda se alimentava das odes parnasianas e reverenciava a pintura do período que precedeu a Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo.

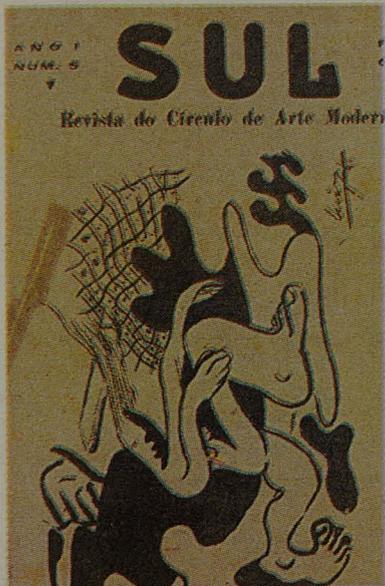
Outros reflexos da revolução promovida pelo Círculo de Arte Moderna, embrião do movimento, a partir de 1947, foram a encenação de um texto de Sartre pela primeira vez no Brasil (no TAC, com direção de Ody Fraga, que depois transferiu-se para o Rio de Janeiro e dirigiu vários filmes de pornochanchada) e uma polêmica travada pelas páginas do jornal O ESTADO entre os líderes do grupo e o jornalista Altino Flores, defensor de idéias 'velhas' em relação à arte e à literatura.

Livro e revista - Coroa o projeto do documentário a edição do livro *Contos do incrível e do cotidiano*, com textos selecionados de Salim Miguel, Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi e Adolfo Boos Jr. O poeta Dennis Radünz, um dos responsáveis pela edição, diz que a escolha levou em conta aspectos marcantes da produção dos quatro escritores, que consera os mais significativos daquele período e dos anos que se seguiram. "Priorizamos a qualidade intrínseca dos textos, que permanecem atuais", diz Radünz.

Outra iniciativa correlata ao filme é o lançamento de uma edição especial da Revista Sul, que simbolicamente dá continuidade à série de 30 números publicados entre o fim dos anos 40 e o fim da década de 50. Há, entre outros, textos de Salim Miguel, Adolfo Boos, Miro Moraes e uma tradução de um conto de Kafka por Silveira de Souza, além de trechos de Aníbal Nunes Pires, Antonio Paladino, Carlos Jorge Appel, Ody Fraga e Silva e alguns outros.

Por fim, aparecem textos de José Lins do Rêgo, Carlos Drummond de Andrade e Affonso Romano de Sant'Anna. Tudo com a formatação usada à época, o índice na contracapa e ilustrações de gente como Meyer Filho, Aldo Nunes, Hassis, Hugo Mund Jr., Martinho e Rodrigo de Haro e Tércio da Gama.

Na revista, a diretora Kátia Klock diz que os moços e moças da época, "chamados de malucos e comunistas pelos conservadores", mexeram com o ambiente cultural da cidade e "continuam contemporâneos no século 21".



Capa de uma edição da Sul



'Rede', livro de Salim Miguel



Equipé do longa-metragem 'O preço da ilusão', concluído em 58



LITERATURA CATARINENSE

I. GRUPO SUL (1947/1957)

Aníbal Nunes Pires (1915 - 1978): bacharel em Direito, professor, contista e poeta.

Obra: Terra Fraca (poemas).

Salim Miguel: conto, romance, crítica, cinema.

Obra: Velhice e outros contos, Alguma Gente (contos), Rede (romance), Contistas Novos de Santa Catarina, Centenário de Cruz e Souza, O Primeiro Gosto, A Morte do Tenente e outras Mortes.

Eglê Malheiros: poemas, cinema, traduções.

Obra: Manhã (poemas).

Guido Wilmar Sassi: contos, romances, ficção científica (em sua obra fixa o planalto, a região dos pinheiros).

Obra: Piá (contos), Amigo Velho (contos), São Miguel, Testemunha do Tempo (ficção científica).

Antônio Paladino (1925-1950): prosa e verso.

Obra: A ponte.

Silveira de Souza: poemas, contos, crônicas. **Obra:** O Vigia e a Cidade (contos e crônicas), Uma Voz na Praça (contos), Quatro Alamedas (Contos), Os Pequenos Desencontros.

II. GRUPO LITORAL

Pedro Garcia: Poeta e ensaísta. **Obra:** Ilha Submersa, Paisagem Móvel, Trapézio e Trapezista.

Rodrigo de Haro: artista plástico, poeta e contista. **Obra:** Trinta Poemas, A Taça Estendida.

Péricles Prade: crítico de arte, artista plástico, poeta, contista, conferencista. **Obra:** Este Interior de Serpentes Alegres (poesia), Sereia e Castiçal (poesia), A Lâmina (prosa poética), Os Milagres do Cão Jerônimo (contos), Nos Limites do Fogo (poesia).

Osmar Pisani: professor, crítico de arte, poeta. **Obra:** O Aspecto Psico-Religioso na Obra de Cruz e Souza, O Delta e o Sonho, As Raízes do Vento.

Iaponan Soares: crítico de arte, contista. **Obra:** Desterro (contos), Três Narrativas da Insônia.

Carlos Ronald Schmidt: poesia e estudos filosóficos. **Obra:** Cantos de Ariel (poemas), As Origens, Dias da Terra.

III. A LITERATURA ATUAL

Almiro Caldeira de Andrada: jornalismo, novela, romance (tema: a velha Desterro, a imigração açoriana). **Obra:** Rocamaranha (novela), Ao Encontro da Manhã (romance), Lauro Müller (discurso).

Arnaldo Brandão (1922-1976): jornalista, poeta, cronista, contista, romancista e teatrólogo. **Obra:** Poemas de Arbran, Bas-Fond (poesia), Um Brasileiro nos Caminhos da Europa, A Taverna do Gato Branco (teatro), O Vendedor de Pinhões (contos), Bartolomeu (romance).

Edla Van Steen: jornalismo, conto, romance (frase artesanal). **Obra:** Cio, Memórias do Medo (romance), Antes do Amanhecer.

Flávio José Cardoso: contos baseados nas coisas da ilha de Santa Catarina e nas minas de carvão, participando nos jornais locais. Premiado no Primeiro Concurso Nacional de Contos do Paraná (1968), pela Academia Catarinense de Letras (1969) e em 1977 recebeu o Prêmio Remington de Literatura. **Obra:** Singradura, Zélica e outros.

Leo Vitor (1926-1974): conto, romance, teatro, literatura infantil. **Obra:** Réquiem para Abel, Círculo de Giz, E Agora José? José, e agora.

João Alfredo Medeiros Vieira: conto, romance, ensaio, crítica literária (o homem catarinense e o cotidiano). **Obra:** Mater (crônicas), Diário de Um Agente Itinerante, Páginas Amorosas, O Sonho e a Glória (romance).

Lausimar Laus: jornalismo, crônica, romance, ensaio (tema: "o mundo da colonização alemã em Santa Catarina). Faleceu em 1979. **Obra:** O Sonho da Candoquinha (literatura infantil), História do Mundo Azul (literatura infantil), Europa sem Complexos (crônicas de viagens), Fel da Terra (contos), O Romance Regionalista Brasileiro (ensaio premiado pela A.B.C.), Tempo Permitido (romance), A Influência da Cultura Alemã no Brasil.

Ricardo Hoffmann: poesia, conto, romance; é também técnico em educação. **Obra:** A Superfície, A Crônica do Medo, A Abertura Operacional da Universidade.

Rio Apa: jornalismo, literatura, teatro (na Semana Santa apresenta nas areais da Lagoa da Conceição "A Paixão Segundo os Homens"). **Obra:** Revolução dos Homens, O Povo do Mar e dos Ventos Antigos, O Santo da Ilha na Guerra dos Rumos.

Silveira Júnior: jornalista, cronista. **Obra:** Um Brasileiro nos Estados Unidos (crônica de viagem), Memórias de Um Menino Pobre.

Alexandre Konder: jornalismo e romance. **Obra:** Vidas e Tradições Japonesas, Nossos Vizinhos dos Andes, História do Japão, Os Halifax (romance).

Ruth Laus: assessora de artes plásticas, tradutora, romancista. **Obra:** Viagem ao Desencontro (romance).

Zedar Perfeito da Silva: novela, conto, romance, ensaio. **Obra:** Nem Tudo Está Perdido (contos), Até que Surja a Alvorada (romance), Vida Sem Rumos (novela).

João Steudel Areão: romance. **Obra:** A Morte Será meu Castigo (prêmio Raul Pompéia), O Velho e a Moça, A Taça de Fel, Clara.

Juvenal Melchhiades de Souza: ensaio, poesia, romance, jornalismo. **Obra:** Bolhas de Sabão (poemas), Almas Vazias (romance), A Distância do Passado (romance), Bar (poesias)

A. Sanford de Vasconcelos: romance. **Obra:** O Homem da Madrugada, Carrossel (romance)

David Gonçalves: contos e poesias. **Obra:** As flores que o Chapadão não Deu (contos), Lição de Amor (contos).

Deonísio da Silva: contos. **Obra:** Mesa dos Inocentes, Cenas Indecorosas.

Edson Ubaldo: conto e poesia. **Obra:** Bandeira do Divino (contos).

Emanuel Medeiros Vieira: o professor, jornalista, contista e poeta (tema: o homem moderno e a desestruturação dos valores). Exerce intensa atividade literária. **Obra:** A Expição de Jeruza, Sexo, Tristeza e Flores, Num Cinema de Subúrbio num Domingo à Noite, Teu Coração Despedaçado em Fohetins, Love Story Paulista.

Edy Leopoldo Tremel: contos. **Obra:** A Hospedeira.

Glauco Rodrigues Correa: contista e ensaísta (tema: o homem comum). Primeiro lugar no Concurso Estadual de Contos. **Obra:** O Caso da Pasta Preta e Outros Casos.

Harry Laus: jornalista, crítico de arte, contista. **Obra:** Os Incoerentes (contos), Ao Juiz dos Ausentes (contos)

Herculano Farias Júnior: contos

Holdemar Menezes: médico, professor, contista e poeta. Tema preferido: O submundo. **Obra:** Kafka, o outro, A Coleira de Peggy (contos - Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro), O Barco Naufragado (crônicas), A Sonda Uretral (contos).

Jair Francisco Hamms: advogado, professor, contista. **Obra:** Estórias de Gentes e outras estórias, O Vendedor de Maravilhas.

João Nicolau Carvalho: advogado, jornalista, professor, contista

Miro Moraes: conto e romance

Raul Caldas Filho: jornalista, contista, cronista

Vicente Impaléa Neto - crônica, conto, poema. **Obra:** Turbilhão, Desterro, meu amor, Raízes, Hoje, Desterro.

Wilson Vidal Antunes Jr.: jornalista e contista.

José Curi: crônica, conto e livros didáticos.

Celestino Sachet: professor, tradutor, contos, ensaios. Especialista em literatura catarinense, exerce intensa atividade como professor e escritor.

Maria de Lourdes Ramos Krieger: professora, desenvolve o conto infantil.

Adolfo Zigelli (1936-1975): jornalista

César Valente: jornalista e professor.

Paulo da Costa Ramos: jornalista. **Obra:** O Jôquei da Paz (crônicas).

Maura de Senna Pereira: jornalista e poetisa. **Obra:** Cântaro de Ternura (poemas em prosa), Círculo Sexto (poesias), Nós e o Mundo (crônicas), A Driade e os Dardos (antologia poética).

Marcos Konder Reis: poeta catarinense de renome nacional. **Obra:** Intróito, Apocalipse, Menino de Luto, Praia Brava, A Herança, Armadura de Amor, Praça da Insônia, O Pombo Apunhalado, Teoria do Voo.

Lindolf Bell: poeta, iniciou em 1964, o "Movimento de Catequese Poética". **Obra:** Os Póstumos e as Profecias, Os Ciclos, Convocação, Tarefa, Antologia Poética de Lindolf Bell, Antologia de Catequese Poética, Incorporação.

Hugo Mund Jr: artista plástico e poeta. **Obra:** Gráficos, Desenho de Observação, Germens.

Pedro Bertolino: poeta, lançou em 1967, na Guanabara, o Movimento Nacional de Poema Processo.

Alcides Buss: poeta e contista. **Obra:** O Bolso ou a Vida (1º lugar no Festival Catarinense de Poesia Universitária - 1971), Círculo Quadrado.

Pinheiro Neto: jornalista e poeta. **Obra:** Iriamar (poesia).

Vilson do Nascimento: poeta e contista.

Lembramos ainda:

Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978): médico, professor, historiador.

Walter Piazza: professor e historiador.

Nereu Correa: professor e crítico literário.

Paulo Lago: geógrafo.

Henrique Stodieck: bacharel em Direito, professor.

Evaldo Pauli: professor e jornalista. **Obra:** Madrugadas de Marina (novela), Filhas de Tubarão (novela), Desafio aos Olhos Azuis.

(Dados compilados de **A Literatura de Santa Catarina** do professor **Celestino Sachet** - Editora Lunardelli).

61

Golpe de 64

As repercussões na Capital

Depois de quase uma década afastado do poder estadual, o PSD retornou ao Palácio do Governo de Santa Catarina. O trágico acidente aéreo de 16 de junho de 1958 promovera modificações inimagináveis no quadro político catarinense devido ao desaparecimento simultâneo de três de suas principais figuras: o político de estatura nacional, Nereu Ramos; o jovem deputado federal afinado com JK, Leoberto Leal; e o governador Jorge Lacerda.

Fracassado na tentativa de substituir o irmão mais velho nas eleições para o Senado um ano antes, em 1960, Celso Ramos elege-se governador, tendo como vice Armando Doutel de Andrade, do PTB. A aliança entre os dois partidos em nível regional estimulava rivalidades nas fileiras da UDN e demais partidos conservadores que não iriam assistir à progressiva perda de seus espaços políticos sem reagir.

A vida pacata de Florianópolis voltava a se agitar em decorrência de mudanças na política nacional. O governo do trabalhista João Goulart e suas propaladas reformas de base, num clima de forte agitação sindical e política, fervem o caldo à beira de entorná-lo.

Embora ilegal, o PCB atuava à luz do dia sem ser molestado. Com jornal, gráfica, sede e livraria na Praça XV de

Novembro, os comunistas ocupam também cargos nos órgãos federais, onde é maior ainda o número de petebistas. Têm participação intensa no movimento sindical.

Os grupos políticos herdeiros da vertente autoritária de matriz integralista estão alertas e ativos. Além de abrigar seccionais de entidades financiadas pelo capital multinacional com o propósito de influir no processo eleitoral brasileiro (Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD e Ação Democrática Popular - ADP), Florianópolis tem relevante militância de inspiração católica e vezo conservador.

Quando os militares depõem o presidente da República, em 31 de março de 1964, praticamente não há reação. Sem esquemas especiais de segurança, tanto comunistas como trabalhistas são presos ou obrigados a fugir apressadamente. Não há resistência. Quem quis enfrentar os golpistas, como o funcionário dos Correios e Telégrafos, Nésio Jacques, chegou a viajar para Porto Alegre. "Nem havia o que fazer", recorda Nésio, que foi preso ao retornar a Florianópolis. Acusado de integrar os chamados "grupos dos onze" idealizados por Leonel Brizola, ficaria 78 dias encarcerado.



Livraria Anita Garibaldi, antes do arrombamento e posterior queima dos livros. Salim Miguel é 3º à direita

Clima tenso entre comunistas, que agiam abertamente, petebistas e ala conservadora era barril de pólvora

Religiosos pedem a censura prévia

Ainda deputado federal, o futuro governador Jorge Lacerda recebeu um veemente apelo da Congregação Mariana Nossa Senhora do Rosário para que desse início a uma campanha para estabelecer a censura nas publicações brasileiras de modo a fazer "frente a esta onda de males e moralizar a imprensa".

Subscrita por Emanuel Campos, Celestino Sachet, Luiz Adolfo Olsen Veiga e outros, a correspondência sugeria que a futura legislação instituindo a censura tivesse por base o recente decreto do governo Lázaro Cardenas, do México.

No referido texto legal, detalhando em minúcias tudo quanto seria objeto de pesada punição (multas e prisão), além dos autores das obras consideradas "nocivas à sociedade" também estavam sujeitos à penas "os que exibam ou vendam" publicações proibidas.

Marx e Lênin na fogueira

A última porta da atual farmácia Vitória, na Praça XV de Novembro era a entrada da livraria Anita Garibaldi - ponto de encontro de intelectuais, artistas, jornalistas e políticos desde os anos 50. Nos primeiros anos da década seguinte, seus proprietários, Armando Carreirão e Salim Miguel, venderam-na para o Secretário-geral do PCB catarinense, Fernando Pereira Cristino.

No dia 3 de abril de 1964, o principal dirigente comunista de Santa Catarina já estava longe, pois conseguiria fugir nas primeiras horas do dia seguinte ao golpe - não viu é claro, a enorme fogueira que ardia na calçada em frente à livraria e cujo combustível eram livros e filmes científicos.

O jornal "A Gazeta" de dois dias depois noticiou o sinistro como obras de populares que após arrombarem a loja, retiram de dentro

"todos os livros de literatura marxista, puseram fogo em plena via pública sob os aplausos da multidão que ocorreu ao local." O periódico, sem esconder suas posições contra o governo João Goulart, fazia questão de enaltecer o atentado, frisando que "o povo florianopolitano deu provas sobejas de sua fibra democrática, extinguindo um foco pernicioso que há anos se instala no coração de nossa Cidade".

Numa seleção de textos sobre o período em Santa Catarina, publicada pela editora Vozes, em 1988, o então diretor do Departamento de História da UFSC, Valmir Martins, revelou a entidade e o principal protagonista da cena que poderia ter servido de inspiração para o premiado filme "Fahrenheit 451". Círculo Operário (segue a linha do IBAD e da ADP) e Nereu do Valle Pereira (ex-vereador e principal líder local do Partido Democrata Cristão).

Fora o Beiramar, que outro shopping tem tudo perto, inclusive a sua casa?



SUL

As experiências no teatro cinema e artes plásticas

Após mostrar a atividade do grupo na literatura, na edição do último domingo, o resgate dos seus 40 anos, agora, mostra as encenações de peças, o primeiro e único longa-metragem feito em Santa Catarina e a criação do Museu de Arte Moderna

Tayana Cardoso

A febre modernista que contagiou os intelectuais brasileiros e causou muitas vítimas a partir da Semana de 22, em São Paulo, já era reavaliada no país quando o Grupo Sul mostrou à pacata Florianópolis essa nova concepção de arte. Mesmo encontrando resistência entre alguns artistas já consagrados na cidade, o movimento conseguiu publicar de 1948 a 1958 os 30 números da Revista Sul, atraiu centenas de pessoas para os espetáculos montados pelo Tecam (Teatro de Câmera do Círculo de Arte Moderna), além de unir vários jovens da época para um empreendimento arriscado: realizar o primeiro, e até agora único, longa-metragem catarinense. Foi a audá-

da apresentação. Seria *Um Taciturno*, de Roger Martin du Gard. A peça foi censurada por tratar do homossexualismo. Na propaganda da Revista Sul, o enredo foi resumido para "Um homem que possuía um amor inconfessável", relido às gargalhadas por Salim Miguel. "Nem ousamos escrever homossexualismo, ninguém queria espantar o público".

O primeiro presidente do Tecam, Jason César, afirma que *Um Taciturno* era tão sutil que hoje poderia servir de tema para alguma peça infantil. "Era impressionante a mentalidade da época, mas nossa vontade de fazer teatro superava tudo isso". Jason entrou no Grupo através de Anibal Nunes Pires e compareceu à leitura a peça de Martin du Gard no Teatro da União Operária, também em 47. "Calculei que me dariam um personagem de 19 anos, procurei o texto na Biblioteca e decorei tudo antes dos ensaios". O grupo se reunia todas as noites e fazia apresentações por três dias, sempre com a casa cheia. Jason permaneceu no Tecam até 52, quando conseguiu uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro com Paschoal Carlos Magno. "O governador Irineu Bornhausen assistiu minha representação em *A Sapateira Prodígiosa*, de Federico Garcia Lorca, e me ofereceu uma bolsa de estudo".

PERSISTENCIA

Com uma equipe que misturava cineastas paulistas e gaúchos e vários catarinenses interessados em cinema, o Grupo Sul se lançou num empreendimento de Cr\$ 2 milhões.

Armando Carreirão ficou responsável pela produção e esperava conseguir a metade do dinheiro através de um empréstimo oferecido aos produtores brasileiros pelo Banco do Estado de São Paulo. O financiamento foi cortado no meio das filmagens e durante vários meses Carreirão produziu documentários e cinejornais para bancar as despesas de *O Preço...*, além de fazer vários empréstimos particulares. Com ajuda da Prefeitura de Florianópolis, o Teatro Álvaro de Carvalho foi usado para as filmagens de interiores, além de abrigar equipamentos e até alguns membros da equipe. Parte das despesas também foram cobertas com a venda de cotas do filme, que serviram de pagamento para atores e técnicos.

NOTÍCIA

Mais de 70% das cenas de *O Preço da Ilusão* eram externas. No roteiro, duas histórias se desenvolvem paralelamente: a de Maria da Graça, uma mocinha bem comportada que resolve mudar sua vida e se candidata a Rainha do Verão, e a de Maninho, um engraxate de oito anos que arrecada dinheiro para montar seu Boi de Mamão. "Viramos até notícia do Repórter Esso", lembra Salim Miguel. "Fizemos um carnaval em pleno maio para representar a festa de Maria da Graça, que ganha o concurso". Depois de seis meses de filmagens, a fita é concluída e mandada a São Paulo para montagem e sonorização. "Foi um milagre conseguir terminar esse filme, mas ele sofreu muito com a falta de recursos. Foi tudo feito em laboratórios de fundo de quintal e isso comprometeu sua qualidade", comenta Carreirão.



Revista Sul foi local de debate entre artistas

Foi através do Grupo Sul que surgiu o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em março de 1949. As artes plásticas eram representadas no movimento através de ilustrações dos textos e capas de Revista Sul. Com a visita do escritor Marques Rebelo, que trouxe para Ilha uma exposição de Pintura Contemporânea e realizou palestras de arte moderna, começou uma batalha pela criação do museu. O escritor conversa com as autoridades da época e consegue espaço para instalar o Pátio Marques Rebelo, que fica sob a direção do pintor Martinho de Haro.

A maioria dos artistas da revista literária eram iniciantes: Aldo Saggaz, Dimas Rosa, Hugo Mund Jr., Pedro Bosco, Hiedy Assis Corrêa (Hassis), Ernesto Meyer Filho e Aldo Nunes, que na época já dava aulas de desenho geométrico. Hassis, que participou como ilustrador a partir da revista número cinco, foi levado para o movimento por Anibal Nunes Pires. "Conseguimos quebrar o academismo reinante na época. Foi a partir do Grupo Sul que começou a se formar um público apreciador de coisas novas, soluções estéticas contemporâneas", comenta o pintor. Também com o Museu, os jovens artistas tiveram acesso a obras de Portinari e Di Cavalcanti. "Antes, nós apenas liamos alguns artigos de jornais e revistas nacionais. A informação era pouca", comenta Hassis.

"OS PORTINARIS"

Os artistas novos eram chamados ironicamente de "os portinaris", pela sociedade. "Queriam dizer que nossos quadros eram tortos, fora de propósito". Lina Leal Sabino, em seu livro *Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina*, também registra o espanto dos moradores da capital com a exposição de Moacir Fernandes, em 1949. "O sentimento geral dos visitantes da exposição (15 esculturas, 80 desenhos e 1 quadro a óleo) é de decepção ante a incompreensível mudança: um jovem artista tão promissor não podia estar realizando aquelas figuras disformes e dizer que aquilo era Arte".

Para Meyer Filho, que entrou no Grupo Sul nos últimos anos do movimento, as principais lembranças que ficaram foram das brigas. "Era impressionante a quantidade de intrigas que faziam", comenta Meyer. "Numa exposição, me disseram que o Carreirão iria filmar todos os quadros de cabeça para baixo. Eu acreditei e proibi a filmagem. Imagine que burrice". Meyer lembra que os artistas eram chamados de malucos, comunistas e homossexuais. "Ninguém aceitava uma arte que saísse do academicismo. Só era pintor quem estudava na Escola Nacional de Belas Artes".

Os galos pintados por Meyer Filho também foram motivo para muitas provocações. Na exposição conjunta com Hassis, em 1958, no Instituto Brasil-Estados Unidos, alguns visitantes espalharam milho por todo o salão. "Também me telefonaram dizendo que o Rodrigo de Haro tinha derrubado todos os meus quadros e estava sapateando em cima. Fui correndo salvar os galos, mas claro que era mais uma mentira", lembra Meyer. Essa exposição recebeu um artigo de Silveira de Souza na última Revista Sul. "Foi a primeira crítica de arte plástica feita em Santa Catarina", assegura Hassis.

A GAPP

Também dessa exposição resultou o Grupo de Artista Plásticos de Florianópolis (GAPP), fundado em 1958 por Thales Brognoli, Tércio da Gama, Rodrigo de Haro, Pedro Paulo Vicchietti, Hugo Mund Jr., Dimas Rosa, Hiedy de Assis Corrêa, Ernesto Meyer Filho e Aldo Nunes. É Aldo Nunes que fez a relação entre o movimento Sul e o GAPP. "Esses nove artistas se conheceram através da Revista Sul, que propiciou o convívio e a discussão em torno dos trabalhos. A livreria Anita Garibaldi, do Salim Miguel, serviu de local de exposição para muitos quadros", comenta. Esse "eco da Sul", como definiu Aldo Nunes, já completa 30 anos e vai realizar uma exposição comemorativa no Museu de Arte de Santa Catarina em maio de 89. "Gostariamos que fosse esse ano, mas o espaço do MASC está ocupado com outras mostras".

Até 1958, os novos artistas conseguiram divulgar seus trabalhos pelo Brasil e por outros países através da Revista Sul. "Era uma grande oportunidade para quem estava começando. Também a criação do Museu de Arte Moderna, atual MASC, foi a alavanca para o desenvolvimento das artes plásticas em Florianópolis e até incentivou outras cidades", afirma Aldo Nunes. Para Hassis, um pintor autodidata, o movimento Sul serviu como escola. "Pela primeira vez se falava em Chagall, Van Gogh, Picasso. O Grupo criou esse espaço libertador de discussão e produção", ressalta Hassis.

Caderno

2

Florianópolis, 11 de setembro de 1988 - N.º 26 - Encarte Dominical

cia na produção de uma arte inspirada na realidade brasileira a característica principal desse Grupo, que já completa 40 anos de criação.

A porta-voz do Grupo Sul, inicialmente chamado de Círculo de Arte Moderna (CAM), era a revista literária. Para custear sua publicação, alguns membros do CAM formaram o Teatro de Câmera, que estreou no dia 7 de novembro de 1947. Três peças de um ato foram selecionadas para a primeira apresentação: *O homem da flor na boca*, de Luigi Pirandello, *Como ele mentiu ao marido dela*, de George Bernard Shaw e *Um homem sem paisagem*, de Ody Fraga e Silva. A presença do catarinense Ody Fraga ao lado de dois nomes famosos mundialmente, revelou o autor que até 1950 levaria à frente o Tecam. "Ody era motor do grupo de teatro", assegura Eglê Malheiros, a única mulher que permaneceu no Grupo nos 10 anos de sua duração. Ela também lembra alguns dos objetivos do Tecam, como o de mudar as encenações naturalistas e abordar novos temas que superassem as comédias frequentes da época.

Dessa estréia no teatro resultou o primeiro número da Revista Sul e algumas passagens pitorescas. *O homem da flor na boca* era interpretado por dois batalhadores do movimento, Anibal Nunes Pires, que falava praticamente todo o texto de Pirandello, e Salim Miguel, que permanecia numa mesa de bar bebendo cerveja. Na ânsia de tornar a peça o mais real possível, Salim bebeu demais e não conseguiu se levantar no momento mais importante de seu personagem. "Ali deu para ver que se dependesse do teatro eu morreria de fome", brinca o escritor. Mas o Tecam já se preparava para a segun-

Da sua passagem pelo Grupo Sul, Jason lembra a persistência do diretor Ody Fraga. "Tínhamos grande afinidade no trabalho e ele parecia estar muitos anos na frente. Foi o primeiro a usar cabelos compridos e era chamado de maluco". Foi através desse "maluco" da década de 50 que Sartre foi trazido pela primeira vez aos palcos do estado, numa adaptação do conto "O quarto", na peça *As estátuas volantes*. "Na verdade, não importava se montássemos Sartre ou Shaw, eles não eram conhecidos em Florianópolis, tudo era novidade". Por trabalhar com autores pouco conhecidos e discutidos em Santa Catarina, o Grupo Sul influenciou várias pessoas, inclusive o próprio Jason. "Aprendi muito, principalmente com os personagens principais do movimento: Salim Miguel, Ody Fraga, Eglê Malheiros e Anibal Nunes Pires. Nós eramos apenas os coadjuvantes, mas participamos das novidades implantadas pelo Grupo Sul, como o fim do ponto, usado em todos os espetáculos para ditar a fala dos atores".

O Teatro de Câmera também encenou algumas peças infantis e, no seu último ano, 1957, se uniu com o Teatro Catarinense de Comédia.

Com novo nome, Teatro Experimental de Santa Catarina, os componentes do Grupo Sul ensaiam *Está lá fora um inspetor*, de Priestley, que não chega a ser apresentada. Nos 10 anos de trabalhos, o grupo teatral procurou valorizar a pesquisa artística e combater o amadorismo, mas encenou menos de 10 peças. "O importante é que o Tecam estimulou o aparecimento de diversos grupos de teatro", salienta Eglê Malheiros. Ao mesmo tempo em que a arte cênica era discutida e aprofundada por

alguns membros do CAM, também foi criado o Clube de Cinema do Círculo de Arte Moderna, em 1949.

CINEMA

No mesmo ano em que se fundava a empresa paulista Vera Cruz, que ao contrário das chanchadas cariocas procurava realizar filmes sérios para o grande público, muitos cineclubes foram criados em vários estados brasileiros. Em Florianópolis, o Clube de Cinema recorria a outras instituições do gênero para conseguir bons filmes. "Não havia distribuidoras por aqui", lembra Salim Miguel. O filme francês *O Idiota*, baseado em Dostoiévski, foi a primeira projeção do Clube. "Queríamos trazer uma boa opção, já que as salas comerciais só mostravam fareste de quinta categoria", comenta Eglê Malheiros. Apesar da dificuldade em encontrar fitas, o Grupo Sul persiste e em 50 promove o 1º Festival de Cinema Vanguarda, com projeção de *Nossa Cidade*, de Sam Wood, *Ritual em tempo transfigurado*, *Estudos de coreografia para câmera*, *Em Terra*, de Maya Deren e *Entre Ato*, de René Clair.

Armando Carreirão, hoje com 63 anos, foi o presidente do Clube de Cinema do CAM. "Os associados contribuíam cada vez que um filme era exibido e assim conseguimos pagar o aluguel da fita. Havia sempre um debate depois da projeção, mas algumas vezes isso não dava certo". Quando o filme *Orfeu*, de Jean Cocteau, foi exibido, o público preferiu ficar calado. "É um filme hermético e acho que ninguém tinha entendido. Resolvi perguntar a um desembargador famoso que estava na plateia o que tinha achado do filme, mas ele apenas repetiu minha pergunta. Foi uma gargalhada geral", comenta Carreirão. Mas o prin-

cipal resultado do Clube de Cinema não foram as discussões e sim a realização de *O Preço da Ilusão*, até agora o único longa-metragem produzido em Santa Catarina.

A estréia de *O Preço...*, depois de ser adiada várias vezes, acontece em 7 de dezembro de 1958, acompanhada de muita publicidade. "Foi um fracasso", resume o produtor. Salim Miguel e Eglê Malheiros também concordam. "Todo o elenco estava na pré-estréia e saímos rapidinho depois da projeção", lembra Eglê. O filme que era esperado como um marco na produção catarinense apresentava problemas de sonorização e outros defeitos técnicos. Sem o certificado de Boa Qualidade sua exibição comercial ficou inviabilizada, mas três cópias circularam no estado sem conseguir levantar 1% do custo do filme. "Fiquei com as dívidas para pagar", comenta Carreirão. As cópias do filme sumiram e apenas seus 15 minutos finais e sua banda sonora foram localizados na Cinemateca Brasileira, em São Paulo.

José Henrique Nunes Pires, da Cinemateca Catarinense, esteve com o diretor da Cinemateca Brasileira durante o Encontro Nacional de Pesquisadores Cinematográficos, realizado de 2 a 3 de setembro, em São Paulo. "Conseguí a doação do material de *O Preço...* e também solicitei uma pesquisa entre os filmes não catalogados na Cinemateca". Para Carreirão, o prejuízo do filme não foi o mais importante. "Tínhamos uma vaidade muito sadia e tentávamos sair da inutilidade comum da época. Foi a vontade de produzir coisas boas que nos levou a filmar *O Preço...* e parece que ninguém teve coragem para superar nossa tentativa".

EXPOSIÇÃO-FEIRA AGROPECUÁRIA INDUSTRIAL E COMERCIAL 8 A 16-OUTUBRO-88 CHAPECÓ-SC

UM DOS MAIORES EVENTOS EMPRESARIAIS DO SUL DO PAÍS. PROMOÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ S.A.C. SOCIEDADE AMIGOS DE CHAPECÓ

APOIO:

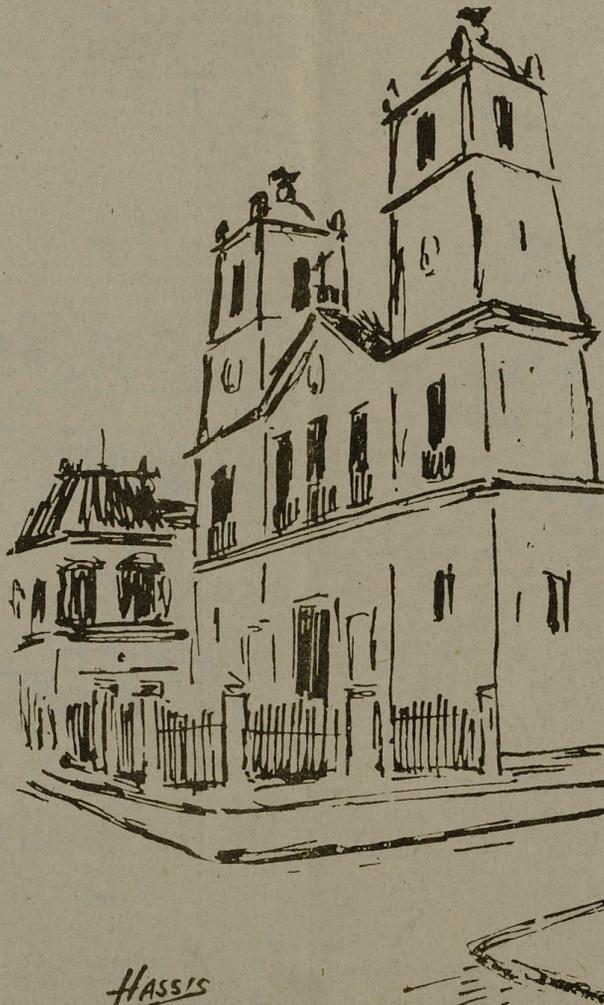


MAIOR COMPLEXO AGROINDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA Brasileira como você

SUL

40 ANOS

Há quarenta anos um grupo de jovens catarinenses assumiu a contestação dos valores culturais ainda vigentes na Ilha e passou a constituir-se na única ligação entre o antigo e o moderno. Literatura, artes plásticas, cinema e teatro formavam o universo que Anibal Nunes Pires, Salim Miguel, Antonio Paladino, Cláudio Bousfield Vieira, Eglê Malheiros e Ody Fraga, entre outros, mostravam reunidos no Grupo Sul. Este movimento ficou registrado como o mais importante nas artes de Santa Catarina e até hoje é considerado fundamental para a formação de uma mentalidade culturalmente mais aberta nas novas gerações.



Em 48 Eça de Queiroz era considerado pornográfico

Foi nas mesas amarelas do Café Rio Branco, no início do calçadão da Felipe Schmidt, que se travaram as maiores discussões do Grupo Sul. Salim Miguel, Anibal Nunes Pires, Ody Fraga e outros papas do movimento faziam parte da pouco agitada boemia de 40 anos atrás. "Naquela época, Eça de Queiroz ainda era considerado pornográfico em Florianópolis", comenta Salim. Os componentes do grupo eram motivo de piadas e até de agressões. "Logo fomos rotulados em três categorias: malucos, comunistas ou homossexuais". Mas Salim Miguel, como outros componentes do Círculo de Arte Moderna, provou que era um escritor. Ele já publicou nove livros de ficção e é o responsável pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Para Salim, o que se convencionou chamar de Grupo Sul eram apenas "jovens de 18 a 25 anos insatisfeitos com o que encontravam na cidade". Sacudir a "pasmaceira" cultural foi o objetivo maior do grupo. "É claro que isso mexeu muito com as glórias municipais e durante um ano tivemos um debate acirrado com uma figura de destaque, através das páginas do jornal O Estado". A figura era Altino Flores e toda a polémica iniciou em julho de 49, quando o Grupo Sul organiza um suplemento literário sobre o bicentenário do nascimento de Goethe. Lina Leal Sabino, no seu livro *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina* (FCC Edições, 1981), transcreve parte da discussão entre "os novos e os velhos".

Sabino escreve que o artigo *Goethe e a geração dos novos*, de Elio Ballstaedt, foi a origem de toda a polémica. "Os gênios caracterizam-se pela independência de criação, reagindo sempre contra os convencionalismos da época", foi a observação suficiente para estimular a réplica de Altino Flores, também em *O Estado*. De julho de 49 a maio de 50, o jornal cede espaço para as irreverentes provocações do Grupo Sul e também para as irônicas respostas de Altino Flores. Agora, há quatro décadas das polémicas e das atividades do Círculo de Arte Moderna, Salim Miguel pesa os erros e acertos do Grupo. "Foi um movimento imaturo, mas é inquestionável que ele modificou o ambiente cultural e projetou Santa Catarina para o resto do Brasil e para outros países".

O escritor Silveira de Souza, um pouco mais jovem que os componentes do CAM, pôde acompanhar as opiniões pró e contra o grupo. Aos 14 anos, Silveira de Souza já publicava com alguns amigos o jornal *Rarrapos*, com artigos sobre assuntos diversos, curiosidades e anedotas. "Lembro que o Grupo causou um impacto muito forte e nós ainda estávamos mais do que *outro lado*. A influência das gerações anteriores era grande", justifica o escritor. De 49 a 51, ainda longe do Grupo, Silveira de Souza participa de outra publicação, o jornal *Oásis*, com o subtítulo de *Tudo Pela Cultura*. "As nossas idéias já estavam mais afinadas com as do movimento Sul". Foi somente em 52, quando o Grupo já tinha quatro anos, que o escritor começa a colaborar com a Revista Sul.

"Não importavam as críticas e as agressões, os componentes da Sul rebatiam tudo de frente", lembra Silveira de Souza. Seu primeiro trabalho foi publicado no livro *Contistas Novos de Santa Catarina* (Edições Sul, 1954). "Acho que ninguém trabalhava a sério na época; ficávamos até altas horas discutindo Kafka, Pirandello, além de nossos próprios trabalhos, é claro". Esse "agitado total", como define o escritor, propiciou uma boa formação intelectual para os jovens da época. "O principal, é que tínhamos com quem discutir nossos textos, avançar nosso trabalho". Hoje, ele não encontra muita semelhança entre seus textos atuais e aqueles produzidos na década de 50. "Minha literatura não é uma continuação do movimento que funcionou como uma escola, onde existia uma grande troca de informações", conclui.

O clima de aprendizado da época também contagiou o escritor Adolfo Boos Jr., que entrou no grupo aos 18 anos. "Eu não sabia praticamente nada de literatura e quando se reuniam Anibal e Salim, me resignava em escutar e aprender", comenta. Boos está certo de que além de tirar a Ilha da "hibernação cultural", o movimento significou um marco na literatura de Santa Catarina. "Toda vez que se fala na produção literária do estado, é obrigatório lembrar do Grupo Sul". Para o jovem de 18 anos, aquele era um mundo novo, repleto de descobertas. "Eu vinha de um colégio jesuíta, onde se aprendia latim e se lia Camões; e também e uma família burguesa". O escritor se desligou cedo do Grupo, mas tem certeza que o movimento deixou marcas importantes na sua obra. "A integridade da literatura da Sul, principalmente de pessoas como Salim Miguel, sem dúvida me influenciou. Ninguém seguia modismos", ressalta Boos.

O movimento Sul também chegou à cidade de Lages, através do escritor Guido Wilmar Sassi, que lançou a revista *Rumos*. "Infelizmente, a revista morreu do mal dos três números", brinca Sassi, que agora está no Rio de Janeiro. "Na verdade, eu entrei de carona nesse grupo, não estou entre os primeiros participantes e imagino o quanto foi produtivo para os jovens aprender entre discussões e troca de experiências". Sassi salienta que esse é o movimento cultural mais importante de Santa Catarina. "Além de propiciar o surgimento de uma nova literatura no estado, o Grupo Sul também foi o responsável pelo casamento de Salim Miguel e Eglê Malheiros, sem dúvida o pai e a mãe do movimento".

Eglê Malheiros foi a única mulher que permaneceu no grupo da sua formação a seu final. Presente desde as colaborações para a *Folha da Juventude*, ela sempre se mostrou incomformada com a escassa atividade cultural de Florianópolis. "Se hoje podemos dizer que a Ilha não é agitada culturalmente, há 40 anos isso era uma *pasmaceira total*", comenta. Para sua época, Eglê devia se destacar pela postura inovadora. Quando se formou no ginásio, no colégio Coração de Jesus, ela liderou uma campanha pelo rompimento com o Eixo e pela ajuda brasileira aos aliados. "Não me preocupava em ser diferente das outras mulheres, isso nunca foi consciente nas minhas atitudes. Mas me lembro bem que a preocupação maior das mocinhas era estrear um vestido novo no domingo".

Junto com as atividades teatrais, literárias e cinematográficas do Grupo, Eglê também dava aulas no Instituto Estadual de Educação. Quando uma exposição modernista foi colocada próxima à escola, ela escutou vários comentários de que "essas coisas não eram indicadas para uma professora". Quando escreveu a crônica *Manolita*, a respeito de uma mulher louca que se prostituía em Florianópolis, a crítica também foi severa. "Mesmo assim, havia muitas pessoas tradicionais que compreendiam nossas idéias e respeitavam as atividades do Grupo", ressalta. Sobre o fim do movimento, Eglê comenta que todos estavam conscientes da necessidade de encerrar as publicações Sul. "Nossa proposta sempre foi semelhante a de Mário de Andrade, uma cultura apoiada na realidade, com participação social".

Mas chegou o momento em que era necessário uma proposta mais concreta de trabalho. Não tínhamos condições de manter o pessoal e dedicar o tempo suficiente para as atividades do Grupo. Foi uma morte matada, consciente".

Tayana Cardoso

O maior movimento cultural de Santa Catarina. Esse talvez seja o único consenso a respeito do Grupo Sul (1948-1958), que 26 anos após a tumultuada Semana de 22, em São Paulo, trouxe as inquietações modernistas para o estado. Mesmo esse atraso não diminuiu a polémica e os escândalos provocados por um grupo que ousou contestar a intelectualidade consagrada da época e propor uma nova estética. Mais do que a periódica briga entre gerações, "os jovens da Sul" estavam determinados a mudar o panorama cultural catarinense e lançar novos nomes.

Suas publicações chegaram a circular pelo Brasil, e por vários países e deixaram a marca da produção — do fazer, mesmo que experimental

— superando todas as outras tentativas nessa área em Santa Catarina. Literatura, teatro, cinema e artes plásticas foram absorvidos pelo movimento, que completa 40 anos, e se caracterizou por ser contra leis fixas e definições sistemáticas.

A geração de 45, responsável pela formação do Grupo Sul, trazia as angústias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Pela primeira vez, o poder de destruição da bomba atômica era avaliado, assim como todo o rompimento dos valores humanos. Sob o controle de Getúlio Vargas, o país mandou homens da Força Expedicionária Brasileira para a Itália. Santa Catarina com formação italo-germânica, era tratada com certa desconfiança, mas continuava sem muita expressão nacional. Na área cultural, eram glorificados os parnasianos, e as novas propostas do movimento modernista só chegavam às páginas de jornal para serem criticadas. Os padrões estéticos eram iguais aos do final do século XIX favorecidos pela dificuldade de comunicação com o resto do país e até mesmo entre as cidades catarinenses. Florianópolis mantinha com conformismo sua condição de Ilha, distante de discussões culturais e das novidades.

Para se ter uma idéia de como era o ambiente cultural da antiga Deserto, é bom lembrar que em 1924 foi formada a Academia Catarinense de Letras, mesmo ano em que Graça Aranha "derrubava" a Academia Brasileira de Letras com agressivos depoimentos. Também em 24, Graça Aranha esteve em Florianópolis e se encontrou com dois membros da academia: Altino Flores e Othon D'Eça. As idéias modernistas não atraíram simpatia e os jovens do Grupo Sul iriam alimentar acirradas polémicas com os acadêmicos

Não será difícil encontrar divergências entre o movimento Sul e Othon D'Eça, por exemplo, que já em 51 publicaria em *O Estado* o seguinte comentário sobre Carlos Drummond de Andrade: "É, na verdade, um desses maravilhosos espíritos que a obsessão modernista desviou para os atalhos de trivialidade e dos exageros vagos e indefinidos".

Essa geração da Academia se manteve como única representante cultural até o surgimento do Grupo Sul. Henrique Fontes, José Boiteaux, Laércio Caldeira, Othon D'Eça e Altino Flores, entre outros, ainda ditavam os padrões estéticos. Mas outro grupo, que entrou em choque direto com os acadêmicos, começava a se formar em 46. Anibal Nunes Pires, Salim Miguel, Antônio Paladino, Cláudio Bousfield Vieira, Eglê Malheiros, Ody Fraga eram os novos nomes. Não tendo onde publicar seus textos, o grupo monta o jornal *Folha da Juventude*, com 300 exemplares. Junto com a *Folha* surge o *Cicuta* ou "O boletim dos Quatro Justos", como se auto-intitulava, alertando para a "menor tiragem do mundo", não chegando a dez exemplares. A *Folha* mostrava a nova produção literária feita em Florianópolis e *Cicuta*, que apenas apresentava as iniciais dos responsáveis, revelava o espírito crítico e irônico dos jovens talentos. Os *Quatro Justos* eram SM (Salim Miguel), AJS (Aldo J. Sagaz), AP (Antônio Paladino), e CBV (Cláudio Bousfield Vieira).

É em janeiro de 48 que aparece a Revista Sul, marco principal do Grupo. Cinco meses antes, os jovens haviam denominado o movimento

como Círculo de Arte Moderna, ou simplesmente CAM. Também foi fundado o Teatro de Câmara do CAM, que iria financiar as publicações do grupo. Outras revistas nasciam em todo o país, como *Branca e Orfeu*, do Rio de Janeiro, *Ilha*, de São Luís do Maranhão, *Clá*, do Ceará e *Horizonte*, de Porto Alegre. A Revista Sul se manteve por dez anos e publicou 30 números, sempre sob a responsabilidade de Anibal Nunes Pires. Com correspondentes em dez estados brasileiros e em Portugal, África Oriental, Argentina e Uruguai, a publicação iniciou um contato entre a isolada Santa Catarina e o resto do mundo. Em 1951 é lançada a *Edições Sul*, que publicou oito livros de autores do estado.

Também em outras áreas o movimento mostrou audácia na produção. Além do Teatro de Câmara do CAM ter encenado a primeira peça de Sartre no estado, o grupo formou o Clube de Cinema do CAM, para discussão e informação sobre as produções cinematográficas mundiais.

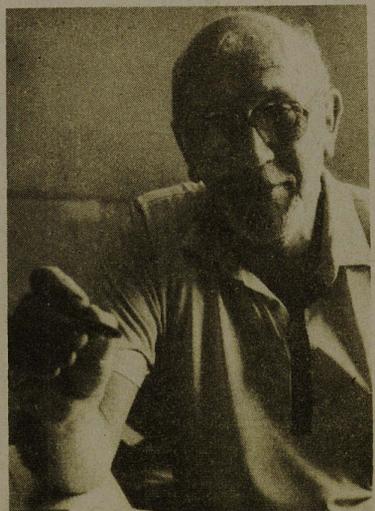
Mas o pequeno cine-clube despertou uma vontade ainda maior: produzir um filme. Com uma campanha que movimentou toda a cidade, o Grupo Sul levanta recursos para viabilizar o primeiro, e até agora o único, longa-metragem de Santa Catarina. *O Preço da Ilusão* é inspirado no neorealismo italiano e conta duas histórias paralelas: a da jovem que se candidata ao concurso de Rainha de Verão e do menino Maninho, um engraxate que tenta montar um Boi-de-Mamão. Mas a cidade de Florianópolis também vira personagem, e são retratados seus bares, praias,

praças e costumes.

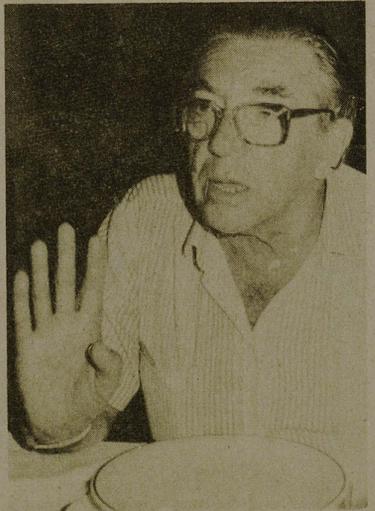
O resultado final de *O Preço da Ilusão*, com equipe técnica e atores do estado sem experiência, não é dos mais animadores. Na gloriosa noite de estreia, os problemas com a banda sonora tornam o filme quase incompreensível. Um prejuízo certo para o Sul Cine Produções, que passa a fazer cine-jornais para saldar as dívidas do longa-metragem. Depois de refeito o som do filme, três cópias começam a circular pelo estado, e desaparecem anos depois. *Apenas 15 minutos finais de O Preço* foram encontrados em São Paulo e agora estão com a Cinemateca Catarinense.

Nas artes plásticas, vários nomes também surgiram no estado e formaram o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949. Com a vinda do escritor Marques Rebelo, que trouxe uma mostra de pintura e conferências sobre Arte Contemporânea, ficou mais fácil encontrar um espaço para o Museu. O escritor sensibiliza as autoridades e consegue um local para expor a pintura contemporânea — o Pátio Marques Rebelo, dirigido por Martinho de Haro. Agora o acervo do Museu está no MASC — Museu de Arte de Santa Catarina. Para compreender a importância do movimento Sul é preciso abordar todas essas áreas.

Nesta edição de *O Estado* será dada atenção especial à literatura, com depoimentos de escritores da época e informações sobre seus trabalhos. No próximo domingo, *O Estado* vai publicar mais informações sobre teatro, artes plásticas e cinema que foram produzidos e discutidos pelos componentes do Grupo Sul.



Adolfo Boos



Guido Wilmar Sassi



Salim Miguel



Eglê Malheiros

Matéria de Capa

Há 50 anos um grupo sacudia a Ilha e revolucionava arte de SC

Reproduções e foto Gilberto Gonçalves/OE



Em 1947, jovens intelectuais catarinenses criavam o Grupo Sul, que apesar do atraso de 25 anos, fez o modernismo chegar ao estado e se transformou no mais importante movimento cultural em diversos setores da produção

Revolução representada pelo Grupo Sul chegou a reverter na produção do único longa-metragem feito em Santa Catarina, intitulado 'O Preço da Ilusão'. Movimento abrangeu áreas de literatura, artes plásticas, cinema, teatro e fotografia e criou novas bases para a produção cultural catarinense e que influenciaram artistas até hoje

Movimento renovou as artes plásticas

O Grupo Sul revelou muitos talentos em artes plásticas, esteve envolvido com a fundação do Museu de Arte Moderna de Santa Catarina (MASC) e desmembrou-se em pelo menos um ramo importante na área: o Grupo de Artistas Plásticos de Santa Catarina (GAPP), fundado por Hassis e Meyer Filho, que estará fazendo 40 anos em janeiro.

Em abril de 1948, o escritor Marques Rebelo resolve incluir Florianópolis no roteiro da Exposição de Pintura Contemporânea, que traria 74 quadros originais de artistas de 11 países, entre eles o francês Matisse e os brasileiros Di Cavalcanti, Portinari e Iberê Camargo.

Um dos principais intermediários da exposição foi Anibal Nunes Pires, o membro mais velho do Grupo Sul. Realizada de setembro a outubro, no Grupo Escolar Dias Velho, a mostra foi um verdadeiro escândalo. "Um jornalista disse que estava sendo conspurcado o es-

paço nobre do Dias Velho com uma coisa chamada pintura moderna", diz o escritor Salim Miguel.



Membros do Grupo Sul, Hassis e Meyer Filho fundaram depois o GAPP

As figuras modernas foram qualificadas, entre outros adjetivos menos dignos, de "mons-

trengos". "Muitos artigos reverteram a exposição. Naquela época, por exemplo, começar a frase com pronome oblíquo era coisa

ferência, conceitua que "pintura não é imitação da natureza, mas interpretação da natureza", para desespero dos conservadores. A partir da exposição, por decreto, é criado o MASC, em 1949, ainda no grupo escolar.

Passados dois anos, o museu estava praticamente desativado, mas os artistas plásticos não pararam de produzir. Em 1958, depois do fim do Grupo Sul, Hassis (Hiedy de Assis Correia) e Meyer Filho fundam o GAPP. "Durou três anos, depois cada um continuou por si", conta Hassis. "Em 1961 veio a televisão, a universidade, aí terminou, perdeu o sentido". Uma exposição sobre o GAPP está sendo preparada para comemorar seus 40 anos, em janeiro de 1998.

Hassis, que assegura que sua vocação de ilustrador foi descoberta pelo Sul, avalia que as duas maiores contribuições do grupo para Florianópolis foram a fundação do MASC e a renovação da literatura.

de fuzilar a pessoa", acrescenta o escritor. Marques Rebelo, numa con-

Barbara Pettres

O ano de varrer a pasmeira de Florianópolis foi 1947. Nascia então o Grupo Sul, ou inicialmente, Circulo de Arte Moderna, talvez o maior movimento cultural da história do estado. A referência, óbvia, à Semana de Arte Moderna de 22, surgiu da revisão que se fazia do movimento pelo país, e abarcou quase todas as manifestações artísticas, numa orgia cultural que duraria 10 anos e que está comemorando o cinquentenário.

O jovem Grupo Sul revolucionou a cultura da época e fez tremor os acadêmicos mais conservadores. Começou com artigos esparsos nos jornais até fazer 30 números da revista Sul, escrever e editar 15 livros, criar o primeiro clube de cinema, promover a maior discussão cultural já vista por aqui (durou cerca de um ano nas páginas de O Estado e ficou conhecida como Goethe - Os Velhos e os Novos) e realizar o longa-metragem pioneiro do estado, "O Preço da Ilusão" (até hoje, um dos dois já feitos), numa atitude nunca mais vista, que talvez só tenha parâmetro no Grupo Idéia Nova, chefiado pelo poeta Cruz e Sousa no final do século passado.

Depois de 10 anos, o diagnóstico fático: "Há um mofo acadêmico se infiltrando em nossas páginas", sentenciou Eglê Malheiros na penúltima revista, de número 29. O grupo "organizado de maneira anárquica", se aproximava do fim, mas foi a escola para alguns dos maiores intelectuais daqui, entre eles Anibal Nunes Pires, Antônio Paladino, Eglê Malheiros, Salim Miguel (literatura), Ody Fraga (teatro), Hassis, Meyer Filho, Aldo Nunes, Moacyr Fernandes, Hugo Mund Jr., Rodrigo de Haro (artes plásticas), Marcos Farias (cinema), Paulo Dutra (fotografia), Armando Carreirão (cineclubismo e produção cinematográfica).

Acompanhe a seguir a entrevista com dois dos fundadores do Grupo Sul, intelectuais que nunca interromperam sua atividade. Salim Miguel, jornalista, escritor (é autor de diversos livros), contista, é libanês, criado em Biguaçu desde menino. Eglê Malheiros, escritora e poeta, foi a única mulher (excetuando as colaboradoras eventuais), a participar do Sul do início ao fim. Os dois são casados, segundo eles, numa das "conseqüências" do Grupo Sul.

O Estado - A que se atribui a chegada com atraso de 25 anos do Modernismo em Santa Catarina?

Eglê Malheiros - Acredito que ao isolamento da cidade, mas isso não era exclusivo de Santa Catarina, outros estados também eram isolados. Os meios de comunicação eram restritos, a ligação por meio de estradas e aviões era difícil. Também o processo cultural aqui era muito lento, embora tivéssemos pessoas de cultura boa.

OE - O Grupo Sul surgiu no meio de jovens que não pertenciam à elite cultural, muito menos acadêmica de Florianópolis. Como foi esse começo?

Eglê Malheiros - Depois que a gente olha para trás percebe os nexos. Poderia não ter acontecido. Os acasos favoreceram o encontro do grupo. Mas nós nunca tivemos uma estrutura

formal, nem estatuto, nem manifestos.

Salim Miguel - Começamos com publicações nos jornais. Quase todos nós já publicávamos nos jornais daqui, em O Estado, inclusive. Mas não bastava estar publicando um artigo aqui, outro ali. Havia a necessidade de uma revista, mas estávamos sem dinheiro na época. Até que alguém perguntou: "Por que não montamos um espetáculo de teatro para conseguir dinheiro?" Estreamos em novembro de 47, no Teatro Álvaro de Carvalho, com três peças, de Ody Fraga, Pirandello, e uma peça de um ato de Shaw. O espetáculo foi muito bem aceito, fizemos uma segunda apresentação. Na terceira, tiramos Ody e fizemos pela primeira vez, uma montagem de Sartre no Brasil. (A peça "Cândida" foi traduzida por Eglê Malheiros e dirigida por Fraga).

OE - As montagens funcionaram para financiar a revista?

SM - Nós já preparávamos o primeiro número da revista sem saber se teríamos dinheiro. Mas deu tudo certo e o primeiro número saiu em janeiro de 48. O problema é que nós nunca tínhamos sequer entrado numa gráfica. O primeiro saiu informe, sem nenhuma característica, a não ser a inquietude do jovem, feito por composição tipográfica. A partir do quarto número foi feito na Imprensa Oficial do Estado.

No Brasil havia cerca de 40 publicações jovens no imediato pós-guerra. Nós contactamos praticamente com todos eles. A diferença é que a grande maioria era de revistas literárias. O nosso movimento foi mais abrangente, tivemos literatura, teatro, cinema, artes plásticas. Música.

OE - A revista Sul foi o principal veículo do grupo. Foi por ela que tudo terminou?

EM - A revista teve um intercâmbio intenso, chegou a Portugal e às antigas colônias de língua portuguesa. Ela conseguiu ultrapassar a censura salazarista, apesar que a polícia às vezes a impedia de chegar. No editorial que escrevi no número 29, o movimento estava num impasse. Só podíamos ou nos profissionalizar - fazer uma revista de cultura com redação montada - ou continuar de maneira amadorística. O mofo ao qual me referi era o pessoal se acomodando. Terminou. Nós já tínhamos ajudado a mudar as coisas.

OE - É bem possível que o Grupo Sul tenha sido a maior manifestação cultural da história de Santa Catarina. O que vocês consideram como parâmetro?

EM - Há muita coisa para ser estudada na história geral e na cultura de Santa Catarina. Mas acho que o grupo de Cruz e Sousa, bem no finalzinho do século passado, enfrentou um ambiente mais estreito e mais hostil do que o nosso. Nossa importância foi sacudir a pasmeira, romper com o isolamento e mostrar a importância da cultura universal.

SM - A nossa importância o tempo é que vai mostrar. Mayer Filho, nas artes plásticas, já ficou. Guido Wilmar Sassi, no romance e conto, e Ody Fraga, no teatro, só para citar alguns, também.



Reprodução Gilberto Gonçalves/OE

Venda de cotas viabilizou filme, mas poucos recursos comprometeram a qualidade



Espectáculo teatral no TAC, em 1947, deu primeiro impulso e garantiu recursos para surgimento da Revista Sul e do próprio grupo

Vozes de libertação e alegria

Carlos Damião

Não há como negar a importância do Grupo Sul para a formação cultural catarinense. Dá para dizer, por exemplo, que existe uma cultura pré-Grupo Sul e uma cultura pós-Grupo Sul no estado. Antes, o predomínio do academicismo, das formas arcaicas do fazer artístico, de um relativo reacionarismo do pensamento.

Os jovens daquele distante 1947 conheciam muito bem o que iam enfrentar. Era uma questão de novo velho, reconhecido inclusive pelos mais expressivos nomes de então.

Começa que o Modernismo, implantado aqui pelo Grupo, chegou a Santa Catarina com 25 anos de atraso em relação a São Paulo e Rio de Janeiro. Um fato que, por si, já denuncia o quanto vivíamos isolados, talvez de forma proposital, talvez de forma casual.

A movimentação dos jovens

sacudiu Santa Catarina, democratizou a cultura, semeou idéias.

Se alguém tinha que ser pioneiro, os pioneiros foram os jovens liderados por Eglê Malheiros e Salim Miguel, que tiveram a ousadia de abrir os salões de artes para o público, editar livros com linguagem e preços populares, representar peças teatrais inovadoras, filmar, pela primeira e única vez, um longa-metragem em Santa Catarina...

Não foi pouco. O Grupo terminou nos anos 50, deixando sentimentos importantes. Alguém perguntaria: mas por que terminou se era tão bom?

Simplemente porque um Grupo como o Sul não nasceu para se transformar numa academia de iluminados. Cada um quis seguir seu rumo, porque o movimento, em si, cumpria seu papel. Romancistas como Guido Sassi, cineastas como Marcos Farias e Ody Fraga, artistas como Meyer Filho e Hassis, contis-

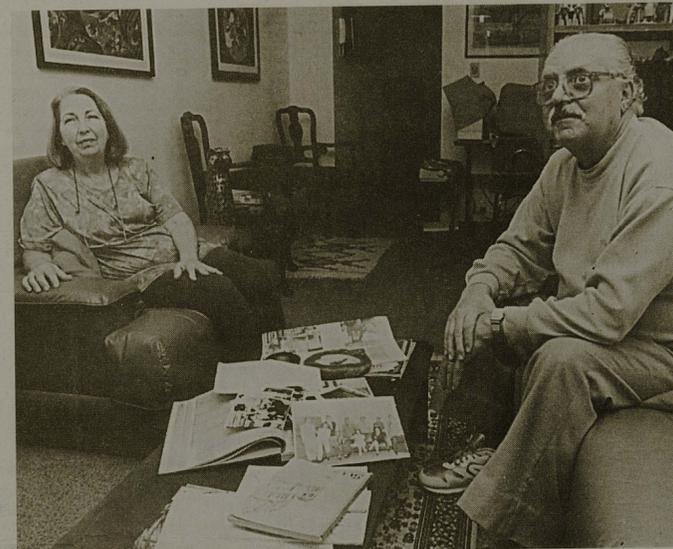
tas como Salim e Herculano Farias Jr., acabaram se firmando nacionalmente, como nomes expressivos da arte catarinense.

Todos os artistas nascidos a partir dos anos 50 e 60 foram, de alguma forma, influenciados pelo arejamento cultural proporcionado pelo Grupo Sul. Seria possível citá-los às dezenas, entre artistas plásticos, poetas, ficcionistas, músicos, professores, ensaístas.

A revolução proporcionada pelo Grupo Sul deve ser lembrada, em seu cinquentenário, exatamente pelo aspecto mais positivo que legou às novas gerações, no amor à renovação, à democratização do saber, no apego às idéias da modernidade.

Nós, jornalistas e artistas, só temos a agradecer a esses corajosos jovens que, em 1947, começaram a romper com os padrões estabelecidos, para mostrar um pouquinho de liberdade e alegria aos catarinenses.

Gilberto Gonçalves/OE



Casados por 'conseqüência' do Grupo Sul, Eglê e Salim criaram argumento do longa 'O Preço da Ilusão'

Longa-metragem mobilizou cidade

Não existiam limites para o Grupo Sul. Quase todas as artes foram exploradas, e o cinema não podia ficar de fora. "O Preço da Ilusão", de 1957, é o longa-metragem catarinense pioneiro (o segundo e último é "Calibre 12, do lagoano João Amorim" e está fazendo 40 anos. Do alto de sua experimentação e da falta de dinheiro, o filme misturou neo-realismo italiano com expressionismo alemão e mobilizou os habitantes de Florianópolis.

Da aventura da intitulada Equipe Alberto Cavalcanti (uma homenagem ao cineasta brasileiro), só sobraram cerca de sete minutos finais e a banda sonora, encontrados na Cinemateca de São Paulo. O trecho que restou foi utilizado recentemente pelo cineasta Zeca Nunes Pires em seu filme "Ponte Hercílio Luz".

O Grupo Sul já se aproximava do fim, mas ainda não havia tentado fazer

cinema. Do argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel surgiu o roteiro de E. M. Santos.

Dois histórias paralelas se cruzavam no final: a de uma concorrente ao Concurso Rainha do Verão que acaba se envolvendo com um chantagista e a história de um menino que se apropria do dinheiro de um boi-de-mamão para comprar remédios para sua mãe.

Na cena final, o carro com a moçinha e o chantagista, vindo sobre a Ponte Hercílio Luz, é obrigado a desviar do menino, derrapa por causa da chuva forte e cai no mar.

Em torno de 20 pessoas trabalhando, atores locais, pouco dinheiro. Foram vendidas cotas por toda a cidade (o ex-governador Aderbal Ramos da Silva se revelou um mecenas) mas o valor arrecadado não foi suficiente para fazer um filme de qualidade. "A

falta de dinheiro dificultou fazer um filme tecnicamente bom. Artisticamente isso também interferiu", conta Carreirão.

O resultado foi uma mistura de neo-realismo italiano (muito em voga no período) e expressionismo alemão, esta última escola devido aos problemas de luz nas tomadas à noite.

O experimentalismo não teve a recepção esperada. "A população não gostou do filme, não teve um rendimento estético suficiente em função da falta de dinheiro", diz o produtor.

De acordo com Carreirão, 80% das cenas foram externas, o que causou um rebuliço na cidade. O filme, além de documentar a Florianópolis antiga, também descobriu novos paraísos na Ilha. "Exploramos pela primeira vez na tela a Praia da Joaquina. Até então, ela era completamente desconhecida".

65



FOTOS SIDNEY CRUZ



CONJUNTO À esquerda, tela do pintor gaúcho Iberê Camargo, a primeira do acervo do Masc; acima, quadro de Di Cavalcanti, uma das importantes obras do que está sediado no Centro Integrado de Cultura (CIC)

Exposição organizada pelo escritor Marques Rebelo deu origem ao Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), que completou 50 anos no dia 18 de março

1948

o ano em que o modernismo aportou em Florianópolis



VOLUME Desde sua implantação provisória, em setembro de 1948, até hoje, o Museu de Arte de Santa Catarina contabiliza um acervo com um total de 1.300 trabalhos de artistas brasileiros e estrangeiros

MAURÍCIO OLIVEIRA

A arte moderna tomou Florianópolis de assalto naquela primavera de 1948. Sem pedir licença à conservadora sociedade da época, o escritor carioca Marques Rebelo (1907-1973), já famoso por livros como "A Estrela Sobre", trouxe à capital catarinense 70 obras que sintetizavam a produção de vanguarda da época. Eram pinturas, desenhos, gravuras, aquarelas e guaches de artistas como Iberê Camargo, Djanira Pereira, Di Cavalcanti, Lasar Segall e Cândido Portinari. Incluindo trabalhos de dois talentos locais, Martinho de Haro e Eduardo Dias — que havia morrido três anos antes —, ele montou a primeira Exposição de Arte Moderna vista pelos catarinenses.

Mesmo sem ter qualquer ligação com a cidade, Rebelo plantava uma semente logo vertida em árvore de fartos frutos. A exposição deu origem ao Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), que acaba de completar 50 anos de fundação. Carismático e erudito, o escritor convenceu os governantes catarinenses da necessidade de seguir a tendência dos grandes centros. Aquele 1948 já havia presenciado o nascimento dos Museus de Arte Moderna (MAM) de São Paulo e do Rio de Janeiro, inspirados pela criação do Museu de Arte de São Paulo (Masp) no ano anterior.

PIONEIRA

A exposição pioneira em território catarinense foi organizada no Grupo Escolar Dias Velho, depois rebatizado de Escola Básica Antonieta de Barros, localizado na esquina das ruas Vitor Meireles e Saldanha Marinho, Centro de Florianópolis. Além de conferir os quadros no período entre 25 de setembro e 6 de outubro de 1948, os moradores de Florianópolis puderam acompanhar três palestras de Rebelo, que esforçava-se para explicar os inovadores conceitos de arte. "Pintura não discorde dos argumentos e do valor de obras que "distorciam" a realidade.

Mas aquela nova geração de artistas estava decidida a levar adiante a missão de renovar o oxigênio das artes brasileiras. Santa Catarina se integrava ao movimento por iniciativa dos jovens do Grupo Sul, liderado por Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel, Silveira de Souza e Eglê Malheiros. Em janeiro daquele mesmo ano, o grupo havia lançado o primeiro número da Revista Sul, êxito editorial que se estendeu por dez anos, até dezembro de 1957. Com a colaboração de quatro "correspondentes" radicados no Rio de Janeiro — Flávio de Aquino, José Silveira D'Ávila, Moacir Fernandes e Alcídio Mafra de Souza —, eles intermediaram a passagem por Florianópolis da exposição itinerante que já havia sido levada por Rebelo a outras cidades.

Convencido a montar o Museu de Arte Moderna, o governo catarinense comprou seis dos quadros expostos — óleos de Iberê Camargo, Djanira Pereira e Rubem Cassa, e três gravuras de José Silveira

D'Ávila. Rebelo e alguns artistas tomaram a iniciativa de doar obras, o que ampliou o acervo inicial para 17 unidades.

OFICIAL

Em 18 de março de 1949, o governador catarinense Aderbal Ramos da Silva criou oficialmente o Museu de Arte Moderna de Florianópolis ao assinar o decreto 433. Apesar do nome, a entidade já nascia com a proposta de abrangência estadual. Apenas em 1970, quando passou a se chamar Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), a confusão foi desfeita.

Organizado a princípio no próprio pátio do colégio que sediou a exposição, o museu ganhava simpatizantes e novas doações surgiam, não apenas de coleções particulares mas também de entidades públicas, como a Câmara de Vereadores e a Prefeitura de Florianópolis. O governador de São Paulo, Adhemar de Barros, doou oito óleos de artistas brasileiros, inclusive um valorizado Volpi. No final de 1949 o escultor Bruno Giorgi, de passagem por Florianópolis, doou a primeira escultura do acervo, chamada "A Máscara e a Face".

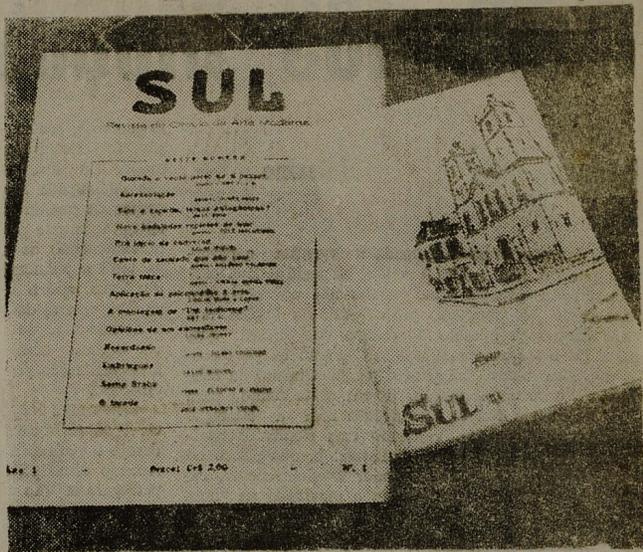
Passadas cinco décadas, o acervo do Museu está se aproximando das 1.300 obras. A primeira da lista é "No Campo", de Iberê Camargo, óleo sobre tela com 43,5 por 53cm, uma das remanescentes da exposição pioneira.

Em 1950, quando já havia algumas dezenas de obras no acervo do Masc, foi nomeado o primeiro diretor, Sálvio de Oliveira. Até então, a responsabilidade era da direção do colégio. Por questões de segurança, a entidade foi transferida em 1952 para uma sala da Casa Santa Catarina, construção que existia no local em que hoje está a Biblioteca Pública, na rua Tenente Silveira. Lá já estavam instalados a Academia Catarinense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico e a Comissão Catarinense de Folclore.

O museu permaneceu ali por 16 anos, até ser transferido, em 1968, para um outro casarão do início do século, localizado na avenida Rio Branco e que também já não existe mais. Nos 15 anos seguintes o já denominado Masc passou por duas outras sedes — uma casa da rua Tenente Silveira e o prédio histórico da Alfândega, na rua Conselheiro Mafra —, até ser finalmente instalado nas dependências do Centro Integrado de Cultura (CIC), em 1983, onde permanece até hoje.

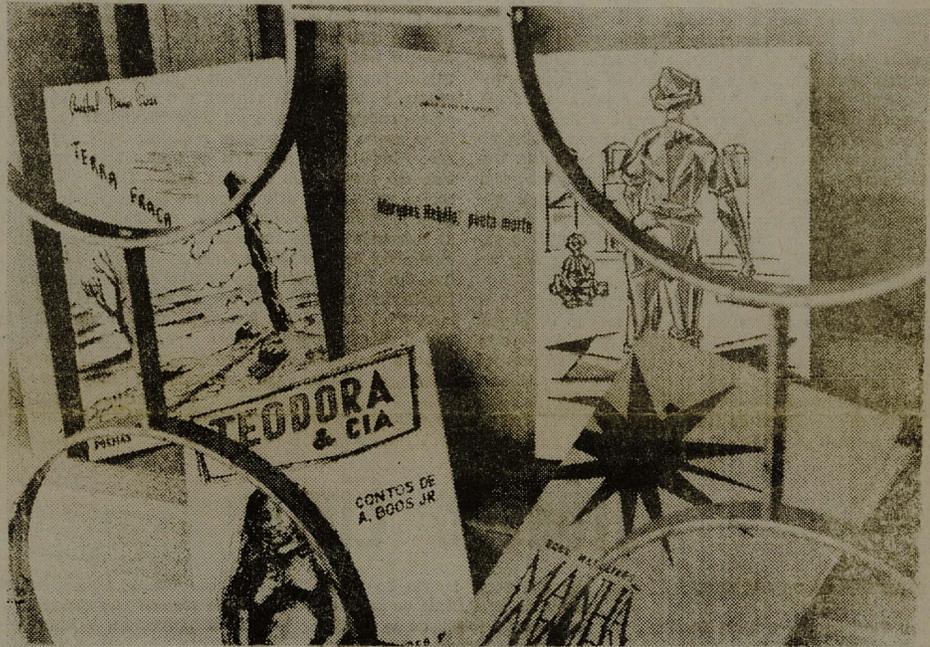
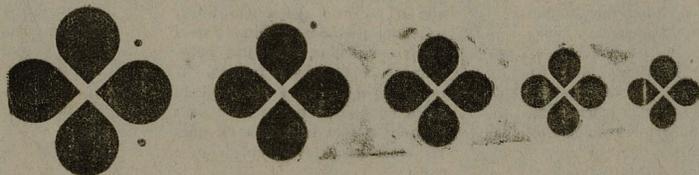
O recém-nomeado diretor do Masc, João Evangelista de Andrade Filho, volta ao cargo depois de quatro décadas. Foi ele quem substituiu o primeiro diretor, em 1954. Sempre envolvido com a evolução da arte, Evangelista planeja uma programação voltada para o contemporâneo. O primeiro evento em comemoração aos 50 anos do Masc, a exposição "Gravuras do Masc, Gravadores de Brasília", começa nesta quinta, dia 8 de abril.

◆ Leia mais no Anexo: abre hoje primeira mostra de 1999 no Masc



Contrariando a opinião de muitos que achavam ser Florianópolis o último lugar do mundo onde se poderia fazer algo no campo cultural e artístico, um grupo de jovens lançou um movimento que em pouco tempo alcançou repercussão nacional e até mesmo no exterior. Hoje:

"Sul" faz vinte anos



Apesar do ceticismo de uns e da gozação malidicente de outros — pois naquela época cultura era sinônimo de maluquice — o movimento expandiu-se, primeiro com o Círculo de Arte Moderna (C.A.M.) e depois com a criação da revista SUL. Durante dez anos foram publicados trinta números e o movimento ganhou vulto através de exposições de arte, promoções cinematográficas e teatrais, ciclo de cursos e conferências e o lançamento de cerca de vinte livros pelas Edições SUL.

no exterior, menos em Florianópolis, onde era feita, o que não deixava de ser uma verdade.

O QUE SE PUBLICOU

A editora SUL surgiu como uma consequência natural das atividades da revista. Sua primeira publicação foi o volume de poemas de Valmor Cardoso da Silva "Idade 21". Seguiram-se, englobados em duas categorias — Edições SUL e Cadernos SUL, "Velhice e outros contos", de Salim Miguel; "A Ponte", prosa e verso de Antônio Paladino (edição póstuma); "Manhã", poemas de Eglê Malheiros; "A morte de Damião", farsa de Ody Fraga; "Alguma Gente", histórias de Salim Miguel; "Piá", contos de Guido Wilmar Sassi; "Terra Fraca", poemas de Aníbal Nunes Pires; "Teodoro e Cia", contos de A. Boss Jr.; "Rêde", romance de Salim Miguel; "Amigo Velho", contos de Guido Wilmar Sassi (prêmios do Instituto Nacional do Livro) além de outras publicações.

QUEM FEZ

Idealizada por Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel, Ody Fraga e Silva, Hamilton Ferreira e outros, a revista SUL começou como um boletim datilografado chamado "Sicuta". Com o nome de "Folha da Juventude" transformou-se numa publicação impressa e em janeiro de 1943 saía o primeiro número da revista, tendo como diretor Aníbal Nunes Pires. Trazia colaborações de Eglê Malheiros, Armando Carreirão, Fúlvio Vieira, Antônio Paladino e outros, além da equipe responsável. A revista com o tempo modificou seu formato, aumentou o número de páginas e foi ampliando o seu "staff" de redatores e colaboradores. Apareceram então nomes como Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi, Hugo Mund, Elío Balstaedt, Doralécio Soares, Osvaldo Melo Filho, Augusto Abranches, Walmor Cardoso da Silva, José Mauro e já no último período Silveira Lenzi e Ilmar Carvalho. Destacaram-se também os ilustradores Aldo Nunes, Dimas Rosa, Meyer Filho, Hassis e Pedro Bôscio.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

O grupo SUL foi também responsável por outras iniciativas artísticas, além da revista e das edições. Através do Teatro Experimental do CAM organizou o Teatro Experimental, quando foi representando pela primeira vez no Brasil um peça de Jean Paul Sartre. Encenaram-se ainda peças de Pirandello, Bernard Shaw e Martin du Gard. Na mesma época foi fundado o primeiro clube de cinema de Florianópolis e realizada a primeira exposição de arte moderna, primeiro passo para a criação do atual Museu. Realizaram-se ainda ciclos de conferências e cursos sobre pintura, literatura, música, cinema e a primeira experiência cinematográfica do estado foi fruto da iniciativa do grupo.

PROJEÇÃO

Com o tempo a revista alcançou relevante projeção nos meios culturais do país, passando o movimento a ser considerado como dos mais representativos daqueles anos, ao lado de outros como "Joaquim", no Paraná, liderado pelo hoje nacionalmente conhecido Dalton Trevisan e Quixote, no Rio Grande do Sul. Conhecidos escritores e poetas, como Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Marques Rebêlo, José Lins do Régio etc., começaram também a aparecer com frequência em suas páginas. Mantia ainda a revista uma rede de correspondentes em todo o país e em países de língua portuguesa e espanhola, além da colaboração efetiva de críticos e jornalistas brasileiros, como por exemplo Esdras Nascimento, atualmente renomado romancista. Comentava-se então, na época, que a revista SUL era conhecida em todo o país e até

O FIM

Ao fim de dez anos alguns dos fundadores ainda continuavam, enquanto que novos-novos surgiam e outros desistiam. Conforme a opinião de seus responsáveis a revista poderia continuar, mas eles sentiram que dentro de uma linha moderna ela estava se academizando e se repetindo, juntando-se a isso os problemas sem fim cada vez mais agudos. Chegou-se então a conclusão que o mais certo era o encerramento de suas atividades. Isso foi feito justamente quando a revista e o movimento completavam dez anos, em janeiro de 1953, ou seja há dez anos atrás. E num "acadêmico" jantar, com discursos e tudo, fez-se o necrológio do movimento SUL, mas suas sementes continuam crescendo até hoje.



68

O TEMPO - Pressão Atmosférica Média: 1015.1 milibares. Temperatura média do dia 19.1° máxima insolação 36.8° mínimo 14.0° (No Planalto média mínima 07.8°) Cumulus. Stratus. Cirrus, de meio encoberto a encoberto. Nevoeiro noturno. Tempo no Planalto: Com instabilidade passageira, passando a Bom. No litoral: Bom durante o dia, pequenas instabilidades à noite. Previsão: A. Seixas Netto.

O ESTADO

Florianópolis, domingo, 11 de setembro de 1977 - Ano 63 - nº 18.815 - Edição de hoje, 40 páginas - Cr\$ 3.00

VEICULOS COM PLACA DE FINAL 9 — O Detran já iniciou a renovação de licenças de veículos, cuja placa tenha final 9 (nove). Por outro lado, informa que aqueles que não receberam, pelo Correio, as guias de recolhimento da Taxa Rodoviária Única — TRU — poderão procurá-las naquele órgão que recomenda, ainda, aos interessados, renovarem suas licenças o mais breve possível, evitando, desta forma, os congestionamentos de última hora. Lembra, também, que o prazo para o licenciamento destes veículos expira a 30 do corrente, findo o qual, o usuário está sujeito à multa.

Arena não interfere mas acha justas aspirações ao Governo

Afirmando que a Arena só tomará conhecimento oficial da sucessão em Santa Catarina após definido o processo em nível nacional, o Senador Lenoir Vargas Ferreira disse que vê como "uma demonstração de exuberância partidária" o lançamento de vários nomes como candidatos ao Governo do Estado, assinalando que o partido não tem condições de interferir "em justas aspirações de seus correligionários". (Pag. 3).

Cheias deram à Prefeitura prejuízos superiores a 800 mil

Página 16

Resgatados ontem mais cinco corpos dos pescadores de Itajaí

Página 20

Avai não admite o terceiro jogo, mas Figueira crê em vitória hoje à tarde



No Figueirense, um treinamento alegre e diferente.

A descontração foi a tônica dos treinamentos feitos ontem por Avai e Figueira. O ambiente é tranquilo nos dois clubes e nenhum dos técnicos têm problemas para as escalações. Apenas Clemente é que fez um pouco de segredo para a formação da meia cancha. No Avai há muita certeza na vitória hoje, enquanto no Figueirense seus jogadores mostram-se até satisfeitos com o desempenho do adversário. Se houver vitória do Avai, estará definido o segundo representante do Estado no brasileiro. Em caso de empate ou vitória do

Figueira, novo jogo na quarta-feira (pg.8)



No Avai, a descoberta do almoxarife Cacá para a lateral.

Magalhães vê hora propícia para anunciar o seu programa

Página 3

Prefeito tem plano para lixo da Capital ser usado como adubo

Página 16

O REI DOS TAPETES oferece:

O maior estoque de tapetes, carpetes e forrações do Brasil. Todas as marcas. Todas as cores. ITA e DRASTOSA exclusivos PEDROSO no Paraná e S. Catarina. Todos os lançamentos nacionais e a nova cor CASTANHO. Exclusividade no Brasil do REI DOS TAPETES. Preços de fábrica. Garantia de marca e cor. Sugestões para decoração. Atende em sua cidade com frota própria e equipes técnicas de colocação rápida. PARA GRANDES NEGÓCIOS use o telefone direto 32-4474



PEDROSO O REI DOS TAPETES
Dr. Murici, 231/253/339
Fones: 23-9822 e 22-4787
Curitiba
Também em Florianópolis e São Paulo.



Mais um dia sem água. Situação é crítica em quase toda a Cidade

O povo continua tirando água das bicas. Os canos romperam mais uma vez (Página 16).



A estância de Caldas da Imperatriz reabre hoje inteiramente remodelada (Pag.14).

O movimento surgido em torno do Grupo Sul, que pontificou em Santa Catarina nas décadas de 40 e 50, é considerado atualmente como o mais importante da nossa história cultural. No ano em que se comemora o trigésimo aniversário da estreia de uma das peças teatrais do Grupo, O ESTADO inicia, nesta edição, uma série de reportagens sobre o movimento. Na foto alguns dos integrantes do Grupo em visita ao Rio, quando se avistavam com Drummond, Bruno Giorgi e outros intelectuais (P.25).



Em depoimento exclusivo a O ESTADO, Gilbeto Gil, que hoje faz sua última apresentação em Florianópolis, fala sobre o desenvolvimento da sua carreira, o atual estágio da música brasileira, a censura e sobre o seu retorno a esta Capital, um ano após o episódio que culminou com a sua prisão. Gil faz questão de frisar que não guarda mágoas e que "curte" a Ilha (Página 23).

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

Por
Laudelino Santos Neto e
João Afonso da Silveira de Assis
Pesquisa O ESTADO



Conhecidos no Brasil e no exterior como os "rapazes do grupo Sul", um punhado de jovens intelectuais catarinenses introduziram o Modernismo no nosso Estado, a partir de 1948, e conseguiram concretizar seu projeto estético, hoje em franca decadência, pela falta de continuidade e pela ausência de seus principais líderes. Foram 10 anos de

fevor cultural — de 48 a 58 — onde se fez muito teatro, filme, revista literária, Museu de Arte Moderna e muitos trabalhos foram editados. No próximo 7 de novembro, fazem 30 anos da primeira apresentação teatral do grupo. Transcorridas três décadas, pode-se afirmar agora, sem sombra de dúvida, que o Grupo Sul foi a maior

realização cultural de Santa Catarina. A partir de hoje, O ESTADO publicará uma série de reportagens sobre o movimento, que exigiu o trabalho de dois jornalistas, durante 54 dias, em pesquisas, entrevistas e redação final.

A Explosão Criativa dos anos 40

Durante o período do Estado Novo eram possível qualquer atividade livre no país. E como arte e liberdade são premissas inseparáveis, tudo o que se fazia na época era não fazer arte, mas ler a arte dos outros.

A Guerra havia despertado toda aquela geração para os problemas do mundo e estes passaram a ser vividos por toda a juventude da época, inclusive pela de Florianópolis. Uma vez que a motivação principal da Guerra era a da liberdade contra nazismo, o fascismo, o racismo, ou seja, formas de violação do homem, vivia-se uma contradição entre assistir a uma guerra externa que tinha como bandeira a liberdade e a situação interna do país, onde a palavra liberdade por pouco não fora banida dos dicionários.

Com a vitória contra o nazismo e a queda da ditadura de Vargas em 1945, a juventude descobriu que, de repente, era possível escrever, fazer poesia e conversar em voz alta, o que passou a ser feito com a frequência nunca antes imaginada.

Aos anos anteriores, durante os quais a única opção era ler o que porventura passava pelo fútil da censura, sucedeu uma época em que se tornou permitido falar e escrever. Lia-se tudo: de Shakespeare, Balzac, Gorki e Tolstói aos romances de "capa e espada" e Karl May.

Foram descobertos os autores brasileiros nascidos do movimento modernista, que revelaram formas de tratamento literário, não encontradas nos escritores que os antecederam, fossem eles menores ou maiores na concepção dos jovens. Da poesia de Castro Alves à de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Cruz e Souza; do romance de José de Alencar ao de Machado de Assis.

Quase de repente, descobriu-se a poesia de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa e mais tarde a de João Cabral de Melo Neto e Vinícius de Moraes. Quase de repente descobriu-se Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Geraldo Vieira, Erico Veríssimo e mais que todos pela influência que viria a exercer em Florianópolis, Marques Rebelo.

Sua obra aqui chegava através dos disputados suplementos dominicais do Rio de Janeiro, apanhados na loja do Atherino - agente da Pan Air - e imediatamente lidos e discutidos nos bancos da Praça XV ou quando havia dinheiro, nas mesas do Café Nacional ou do Ponto Chic. Ao mesmo tempo, deixou-se de ler nos jornais as matérias da ditadura distribuídas pelo DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda - substituídas pelos manifestos políticos e pela propaganda dos partidos que deram início à redemocratização do país.

Medidas que evidenciassem a liberdade vinham sendo tomadas, entre as quais a extinção da Polícia Especial passando a ser proibido "surrar primeiro para perguntar depois". Consequentemente, instalou-se em todo o país um clima que abria novas perspectivas às manifestações culturais.

O fato de se poder escrever cartas - um hábito praticado com frequência na época - tendo-se a certeza de que chegariam ao destino intactas e sem o carimbo censurado e que se poderia escrever nos jornais e revistas o que se bem entendesse, motivou os candidatos à poesia, ao romance, ao conto e à crítica artística.

Surgiram oportunidades de manifestações intelectuais que não fossem reduzidas à leitura do gibí, à torcida nos filmes de mocinho ou às emoções fáceis dos filmes "melosos". Nesse contexto apareceu o movimento da chamada Geração 45, que se manifestou em todo o país com um caráter extremamente importante, não tendo sido resultante de coordenações ou aliciamentos.

Muitos dos grupos artísticos, somente ao longo do tempo, vieram a ter conhecimento da existência uns dos outros, o que se deu, principalmente, através das revistas literárias que publicavam. Florianópolis foi a pioneira no movimento dos novos e foi também a cidade onde o movimento teve a maior duração.

No começo ninguém acreditava que do entusiasmo daqueles jovens pudesse nascer algo de concreto. Depois muitos aderiram. Havia três gerações convivendo na época: os antigos, para os quais o romance havia terminado com Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, a poesia com Bilac e a



Ensaiô da peça Cãndida, de Bernard Shaw, em 1949. Da esquerda para a direita, Anibal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Jason Cesar de Carvalho, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Walmar Catdozo da Silva, Armando Carreirão e Archibaldo Cabral Neves.

Embaixo, o programa para a primeira fêcita do C.A.M.

Teatro Alvaro de Carvalho
Dia 7 de novembro de 1947 — Às 20 horas

1a. RÊCITA DO C. A. M.

PROGRAMA

- O homem da flor na boca**
de LUIGI PIRANDELLO
PERSONAGENS: Homem da flor na boca — A. N. Pires
Homem pacífico — Salim Miguel
- Como êle mentiu ao marido dela**
de G. B. SHAW
PERSONAGENS: Êle — Jason Cesar
Ela — Lory Balott
O marido — Ody F. e S.
- Um homem sem paisagem**
de ODY F. e S.
PERSONAGENS: Martell — W. J. Mattos
Moça bonita — Eglê Malheiros

Direção: Ody F. e S. *Ballad*
Ponto: Armando Carreirão *Zez*
Contra-regia: Rêlvio Vieira *José*
Aguardem *Armando*
UM TACITURNO
Três atos de ROGER MARTIN DU GARD
Mais uma criação do **CÍRCULO DE ARTE MODERNA**
Lia, 7. 11. 47

pintura com Farne de Amodeo; os atuais, voltados principalmente ao magistério e às atividades profissionais e os novos, da chamada geração 45, que procuravam despertar a vida cultural de Florianópolis. O marasma em que viveu durante 15 anos, com atividades promovidas pelo Círculo de Arte Moderna (C.A.M.), constituída pelo Grupo Sul.

Entre essas três gerações estabeleceu-se uma convivência que evoluiu na medida em que os novos começaram a produzir. Alguns dos antigos sequer chegaram a entender coisa alguma. Outros, aos poucos, interessaram-se e chegaram até mesmo a incentivar o movimento inovador.

Entre os antigos, como figuras destacadas na vida intelectual da cidade, estavam Othon da Gama Lobo D'Eca, Barreiros Filho (ex-redator do jornal O Estado), Antonieta de Barros, Altino Flores, Ivo D'Aquino e Henrique da Silva Fontes, que sobre todos os novos deixou a grata lembrança do velho que os aceitava e incentivava.

Dos atuais, que desde logo iram o movimento com entusiasmo e lhe emprestaram todo o apoio, destacavam-se Joaquim Madeira Neves, Wilmar Dias, Oswaldo Cabral,

Armando Simone Pereira, Jorge Lacerda, Waldemiro Cascaes, Armando Valério de Assis, M.S. Cavalcanti, Arthur Pereira e Oliveira, Aderbal Ramos da Silva, Tolentino de Carvalho, Hercílio Medeiros e o que foi o maior pensador catarinense, Henrique Stodiek, segundo a concepção dos jovens.

Os novos se propunham, na medida das coisas possíveis, revelar os valores, até então em potencial, e acompanhar as ideias do mundo no campo da Filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente no campo das letras e das artes.

Além dos antigos, dos atuais e dos novos, havia os de fora, escritores brasileiros e estrangeiros, com os quais o Grupo Sul se correspondia e dos quais recebia colaborações.

Dentre todos eles, o que teve maior importância - por haver visitado Florianópolis várias vezes para participar de atividades do C.A.M., ainda que essas fossem tão "somente" intermináveis conversas madrugada a dentro - foi o escritor Marques Rebelo, que viria a ser, depois, um dos imortais da literatura brasileira, uma vez que eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Características do Movimento

Segundo Hamilton Valente Ferreira, as características do C.A.M. consistiam em:

- Descompromisso com as correntes políticas, religiosas, literárias e artísticas de qualquer natureza. Único lema: "Não sei por onde vou."

- Ausência de qualquer institucionalização, o que os teria levado, fatalmente, a fundar uma Academia, exatamente o que não queriam. Sobretudo não ter estatuto.

- Grande abertura para receber colaborações de todos que as desejassem fazer.

- Sentido marcante de que não se tratava de cumprir nenhuma obrigação.

- Conversa livre e aberta, nas quais não se pretendia provar nada a ninguém. Tudo o que se queria era descobrir.

O descompromisso pode ser constatado se formos procurar saber onde aplicavam a receita dos espetáculos — a única que dispunham além da arrecadação com as publicidades na revista. Foi integralmente consumida num banquete no Lira Tênis Clube. O saldo, apurado depois de dez anos de atividade do grupo, foi também consumido em outro banquete, desta vez, no Rancho da Ilha, ocasião em que se comemorou o enterro da Revista.

A característica principal do grupo era a homogeneidade. Depois, a seriedade. Convictos dos altos fins de cultura e de arte, procuravam realizar uma obra ímpessoal, com um sentido de grupo. Quer dizer: agiam norteados por um pensamento comum que os irmanava nos ideais e propósitos. Não pode-se deixar de destacar, acima de tudo, o fato de que os participantes possuíam uma faixa etária muito jovem. Alguns não possuíam mais de dezenove anos.

A Cultura a Cavallo do Poder Político

Uma das características de Santa Catarina é que os movimentos culturais acontecem com alguns anos de atraso. Em 22, foi a vitória do parnasianismo sobre o romantismo, 40 anos depois que ocorreu no resto do país. O chamado Grupo Sul, em 48, introduziu por sua vez, o modernismo entre nós, 26 anos após a Semana de Arte Moderna em São Paulo.

A afirmação de Celestino Sachet, livre docente e professor do curso de pós-graduação em Literatura Brasileira da UFSC, um dos intelectuais catarinenses que têm uma visão crítica dos movimentos literários e artísticos do nosso Estado, principalmente o realizado pelos jovens do Grupo Sul, a partir de 1948.

"SUBVERSIVO"

Celestino Sachet traça então um paralelo entre a cultura catarinense e o poder

político, a primeira sempre subversiva, dependente e intimamente ligada ao segundo. "E o caso dos parnasianos de 22. Eram estudiosos, pesquisadores, e acima de tudo afinados com a ordem vigente, pois conseguiram se manter na crista do poder até a década de 60. Esta turma é que lutou com veemência contra os jovens do Sul. Eles eram articulados, e tinham na mão o principal órgão de imprensa de Santa Catarina na época, o jornal O ESTADO, assim exercendo com segurança sua dominação".

Acrescenta Celestino Sachet que como prova da íntima ligação entre estes intelectuais e as classes dominantes da época, Altino Flores, um dos líderes da geração parnasiana de 22 foi Secretário de Estado, o mesmo acontecendo com Gustavo Neves; Oswaldo Cabral, presidente da Assem-

bléia Legislativa e Gama D'Eca presidente da Academia Catarinense de Letras.

- Nesse ambiente cultural, onde este grupo, encastelado no poder ditava os padrões estético-literários em Santa Catarina, e que surgiram os rapazes do Grupo Sul, com uma vitalidade criativa e cultural nunca antes havida em nosso Estado. Acrescenta o livro do estudante da UFSC que por isso mesmo foram tachados de "subversivos" - comunistas - quer aquela elite social cultural, provinciana e atrasada em relação aos outros centros nacionais e internacionais.

Por sua vez, o Grupo Sul questionava os "intelectuais da moda", ultrapassados e beneficiários das benesses oficiais, onde se locupletavam com prodigalidade. "Como não tinham protótipos nas esferas oficiais, e por isso mesmo não foram a re-

boque de fações políticas bem tampouco serviram a essas, o Grupo Sul, sendo um movimento paralelo à cultura oficial, teve tanto vigor e durou tanto tempo, porque antes de mais nada eram autênticos" - frisa Celestino Sachet.

CULTURA A CAVALLO

Aprofundando sua análise, Celestino Sachet afirma que "no meu entender, a cultura catarinense vem sempre a cavalo do poder político. Em outras palavras, nossos intelectuais sempre usaram a cultura como instrumento não de realização íntima, artística, em proveito da comunidade, mas antes de tudo ambicionando cargos, honrarias e migalhas do poder, que tão bem souberam servir, isso em todas as épocas. Por isso mesmo, o verdadeiro intelectual catarinense só se realiza fora. E o caso de Salim Miguel, Lausimar Laus, Guido Wilmar Sasse e

outros, nomes nacionais."

Sachet sorri, com leves traços de ironia. Coça os ralos cabelos grisalhos e encosta-se na poltrona, assumindo já então um ar de pessimismo. Aumenta um pouco o tom da voz, e com didatismo, argumenta:

- Veja só, meu filho. No tempo de Hercílio Luz, acho que de 1918 a 1923, foi o apogeu das Letras catarinenses, época que o José Boiteaux era Secretário de Governo. Todo apoio foi dado à literatura, e os literatos comandavam o processo cultural, sempre numa visão elitista e distorcida. Com Nereu Ramos, nas décadas de 30 e 40, que gostavam muito de História, foi o apogeu do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Com Irineu Bornhausen, pontificou o folclore. Walter Piazza era o chefe do Departamento de Cultura, e Oswaldo Cabral presidente

da Assembleia Legislativa. E agora? Arrisca o repórter.

Sachet sorri. "Não há nem protótipos nem protegidos. E o deserto mesmo".

Retomando a série histórica, o professor afirma que a década de 60 foi a época da UFSC. "Entretanto, os intelectuais desta geração não conseguiram criar um grupo ativo, o que é lamentável. Mas a culpa disso tudo, para mim, não é a universidade, o governo, nada disso. A culpa é do homem catarinense, ou melhor, do intelectual catarinense, que não está habituado a grandes gestos desinteressados. Por trás de um fazer literário, intelectual, há sempre segundas intenções. Esse é o grande problema da cultura catarinense - a pequenez."

A GUERRA

A sombra da figueira

ilustre, bem situados e bem quietos, na província onde tudo estava previsto com anos de antecedência, os parnasianos da década de 40 com a alma presa no século passado, buscando o soneto perfeito, foram acordados com o barulho do Grupo Sul. Para Sachet, era uma guerra pura, estético-literária, pois "vinham os meninos conspirando a literatura". Mas os meninos queriam apenas a atenção da fada Literatura, ou almejavam mais? E os velhos parnasianos, tinham medo que a fada fosse sujada ou de perder seus cargos conquistados com a ajuda da Lira. O professor acha que não. A luta foi só no plano estético. É uma vertente a ser pesquisada.

De qualquer modo, Celestino Sachet acha que o que garantiu os 10 anos de existência do Grupo Sul foi a repercussão nacional e intel-

lectual, o carisma de alguns.

E para se ter uma ideia do que representava o modernismo em Santa Catarina na época (1948), Celestino Sachet apanha da estante o livro por ele utilizado no curso Clássico, no Colégio Catarinense, chamado Português Prático, de José Marques da Cruz, onde na página 206, está: "O futurismo foi um reflexo das ideias literárias comunistas". Mas adiante, na página 207: "Em São Paulo realizou-se em 1922 no Teatro Municipal a Semana de Arte Moderna onde se disseram absurdos sob vaias estrepitosas da assistência".

Nesse clima, onde modernismo era comunismo, e cultura era um degrau para conseguir os favores oficiais, os jovens do Sul realizaram o maior projeto estético de Santa Catarina, desvinculado de qualquer esquema paternalista.



no meu entender, a cultura catarinense vem sempre a cavalo do poder político, nossos intelectuais sempre usaram a cultura, ambicionando cargos, honrarias e migalhas do poder...

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

2

A partir do término da Segunda Guerra Mundial a literatura brasileira já tinha absorvido e digerido a grande revolução estética que foi o Modernismo de 22 e partia para outros rumos. Na Ilha, os novos iniciam a longa caminhada, lançando um jornal — *Sicuta* — com tiragem de três exemplares. Uma nota da redação pedia: passem adiante, para que todos possam ler.

Por
Laudelino Santos Neto e
João Afonso da Silveira de Assis

Pesquisa O ESTADO



A Explosão Criativa dos anos 40 - II

Em 1945, os *novos* começaram a editar um jornal datilografado em folhas de papel ofício com uma tiragem de três exemplares, chamado *Sicuta*. Trazia uma nota assinada pela "redação", solicitando ao leitor que passasse adiante para que todos pudessem ler, já que era disputadíssimo.

Um passo maior foi dado quando o *Folha da Juventude* saiu às ruas para divulgar o movimento cultural que o *Grupo Sul* se propôs a liderar. Tratava-se de um jornal artístico-literário, rodado na *Imprensa Oficial* que, infelizmente, teve vida curta já que no sexto número deixou de circular.

Ao mesmo tempo lançaram-se às artes dramáticas com o propósito de angariar fundos a fim de que tivessem condições de editar a tão sonhada *Revista Sul*. Esta, viria a ser o marco que perpetuou o círculo de Arte Moderna no âmbito cultural de Florianópolis.

No teatro, o C.A.M. começou com a encenação de três peças em um ato, apresentadas no Teatro Álvaro de Carvalho, sob a direção de Ody Fraga e Silva. Levaram *O Homem da Flor na Boca*, de Pirandello; *Como Ele Mentiu o marido Dela*, de Bernard Shaw e *Um Homem sem Paisagem*, de Ody Fraga e Silva.

Fundado em agosto de 1947, já em novembro do mesmo ano, dava o Círculo de Arte Moderna o seu primeiro espetáculo teatral.

O Teatro foi o primeiro passo dado para uma tentativa de renovação artística na "provincia", não somente por propiciar

um contato mais direto com o público e, por conseguinte, o modo mais fácil de divulgar as novas idéias, mas também, por ser a única fonte de renda possível, imprescindível para que os futuros empreendimentos do C.A.M. pudessem ser uma realidade.

Acostumado com meras comédias que exploravam situações duvidosas e com dramalhões, o público recebeu com certa reserva estas apresentações. Houve, porém, algumas pessoas que viram com simpatia, ou pelo menos sem má vontade, o movimento de renovação encabeçado pela juventude da Ilha.

Nasceu, assim, em pleno ano de 1947, o primeiro movimento modernista de Florianópolis, o mesmo movimento que vinte e seis anos antes, se processou em quase todo o Brasil.

O produto deste primeiro espetáculo teatral, tornou possível o aparecimento da *Revista Sul*, cujo primeiro número foi publicado em 1948. Logo apareceram, nos dois meses seguintes os números dois e três. As dificuldades, entretanto, foram sempre uma realidade desde os primeiros empreendimentos do C.A.M.

Bem poucas foram as pessoas que viram neste movimento uma finalidade puramente restrita ao setor das artes. Quiseram enquadrá-lo na política e em outras coisas e, insistindo em tomar o todo por uma parte, julgavam o movimento coletivamente.

Em maio de 1948 é realizado o segundo espetáculo teatral. Foram então reprisadas as peças de Shaw e Pirandello e

ainda, pela primeira vez no Brasil, representaram Sartre, numa adaptação para o palco do conto *Estátuas Volantes*. Este espetáculo, segundo os próprios organizadores, "foi um fracasso", o que não os fez desanimar, visto que dispuseram de apenas duas semanas para idealizá-lo e levá-lo a efeito.

Lutavam, então, com grandes dificuldades financeiras e precisavam tirar o nº 4 de *Sul*, que já estava pronto. Este insucesso artístico só os fez lutar com mais ardor, para mais tarde, com o êxito de *Cândida*, conseguissem apagar esta falha.

Bancando sempre os trapezistas, conseguiram passar pelo nº 5 de *Sul*. Já recebiam, então, não apenas o apoio de meia dúzia de pessoas daqui, mas também contavam com opiniões e cartas de outros Estados e até países para encorajá-los. Chegou setembro de 1948 e com ele a notícia de uma exposição de pintura contemporânea em Florianópolis.

Marques Rebelo ao trazer até cá esta exposição (pode-se dizer, a única com quadros de valor artístico realmente grande que Florianópolis teve a oportunidade de ver, e que abrangia nomes de alguns pintores mais representativos da pintura moderna), "trouxo também uma experiência vivida e uma juventude de espírito sem esmorecimento, sempre à procura de realizações, a fim de que pudéssemos fazer a provincia menos provincia", conforme comenta Archibaldo Cabral Neves em artigo no nº 10 da *Revista Sul*. "Se muitos o julgaram diferente,

como assim nos julgam, houve quem o compreendesse e o auxiliasse".

Voltou Marques Rebelo a Florianópolis, desta vez para fundar o Museu de Arte Moderna, o que contribuiu para que o C.A.M. expandisse sua participação na revolução cultural que estava sofrendo a "provincia".

Paralelamente ao desenvolvimento de *Sul*, em janeiro de 1949, reestruturou-se o Teatro Experimental (TECAM), que em maio do mesmo ano faz sua primeira apresentação com *Cândida*, de Bernard Shaw. O TECAM tinha, no início de suas atividades, entre outros projetos, o de realizar um festival *Renard*, com *O Prazer de Romper e Poil de Carotte*, ambas traduzidas pelo Des. Hercílio Medeiros.

A partir de maio de 1949 vinham publicando, semanalmente, uma *Página Literária* no jornal *O Estado*, onde divulgavam todas as notícias sobre o movimento dos *novos*, trabalhos curtos e pequenas notas sobre as publicações recebidas, havendo assim, um contato mais direto com o público, informando-o sempre sobre o movimento de renovação que vinha se efetuando na arte e literatura do Brasil.

Após várias tentativas mais ou menos mal sucedidas, conseguiram realizar um velho sonho, a criação de um *Clube de Cinema*. Inaugurado com *O Idiota*, filme francês baseado no romance de Dostoiévski, já passou o *Clube* para seus associados filmes como *Delito*, *A Pérola* e *O Tesouro da Serra Madre*. Mantinham contato



com o Centro de Estudos Cinematográficos do Rio de Janeiro e com o Museu de Arte Moderna de São Paulo, junto aos quais batalhou para que os florianopolitanos tivessem acesso a alguns clássicos do cinema, bem como outros filmes de cotação comercial fraca, mas de alto nível artístico e, que em "condições normais", jamais viariam até Florianópolis.

Chegaram, inclusive, a montar um filme - *O Preço da Ilusão* - com recursos arrecadados da venda de cotas. Com roteiro de Salim Miguel e Eglê Malheiros, enfocava o problema do menor abandonado explorado pela família, em contraposição com a desmistificação de um concurso de misses. Foi filmado em fins de 1957 e exteou em 1958.

De uma tragédia narrada no filme, nasceu um "happy end", uma vez

que a mocinha acabou casando com o diretor.

A partir de uma certa época, quando o movimento ganhou maior importância e presença na vida cultural do Estado, passou a sofrer os efeitos do radicalismo e da política partidária, não porque tivesse qualquer conotação política, mas porque cada grupo político existente tentava fazer proselitismo às custas do grupo.

O nome Círculo de Arte Moderna jamais teve alguma conotação oficial; "mesmo porque nunca existiu nada que se pudesse caracterizar como arte moderna", conforme alega um dos membros do grupo.

Houve antes, um certo sentido de provocação contra o ambiente de marasmo cultural que via em qualquer manifestação artística que não estivesse de acordo com seus antiquados padrões, uma aberração.



O Grito do Fazer Poético

— O modernismo brasileiro foi uma revolução, e aí reside seu maior mérito. Foi uma revolução no sentido que iniciou um processo estético diferente, dando um cunho de brasilidade à sua produção, "digerindo" as idéias alienígenas. A declaração é de Edda Arzuza Ferreira, doutora em Letras pela USP e atualmente professora nos cursos de Pós-Graduação da UFSC.

Essa revolução, segundo a professora, abriu caminho, "foi um verdadeiro grito do fazer poético, do fazer literário. Agora, que nós estamos em condições de entender aquela — porque estamos estamos vivendo período semelhante — a antropofagia está aí mesmo. E para mim e outros críticos Oswald de Andrade foi o grande profeta das coisas que estão acontecendo hoje".

A VANGUARDA DE 22

Falando bem depressa e gesticulando muito, Edda Arzuza Ferreira esclarece que há dois tipos de vanguarda: aquela que agrega, como Machado de Assis, e a que segrega, que se fecha numa igreja. Mas tal não ocorreu com os modernistas da semana de 22. Os que eram jovens naquela época, vibravam com o movimento. "Os manifestos eram lidos em sala de aula pelos secundaristas. Não foi um movimento elitista, muito pelo contrário".

Acrescenta Edda Arzuza Ferreira que também não se pode esquecer que a década de 20 no Brasil foi essencialmente revolucionária, com as revoluções tenentistas, as greves paulistas, a fundação do Partido Comunista Brasileiro e outros eventos, tudo isso contribuindo para uma plena aceitação de uma revolução estética.

Outro ponto salientado pela professora foi que em 22 houve uma dialética entre o projeto estético e outros segmentos da sociedade, com o mundo que cercava seus produtores, o que não ocorreu, por exemplo, tempos depois, com os concretistas. "Grande mérito de 22 foi a mobilização cultural em



todos os sentidos" — sublinhou.

CONCRETISMO E OUTROS

Esta posição dos modernistas de 22 situados num amplo contexto de participação popular, o que não ocorreu, segundo a professora da UFSC, com os concretistas. "Esse é para mim o grande ponto de interrogação da poesia concreta porque não conseguiu penetrar muito" — acentua.

— O grande erro dos concretistas — o próprio

Décio Pignatari afirmava — foi querer transformar a palavra em objeto, a palavra em coisa, e chamar de alienação a metáfora. Eles se esqueceram (os concretistas) que não pode haver uma revolução semântica de forma unívoca. A grande bobagem era dizer: ovo é ovo.

— Isso é reduplicar na linguagem a alienação da sociedade industrial. No projeto estético do concretismo faltou a dialética entre a linguagem e o objeto. A linguagem só é revolucionária sendo mediação,

atuando sobre o mundo, questionando-o, como faz Guimarães Rosa. Os concretistas ficaram numa torre de marfim. Eu estava nessa época (década de 50) no Brasil e não vi nem ouvi nada sobre o concretismo. Foi antes de tudo uma arte elitista e segregacionista.

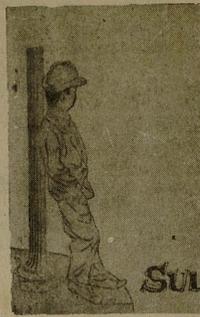
Edda Arzuza acende outro cigarro. Fuma até a metade, toma uns goles de café, apaga o cigarro, volta a cender outro. Pela sua empolgação, sabe-se logo que ela não é muito de poesia concreta. Respira e continua — "Veja você o Drummond. Já é outra coisa. E agora José todo mundo conhece e declama, porque se liga, fala sua realidade".

Acrescenta que o concretismo não inovou, mas simplesmente representou de uma forma simples toda a problemática da forte industrialização dos anos 50 e 60. "Os jovens de 22 se lançaram numa luta, fizeram manifestos abrangentes, questionando sua realidade, o que não ocorreu com os concretistas, que não questionavam nada. Por isso mesmo o povo brasileiro não tomou conhecimento do concretismo, que foi uma reduplicação da época. Assim, vivia-se uma época desenvolvimentista, e havia um plano piloto. Não é à toa que a proclamação concretista se chamava Plano Piloto da Poesia Concreta".

Sobre o movimento Práxis, Edda Arzuza Ferreira é bem contundente: "Esse movimento então, não conseguiu nem sensibilizar a crítica. É simplesmente o desdobraimento do concretismo, sem o gênio de Haroldo de Campos — realmente um grande pensador brasileiro. Mário Chamie, o incentivador da Práxis, simplesmente não é levado a sério. Ou melhor, por enquanto não houve ressonâncias da Práxis".

Assumindo um ar mais conciliador, declara, finalmente, em gestos largos: "Mas temos também só 17 anos de concretismo, e talvez seja ainda um pouco cedo para julgá-la".

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA



3

A Revista Sul não seguia uma linha de estilo bem definido, se bem que sua preocupação primeira era a de levar ao leitor, formas literárias distintas das que, até então, vinham sendo exploradas à sombra do parnasianismo ultrapassado. Os novos da "provincia" sentiram-se na obrigação de despertar a mocidade e mostrá-la que era hora de abandonar a leitura dos Gibis e partir para a divulgação da arte, uma vez que os obstáculos da ditadura do Estado Novo estavam soterrados.

Por
Laudelino Santos Neto e
João Afonso da Silveira de Assis

Pesquisa O ESTADO

Revista Sul: Um Soco no Estômago do Perfumado Parnasianismo Ilhéu

O que se chama de movimento modernista no Brasil, foi uma atitude tomada por intelectuais de duas gerações, em dois picos distintos. O primeiro que se desenvolveu em torno da Semana da Arte Moderna de 1922, em São Paulo. O outro, teve caráter mais amplo em todo o país e se expandiu, depois do período do Estado Novo, dando origem ao que se denominou **Geração 45**.

Embora não haja datas uniformes para fixar esta segunda manifestação artística, podemos situar o período de 1945-1948 como o mais significativo para Santa Catarina. O primeiro movimento modernista aqui não teve adeptos nem ressonância. Os acontecimentos de São Paulo, as pregações de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Graça Aranha não despertaram qualquer curiosidade na terra barriga-verde. O ambiente artístico-literário era um dos mais desanimadores, restrito a processos estéticos ultrapassados que se limitavam às descrições de por do sol, como se o parnasianismo fosse o que de mais inovador havia no campo das letras.

Foi nesse ambiente e contra ele que, em 1947, surgiu um movimento de largas repercussões, a princípio indeciso e que mais tarde ganharia muita força, vindo mesmo a influenciar poderosamente na reformulação do cenário cultural.

Cinco escritores novos iniciaram esse movimento: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Antônio Paladino, aos quais logo depois se juntaram Hamilton Ferreira, Elio Balstaedt, Walmor Cardoso da Silva, Archibaldo Cabral Neves, Pedro Taulois, Claudio B. Vieira, Flávio Vieira e outros.

Esses sentiram que o mais importante, para começar, não era aceitar ou recusar as manifestações artísticas que se alastravam nos centros culturais do país, mas antes delas tomarem conhecimento. Pelo contato que mantinham com os escritores em voga, assumiram o domínio da literatura em todo o país, inteiraram-se dos novos rumos da literatura brasileira e ficaram inconformados com o que até então vinha sendo feitos pelas letras catarinenses.

REVISTA SUL: Idealizada por Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel, Ody Fraga e Silva, Hamilton Ferreira e outros, a **Revista Sul** começou a desempenhar uma importante missão: levar a outros Estados brasileiros e mesmo a outros países, a mensagem literária de uma geração que também encontrava manifestantes em Florianópolis — a **Geração 45**.

A publicidade na Revista Sul era anunciada por colaboradores que viviam, antes do interesse comercial, dar condições para que os novos "sobrevivessem".

Até então, revistas e jornais que, de qualquer forma, se haviam ocupado de literatura ganhavam repercussão mínima. **Sul** pode ser considerada o mercado da literatura dos novos em Santa Catarina. Se havia mérito ou qualidade em toda a matéria — de caráter profundamente heterogêneo — publicada na revista, em quase dez anos, não vem muito ao caso quando se constata sua repercussão.

Em Portugal e suas antigas colônias, São Paulo e Rio, houve mais leitores do que propriamente em Santa Catarina. Se por ela os novos catarinenses iam sendo conhecidos no exterior, do mesmo modo muitos escritores de fora vinham sendo divulgados em Santa Catarina.

Artigos e ensaios versando sobre cinema, folclore, teatro, música, pintura, escultura e crítica, foram assinados por expressões das letras portuguesas, brasileiras e hispano-americanas.

EVOLUÇÃO

Um boletim datilografado com uma tiragem de apenas três mil exemplares — visto as condições de que dispunham — chamado **Sicuta** foi o gene da **Revista Sul**. Trazia impresso uma nota da redação solicitando aos leitores que uma vez terminada a leitura, fizessem o obséquio de passá-lo adiante, uma vez que era disputado por muitos.

Com o nome de **Folha da Juventude**, o boletim evoluiu para uma publicação impressa, passando a contar com a colaboração da Imprensa Oficial onde era rodado. De cunho artístico-literário, a **Folha da Juventude** teve vida curta, deixando de circular com o sexto número.

Em janeiro de 1948 saía o primeiro número da **Revista Sul**, com a seguinte "estrutura organizacional", embora fizessem questão de ressaltar o descompromisso e a espontaneidade com que desenvolviam as atividades do **Círculo de Arte Moderna (C.A.M.)**: **Diretor** — Aníbal Nunes Pires; **Diretor de Redação** — Ody Fraga e Silva; **Gerentes** — Salim Miguel e Hamilton Valente Ferreira; **Redatores** — Claudio Bousfield Vieira, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Lory Ballod e Armando Carreirão. Cabe frisar que este quadro sofriria modificações a cada número da revista editado.

A revista, com o tempo, modificou seu formato, aumentou o número de páginas e foi ampliado seu quadro de colaboradores. Apareceram, então, nomes como Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi, Hugo Mund, Doralécio Soares, Osvaldo Melo Filho, José Mauro e já no último período, Silveira Lenzi e Ilmar Carvalho. Destacaram-se também os ilustradores Martinho de Haro, Meyer Filho, Hassis, Aldo Nunes, Dimas Rosa, Moacir Fernandes, Pedro Bosco, e até mesmo Carlos Scliar.

NESTE NUMERO

- Quando o vento perto de ti passar — poema — ODY F. e S.
- Apresentação — ANÍBAL NUNES PIRES
- Cine e espírito, temas antagônicos? — PAULO BOIS
- Nove badaladas repletas de luar — poema — EGLÊ MALHEIROS
- Prá início de corveira — SALIM MIGUEL
- Canto da saudade que não vem — poema — ANTÔNIO PALADINO
- Terra fraca — poema — ANÍBAL NUNES PIRES
- Aplicação da psicoanálise à arte — ENRIQUE RIBEIRO Y LOPES
- A montagem de "Um taciturno" — ODY F. e S.
- Opiniões de um comediante — LOUIS JOUVET
- Recordando — poema — SILVIO EDUARDO
- Embriaguez — SALIM MIGUEL
- Sarna Braba — poema — CLAUDIO B. VIEIRA
- O tarado — JOSE MEDEIROS VIEIRA

Ano 1 — Preço: Cr\$ 2,00 — N.º 4

ANO 1
NUM. 4
PREÇO Cr\$ 2,00

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

CAPA: Trabalho de José Silveira D'Ávila

6

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

PINTURA DE CALDER (NORTE AMERICANO)

6

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

6

O Que Diziam de Sul

Rio, 3/9/48.
Recebi os números de **SUL**, gentilmente enviados. Fiquei muito entusiasmado com o movimento que vocês estão realizando e não tenho dúvidas quanto à qualidade do que vocês vão fazer ainda. Agradeço a simpática nota a respeito de minha visita a Florianópolis. Tenho a informar que ela se tornou realidade, graças ao interesse de Jorge Lacerda e a compreensão do Dr. Armando Simone Pereira que fiquei conhecendo e do qual tive uma impressão das mais lisonjeiras. Contava, para o êxito perfeito da missão, com o apoio dos companheiros de **SUL**, tão interessados como eu na divulgação das belas coisas e no elevamento do nosso bem triste nível cultural.
Marques Rebelo

Maceió
Recebi os números da revista que vocês me enviaram.

Há muita curiosidade em torno da mesma aqui. Espero que enviem, da próxima vez mais números, afim de dar a divulgação merecida à sua revista. Vou transcrever no nosso suplemento literário, da Gazeta de Alagoas, que sairá por esses dias, os seus trabalhos.
Ass. Dr. José Silvio Barreto de Macedo.

Curitiba, 9/9/48.
Li encantado a revista **SUL**. Jamais imaginei que aí houvesse moços de tanto talento. Sua revista é ótima e precisa ser melhor divulgada em Curitiba, onde, apesar de tão próximo, é tão pouco conhecido esse Estado irmão.
Colombo de Souza

Buenos Aires, Novembro de 1946
"Veintisiete números lleva publicados esta prestigiosa e importante revista brasileña. La edita el Círculo de Arte Moderno de Florianópolis y son sus directores Aníbal Nunes Pires y Salim Miguel..."

Llama la atención que en una ciudad como Florianópolis, casi desconocida en el mapa cultural, florezcan revistas de la jerarquía de **Sul**, lo qual habla muy alto de la dinámica nacional en cuanto a cultura, de nuestra vecina de lengua portuguesa".
Estudios — N.º 479

Coimbra, julho de 1955
Dentre as revistas brasileiras que habitualmente recebemos destaca-se **Sul**, que se edita no Estado de Santa Catarina... Pela sua colaboração variada e relacionada com pro-

blemas atuais da cultura, **Sul** é uma revista que merece ser divulgada entre nós. A redação de **Vértice** sauda-a, e deseja que continue a poder marcar a posição que já por direito conquistou".

Vértice — Revista de Cultura e Arte — N.º 119

Rio, 11/10/48.
Recebi com agrado o exemplar de sua revista "**SUL**", que teve a gentileza de me enviar. Embora um pouco "passado", sou admirador da arte e da literatura modernas. Conheço outras revistas do gênero **Joaquim e Clá** — e, por isso, acho que posso felicitá-los pela sua. É preciso que se faça isso em cada Estado ou cada cidade do Brasil. **RENOVAÇÃO, ESPANAÇÃO**.
Ass. Major Luiz da Cunha.

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

4

A partir da segunda metade da década de 40, o Brasil viu-se envolvido numa explosão cultural que atingiu todo o país, sem que os grupos responsáveis pelas promoções tivessem feito qualquer combinação. Da mesma forma que em Florianópolis, o movimento era liderado pelos rapazes da Sul, Curitiba tinha à frente o contista Dalton Trevisan, com a Revista Joaquim e, em São Luis do Maranhão os novos eram representados pelo grupo que editava a Revista Ilha, cujo principal membro era o atual Senador José Sarney Costa.

Por
Laudelino Santos Neto e
João Afonso da Silveira de Assis

Pesquisa O ESTADO



Os novos do Sul e o contexto nacional da Geração 45

Ao mesmo tempo em que o Grupo Sul aqui se manifestava, promovendo a cultura catarinense, movimentos de mesmo cunho surgiam em outros cantos do país. Interessante, porém, é que essas manifestações surgiram simultaneamente em todo o Brasil sem que houvesse qualquer combinação ou aliciamento. Nasceu de uma vontade dos novos de recuperar o que perderam durante o período de estagnação cultural do Estado Novo.

Assim, das revistas editadas pelos movimentos que alcançaram maior repercussão, não se pode deixar de lembrar juntamente com seus principais representantes:

- Joaquim — Curitiba, 1946 - Dalton Trevisan;
- Branca — Rio de Janeiro, 1948 - José Saldanha da Gama e Coelho Pinto;
- Clá — Ceará, 1949 - Fran Martins, Braga Montenegro e Moreira Campos;
- Terra Branca — Bauru (SP), 1956 - Nivaldo Reis
- Temário — Rio de Janeiro, 1951 - Miécio Tati
- Tendência — Belo Horizonte, 1957 - Fábio Lucas, Afonso Avila e Fritz Teixeira de Sales
- Mapa — Salvador, 1950 - Calazans Neto e Glauber Rocha;
- Seiva — Salvador, 1947 - Walter da Silveira;
- Prima — São Paulo, 1957 - Alvim Barbosa;
- Quixote — Porto Alegre, 1947 - Heitor Saldanha e Luis Carlos Maciel;
- Marco — Rio de Janeiro, 1953 - Reinaldo Jardim;
- Seara — Goiânia, 1952 - Bernardo Ellis;
- Orientação — Recife, 1951 - Clóvis Melo, Paulo Cavalcanti e Abelardo da Hora;

U M A N O

Telegrama aos incrédulos:

Estamos vivos. Apesar de todos os prognósticos. Não desistimos. Cada dia que passa ganhamos mais experiência, a mesma que certos senhores não sabem fazer uso. Chegará um dia também, talvez, que não saberemos fazer uso da nossa experiência. Mas por enquanto estamos vivos. E não desistimos. O que não quer dizer que isto não possa acontecer de uma hora para outra.

Florianópolis, Fevereiro de 1949.

C. A. M.

Ilha — Maranhão, 1948 - José Sarney Costa
Orfeu — Rio de Janeiro, 1948 - Fred Pinheiro, Fernando Ferreira e Ledo Ivo;

Horizonte — Porto Alegre, 1950 - Lila Ripoll e Carlos Scliar;

Fundamentos — São Paulo, 1949 - fundada por Monteiro Lobato e continuada por Afonso Schmidt, Arthur Neves e Caio Prado Jr.;

Para Todos — Rio de Janeiro, 1950 - Alvaro Moreira, Dalcídio Jurandir e Ary Andrade;

Crucial — Porto Alegre, 1950 - Paulo Hecker Filho;

Fronteira — Porto Alegre, 1950 - Vicente Moliterno.

Edifício — Belo Horizonte, 1948 - Edmur Fonseca

EDIÇÕES SUL

Com um certo apoio do Governo o C.A.M. promoveu o lançamento de livros e cadernos, revelando vários escritores até então inéditos. A editora Sul surgiu como consequência natural das atividades da revista.

Sua primeira publicação foi o livro de poemas de Walmar Cardoso da Silva, volume 21. Seguiram-se a publicação dos seguintes volumes: A Velhice e Outros Contos (Salim Miguel); A Ponte (prosa e verso, Antônio Paladino); Piá (contos, Guido Sassi); Contistas Novos de Santa Catarina (A. Boos Jr., Hugo Mund Jr., José Tito Silva, Marcos de Farias, O.F. de Melo,

Oswaldo de Oliveira, Salim Miguel, Silveira da Penha, Silveira de Souza); Rede (romance, Salim Miguel); Teodora e Cia. (contos, A. Boos Jr.); Manhã (poemas, Eglê Malheiros); A Morte de Damião (farsa em um ato, Ody F. e Silva); Macacão Pregado (Mátheus Maria Guadalupe); Terra Fraca (poemas, Anibal Nunes Pires); Marques Rebelo, Poeta Morto (ensaio, Hélio Alves de Araújo).

O que diziam de Sul

Sul - Mensagem que nos vem de Santa Catarina

Registramos, mais uma vez, com a simpatia que nos merece, a visita de SUL, a magnífica revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, dirigida por Anibal Nunes Pires. Trata-se de uma brilhante mensagem dos "novos" de Santa Catarina e que se incorpora, com o mesmo espírito de independência e o mesmo sentido de renovação artística e literária, a esses numerosos grupos de jovens que, multiplicando-se por todo o país, erguem sua palavra inquieta e sugestiva através de vivas e palpitantes revistas.

Devemos assinalar que raramente assistiu o Brasil a um movimento tão intenso entre as suas novas gerações.

SUL é uma publicação vitoriosa e já nos oferece um crítico seguro como Salim Miguel - fazendo uma análise penetrante dos romances de José Geraldo Vieira; uma vocação indiscutível e rara de dramaturgo, como a de Ody F. e S.; contistas interessantes como Anibal Nunes Pires e T.C. Jamundá, este último já premiado no concurso de contos de LETRAS E ARTES; significativas vozes poéticas como as de Eglê Malheiros, C. Bousfield Vieira, José Tito Silva e Antônio Paladino; bons ilustradores, como Moacyr Fernandes e José Silveira D'Avila, estes últimos já conhecidos aqui no Rio, quando bolsistas de Santa Catarina na Escola Nacional de Belas Artes.

Deve-se ao "Círculo de Arte Moderna", cujo órgão é a revista SUL, a encenação de peças de Sartre, Shaw e Pirandello, na capital catarinense. Tudo isto constitui um esforço admirável desse grupo batalhador, ao qual LETRAS E ARTES envia seus parabéns, muito embora não seja com parabéns que se montam peças teatrais, como aliás pondera um comentário estampado no próprio SUL.

Rio, 5/9/48. Sup. Lit. "Letras e Artes", direção de Jorge Lacerda.

Montevideu, junho de 1954.

Sul — Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, Brasil. Esta publicação que dirigem Anibal Nunes Pires e Salim Miguel, nos trae su renovado mensaje que con tanto fervor nos habla de las inquietudes multiplos qui alli engrandecem la patria en la llama del pensamiento y el arte.

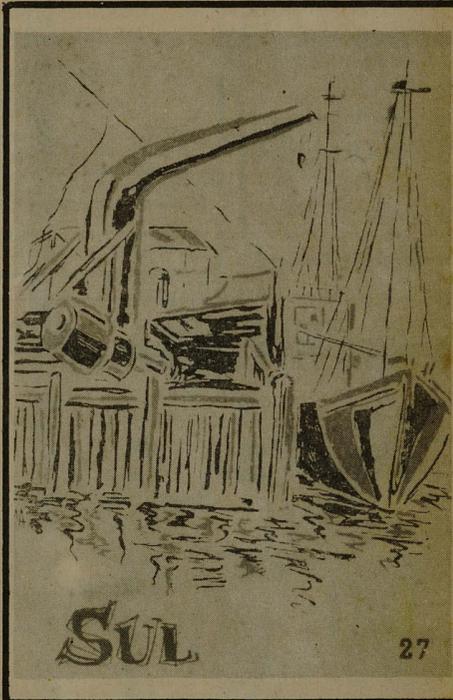
Papel de Poesia

Bombaim, 15/09/1953

...Sul — magnífica revista literária que se publica em Florianópolis, Estado de Santa Catarina...

Ressurge, Goa

Buenos Aires, 19/06/1949



Sul es una de las veintetres revistas que intenta revolucionar el arte e literatura, reaccionando contra canones fijados por la costumbre y por los academicistas e pesadistas.

Clarín

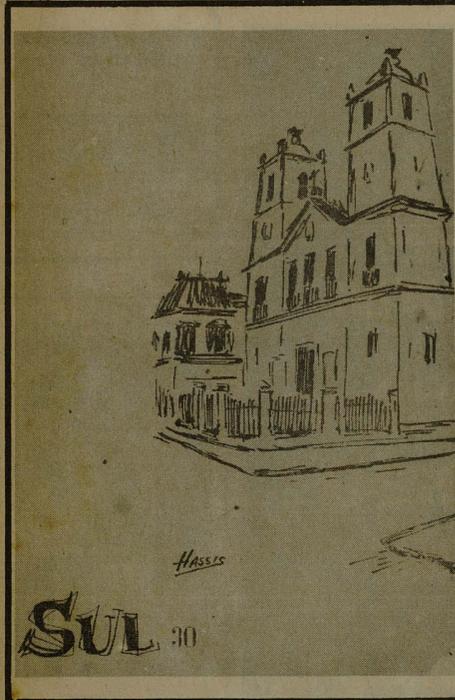
Rio, dezembro de 1949.

É um movimento admirável o que eles aí empreendem, mantendo a Revista Sul, já tão conhecida no Rio, o Teatro Experimental e o Museu de Arte Moderna. O característico principal da revista é a homogeneidade. Depois a sinceridade.

Bruno Giorgi - Letras e Artes

São Paulo, 12/08/1956

A Revista Sul, na sua segunda fase, passou a circular em tamanho menor, mas com número de páginas ampliado.



A Revista Sul de Florianópolis constitui centro de um ativo núcleo intelectual dos novos de Santa Catarina e vem mantendo um esforço contínuo, artístico, literário e cultural que a torna uma das mais interessantes publicações dos Estados.

O Estado de São Paulo

São Vicente do Cabo Verde, julho de 1949

Decididamente um espírito moço, e com projeção está vassourando o Brasil, muito gostoso, é dizê-lo; Sul galopa na vanguarda desse movimento.

Nuno Miranda

Rio, 5/09/48

O exemplo de Sul deve proliferar como bandeira revo-

"Cultivando a nova geração, seu José Lins?"

Os rapazes da Revista Sul, de Florianópolis, deram-me um almoço, na Casa do Estudante, e para o balzaqueano foi uma honra e um encanto o convívio de gente tão cheia de vida e entusiasmo pelas letras. Compareceu também à comida um broto de Cataguazes, e todos estivemos numa conversa, a princípio, desconfiada, para depois chegarmos à melhor camaradagem possível. Os rapazes vieram ao Rio a passeio, e a bordo de um mínimo navio catarinense que, de tanto jogo, quase que matou o magro e ruivo companheiro de cabelos de fogo. As peripécias da viagem passaram como em filme de aventura, onde entrou um Dom Juan, o menor do grupo, que se deu a conquistas fáceis, entre alegres senhoras que mudavam de pouso.

Senti-me rapaz, estudante de Recife, na convivência dos moços do Sul. O mineiro de Cataguazes, como todo bom mineiro. Mesmo mineiro de verdes anos, sorria, ao modo da gente montanhesa. O ruivo Arquibaldo Neves, o moreno Salim Miguel, o pequenino D. Juan, o alto e simpático que se sentou à cabeceira da mesa, todos me deram a impressão melhor que poderiam ter. São todos naturezas possuídas pelo alto e superior gosto das letras e só aspiram as glórias das artes. Ouvi-los, com eles entrar em debate sobre literatura é estar na intimidade dos que não se sujearam com as mesquinhas das competições espúrias. O mineiro levava o seu livro de poemas de estréia, O Centauro, com uma dedicatória a caráter: "Para Zé Lins do Rego, lendo ou não lendo, esta homenagem". Deixei-os, na Avenida, e vendo-me cercado de tanta gente moça, o balzaqueano Jayme Adour da Câmara, babado de inveja, gritou: "Cultivando a nova geração, seu José Lins?"

Não estava cultivando, no sentido da malícia do Jayme, homem de tantas malícias, estava honrado com as homenagens. E era muito.

José Lins do Rego, O Jornal - Rio, 20/01/1950

lucionária, afastando com a recuperação necessária de valores, a água parada das nossas letras... Sul vem a propósito... Era a resposta necessária e o grito de libertação necessário.

Dirceu Quintanilha — "Panfleto"

Belo Horizonte, 5/9/48

A resposta da carta de vocês foi mofando na gaveta das boas intenções, alimentada pelo entusiasmo sincero que me traz o belo esforço de vocês e Sul que tem chegado regularmente... A revista melhorou do 1º ao 4º número, o que é bom. Não sei se alguém de "Edifício" lhes escreveu mas quase todos receberam Sul com simpatia e interesse.

Edmur Fonseca

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

5

A Revista Sul é considerada por estudiosos como o ponto alto do Grupo Sul, principalmente pelo seu aspecto documental, que pode, como agora, ser pesquisado. Entretanto, pela grande revolução causada, o teatro dos rapazes de Sul, com representações pioneiras no Brasil - inclusive de Sartre - e encenações e cenários arranjados, em termos de trabalhar o espaço cênico, além do contato direto com o público de todas as idades - com debates, encenações coletivas e uma "escolinha" de crianças-atores, pode ser visto como de maior impacto cultural.

Por Laudelino Santos Neto e João Afonso da Silveira de Assis

Pesquisa O Estado



Os Jovens de Sul em Tempo de Teatro

Após um longo período de estudos e observações, os novos fixaram definitivamente sua diretriz teatral, com a fundação do Teatro Experimental do C.A.M. O mais importante em qualquer setor de suas atividades era "quebrar e destruir até a sua primeira essência o espírito de amorador." Argumentavam que "num trabalho de pesquisa artística, na procura estética e na realização do ideal de arte, nada mais nocivo e mediocre do que a mentalidade amadora e dileitante".

Porém, tinham uma contradição intrínseca. Não eram profissionais nem amadores. A linha mestra seguida pelo grupo era a de se empenhar na realização de um trabalho de valor estético e cultural. Exploravam a arte dramática sob três ângulos, desenvolvendo o Teatro Renovador, o Teatro de Debates e o Teatro Infantil.

UM TACITURNO

O Teatro Experimental do C.A.M. ensaiou Um Taciturno, de Martin du Gard, em dezembro de 1948, empregando as mesmas técnicas utilizadas em O Homem da Flor na Boca e Um Homem sem Paisagem com as quais começaram a dominar o "palco" da província. O leit-motiv de suas criações obedecia ao enunciado: "atingir a realidade temática através da realidade cênica". Ou seja, levavam as circunstâncias óticas da peça, os cenários, para um campo simbolista, a um plano altamente subjetivo, atingindo as raízes da irrealidade.

O tema, contudo, permanecia normal, compreensível e bastante lógico. A primeira vista podia parecer estarem trabalhando em paradoxo, levando a interpretação de um tema para um estado de mistificação cênica. Tal não acontecia. O princípio de criação do grupo sobrepujava grandes problemas da arte teatral: tempo e espaço. A irrealidade cênica levaria o público, com mais rapidez, à verdade temática.

Tinham a preocupação de que para os menos avisados e pouco experientes das coisas de arte, seus espetáculos pudessem parecer "um conglomerado de loucos movendo-se e falando dentro de um imenso pandemônio". Alegavam que dentro do espírito contemporâneo, não podiam criar a arte para que fosse captada em um estado imediato pelos sentidos. Por essas circunstâncias confessavam que seus espetáculos não se destinavam ao grande público e pouco importava se não alcançassem uma grande assistência. "O importante é propiciar um momento de arte e um instantâneo das paixões que agitam o ser humano", segundo Ody F. e S. em artigo do nº 10 de Sul.

Entretanto, todos os esforços do Grupo Sul em dias contínuos de ensaios de Um Taciturno foram baldados. Aquilo que seria sua melhor apresentação não se concretizou. Os novos, naquela época, após calorosas discussões, acharam melhor não apresentar ao público a peça, que trata de um assunto até hoje tabu: homossexualismo.

TEATRO RENOVADOR

O grupo dos novos, agindo dentro de um setor de experiência, tinha como centro de atividades a renovação. Porém, todos possuíam igual importância e responsabilidade fosse qual fosse o papel a ser representado. Alegavam que só conseguiriam um resultado de real valor, quando atingissem uma perfeita coordenação entre todos os elementos, desde o diretor até ao ponto ou maquinista.

Embora fossem escassos os meios materiais e dispusessem de pouco pessoal disponível, procuravam levar suas atividades no sentido de que, com poucos recursos,

obtivessem um espetáculo coordenado.

Mesmo não apresentando um teatro de qualidade compatível à dos centros maiores, o simples esforço e tentativa de buscar esta qualidade já representava, na época, um grande valor.

TEATRO DE DEBATES

Dentro do plano de atividades do Teatro Experimental do C.A.M. (TECAM) estava também o Teatro de Debates. Em linhas gerais consistia tal teatro no seguinte: terminada a representação, todos os elementos que dela tomavam parte vinham ao proscênio e submetiam-se a críticas do público. Travavam-se debates, elucidavam-se pontos não compreendidos, ensinava-se, aprendia-se.

O significado do teatro de debates era importantíssimo dentro do espírito renovador que os dirigia. Era o meio mais direto de completar a mensagem que desejavam levar ao público.

Nesse momento, ao manter um contato direto com o público, num perfeito processo de realimentação, o Grupo Sul atingia o ponto ideal de comunicação com seu público.

TEATRO INFANTIL

O teatro infantil talvez fosse uma de suas proposições mais difíceis. Três foram as formas que usaram para o teatro infantil:

- a) Os bonecos
- b) Adultos representando para crianças
- c) Elenco infantil

Este trabalho não pode ser realizado em grandes proporções porque suas responsabilidades e acúmulo de trabalho não os permitiram. Desenvolviavam suas experiências, de início num grupo escolar.

Achavam que o teatro de bonecos fosse, talvez, o meio mais direto de se comunicarem com as crianças. A atração dos bonecos, segundo observavam, era muito grande e, ao mesmo tempo, possuía elementos inestimáveis para levar a criança à arte, cultura e sensibilidade.

Fizeram experiência com crianças na realização do seu próprio teatro, de forma bastante ampla. Assim, feita a seleção, empregavam os meninos em tudo, desde o elenco, à maquinaria e até na cenografia.

As peças eram montadas com recursos arrecadados de contribuições feitas por particulares —, que ia de roupas, e apetrechos de maquiagem, a livros dos quais pudessem

extrair textos para montar os espetáculos.

APRESENTAÇÕES

Na primeira apresentação do TECAM foram levadas O Homem da Flor na Boca, de Pirandello; Como Ele Mentiu o Marido Dela, de Bernard Shaw e Um Homem Sem Paisagem, de Ody Fraga e Silva, participante do movimento Sul, que se encontra, atualmente, em São Paulo dirigindo telenovelas.

Foi um espetáculo em três atos, apresentado no Teatro Álvaro de Carvalho, no dia 7 de novembro de 1947.

O principal objetivo foi arrecadar recursos para que pudessem editar a Revista Sul. Tendo em vista o êxito obtido nesta apresentação, o C.A.M. passou a montar outros espetáculos, entre os quais, O Quarto, baseada num conto de Sartre e adaptada por Ody F. e S.. Nesta trabalharam, além do Ody, Laíla Freysleben e Aníbal Nunes Pires. Levaram, ainda, Cândida, de Bernard Shaw; É Proibido Suicidar-se na Primavera, de Alexandre Casanova e A Sapateira Prodigiosa, de Garcia Lorca.

Estrearam no Teatro Infantil, com Pinocchio, de Goldoni, representada por Jason César, Walmor Cardoso da Silva, Margot Ganzo, Lígia Moellmann e Dante Ravaglio.

TEATRO EXPERIMENTAL

— DO —

C. A. M.

Dia 27 de maio, às 20 horas, no Teatro Álvaro de Carvalho

— C A N D I D A —

Três atos de G. B. Shaw com:

Eglê Malheiros
Jason Cesar
Ody Fraga e Silva
Judith Wendhausen
Elio Ballstaedt
Walmor C. Silva

Direção:
Ody Fraga e Silva

CENÁRIO:
Walter Wendhausen

CONTRA-REGRA
Armando S. Carreirão

ESTA PEÇA SERÁ REPRESENTADA
— SEM PONTO —

AGUARDEM!

Edições "SUL"

- 1 — Antologia Poética dos novos de Santa Catarina: Eglê Malheiros, Walmor C. da Silva, Aníbal Nunes Pires e outros.
- 2 — Encontro — contos de Salim Miguel.
- 3 — Teatro — Peças em 1 ato de Ody Fraga e Silva.

TEATRO DE CÂMERA DO CAM

Apresenta para breve o seu próximo lançamento

Um taciturno

três atos de

R. Martin du Gard

Uma peça de análise dos entrecosques do espírito humano.

O drama de um homem que possuía um amor inconfessável.

BREVEMENTE:

O Círculo de Arte Moderna

Apresentará o seu

Teatro de Câmera em:

UM TACITURNO

Interpretação de: Aníbal Nunes Pires, Ody F. e S., Eglê Malheiros, Lory Bailod, Walmor C. Silva, Walmor C. Silva, Jason Cesar, Leny F. e Silva

MÚSICA DE: Debussy, De Falla e Stravinsk.

Produção do

Centro Acadêmico XI de Fevereiro, da Faculdade de Direito de S. C.

Direção e cenário de ODY F. e S.

Contra-regra

Fólvio Vieira

Ponto

Armando S. Carreirão

CANDIDA

Cena de ensaio do primeiro ato de "Candida", de Shaw, na encenação do "Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna".

Vê-se na cena os seguintes intérpretes: Eugênio (Jason Cesar); Mowel (Ody Fraga e Silva); Burgess (Elio Ballstaedt); Cândida (Eglê Malheiros). Este espetáculo que é em "caráter cultural" tem o patrocínio do sr. Secretário de Educação, dr. Armando Simone Pereira.



No Tempo da Comédia Digestiva, Sul Encena Sartre pela 1ª. Vez no Brasil

Até 1946 o teatro brasileiro resumia-se à encenação de comediasinhas digestivas levadas pelas companhias de Procópio Ferreira, Iracema de Alencar, Mesquitinha e Genésio Arruda. Foi quando surgiu o primeiro espetáculo de real valor, sem estrelismos, com a montagem de Vestido de Noiva, peça de Nelson Rodrigues, dirigida por Zimbienski que recém chegava ao Brasil".

A afirmação é de Jason Cesar, participante do movimento Sul integrando o Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna (TECAM) e, atualmente, encarregado do Serviço de Aperfeiçoamento e Difusão Cultural de Santa Catarina, além de Diretor Artístico do Grupo Teatral Armação.

PIONEIRISMO

Para Jason, em 1947 surgiram dois movimentos, importantíssimos no teatro brasileiro: o Teatro do Estudante, dirigido por Paschoal Carlos Magno e o TECAM, mantido pelos novos de Florianópolis. O segundo, foi responsável pela primeira representação no Brasil de autores como Sartre, Pirandello, Garcia Lorca e outros, cujo existencialismo impregnado em seus textos provocava uma certa reação do público, acostumado, até então, com espetáculos leves que exigiam muito pouco da platéia.

Mais tarde, surgiram o Teatro Brasileiro de Comédia, os Artistas Unidos, sob a direção de Henriette Morineau, e grupo Oficina, o Opinião e muitos outros.

A direção dos espetáculos levados pelo TECAM ficava, geralmente nas mãos de Ody Fraga e Silva, um jovem que, segundo Jason Cesar, "andava vinte anos à frente, usando cabelos compridos numa época em que hábitos no gênero eram completamente repudiados". Posteriormente, assumiram a direção de alguns espetáculos, Armando Carreirão e Sálvio Oliveira.

Jason faz questão de ressaltar que quando fala da importância do trabalho realizado pelo TECAM, o faz de maneira genérica, não tentando enaltecer o papel que representou no movimento.

"O meu papel era de um simples ator e, como já dizia Pirandello, o importante é o personagem. Quem não conhece Hamlet? No entanto, poucos conhecem os atores que já o representaram. O Grupo Sul foi grande responsável pela renovação do teatro em Florianópolis, preso, até então, à representação de espetáculos melosos.

E uma pena, porém, que à frente de órgãos responsáveis pelo setor caiam pessoas pouco inteiradas do contexto



A influência exercida pelo C.A.M. na cultura catarinense, não se pode imaginar...

teatral do nosso Estado. Foi o caso por exemplo, de quando num programa de televisão na época em que se comemoravam os 250 anos de Florianópolis, ao falarem sobre o teatro na capital, não mencionaram o movimento encabeçado pelo Grupo Sul. Um espectador surpreso dirigiu uma indagação ao apresentador a respeito do C.A.M. Este reconheceu a omissão e acrescentou: "realmente houve um movimento teatral liderado por um grupo de jovens que fundaram o Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna (TECAM), e, simultaneamente, houve uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina, que promovia espetáculos com companhias de fora. "O erro foi duplo, uma vez que além de terem omitido o trabalho do TECAM, relacionaram com Universidade Federal de Santa Catarina, que ainda nem sonhava em nascer".

TALENTO

Moreno, estatura média, com os seus 51 anos de idade, e uma dicção que deixaria Cid Moreira com água na boca, Jason Cesar relembra, com ar nostálgico, quando em 1951 o TECAM levou A Sapateira Prodigiosa, de Garcia Lorca, que seria a responsável pela grande oportunidade da sua vida, conforme nos conta:

Foi um sucesso. Depois do espetáculo recebi um recado da parte do Governador Irineu Bornhausen, para que fosse procurá-lo no Palácio, no dia seguinte. Fiquei surpreso, mas procedi conforme o recado orientava. É que o Governador tinha assistido à peça e queria me oferecer uma bolsa de estudos para o Rio de Janeiro, onde fiz um curso de Teatro do Estudante, orientado por Paschoal Carlos Magno.

Essa oportunidade abriu-me os horizontes e passei a dedicar-me com mais fervor ao teatro. Fiz televisão também, mas não me realizei tanto como no palco, onde o contato com o público estimula a representação do artista.

Ao concluir, Jason cita um pensamento de Oscar Wilde, discordando do escritor quando dizia que "toda e qualquer influência é nociva".

"A influência que o Círculo de Arte Moderna de Florianópolis exerceu na cultura catarinense não se pode imaginar. Somos de uma geração que amadureceu com o mundo em chamas. A explosão cultural da "província" foi feliz e espontânea. Não havia vedetismo, não havia nada forjado. Era apenas um grupo que queria aprender e saber.

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

De repente Marques Rebelo toma conhecimento no Rio do trabalho que estava sendo realizado pelos rapazes do Sul. Entra em contato com eles e traz uma exposição de pintura contemporânea a Florianópolis, que viria a ser responsável

Por Laudelino Sant'os Neto e João Afonso da Silveira de Assis

6

pela iniciativa de se fundar um Museu de Arte Moderna na "provincia". Hoje, decorridos 25 anos de sua fundação, o Museu se encontra instalado em mais uma das "sedes provisórias" por que passou, em precárias condições, à Rua Tenente Silveira 120

Pesquisa O Estado



Um Museu à Procura de uma Sede

Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea, ficando sempre, os que se interessavam pelas artes plásticas, limitados à observação de reproduções. Até que um dia, meio surpreso, Anibal Nunes Pires recebe uma carta de Marques Rebelo indagando: sobre as possibilidades de montar uma exposição nesta capital.

É que o Secretário da Educação, Armando Simone Pereira, fora-lhe apresentado no Rio por Jorge Lacerda, que dirigia um jornal de letras e artes, e, desde então, Florianópolis passou a ocupar lugar na sua agenda de promoções culturais. Cartas foram trocadas e o Círculo de Arte Moderna (C.A.M.) conseguiu trazer Marques Rebelo com 74 quadros empacotados para mostrar aos catarinenses um pouco do que vinha sendo feito em termos de artes plásticas no Brasil e no mundo.

Rebelo proferiu uma série de conferências, nas quais foram esboçados os conceitos e objetivos da pintura, principalmente a moderna, alvo de críticas indignadas da parte dos mais conservadores.

Dentre as palestras programadas, estava uma sobre arte infantil dirigida às alunas do Colégio Coração de Jesus que mantinham grupo de estudos *Tristão de Athayde*. Anibal Nunes Pires lecionava no colégio e tinha programado a conferência. No entanto, não chegou a ser proferida, pois foi vetada pela reverenda diretora, que alegou ao professor Anibal ser contra os bons costumes permitir que o autor de uma obra como *Oscarina* expusesse suas idéias às inocentes mocinhas do curso normal. Anibal foi ameaçado de demissão e Marques Rebelo voltou com armas e bagagens da metade do corredor.

Voltando à exposição, as obras permaneceram à mostra por 12 dias numa das salas do Grupo Escolar Dias Velho. Nesta época, deu-se início à fundação do Museu de Arte Moderna de Santa Catarina, que funcionou provisoriamente na mesma sala onde as obras estavam expostas. A direção do Museu ficou, a princípio, nas mãos do pintor Martinho de Haro que a transferiu ao prof. Sálvio Oliveira um ano depois. Nesse período, o acervo ficou aos cuidados da profa. Julieta Torres Gonçalves, diretora do Grupo.

O Museu foi criado pelo decreto Nº433, de 18 de março de 1949, no governo Aderbal Ramos da Silva. Foi designada uma comissão composta dos intelectuais Henrique Stodiek, Rubens Arruda Reis, Hamilton Ferreira, Wilmar Dias e do pintor Martinho de Haro, para determinar as providências necessárias ao seu funcionamento.

Inicialmente recebeu a denominação de Museu de Arte Moderna de Florianópolis, tendo o decreto N.º 9.150



transformado para Museu da Arte de Santa Catarina - MASC. Segundo o atual diretor, Aldo Nunes, "o MASC sempre teve sedes provisórias, desde a primeira instalação no Grupo Escolar Dias Velho, anexo ao Instituto Estadual de Educação, onde permaneceu cerca de um ano com o acervo inicial exposto.

No dia 15 de abril de 1952, o Museu inaugurou suas "novas instalações" na Casa Santa Catarina, à Rua Tenente Silveira, que foi demolida para a construção da Casa da Cultura, que abriga o poder executivo estadual.

Em 1967, como a Casa Santa Catarina não apresentava mais condições para abrigar ninguém, o Museu conseguiu mudar-se para uma casa (hoje já demolida) à Av. Rio Branco, construída no começo do século, com finalidades residenciais. Funcionou aí até 1976, quando mais uma vez foi transferido para uma instalação provisória à Rua Tenente Silveira 120, sem qualquer infra-estrutura para o que se destina. Com um acervo de aproximadamente 435 obras, entre óleos, desenhos, gravuras e esculturas que se encontram empilhadas em uma despensa, dado à falta de espaço para serem expostas. — o Museu de Arte de Santa Catarina está aguardando o término da restauração do prédio da Alfândega, onde espera ser instalado definitivamente.



Desenho de Osvaldo Goeldi, pertencente ao acervo do MASC.

O Grito do Fazer Poético - II

A professora Edda Arzuza Ferreira, da UFSC, concedeu entrevista a O ESTADO, publicada no último dia 13, na qual abordou, de forma brilhante, o Modernismo de 22 e o Concretismo no contexto brasileiro.

Agora, a professora, doutora em Teoria Literária, nos escreve, esclarecendo uma série de pontos sobre entrevista que, segundo ela, ficaram truncados. Por se tratar de um documento que julgamos essencial para o melhor entendimento daquela época e complementar à entrevista, publicamos abaixo na íntegra, com a devida permissão da autora. Fpolis, set./1977.

Prezado Laudelino, gostaria de fazer alguns reparos sobre a entrevista publicada hoje no seu jornal. Talvez pelo fato de eu falar com excessiva rapidez, parece que algumas coisas ficaram truncadas.

1. Embora afirme que a poesia concreta se inseriu no seu tempo, coincidindo com o sentido da civilização técnica, e em que pese o mérito dessa inserção, tenho para mim que ela não atingiu a conotação revolucionária que se propôs, porque: a) se adotarmos a postura da palavra-coisa, o poema terá para o leitor a mesma presença concreta de umca coisa: "flor e flor". E o que há de novo nisso? Identificando palavra-coisa, o poema terá para o leitor a mesma presença concreta de uma coisa: me parece que o poeta não se renova; simplesmente, aceita a significação que damos à palavra, que ela tem e que não vai mudar. Enquanto a palavra é apenas ela mesma, e não se questiona nem questiona o mundo, aceita o estatuto presente (não o inova).

Concordo com Sartre, quando a respeito da dialética entre a palavra e o significado que nela se funda, diz que "a problemática da poesia poderia ser situada na oscilação inquietante entre objeto-palavra". Se nos ativermos à semântica unívoca, ficamos no "déjà vu"...

b) Afirmam que a poesia concreta "liberta-se da alienação metafórica". Ora, a linguagem íntegra é metafórica, reverenciando a tendência humana para a concepção analógica do mundo e o ingresso (poético ou não) das analogias nas formas da linguagem. Quem diz isso é Cortázar. E concordo plenamente com ele.

E ainda mais: combater a alienação na linguagem é supô-la um fato linguístico; não é ainda, a sua superação...

2. Não obstante essas restrições que faço à poesia concreta, gostaria que você deixasse claro dois pontos:

a) a validade da mesma, enquanto movimento renovador que sacudiu o marasmo em que então vivia a literatura brasileira;

b) o meu profundo respeito pelos inauguradores do movimento concretista, intelectuais no sentido mais alto da palavra, dos quais muito se orgulha a inteligência brasileira.

3. Sobretudo, é bom lembrar que foi, em comparação com esses três homens - Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, que afirmei não levar a sério o poeta Mário Chamie, cuja obra, sobretudo a teórica, não resiste a um comparação com os manifestos dos poetas concretistas. Falta, a este último, a chama da genialidade que marca os três primeiros (e a Crítica reconhece isso). Gostaria que você esclarecesse, sobretudo, esse último ponto.

Grata pelo que você puder "realinhavar", a Edda

"OS INVEJOSOS"
Todos os ANOS, no Cemitério do ITACORUBI, em Florianópolis, ilha de Santa Catarina, uma meia dúzia de "sub-literatos de provincia", se reúne no referido Cemitério (local onde eles desejariam fossem enterradas todas as possibilidades de Santa Catarina se destacar no setor da Cultura) para CUMPRIR UM SOLENE JURAMENTO...

CONCLUSÃO
e MORAL: Como prof. Celestino Sachet, você tem toda a razão: o mal, o grande problema da cultura catarinense é a pequenez. É a inveja, acrescentaria eu Meyer Filho (participante do movimento "Sul")



O artista plástico Meyer Filho, que colaborava com ilustrações para a Revista Sul, ao ter lido a entrevista feita com o professor Celestino Sachet - publicada na primeira da série de reportagens O Modernismo em Santa Catarina - elaborou a ilustração ao lado e enviou à redação de O Estado, com apoio à opinião do entrevistado, e congratulando-se pelas reportagens até então publicadas.

(E o humorístico continua) 12. Segunda VERSÃO

O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

7

Decorridos dez anos, o grupo Sul encerra suas atividades, alegando ser impossível continuar dentro da linha amadora que manteve durante uma década. Sentiu que estava prestes a cair num academicismo, exatamente o que se preocupava em refutar durante toda a existência do Circulo de Arte Moderna.

Com esta reportagem sobre o filme "O Preço da Ilusão", O

Estado encerra a série sobre o Modernismo em Santa Catarina, que teve como eixo irradiador o Grupo Sul. Para a realização deste trabalho, contou com a valiosa colaboração de Aldo Nunes, Anibal Nunes Pires, Armando Carreirão, Celestino Sachet, Edda Arzuva Ferreira, Eglê Malheiros, Hamilton Valente Ferreira, Jason César, Maria da Graça Vieira, Meyer Filho, Raimundo Caruso e Salim Miguel. O principal objetivo foi alcançar — mostrar as novas gerações catarinenses o que foi o maior movimento cultural de nosso Estado — de uma forma jornalística. O balanço e a crítica estética da produção do Grupo Sul e trabalho de crítica literária, tarefa de nossas faculdades de letras, professores, alunos e acadêmicos em geral. Esperamos que o façam. Se não... voltaremos.

Por
Laudelino Santos Neto e
João Afonso da Silveira de Assis



Pesquisa O Estado

"O Preço da Ilusão" - Miss e Boi de Mamão no Primeiro e Único Filme Catarinense

Florianópolis, 1958. Os hoje senhores quarentões tramavam "curras" que nunca se realizavam, no ovidizer de outras plagas, montados, às vezes, em lambretas coloridas e envenadas. Os mais intelectualizados ficavam preocupados com o horror das explosões atômicas, a futura hecatombe mundial. O homem dominava e zombava da pobre natureza.

Mas como existem no céu muitos objetos além dos aviões de carreira e pássaros, apesar de invisíveis para os miopes "vontade-de-ser-intelectuais", os projetos foram sendo adiados pelas circunstâncias, e cada qual procurou seu "pistolão" para o bom emprego, porque ninguém é de ferro.

Enquanto isso não se dava, "O Preço da Ilusão" - primeiro e único filme realizado em Santa Catarina - fazia vibrar o povo do Estado, já trêmulo com a conquista do primeiro Campeonato Mundial de Futebol. O retrato de Bellini, segurando a Taça, estava em todo lugar. E os audazes rapazes e moças do Grupo Sul partiam para a realização do filme, enfrentando ao mesmo tempo as mutinacionais, as nacionais e a própria ignorância das técnicas da sétima arte.

DUAS HISTÓRIAS

O Preço da Ilusão movimentou a cultura de Florianópolis durante os anos de 1957 e 1958 e sua estréia, várias vezes adiada, passou a ter ares de novela. Hoje a película está perdida e o seu produtor, Armando Carreirão, está desenvolvendo uma busca para tentar localizar por menos uma cópia (ver entrevista abaixo). Assim, não é possível hoje fazer uma crítica do filme. Entretanto, pelo reboliço causado, o filme, em sua estréia, causou decepção aos espectadores, não pelo enredo, mas pelo grande número de falhas técnicas, segundo alguns depoimentos de pessoas que o assistiram.

O filme contra duas histórias, em contraponto, com várias bifurcações, relatando de um lado, o caso de uma jovem modesta que se candidata a Rainha do Verão em Florianópolis e se vê envolvida num ambiente desconhecido para ela. E a história da garota quer vencer na vida, tendo como condição primeira sua beleza.

Mas, como só beleza não basta, e havia muitos interessados apenas nesse atributo da jovem, se desenvolve a história em várias situações gravitando em torno desse núcleo central. Como pano de fundo, os concursos de beleza, que são mostrados realisticamente o que não deixa de ser uma crítica social - para uma época em que tais eventos estavam no apogeu.

A outra história - cujo argumento, tanto quanto da primeira, foi escrito por Salim Miguel e Eglê Malheiros - conta a vida de um garoto, que para sustentar a família trabalha como engraxate. Ao mesmo tempo, sonha em possuir o seu "Boi de Mamão", a nossa tão conhecida dança folclórica.

Enquanto as duas tramas se desenvolvem paralelamente, Florianópolis é mostrada aos espectadores, numa clara preocupação sociológica e documental, aparecendo cenas de ruas, praias, praças, boates, casarões, e outros pontos, como a Lagoa da Conceição, filmada quase até à exaustão.

No projeto visual e temático do filme fica bem clara a influência do neo-realismo italiano, cujos filmes já alguns anos eram exibidos em Florianópolis. Daí, seu caráter de crônica social e painel da vida na capital, com preocupações também é mostrar folclore e belezas naturais.

PIONEIRISMO

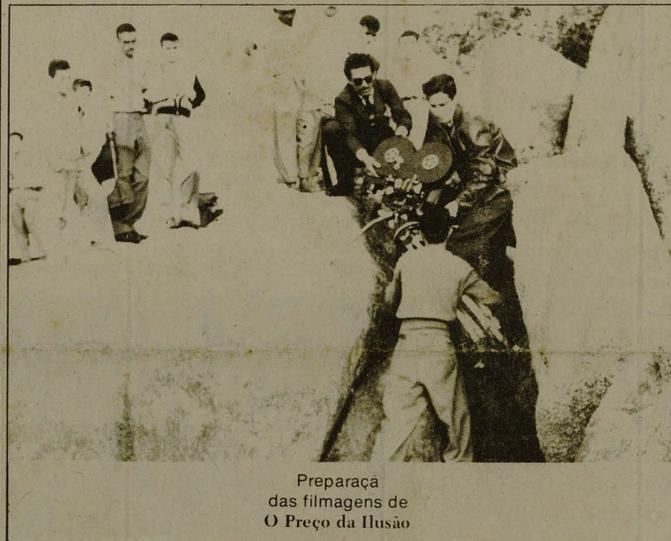
Alguns dias depois da estréia, em O ESTADO, na matéria intitulada Da Importância de um Filme - "O Preço da Ilusão" fica claro que a película apresentava senões:

(...) Alguns observadores destacaram esse ou aquele valor do filme e foram compreensivos porque "O Preço da Ilusão" tem caráter pioneiro. E o PRIMEIRO filme realizado em forma e condições totalmente novas, especialíssimas, de cooperação.

"Essa a importância principal de "O Preço da Ilu-

são" e que tão bem foi acentuada por eles. Que o público florianopolitano esteja também atento. "O Preço da Ilusão" não é apenas "mais um filme brasileiro". É um filme brasileiro totalmente novo na forma e nos caminhos que abre. E isto supera qualquer discussão que possa ser travada sobre sua qualidade, sobre a beleza de suas imagens, suas idéias novas, suas novas contribuições".

O grande mérito de "O Preço da Ilusão" foi sua própria feitura, numa cidade e numa comunidade rarefeita quase às coisas da arte. E feito o filme por pessoas que nunca tinham visto cinema por dentro. Mas esse quase amadorismo foi também a ruína do filme. Defeitos técnicos fizeram com que a Censura não o concedesse o certificado de Boa Qualidade. Assim, sua exibição não seria obrigatória pelas cadeias cinematográficas. Foi um fracasso, mas o fracasso mais criativo e multiplicador da história cultural catarinense.



Preparação das filmagens de O Preço da Ilusão



Anibal Nunes Pires, Alberto Cavalcanti e Salim Miguel, quando da estada do cineasta em Florianópolis.

«O Preço da Ilusão»

INTERAMENTE FILMADO NA ILHA DE SANTA CATARINA!

UMA PELÍCULA DA "SUL-CINE PRODUÇÕES", ESTRELANDO:

EMANUEL MIRANDA - LILIAN BASSANESI - ADÉLCIO COSTA - MARIO MORAIS - JOSÉ VEDOVATO - DINEIA MATOS

UM FILME CATARINENSE PARA O BRASIL!

UM FILME BRASILEIRO PARA O MUNDO!

O PREÇO DA ILUSÃO

Indicações Técnicas

EQUIPE CINEMATOGRAFICA ALBERTO CAVALCANTI

Ficha Técnica:

Produção: Armando Carreirão
Diretor de Produção: José Vedovato
Direção: Nilton Nascimento
Assistente de Direção: Domingos de Gusmão Santos
Direção Artística: E. M. Santos
Diretor de Fotografia e Câmera: Eliseo Fernandes
Assistentes de Câmera: José Matos e C. Paulo Dutra
Elétricistas: Mário Moraes e Osmar Silva
Maquinistas: Carlos Vieira e Catulo Moraes
Assistentes de Produção: Eny Souza e J. Jorge
Maquiagem: Alberto Cunha
Continuidade: Lia Nascimento e Luis Gorga
Título do filme: "O Preço da Ilusão"
Argumento: Eglê Malheiros e Salim Miguel
Dialogos: Salim Miguel
Roteiro: E. M. Santos
Canções (sobre temas folclóricos): Osvaldo F. Melo (filho)
Local de filmagem: Florianópolis, época: atual.

Ficha Artística (elenco)

Lilian Bassanesi	como	Maria da Graça
Emanuel Miranda	"	Maninho da Silva
Celso Borges	"	Dr. João Castro
José Vedovato	"	Assis
Ilmar Carvalho	"	Edmundo Souza
Adélcio da Costa	"	Paulo
Sinova Wanderley	"	Lúcia
Murilo Martins	"	Roberto
Sileide Costa	"	Celeste
José Mauro	"	Ferreira
Miro Moraes	"	Miro Moraes
Felix Kleis	"	Cel. Flores
Lourdes Silva	"	Dona Olga
Mário Moraes	"	Mário
Claudionor Lisboa	"	Sr. Auto

Duas Tragédias: o final do Filme e as Dívidas



Alberto Cavalcanti, precursor do cinema nacional chegava da Inglaterra e movimentava o Studio Vera Cruz a todo vapor, com a produção de chanchadas estreladas, entre outros, pela sanfoneira Zequinha de Abreu e Grande Otelo. Por outro lado, o Cinema Novo dava os seus primeiros passos com a montagem de Rio 40 Graus dirigido por Nelson Pereira dos Santos.

Enquanto isso, um grupo de jovens entusiastas do Circulo de Arte Moderna de Florianópolis sondava as possibilidades de montar um filme, com roteiro de Salim Miguel e Eglê Malheiros, que se chamaria "O Preço da Ilusão". Armando Carreirão, membro do C.A.M. e produtor do filme, lembra, hoje, as façanhas vividas pelo grupo para levar o empreendimento adiante.

O Preço da Ilusão nasceu em função das atividades desenvolvidas pelo Circulo de Arte Moderna de Florianópolis, que mantinha um Clube de Cinema, onde eram apresentados clássicos e filmes de baixa cotação comercial, mas de grande valor artístico.

Surgiu, daí, a ideia de montarmos um filme, mas para

isso precisaríamos de considerável verba e estávamos cientes de que não poderíamos conseguir a de mãos beijadas. Passamos, então, a vender cotas, garantindo ao investidor que viria a ter participação na renda dos espetáculos.

Desta forma, conseguiram montar a película, que estava a preocupação de mostrar as belezas naturais e tradições folclóricas da Ilha, como cenário de um enredo desenhado em torno de uma mocinha, cujo ideal era ser miss. Em contraposição, narra a história de um menino que vendia agulhas para ajudar à família e que sonhava com um boi-de-mamão todo seu.

Armando Carreirão lembra o fim trágico do filme, quando a história da miss culminou num desastre de automóvel na Ponte Hercílio Luz, após ter vencido o concurso. "O carro tombou da ponte e a miss, acompanhada do burguês que comprou a maioria dos votos — com segundas intenções — marcou com o preço de uma ilusão".

As filmagens foram feitas utilizando-se técnicas tão tanto quanto arrojadas em termos de Florianópolis. Foi montada uma maquete da ponte num estúdio para simu-

lar a queda do veículo, e as filmagens foram realizadas durante o dia com filtros para simular o amoiitecer.

Contrataram uma equipe de São Paulo, composta por diretor de fotografia, diretor de filmagens — Nilton Nascimento — e técnicos em geral à qual deram o nome de Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti.

Quanto à parte financeira, Armando Carreirão reconhece ter sido uma tragédia. "Para a fase de filmagens conseguimos arrecadar recursos suficientes. A segunda fase, porém, que corresponde aos cortes e emendas na fita, deitando-a em perfeitas condições para ser exibida, foi toda financiada por mim através de empréstimos pessoais que me amarraram por muitos anos". O filme foi exibido durante seis meses em todo o Estado, mas a renda foi de apenas 1% da quantia gasta na produção.

Os testes fotográficos para a escolha dos atores foram feitos no escritório de advocacia Carreirão, à Rua Jerônimo Coelho, que concentrava uma multidão de candidatos à porta, esperando ansiosos por uma oportunidade no "mundo da sétima arte". Levaram de dois a três meses realizando os testes, o que foi compensado quando descobriram o talento de Lilian Bassanesi, mo-

cinha dos campos de Lages, que viria a estrelar O Preço da Ilusão. A filmagem, ao contrário do filme teve um "happy end", pois a estrela acabou casando com o diretor e atualmente residem em São Paulo, onde "Lilian já deve estar rodeada de netos".

Entre um gole de usque e outro, no Bar do Apostolo à Avenida Mauro Ramos, Armando Carreirão lamenta não possuir sequer uma cópia do filme, que o obrigou a produzir cine-jornais para que pudesse saldar as dívidas.

O Preço da Ilusão foi exibido em "avant-première" no Cine São José, em benefício do Clube das Soroptimistas, que doou a renda à Faculdade de Medicina.

CUSTO

O custo total do filme foi de Cr\$ 2 milhões (velhos), divididos em duas parcelas. A primeira obtida com a venda de cotas, que atingiu a quantia de Cr\$ 1 milhão e 400 mil. A segunda parcela foi integralmente financiada por Armando Carreirão, que confessou ter ficado "perdido durante anos para pagar as dívidas".

LITERATURA

O Grupo Sul

Em dezembro de 1949, a revista "Leia-me", de Florianópolis, a propósito da inauguração Igreja da Pampulha, publicava um artigo assinado por Hélio Bastos Couto.

Depois de se referir a 1922 como um "certo movimento artístico", o autor informa que seus mentores descambaram para a incoerência fatal das maluções. E cita entre os "inconsciente ou inconscientemente malucos": Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, "o grande Villas-Lobo, saturado de invejar pela glória incomensurável de Carlos Gomes; o parabólico Portinari, outrora inveterado admirador de Mussolini, hoje ferrenho comunista".

Lamenta-se, ainda, Hélio Bastos Couto de ter tido a desdita de ler o poema "No meio do caminho tinha uma pedra".

Na pintura, "o sr. Portinari reproduzia aqui as criações de Picasso. Pinturas em tudo, por tudo, semelhantes aos quadros de esquizofrênicos e alienados do Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, há pouco expostos no Museu de Arte Moderna em São Paulo".

Estava repetido o episódio Monteiro Lobato-Anita Mallatti do célebre "Paranóia ou mistificação". Não que este fosse o único pensar dos homens das letras de Santa Catarina.

Ao lado dessa concepção atrasada de arte, um grupo de jovens vinha trabalhando e produzindo há uns três anos.

Logo após-guerra, em 1946, quiseram a instabilidade, a fôssa e a angústia existencial sartrianas que Don Quixote se encontrassem numa nova Ilha da Barataria para uma longa e vitoriosa luta contra os fortes moínhos parnasianos. Eram quatro: Ody Fraga - recém fugido de um seminário de São Paulo -, Antônio Paladino - que lia muito!, - Cláudio Bousfield - filho de maestro - e Salim Miguel - nascido no Líbano, criado em Biguaçu, na região da Grande Florianópolis, com profundos estudos de árabe e de alemão.

Dos muitos encontros - "todos sem a mínima farofa intelectual" (Salim Miguel) - para começar a mudar, nasce a primeira decisão: fundar o "Sicuta", jornal... datilografado e com a tiragem de... cinco (cinco!) exemplares.

A esta altura, as letras de Santa Catarina não poderiam acreditar que de quatro jovens fosse nascer algo de novo.

Havia, então, três gerações de intelectuais: os antigos, para os quais o romance havia terminado com Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, a poesia, com Bilac e a pintura, com Fagundes de Amoedo; os atuais, voltados principalmente ao magistério e às atividades profissionais; e os novos da chamada geração de 45, que procuravam despertar Florianópolis do marasmo em que viveu durante 15 anos.

Entre os antigos, como figuras destacadas na vida intelectual da cidade, estavam Othon da Gama d'Eça, Barreiros Filho, Antonieta de Barros, Altino Flores, Ivo d'Aquino e Henrique da Silva Fontes, que sobre todos os novos deixou a grata lembrança do "velho" que os aceitava e incentivava.

Dos atuais, que desde logo viram o movimento dos quatro com entusiasmo e lhe emprestaram todo o apoio, destacavam-se Oswaldo Rodrigues Cabral e Henrique Stodiek, "o maior pensador catarinense", segundo os jovens.

Havia ainda os de fora, escritores brasileiros e estrangeiros com os quais os novos vão receber apoio e entusiasmo: Marques Rebelo (do Rio) e, mais tarde, George Agostinho da Silva - professor de português, universitário, exilado em Florianópolis. Os dois serão os que marcas mais profundas vão deixar. Há que se incluir aqui, também, o professor Aníbal Nunes Pires, advogado e escritor catarinense, à época recém-formado e de retorno à Florianópolis.

O jornal "Sicuta" foi, pois, a primeira presença dos novos. Eram cinco exemplares datilo-



por

Celestino

Sachet

O presente texto foi compilado do livro "A Literatura de Santa Catarina", do professor e escritor Celestino Sachet, em edição da Editora e Livraria Lunardelli, de Florianópolis, e que já está à venda no Estado. "A Literatura de Santa Catarina" foi pesquisado e escrito dentro de alguns critérios de seu Autor (e. pelos quais, é inteiramente responsável).

"Relacionados os autores dentro de uma seqüência cronológica e temática - para os quais adotei, como base, a publicação de, pelo menos, um livro - não me ocorreu a preocupação da "qualidade". Foi tomada, como fundamental, a norma da "informação" de que o livro existe e que sobre o autor na maioria das vezes, a crítica já se manifestou a respeito".

grafados que passavam de mão em mão.

Entre 1946 e 1947, os jovens, agora formando o Círculo de Arte Moderna, publicaram os seis números da "Folha da Juventude" - jornal artístico literário rodado na Imprensa Oficial do Estado.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA - TECAM

Para angariar fundos e recursos que possibilitassem a edição de uma revista, o C.A.M. promove palestras, divulga artes plásticas e passa a fazer teatro.

A 7 de novembro de 1947, no Teatro Álvaro de Carvalho, o TECAM - Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna - apresenta sua primeira peça com as três peças: "O homem de flor na boca" (Luigi Pirandello), com Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel; "Como ele mentiu ao marido dela" (Bernard Shaw), com Jason Cesar, Lory Ballod e Ody F. e S. e "Um homem sem paisagem" (Ody F. e S.) com W.J. Mattos e Eglê Malheiros.

Com o resultado financeiro deste espetáculo teatral, foi possível publicar os três primeiros números da revista "SUL".

A 7 de maio de 1948, o TECAM tem a sua segunda peça. Atendendo a pedidos, são reprisadas as peças "O homem de flor na boca" e "Como ele mentiu ao marido dela". Nesta mesma noite, é estreada a peça "As estátuas volantes", de Sartre, numa adaptação da novela "O quarto", escrita por Ody F. e S.

Exatamente um ano depois, 27 de maio de 1949, seria a vez da peça "Cândida", de Bernard Shaw.

No ano de 1949, ainda, o Movimento público, semanalmente uma página literária no jornal "O Estado", onde se divulgam todas as notícias sobre os novos, trabalhos curtos e pequenas notas sobre as publicações recebidas. Era a forma de um contato mais permanente com o público, para informá-lo sobre a nova direção que estavam tomando as letras e as artes em nosso Estado.

O Grupo, em setembro de 1950, vai criar um clube de cinema. E, nos fins de 1957 e 1958, viria a ser filmado "O preço da ilusão", com roteiro de Salim Miguel e Eglê Malheiros.

A REVISTA "SUL" Com os recursos obtidos com a montagem e apresentação de sua primeira peça, o Círculo de Arte Moderna passou a publicação da revista "SUL", que pretendia "dar um auxílio no sentido de que a cultura se torne um patrimônio do povo".

Na apresentação do primeiro número - janeiro de 1948 - seu diretor, Aníbal Nunes Pires, dizia que o "SUL" (do Círculo de Arte Moderna) "se propõe, na medida das coisas possíveis revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, no campo das letras

e das artes".

Este primeiro número traz colaborações de Ody F. e S., Eglê Malheiros, Antônio Paladino e Aníbal Nunes Pires (poesia), Salim Miguel, C. Bousfield Vieira e José Medeiros Vieira (contos).

Uma análise do primeiro número, chega-se à conclusão de que o Círculo de Arte Moderna está na mesma encruzilhada do Grupo da Semana de 22: sabendo o que não quer, mas não sabendo exatamente o que pretende. De outra forma, como explicar a promessa de revelar os valores novos de Santa Catarina, ao mesmo tempo em que, dos quatro clichês publicados, todos da British News Service, um mostrasse a reabilitação dos mutilados da Guerra; o outro, a primeira escola britânica do Pós-Guerra e os dois restantes, a indústria cerâmica da Grã-Bretanha, quando a cerâmica de Santa Catarina tornar-se-ia mais conhecida se a revista lhe tivesse oferecido a mesma divulgação?

A partir do número 3 - maio de 1948 - "SUL" já se identifica como uma revista catarinense: as sete ilustrações, nelas incluindo-se a capa, são xilogravuras do catarinense Moacir Fernandes. E uma terceira parte do conteúdo foi dedicado a Cruz e Sousa, que sempre mereceu o respeito e a estima dos integrantes do C.A.M.

Os três primeiros números - poucas páginas e formato de revista - tinham como diretor, Aníbal Nunes Pires; como diretor de redação; Ody Fraga e Silva; como gerentes, salim Miguel e Hamilton Valente Ferreira, e como redatores, Cláudio Bousfield, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Lory Ballod e Armando Carreirão.

A partir do número 4 e até o último - dezembro de 1957 -, "SUL" manterá o formato livro com um número variável de páginas.

Em dez anos de atividades - 30 números editados - foram aparecendo os nomes de Silveira de Sousa, Guido Wilmar Sassi, Hugo Mund Jr., Doralécio Soares, Oswaldo Melo (filho), José Mauro, silveira Lenzi e Ilmar Carvalho. E mais os ilustradores Martinho de Haro, Meyer Filho, Hassis, Aldo Nunes, Dimas Rosa, Pedro Bosco e Carlos Scliar.

Ao terminar sua caminhada, a revista se tornará conhecida e admirada pela crítica em todo o Brasil, em Portugal e Colônias, no Uruguai, na Argentina e, até, nos Estados Unidos.

Já a partir do número 29 - junho de 1957 -, "SUL" era uma revista em agonia: a revista de jovens, com eles, se tornara "velha".

Um de seus redatores - Eglê Malheiros - folheando os últimos números, havia constatado que, excetuando a colaboração vinda do Exterior, "há um molo acadêmico se infiltrando em nossas páginas. Porque já não nos atacam - salvo os que o fazem por despeito, razões pessoais que não podemos levar em conta - nós também nos acomodamos, não discutimos, nem criticamos. Criou-se um "modus vivendi", um compromisso nada honroso entre os acadêmicos e os que assim, um dia, na Academia acabarão.

Chega-se a desejar que surja um grupo novo, que nos chame de conservadores e vaidosos, para que de novo se rompa o marasmo, e nós próprios nos sintamos na obrigação de pensar, estudar e debater.

Que a insatisfação nos torne presas novamente, e que produza seus frutos.

Se não mudarmos passaremos à função decorativa, e teremos que reconhecer tristemente que "SUL" morreu.

A morte viria com o número 30. "Problemas internos e externos", segundo Salim Miguel.

Para o professor George Agostinho da Silva, à época diretor do Departamento de Cultura, a morte de "SUL" não se deveria a falta de apoio da Imprensa Oficial do Estado, mas "o que faltou no grupo foi, efetivamente, a capacidade de lutar contra os fatores internos de desagregação ("O Estado", 15 de abril de 1958).

4 poemas de Alex Polari

2 - Idílica estudantil - III

Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela nossa procura
ah!! moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta

4 - Canção para "Paulo"

(À Stuart Angel)

Eles costuraram tua boca
com o silêncio
e trespassaram teu corpo
com uma corrente.
Eles te arrastaram em um carro
e te encheram de gases,
eles cobriram teus gritos
com chacotas.

Um vento gelado soprava lá fora
e os gemidos tinham a cadência
dos passos dos sentinelas no pátio.
Nele, os sentimentos não tinham eco
nele, as baionetas eram de aço
nele, os sentimentos e as baionetas
se calaram.

Um sentido totalmente diferente de existir
se descobre ali,
naquela sala.
Um sentido totalmente diferente de morrer
se morre ali,
naquela vala.

Eles queimaram nossa carne com os fios
e ligaram nosso destino à mesma eletricidade.
Iguamente vimos nossos rostos invertidos
e eu testemunhei quando levaram teu corpo
envolto em um tapete.

Então houve o percurso sem volta
houve chuva que não chegou
a noite que não era escura
o tempo que não era tempo
o amor que não era mais amor
a coisa que não era mais coisa nenhuma.

Entregue a perplexidades como estas,
meus cabelos foram se embranquecendo
e os dias foram se passando.

1 - Semântica existencial

Debaixo da janela de minha cela
desfilam a 1ª Companhia, a 2ª Companhia,
a 3ª Companhia e as demais companhias
que não solucionam minha solidão.

3 - Noites na Ilha Grande - I

Quando eu disser sobre você em voz rouca
que te adoro
não acredite,
acredite só em meu corpo.
No leito todo o silêncio
estará repleto de palavras
e no lenço, a marca dos soluços
perpetrados ao tempo.
Após a despedida
não terei mais onde me esconder

As paredes ficarão tão pequenas
quanto o aceno final.
Então me deitarei de novo
no catre a contemplar
a cena silenciosa de espectros
no pátio.
Relembrarei todos os ecos perdidos
e as imagens de carinhos
recentemente urdidas.
Eu, o homem mais distante
envolto numa nuvem de fumaça
dos cigarros consumidos,
rodeado de mosquitos e projetos,
sozinho,
quite com o amor e com a História,
eu, homem sobremaneira mais distante
da amada e do continente
que a média dos amantes desgraçados,
continuarei te amando.
Eu, o homem mais distante
e último habitante
da ilha mais distante
e infame
que ainda existe sobre a face da terra,
continuarei te amando/assim mesmo.

Poema de Dinaê dos Santos Gelhardt

audácia de "chorão" sobre a calçada

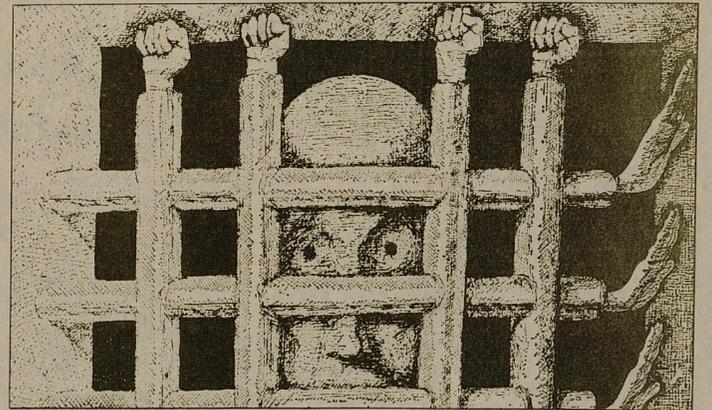
no ar
um e outro pingo de chuva
entre os cabelos de vento
quietude úmida
na rua dos muros
pedras molhadas
frias ...
fugacidade de água
separado
separado
ladeira abaixo

segredo da rua vazia
madrugada janela fechada
cortina puxada
vagueia

sono solto dentro da noite
que o sonho alto alcança o dia
oco do mundo
no olho cor de mató queimado
areia passanda
entre os dedos abertos...

Dinaê vem colaborando com o JSC,
desde 1976, preferentemente com poesias.
Conclui este ano seu curso de Letras na
Faculdade de Filosofia da FURB

Ausência



EX-ESTUDANTE, ex-morador do Leme, pai de um menino de dois anos, alvo de torturas e espetador de mortes e mutilações, errante das mais diversas dependências carcerárias, preso político e poeta, são rápidos traços da biografia de Alex Polari, um jovem de 28 anos que só conheceu a liberdade até os 19. Mas a privação do direito de ir e vir foi substituída, com o tempo, pela capacidade ultrapassar as grades através de sua arte. O primeiro passo foi a organização em livro de um rico calhamaço de textos poéticos escritos depois do impacto dos quatro primeiros anos em uma cela. Com o trabalho nas ruas, figurando em poucos meses como exceção no mercado livreiro pelo rápido esgotamento da primeira edição, uma parte de Alex Polari estava em liberdade.

Mas ao mesmo tempo em que o livro era elaborado, um grupo heterogêneo tinha acesso aos textos e ficou claro que ali estava o depoimento pessoal sobre a experiência de uma geração. No ano passado, antes da publicação, Roberto Nascimento músico "Bula pra Sonambulo", "Despertar" e "Projeto Bu-

canário para o Dia da Anistia", Stepan Necerssian ouviu, meses mais tarde leu outros poemas e ali foi jogada a semente de "Meu Companheiro Querido", onde o texto do poeta tomou forma de espetáculo através do roteiro de Stepan Necerssian e Roberto Nascimento, que também é autor das músicas.

Sem estar ainda em cartaz o trabalho já tem uma história extra-artística que tomou as páginas dos jornais. Percorrendo com relativa rapidez os corredores de órgãos oficiais, acabou por representar um marco na história da censura em nosso país.

Submetido à seção regional do Departamento de Censura Federal no dia 26 de março, "Meu Companheiro Querido" teve cassada a sua carreira no Rio de Janeiro através de ofício que concluiu dizendo que "a peça foi vetada por unanimidade por contrariar o Artigo 41 do

Decreto nº 20 493 de 1946". Restava o recurso de pagar o primeiro avião de porte aérea e ir a Brasília submetendo o texto à instância superior.

Chegando lá com o trunfo de declarações do Ministro da Justiça publicadas na mesma semana da proibição, de que a censura no teatro e no cinema passaria a ser regida por outros critérios, restava perguntar que critérios? No mesmo dia os líderes Paulo Brossard, do MDB, Nelson Marchezan, da Arena, receberam uma nota dos autores do espetáculo lida em plenário, e imediatamente endossaram a reivindicação de liberação, encaminhando-a ao Sr. Petrônio Portella.

Durante toda a semana e a seguinte, os esforços para a liberação do texto ficaram restritos aos bastidores do Ministério da Justiça. A discussão geral da censura voltava a ganhar espaço até que o novo

diretor do Departamento de Censura deixou claro que "Meu Companheiro Querido" tinha o sinal verde. Os artistas poderiam se comprometer com um teatro, contratar um diretor, mas ainda teriam de cumprir uma nova etapa. Dependiam da barreira do ensaio geral. Entretanto, a apreensão dessa liberação condicional foi dissipada pela velocidade dos acontecimentos. Na mesma tarde o Sr. José Vieira Madeira, ao lado do Ministro da Justiça, deixava claro que chegava ao fim a censura política.

Do outro lado das declarações oficiais, Alex Polari está formalmente impedido de participar da elaboração do espetáculo. O seu texto não ultrapassa as grades do saguão do presídio Lemos de Brito. Os poemas estão liberados, sua obra está em liberdade desde que outros tomem a iniciativa de assumi-la.

Modernismo é tema de debate na UFSC

O Grupo Sul e o Modernismo em Santa Catarina é o tema do debate que acontece hoje, a partir das 17 horas, no auditório do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Com participação de Valdézia Pereira, Celestino Sacht, Eglê Malheiros e Jayro Schmidt, o debate gira em torno do conjunto de escritores, artistas e intelectuais que, a partir dos anos 40, tentou implantar em Santa Catarina o movimento modernista, colocando o estado em sintonia com o pensamento estético e literário que então predominava na cultura nacional.

Valdézia Pereira, que pesquisou a contribuição literária do Grupo Sul, promove ainda na tarde de hoje o lançamento de seu livro "A Poesia Modernista Catarinense nas Décadas de 40 e 50". O ensaio, publicado pela Editora da UFSC, faz um levantamento completo sobre a produção poética do Grupo Sul. Além de contar a trajetória do grupo e comentar os principais aspectos de sua poesia, o livro traz ainda uma apresentação biográfica dos poetas e uma antologia de suas principais obras.

O livro apresenta ainda versos inéditos concebidos na época, de autores como Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Walmor Cardoso da Silva e Eglê Malheiros. Percorrendo a produção poética do Grupo Sul, Valdézia retrata uma época marcante da cultura catarinense. Um tempo no qual as formas estéticas convencionais começaram a ser desafiadas com versos livres e sem

se deu durante o final da Idade Média uma série de curiosidades, de fatos cor-

rima, e a criatividade foi libertada através de uma poesia na qual conviviam tanto o lirismo, quanto a angústia e a rebeldia.

Modernismo - A chegada do modernismo em Santa Catarina, assim como em outros estados, ocorreu de forma atrasada. A inauguração do movimento nas artes brasileiras foi em 1922, com a Semana da Arte Moderna de São Paulo. Apesar da importância do evento para os novos rumos culturais do país e para ruptura com padrões estéticos vigentes, sua repercussão em outros estados não foi imediata.

Em Santa Catarina, a resistência aos novos valores modernos foi particularmente acentuada, principalmente porque o surgimento do modernismo paulista ocorreu quase simultaneamente à criação da Academia Catarinense de Letras, instituição distante aos movimentos de vanguarda. A Academia não via com bons olhos as novas propostas artísticas defendidas pelos modernistas.

O modelo vigente só foi rompido no final de 40, quando um grupo de jovens artistas e intelectuais catarinenses começou a combater o conservadorismo acadêmico com uma produção cultural ainda inexperiente, mas inovadora. Era o início das atividades do Grupo Sul. Através da publicação de ensaios, artigos, peças de teatro, contos, crônicas e poesias na Revista Sul, o grupo passou a expressar novas idéias e a defender os ideais modernistas de 1922.

Natural de Salvador, Bahia o autor

Chega ao Brasil CD do New Radicals

A MCA/Universal acaba de lançar o Cd *Maybe You've Been Brainwashed Too*, do americano Gregg Alexander, o New Radicals. Trabalho de estréia do artista, o Cd traz doze canções de rock, pop e um pouco de soul, com músicas envolventes e letras ousadas.

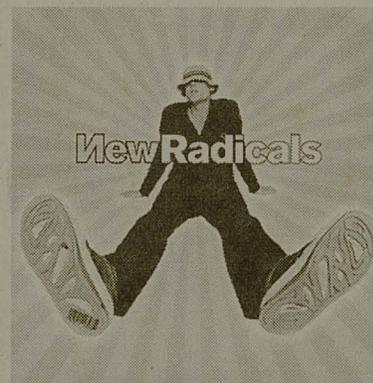
O álbum atiza a curiosidade já a partir da primeira faixa, *Mother We Just Can't Get Enough*, um soul dos mais contagiantes com um riff de guitarra envolvente e acordes esparsos de piano de Greg Phillinganes.

I Hope I Didn't Just Give Away the Ending, fala de um casal que faz um filme pornô em troca de dinheiro para comprar cocaína. *Someday We'll Know* tem a desilusão como tema e em *Flower's* há uma bela introdução de cordas e algumas palavras de amor.

Na faixa-título New Radicals extrapola: a longa letra que está no encarte simplesmente não é cantada. Gregg grunhe meia dúzia de onomatopéias e versos em enrolês, enquanto quem ouve fica esperando inutilmente a letra entrar. E no processo há um sem-fim de idiossincrasias, verdades e desaforos dirigidos ao mundo, tudo entrecortado pelo verso título "Talvez Você Também Tenha Sofrido uma Lavagem Cerebral".

Natural de Grosse Pointe, Michigan, New Radicals tinha doze anos quando gastou suas economias em uma guitarra e foi fazer barulho junto com o irmão.

tal à Bahia e Colcha de Retalhos.



Aos 15 anos começou a compor suas próprias músicas, gravando tudo por conta própria e empurrando as fitas para os amigos tocarem em festas do colégio. Foi para a Califórnia, onde invadiu os escritórios de diretores de gravadoras cantando suas músicas. Acabou conseguindo um contrato e gravando um disco, que permanece inédito porque a gravadora foi vendida no mês em que iria lançá-lo.

O trabalho de composição deste Cd aconteceu durante o tempo em que o artista esteve viajando entre Nova Iorque e Europa.

O trabalho traz as idéias usuais da juventude: mudar o mundo, acabar com a ganância, o preconceito e o espírito mercantil que tomou conta do rock'n'roll. Convencer todo mundo a tentar construir um mundo melhor.

Estúdio da artista Pamen Pereira, uma das valencianas que está no MASC

História da filosofia catarinense em livro

Muito do que aconteceu na história da cultura em Santa Catarina e nos estados vizinhos é desconhecido, até agora, por grande parte dos intelectuais e historiadores do sul, como os pioneiros no campo da filosofia, por exemplo. A obra *Notas Sobre a História da Filosofia em Santa Catarina* (Editora Ledix), do escritor João Alfredo Medeiros Vieira vem preencher esta lacuna.

O livro registra nomes e fatos importantes da área filosófica, como o Clube de Cooperação Cultural, grêmio criado por acadêmicos de direito em 1944 e o I.B.F, fundado em 1954. Nomes dos primeiros filósofos catarinenses, como Oliveira e Paiva, Liberato Bittencourt, Gama Rosa, Artur Galetti, Lacerda Coutinho e antigos padres jesuítas, entre eles Dom Joaquim Domingues de Oliveira e Huberto Rohden, também são repassados.

"Tudo aqui se refere a importância da filosofia. São conhecimentos universais, mas trazidos para a realidade cultural do estado de Santa Catarina, que merecia uma obra deste relevo", comenta o presidente da Academia Brasileira de Letras, professor Arnaldo Niskier.

Aos setenta anos de idade, João Alfredo Medeiros Vieira é Juiz de Direito (aposentado), conhecido pro-

fessor e escritor já com 27 títulos produzidos nas áreas da Filosofia, Literatura, Filologia e Direito. Publicou em 1973 *A Prece de Um Juiz*, traduzida para 41 línguas. Filósofo e ensaísta é formado pela PUC do Rio Grande do sul na década de 50 e pertence a numerosas entidades culturais, entre elas o *Avenir de La Culture* e a *Association des Écrivains Catholiques*, com sede em Paris.



Eglê

77

SELEÇÃO • Mais de 3.500 filmes — exatamente 3.562 — foram apresentados à comissão de seleção coordenada por Alain Frémaux. Ele selecionou os 56 que compõem a seleção oficial, nas mostras competitiva de curta e longa-metragem e na prestigiada seção Un Certain Regard. Cada vez há mais controvérsia na avaliação dos critérios dessa seleção.

INFLUÊNCIA • A revista "Variety", que defende os interesses de Hollywood, disse que a seleção do ano passado privilegiava os filmes com participação francesa na produção. O grande vencedor da Palma de Ouro, de qualquer maneira, foi um filme americano — *off*-Hollywood, "Elefante", de Gus Van Sant. "Diários" tem participação francesa. "La Niña Santa" foi escrito por Lucrecia Martel na França, graças a uma bolsa que ela recebeu. A polémica deve continuar este ano.

AULAS • Há um festival paralelo de filmes pornôs. E existem as lições de cinema. Todos os anos, um grande do cinema dá a sua lição de como fazer filmes. Este ano, o professor será Stephen Frears e o interessante é que Cannes amplia as aulas. Haverá mais duas Master Classes — uma de ator, com o bergmaniano Max von Sydow, e a outra de música, a cargo de Lalo Schiffrin.



Cristiane Fontinha

Zeca Pires acredita na influência do Cinema Novo na produção cinematográfica brasileira

Exemplo na forma cooperativada de produção

Florianópolis — O alagoano Cacá Diegues, diretor de "Deus é Brasileiro" (2003), tinha 22 anos quando criou um dos episódios de "Cinco Vezes Favela" (1962), um dos filmes mais citados da época do Cinema Novo. Foi bem depois, em 1987, que o catarinense Zeca Pires o conheceu, durante as gravações de "Um Trem para as Estrelas". Foram seis meses de trabalho em conjunto, que resultaram numa amizade que perdura até hoje. "Quando falávamos sobre o Cinema Novo, ele sempre defendia o que foi feito naquela época, apesar de algumas pessoas repudiarem e dizerem que, apesar de retratar o povo, aqueles filmes não tinham um contato muito próximo com o público, eram muito intelectualizados e não chegavam a atingir a população", recorda.

O próprio Zeca Pires diz que não dá para negar a influência do movimento. "Foi uma época de excelentes filmes e grandes mestres do cinema brasileiro. Era um cinema voltado para a questão social, para o povo, para a cultura popular", afirma. Uma das facetas que mais chama a

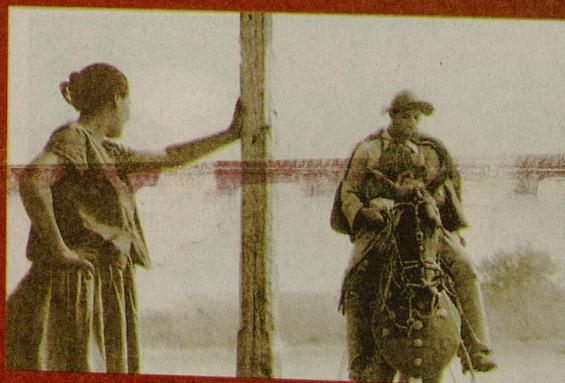
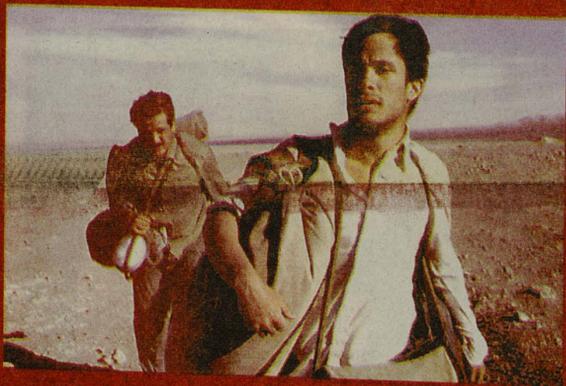
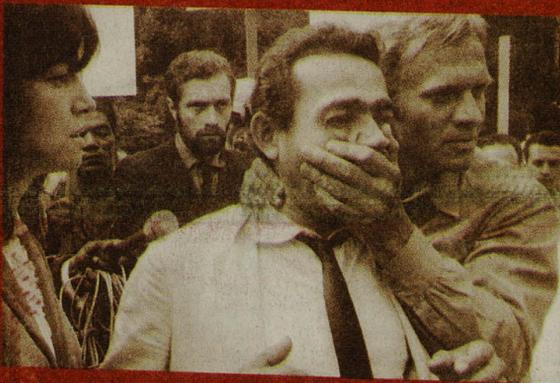
atenção de Zeca no Cinema Novo é a forma cooperativada de produção entre os cineastas. "Eles eram empreendedores, quase não tinham dinheiro. Às vezes alugavam um apartamento e todo o pessoal ficava hospedado no mesmo local, para não aumentar os gastos", conta.

A escritora Eglê Malheiros, uma das integrantes do Grupo Sul, lembra quando foi realizada em Florianópolis, em 1962, a Semana do Cinema Novo, patrocinada pelo gabinete de relações públicas do governo de Santa Catarina. "Foram exibidos diversos filmes, com vários horários alternativos, que depois eram seguidos de debates. O pessoal lotava as salas de cinema, tanto as pessoas mais intelectualizadas quanto o público em geral", recorda. Para Eglê, o movimento foi importante para a afirmação da cultura brasileira.

Opinião bem diferente tem o escritor Olsen Jr. "Eu achava aquilo um horror, histórias sem começo nem fim. Outro dia tentei assistir 'Deus e o Diabo na Terra do Sol', do Glauber Rocha, e não consegui. Gos-

to de histórias lineares, e acho que o cinema tem de ser diversão. Se não consegue nem isso, não dá", afirma Olsen, completando que "o nacionalismo é o refúgio da canalhice".

Estudante da sexta fase do curso de cinema da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Mara Salla credita ao Cinema Novo uma importância fundamental. "Foi um movimento político, inspirado no neo-realismo italiano, que ocorreu em toda a América Latina. Glauber Rocha mostrava a verdade nua e crua do Brasil, o que não existia na época. Foi uma maneira de romper a censura, quando todos os meios de comunicação sofriam com ela, e também romper com o padrão americano. Era um ato de patriotismo, um movimento libertário", afirma a estudante, que considera "Terra em Transe" o melhor filme dessa época. "Eu tinha uma certa resistência ao Cinema Novo, mas durante um período de férias assisti tudo do Glauber Rocha e passei a gostar. Ele é polêmico, uns amigos outros odeiam. Acho que na verdade eu não gostava por não conhecer", completa. (DB)



"Terra em Transe" (E), "Diário de Motocicleta" (C), "Vidas Secas" (D)

Tapete vermelho para as produções

LUIZ CARLOS MERTEN
AGÊNCIA ESTADO

Cannes — Desde quarta-feira até o dia 23 a nata do cinema mundial — *la crème de la crème*, como dizem os franceses — desfila pelo tapete vermelho do 57º Festival International du Film, em Cannes. O mais importante encontro de cinema do mundo organizou uma seleção para cinéfilo nenhum botar defeito. A mostra é vitrine de lançamento para os novos filmes de alguns dos maiores ou mais badalados diretores — e documentarista americano Michael Moore, os diretores de ficção Emir Kusturica, Wong Kar-wai e Kore-Eda Hirokazu, o primeiro duas vezes vencedor da Palma de Ouro (por "Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios", em 1985, e "Underground — Mentiras de Guerra", em 1995), os outros dois ainda tentando a primeira Palma.

A grande festa do cinema foi inaugurada quarta-feira com "La Mala Educación", de Pedro Almodóvar, com Gael García Bernal, o ator de "Diários de Motocicleta", fazendo um travesti. O filme evoca os verdes anos do cineasta, quando o fim da ditadura do generalíssimo Francisco Franco promoveu o desbunde geral no país.

Ano muito especial para o Brasil. Cannes coloca o foco sobre o cinema brasileiro, homenageando o Cinema Novo numa mostra especial, além de incluir filmes ligados ao País — o longa "Diários de Motocicleta", de Walter Salles, o curta "Quimera", de Erik Rocha e Tunga — na competição. O foco não estará só no Brasil. A América Latina ganha

uma importância extraordinária, com diversos filmes participando da competição ou sendo exibidos em mostras paralelas.

"Diários", embora produzido com capitais da Inglaterra e da França, é um filme latino. "La Niña Santa", de Lucrecia Martel, da Argentina, com participação francesa, é outro título importante da competição. Afinal, a talentosa Lucrecia criou o filme que se transformou no maior evento do cinema argentino nos últimos tempos — e o filme "Pântano" ("La Ciénaga") ganhou o prêmio de diretora estreante no Festival de Berlim de 2001 e agora está em cartaz na cidade, com suas imagens poderosas sobre a derrocada moral (e até física) da classe média do país que hoje mais resiste às pressões do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A política marca o encontro. Michael Moore, que usou Cannes para promover "Tiros em Columbine" há dois anos, assumindo-se como liderança contra o presidente George W. Bush — o maior alvo de seus ataques —, não perderá a oportunidade de fazer do novo documentário, "Fahrenheit 911", a ponta de lança de sua pregação contra a reeleição do presidente americano.

A política se faz presente em outros filmes — no de Lucrecia Martel, de novo recolhendo na crise moral da nação o subsídio estético para outra obra que poderá ser tão poderosa quanto "Pântano"; e no Walter Salles, que reconstrói a utopia revolucionária no sonho do jovem Alberto Guevara, na sua fase pré-Che.

Walter Salles na disputa

No início do ano, "Diários de Motocicleta", de Walter Salles, foi retirado na última hora do Festival de Berlim para tentar a sorte na mostra de Cannes, a mais prestigiada do mundo. O filme sobre a viagem de iniciação de um jovem Che Guevara, agora em cartaz em Florianópolis, está entre os 18 filmes que disputarão a Palma de Ouro da edição 2004 do festival francês. O País também será representado na categoria curta-metragem, por "Quimera", de Eryk Rocha e Tunga.

A seleção deste ano apresenta três filmes da casa, "Clean", de Olivier Assayas, "Exils", de Tony Gatlif, e "Comme un Miracle", de Agnes Jaoui. Alemanha, Itália e Grã-bretanha compõem com um filme cada. A Bósnia, com o novo de Emir Kusturica, completa a relação de europeus.

A Ásia comparece em peso à mostra competitiva. São dois filmes da Coreia do Sul, de Hong Sang-soo e Park Chan-Wook; dois do Japão, de Oshii Mamoru e Kore-Eda Hirokazu; um de Hong Kong, China, do mestre Wong Kar-wai (de "Amor à Flor da Pele"). E o cinema tailandês faz sua estréia em Cannes, com "Tropical Malady", de Apichatpong Weerasethakul. O Irã, vedete da mostra há anos, ficou de fora desta vez.

Também marcam presença os Estados Unidos, com três produções pouco tradicionais: a animação "Shrek 2", o novo longa de Michael Moore (do polêmico "Tiros em Columbine") e o novo dos irmãos Coen, "The Ladykillers". Completa a seleção o argentino "La Niña Santa", de Lucrecia Martel.

Infografia ANC

OS CONCORRENTES

Brasileiros está na seleção

"Diários de Motocicleta", de Walter Salles, Brasil

"La Niña Santa", de Lucrecia Martel, Argentina

"Clean", de Olivier Assayas, França

"Exils", de Tony Gatlif, França

"Comme un Miracle", de Agnes Jaoui, França

"The Life and Death of Peter Sellers", de Stephen Hopkins, Grã-Bretanha

"Le Conseguenze dell'amore", de Paolo Sorrentino, Itália

"Die Fetten Jahre Sind Vorbei", de Hans Weingartner, Alemanha

"Zivot je Cudo", de Emir Kusturica, Bósnia

"Shrek 2", de Andrew Anderson, EUA

"Fahrenheit 9/11", de Michael Moore, EUA

"The Ladykillers", de Joel e Ethan Coen, EUA

"Nobody Knows", de Kore-Eda Hirokazu, Japão

"Innocence", de Oshii Mamoru, Japão

"A Mulher É o Futuro do Homem" de Hong Sang-soo, Coreia do Sul

"Old Boy", de Park Chan-Wook, Coreia do Sul

"Tropical Malady", de Apichatpong Weerasethakul, Tailândia

"2046", de Wong Kar-wai, China



RAUL SARTORI

E-MAIL: sartori@matrix.com.br

Divulgação: Lair Bernardoni

CHAMARIZ

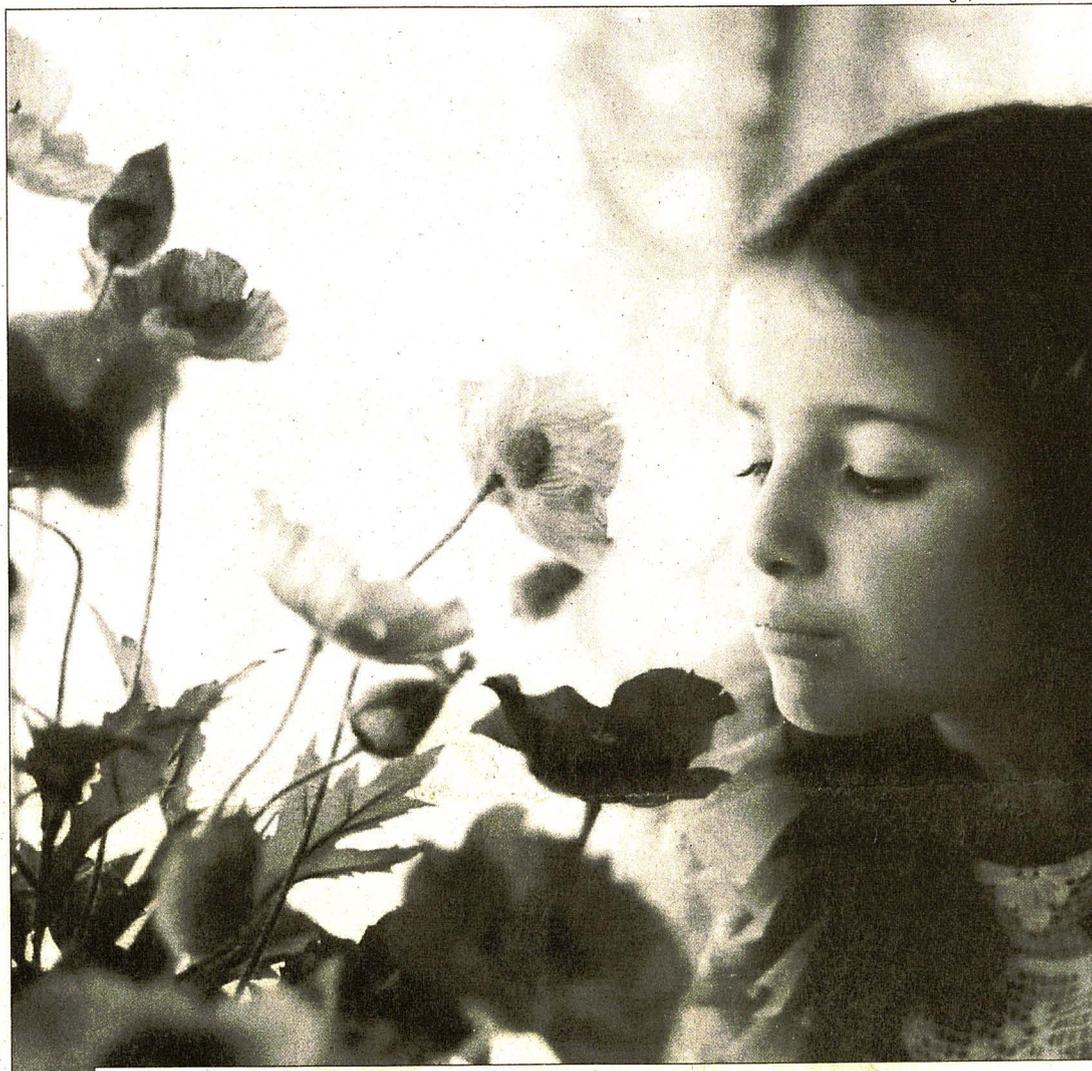
A TV italiana está prestes a agendar a exibição da minissérie brasileira "A Casa das Sete Mulheres", na qual Laguna, Anita e Giuseppe Garibaldi integram a trama. A expectativa na cidade histórica catarinense e no governo do Estado é de que a exibição tenha reflexos na vinda de turistas italianos para Santa Catarina. O embaixador Itamar Franco está fazendo contatos.

Volta ao mundo

O longa-metragem "O Mundo em Duas Voltas", da família Schürmann, está sendo finalizado para ser lançado até o final do ano. O investimento é de R\$ 1,5 milhão, garantido pelo patrocínio de uma empresa catarinense, via leis de incentivo à cultura. Primeiro, será mostrado no circuito nacional de salas de cinema, e logo em seguida na TV, brasileira e estrangeira. Também deverá ser comercializado em DVD, em versão ampliada.

Sonho caro

A compulsão de muitos catarinenses do Sul em emigrar para os Estados Unidos, onde já estão alguns parentes, é tanta, que um bando de vigaristas, mexicanos e brasileiros, alegando que a fronteira agora está supervigiada em toda sua extensão, aumentou a cotação para fazer a travessia. Cobravam, em média, US\$ 5 mil por pessoa, excluindo passagem aérea até o México. Agora, a não ser em casos raros, que dependem do local da fronteira a ser ultrapassada, o custo subiu para no mínimo US\$ 8 mil por pessoa. E não faltam "clientes".



PRIMAVERA

Nicole Bernardoni Hoffmann — pura luz — para iluminar o domingo dos leitores

Garoto-propaganda

Sem cobrar cachê, o nadador catarinense Fernando Scherer — uma das grandes esperanças de medalha para o Brasil nas Olimpíadas de Atenas — estréia neste domingo campanha nacional na TV contra a asma, doença que afeta 19 milhões de brasileiros e da qual se livrou aos 13 anos, ao começar a nadar.

Memória

Salim Miguel, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Jr., Silveira de Souza, Rodrigo de Haro e Miro Morais, entre outros escritores e também artistas plásticos, estão participando intensamente da rememoração do Grupo Sul. O movimento que trouxe o Modernismo para o Estado está no documentário "Modernos do Sul", que em breve será lançado. Porém, as comemorações não param por aí. A "Revista Sul", editada de 1947 a 1957, vai ganhar uma edição especial, com obras inéditas dos participantes do grupo. Está sendo organizada pela jornalista Kátia Klock e pelo escritor Dennis Radünz. Será distribuída no dia do lançamento do documentário.

Incultura

Dos 293 municípios catarinenses, apenas Florianópolis e Itajaí conseguiram viabilizar até agora leis municipais de incentivo à cultura, com descontos no pagamento de tributos, como Imposto sobre Serviços (ISS) e Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). São Bento do Sul está próxima de ter a sua. Um levantamento recente indica que apenas 50 empresas de Santa Catarina estão atualmente investindo em cultura. A maioria quase absoluta ignora tal oportunidade de investimento.

Túnel do tempo

Tem muito a ver com o passado de Vera Fischer, de sua família e de milhares de alemães e seus descendentes em Santa Catarina o papel que a atriz interpretará no longa-metragem "A Sombra do Passado", que começa a ser gravado em novembro, em Gramado. Conta a história de imigrantes alemães que, nos anos 40, apelavam para atos desesperados para suportar as proibições do regime de Getúlio Vargas.

Silêncio

Os relógios das catedrais são uma espécie de patrimônio imaterial da população de centenas de cidades mundo afora. Reúnem à sua volta muitas histórias e até anedotário, o que os tornam quase que cultuados. Em Florianópolis, cuja catedral é tricentenária — um motivo a mais para que estivesse lá, batendo as horas — jaz há tempos em profundo e lastimável silêncio. Lamentável e triste. Até os sinos da catedral andam bimbando cada vez menos.

Harmonia

Merece um estudo sociológico, antropológico e vários outros do gênero o incrível entendimento político a que se chegou em Santiago do Sul, na região de Chapecó. Com 1.104 eleitores, acertou-se candidatura única a prefeito (salário de R\$ 4,5 mil) e vice. Os nove vereadores atuais (salário de R\$ 700,00) serão reeleitos. Os 1.695 habitantes do município são na maioria de descendência italiana, alemã, polonesa e africana.

FREE LANCER

DOAÇÃO • A novela "Senhora do Destino" fará uma campanha para incentivar a doação a museus. A boa intenção do autor Aguinaldo Silva é mostrar que, no Brasil, coleções importantes são desfeitas em leilões e que a doação a museus é comum no exterior, mas rara ainda no País. O Museu Nacional de Imigração e Colonização, de Joinville, é um bom exemplo. Nos seus 43 anos de existência, sempre estimulou a iniciativa. Muitas vezes, sua comissão de amigos se deslocou a diversas cidades para promover doações de valor histórico, quer para ele ou para a cidade onde estava o bem. Isto ajudou o museu a formar seu valioso acervo, com 13 coleções e um universo de 5 mil peças.

O MÁXIMO • Comissão de especialistas da área de química do Ministério da Educação deu parecer favorável com conceito "A" para o reconhecimento do curso superior de tecnologia em alimentos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de Chapecó.

EVENTOS • Empresários do turismo de Florianópolis com negócios no Norte da Ilha de Santa Catarina começam a se mobilizar para, em forma de pool, viabilizar um ousado empreendimento na região. Trata-se de um grande centro de convenções, até maior que o já existente (e com agenda cheia) no centro da cidade.

HINO • A Comissão do 15º Congresso Eucarístico Nacional (CEN), que está preparando o maior evento da Igreja no Brasil e que terá a arquidiocese de Florianópolis como sede entre os dias 18 e 21 de maio de 2006, está lançando o CD comemorativo ao evento. Com oito faixas, traz a letra e música compostas pelo padre Ney Brasil Pereira, a oração do CEN rezada pelo arcebispo dom Murilo Krieger, além de diversas versões pastorais da música.

GENTE • Com chancela pública, se tem dado muitos títulos honoríficos em Santa Catarina. Alguns mercedores, uns nem tanto, outros indignos da honraria. Um dos injustiçados até agora é o futebolista Valdo, atualmente no Botafogo. Com 40 anos, diz que vai parar no final do ano, fazendo história. Figura humana ímpar, é um dos craques mais longevos do futebol brasileiro, dignificando-o, sempre. Mais que qualquer outro, há muito está por merecer a Medalha do Mérito Anita Garibaldi, a maior honraria catarinense.

BISTURI • Convidados especiais de missões internacionais para operar mutilados da eterna guerra entre Israel e Palestina na Faixa de Gaza, os irmãos Zulmar e João Justino Accioli de Vasconcelos agora também estão juntos em clínica de cirurgia plástica que acabam de inaugurar no centro de Florianópolis.

79

TURISMO. PÁGINA

Anexo



QUARTA-FEIRA • 19/5/2004

SANTA CATARINA



ARENA
JOINVILLE

Respeito ao meio-ambiente.



Fotos Divulgação

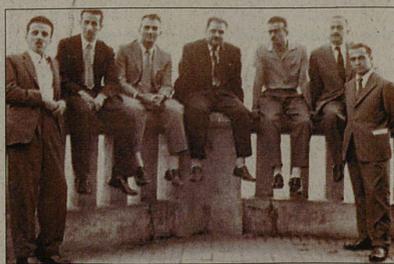
A revolução de 1947

HISTÓRIA
Set de filmagens (alto) do vídeo dirigido por Kátia Klock (abaixo, D) e que tem como base depoimentos de participantes e conhecedores do Grupo Sul (D e abaixo, nas fotos históricas)



Vídeos e fotografias completam a produção

Fotos Divulgação/Originais em PB



Entre os relatos das histórias de "Os Modernos do Sul", vão figurar também imagens em vídeo e fotografias da época. Paralelamente, serão inseridos ainda pequenos esquetes de textos de participantes do Grupo Sul. Em um deles, "O Homem sem Paisagem", de Odi Fraga, são exploradas causas humanas e existenciais, características do estilo do autor.

Outra montagem encenada se passa na praça 15 de Novembro, na Capital, e foi inspirada em um conto de Adolfo Boos Júnior, chamado "O Dia do Juízo". Nela, os atores Severo Cruz, Renato Torres, Waldir Brazil e Luciana Makowieck contracenam com a onipresença do "Divino", entre os raios de luz que transpassam as folhas da figueira. Na composição, entram ainda cenas ambientes da época, captadas entre 1937 e 1943 pela mulher de Manoel Gama Lobo D'Eça, o Barão de Batovi, a fim de retratar os costumes locais, a estrutura da cidade e o comportamento das pessoas.

Há também a encenação de uma discussão polêmica entre figuras do grupo e o colonista Altino Flores, representante da Academia Catarinense de Letras (ACL), que tinham colunas na mesma página no jornal "O Estado" e degladiavam em palavras, em 1949. Segundo Klock, o movimento dividia opiniões: quem aceitava, gostava de verdade; quem repudiava, odiava com todas as forças. "Nos depoimentos, eles me contaram que eram chamados de comunistas, malucos, pederastas", relata a diretora.

Depois de dois anos de planejamento, as gravações apenas foram feitas entre cinco e 30 de abril último. E mesmo assim, só foram possíveis com recursos vindos, em agosto de 2003, de empresas que patrocinaram a idéia por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Até o momento foram gastos R\$ 60 mil. Para finalizar a peça e distribuí-la, Kátia Klock precisa de outros R\$ 38 mil. Além de aplicados em aluguéis de equipamentos, de locações e pagamento de mão-de-obra, por exemplo, os recursos também foram usados para realizar estudos históricos. "Nessa pesquisa, vi três movimentos importantes em Santa Catarina: o Idéia Nova, com Cruz e Sousa e Virgílio Várzea; o surgimento da Academia Catarinense de Letras (ACL), em 1924, e a criação do Grupo Sul", relata.

A intenção da diretora é distribuir o documentário em escolas e centros culturais. O lançamento deve abranger, além de Santa Catarina, os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. (LC)

Diretora lança em julho documentário sobre a efervescência cultural gerada pelo Grupo Sul

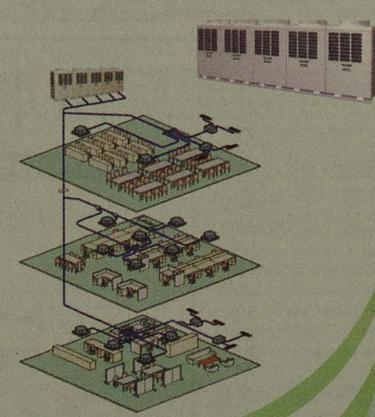
LUIZ CHRISTIANO

Florianópolis — "Não ponha essas poesias no documentário." Esse foi o apelo que Salim Miguel fez a Kátia Klock, na tarde de 14 de abril último. Eles estavam em um aconchegante bar, em Santo Antônio de Lisboa, na Capital. O relato foi feito durante as gravações de um vídeo sobre o Grupo Sul, um dos maiores movimentos culturais já registrados em solo catarinense. A produção dirigida por Kátia tem o título de "Os Modernos do Sul" e, após ser finalizada no próximo mês, deve ser lançada em julho. Nela, figuram nomes que revolucionaram a cultura de Santa Catarina por meio da literatura, do teatro e até do cinema, nos anos 50.

Com a declaração acima, Salim queria dizer que nem tudo o que produziam aqueles jovens entre 16 e 25 anos era bom. Apesar do depoimento, Kátia contesta. "Alguns escritos da época são considerados os melhores feitos por eles", conta. Ela se refere às obras "Velhice e Outros Contos" e "Rede", de Salim Miguel, duas dos 15 livros publicados pela Editora Sul, fomentada pelo grupo. Naqueles anos, o escritor fez dois ou três poemas por experimentação sem muitos requintes literários, o que justifica a vexa.

Mas foi assim, experimentando, que os agitadores culturais trouxeram uma revolução, que, aliás, não esteve presente apenas nas artes. "Além de inovar a dramaturgia e a literatura, o movimento sacudiu também a sociedade", explica a diretora. O vídeo deve ficar fechado em 50 minutos e conta com relatos de integrantes e simpatizantes do movimento cultural. Além de Salim Miguel, são depoentes Eglê Malheiros, Silveira de Souza, Adolfo Boos Júnior, Rodrigo de Haro, Archibaldo Neves, Walmor Cardoso Silva, Aldo Nunes e Doralício Soares. Entre os simpatizantes, estão Décio da Gama e Leatrice Moellmann, além de Celestino Sachet, Lauro Junkes, Marco Stroich e Fábio Brüggemann.

Na colheita dos depoimentos, o momento mais marcante foi registrado na data em que Salim execrava as primeiras composições poéticas, naquele 14 de abril, em que se reuniram oito membros do extinto grupo. "Nesse dia, a equipe de produção viu eles se lembrando da época, recitando poesias, lendo textos", relembra Kátia. A cineasta estuda "casar" o lançamento do documentário com o de um livro do jornalista Dennis Radünz, que reúne contos escritos nos anos 50 por Salim Miguel, Guido Sassi, Adolfo Boos Júnior e Silveira de Souza.

COMO REDUZIR EM 40% SEU CONSUMO DE ENERGIA SEM ABRIR MÃO DO CONFORTO?

A Casa Carrier já conta com o mais avançado sistema de ar-condicionado disponível no mercado, o MMS (sistema multi-modular) da Toshiba. Um sistema inteligente que oferece maior capacidade de refrigeração, gerando uma economia de energia de 40% ao ano. Faça-nos uma visita e conheça as muitas outras vantagens do MMS Toshiba.

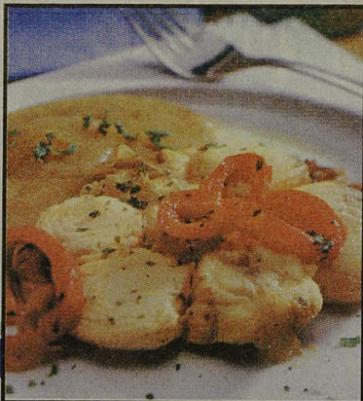
- Com uma condensadora é possível interligar até 40 evaporadoras (ou climatizar até 40 ambientes);
- É necessário projeto de execução por engenheiro registrado no CREA;
- A consultoria para dimensionamento de carga térmica é gratuita.

Av. Getúlio Vargas, 470 - Joinville - Santa Catarina
Fone 47 423 2266 - www.refrigeracaomanchester.com.br

Variedades Gastronomia

DIVULGAÇÃO/DC

Carne de peixe, rica em vitaminas e ômega-3



DIÁRIO CATARINENSE

SEXTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 2004

DOCUMENTÁRIO

Modernos do Sul de novo em revista

O resgate de uma publicação catarinense

FÁBIO BIANCHINI

O lançamento do documentário *Modernos do Sul*, da jornalista Kátia Klock, no dia 1º de setembro, na sala de cinema do Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, será acompanhado pelo da edição especial da *Revista Sul*, organizada por ela e o escritor Dennis Radünz.

A publicação traz obras novas e antigas dos integrantes do movimento cultural que trouxe o modernismo para Santa Catarina nos anos 1940.

A revista especial, com programação visual da designer Vanessa Schultz, tem 64 páginas e tiragem inicial de mil exemplares, a mesma da original, publicada entre 1947 e 1957, num total de 30 números, como o veículo do Grupo Sul, originalmente chamado Círculo de Artes Modernas. A nova é dividida em duas partes: a primeira, chamada *Origens*, traz textos da época e mostra a repercussão da revista e a correspondência dos seus autores com intelectuais de todo o Brasil e do exterior, especialmente os países africanos de língua portuguesa. Na segunda, chamada *Devires*, estão os trabalhos produzidos pelos remanescentes.

Entre os artistas apresentados estão Eglê Malheiros, Miro Moraes, Walmor Cardoso da Silva, Ody Fraga e Silva, Hassis, Tércio da Gama, Hugo Mund Jr, Adolfo Boos Jr, Silveira de Souza. O escritor Salim Miguel, além de ceder em primeira mão o capítulo inicial de seu próximo livro, *Ma-re Nostrum*, colaborou com poemas de Guido Wilmar Sassi, que

tinha guardados desde 1956. Sandra Meyer, filha de Meyer Filho, também encontrou obras ainda inéditas do pai, assim como Zeca Pires, filho de Anibal Nunes Pires, e Amílcar Neves, sobrinho de Archibaldo Cabral Neves. Rodrigo de Haro, além de colaborar com desenhos do pai, Martinho de Haro, participa com suas próprias obras.

A sugestão de criar o número especial surgiu quase por acaso, em abril, durante um encontro que Kátia promoveu com alguns dos componentes do Grupo Sul para o documentário. Dias depois, Salim publicou a idéia em sua coluna no *DonnaDC* de 25 de abril. "Concluo com a brincadeira do Walmor (Cardoso Silva): por que não se ressuscita a revista, que durou 10 anos, nem que seja um único número para acompanhar o documentário da Kátia", dizia o texto. A jornalista levou a idéia adiante, com a colaboração de Radünz e apoio da Fundação Catarinense de Cultura.

Radünz conta que se impressionou com a jovialidade e o entusiasmo dos remanescentes do Grupo Sul, que, perto dos 80 anos, têm todos sempre várias idéias e projetos a realizar. A publicação, explica, reúne em apenas um volume coisas que seriam de difícil acesso, já que as primeiras edições da *Revista Sul* hoje são raras. Mas, para ele, a importância do novo número não é apenas histórico:

- Se fazer cultura em Santa Catarina hoje em dia já é o fim do mundo, imagine em 1948. A geração de hoje não tem o mesmo senso de articulação e coletividade. E o Grupo Sul tem valor no presente, para o leitor de hoje.

fabio.bianchini@diario.com.br



JULIO CAVALHEIRO/DC/FLORIANÓPOLIS

KÁTIA KLOCK: Jornalista e diretora do documentário editou a nova revista (abaixo) com Dennis Radünz

SUL

EDIÇÃO ESPECIAL

Era uma vez uma ponte

Como nasceu e como morreu a Revista Sul — dos primeiros poemas a um filme *O Preço da Ilusão*

ARTIGO DE ROBERTO DE SANT'ANNA

Era uma vez uma ilha. Uma ilha e uma ponte. Uma ponte e um grupo de poetas. Os rapazes do Sul. Uma revista surgiu, em janeiro de 1948, na ilha. E teve vida própria. Poeta que transportou para o Brasil uma série de valores, uma série de ideias, uma série de sentimentos que, sem eles, provavelmente não existiam. Assim, o Sul do Brasil nasceu e nasceu com a Revista Sul.

Em geral, antes que uma revista ou um grupo literário se forme, pode-se dizer que já existe uma espécie de ponte, ou seja, uma conexão. Com o Sul, a conexão aconteceu. Dez anos. Dez anos de luta e utopias que culminaram com um sentido histórico total da cultura do sul de Santa Catarina. E o movimento cultural, principalmente a contemporaneidade, com a realização de *O Preço da Ilusão*. Filme que Salim Miguel, Eglê Malheiros e Nélio Nascimberto estão prontos a lançar, como fruto de suas atividades desamadas. Agora o resgate do último número da

revista número 30. Dez anos. Muitos caíram, sofreram na vida profissional, mas a SUL, continuou afirmando que aquela iniciativa de 1948 não era um sonho de infância: insoscríveis que assim agiram para manter o povo sulista. Criaram as condições com o tempo e com a vontade de publicações de poemas e movimentos esportivos com o nome de cadentes. Da para contar porque e por quando o governo tentou tanto desistir para com as coisas de cultura. Sim, porque a SUL, não se por falta de verba monetária. Move, porque neste País ainda é preciso fazer arte e manter a tradição. Move. Da para contar no nome que os artigos, poemas e passagens de contos, peças teatrais, não de fazerem alguns. Mas, sobretudo, renova, a literatura, o movimento e o sentido, para as experiências com o tempo. E depois, Dom Quixote. Odo. Complemento. Fundação. Aracá. Diálogo. Horizonte 22 e quantos mais existem por aí. Cada qual com uma história, uma trajetória e muitas

mortes iguais. Mas, neste país o que mais precisa, cremos, é a incompreensão. E aí os próprios rapazes se engajam e se unem, com muita razão... complementar, mas que chegou um momento em que uma revista não pode ser mais aceita com complacência, como uma publicação de poemas, de poemas, momentos, experiências. Ou ela é aceita como uma revista

literária, como tal, com valores específicos próprios, ou então, mesmo que sua situação financeira seja boa ela não tem razão de existir".

* Livro publicado no Diário de Minas, Belo Horizonte, 16 de março de 1958.



Ilustração de Miro Moraes, da série de esquetes sobre o Grupo Sul, publicada no jornal O Espírito, 1957.

Documentário e revista revivem Grupo Sul

Movimento cultural trouxe o modernismo à Santa Catarina dos anos 40

Florianópolis — A Capital tem uma famosa ponte. Chama-se Grupo Sul. Foi ela que uniu ao modernismo uma ilha e um Estado isolados culturalmente nos anos 40 do século passado, 25 anos depois da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em 1922. As histórias dessa ligação podem ser conferidas hoje, no pré-lançamento do documentário "Modernos do Sul", da jornalista Kátia Klock. A exibição ocorre no Café Matisse, no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis. Paralelamente, será lançada também uma edição especial da "Revista Sul", em celebração à antiga publicação dos modernos.

Sobre os lançamentos, Kátia define: "Ela (a revista) é quase uma homenagem. O documentário é para registrar". O audiovisual, em 52 minutos, remonta a trajetória do Círculo de Arte Moderna — mais tarde transformado em Grupo Sul, que sacudiu a sociedade catarinense entre os anos 40 e 50 e trouxe o que de melhor havia em literatura,

artes plásticas e teatro a Santa Catarina. Kátia se diz suspeita para discorrer comentários sobre o movimento, mas ampara sua opinião à de pesquisadores e críticos com os quais conversou para realizar a produção. "Eles (membros do grupo) tinham o ímpeto de mudar, de inovar, e conseguiram. Com a revista, fizeram com que escritores daqui fossem conhecidos fora e apresentaram aqui autores nacionais", exalta, destacando que o movimento recebeu muitas críticas quando lançou a revista; seus escritores, conta a diretora, foram taxados de "comunistas" a "pederastas".

Com a produção, Kátia tem por intenção fazer um "resgate da memória cultural do Estado", segundo diz. "O objetivo é trazer à tona o maior movimento de cultura de Santa Catarina", explica. Para tanto, ela ateu-se a não partir do ponto de vista de que os espectadores conhecessem a história do grupo.

Lançada ao mesmo tempo, a edição especial da "Revista Sul" é

dividida em duas partes. A primeira, "Origens", traz textos antigos já publicados nas edições originais, incluindo contos, poesias e uma carta de Carlos Drummond de Andrade ao grupo. Em "Devires", a segunda parte, estão letras inéditas de autores como Salim Miguel, Eglê Malheiros e Adolfo Boos Jr., entre outros, mais uma tradução do conto "Ein Brudermord", de Franz Kafka, por Silveira de Souza.

BAÚ DA MEMÓRIA

As duas peças lançadas, para Kátia, além de remexerem no baú da memória cultural, podem trazer também novos rumos para as produções contemporâneas. "Para produzir algo interessante, é bom ter parâmetro do que foi feito anteriormente", chancela. Além de Santa Catarina, a diretora quer distribuir o material em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre. As mostras devem ser realizadas em institui-

ções culturais e universidades. Ainda não há previsão de datas.

■ O QUÊ: Pré-lançamentos do documentário **MODERNOS DO SUL** e da edição especial da **REVISTA SUL**, de Kátia Klock. QUANDO: Hoje, 19h30. ONDE: Café Matisse, Centro Integrado de Cultura (CIC), av. Irineu Borhausen, 5.600, Agrônômica, Florianópolis, tel.: (48) 333-1619. QUANTO: Gratuito.

Divulgação



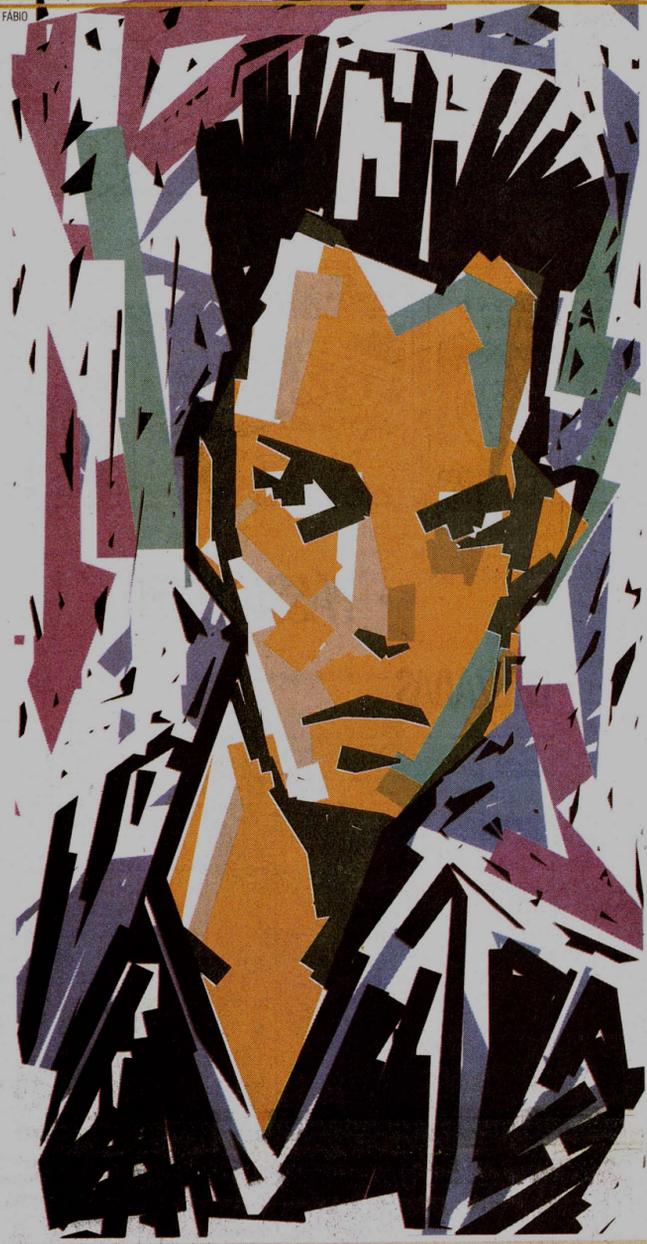
Salim

ANEXO

VARIEDADES • CULTURA • LAZER

QUARTA-FEIRA
12/7/2006 — SUPLEMENTO DE A NOTÍCIA
NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EDITOR: FABIANO MELATO
anexo@an.com.br
(47) 3431-9102



LITERATURA

Memória moderna

EdUFSC reedita "A Ponte", o único livro de Antônio Paladino, integrante do Grupo Sul morto precocemente aos 24 anos

JÉFERSON LIMA
FLORIANÓPOLIS

Antônio Paladino (1925-1950), o poeta florianopolitano morto aos 24 anos, está de volta. Paladino foi ressuscitado por outro poeta. Há pouco mais de três anos em Florianópolis, o carioca Sílvio Barros, autor do livro "Poema-Crime", foi surpreendido pela poética de Antônio Paladino na "Antologia da Poesia Catarinense", organizada pelo escritor Silveira de Souza.

Ao tentar conhecer mais poemas de Paladino, descobriu que o único livro do poeta era "A Ponte — Prosa e Verso", publicado postumamente pelo Grupo Sul em 1952, e com edição esgotada. Na época, com a morte precoce de Paladino, os modernistas foram à casa de seus familiares e obtiveram a cessão de seus escritos: poemas, contos, reflexões sobre a poesia, apontamentos de caderno, trechos de cartas. O livro foi publicado com mil exemplares e com prefácio de Salim Miguel.

E foi com Salim que Sílvio Barros descobriu os dois últimos exemplares da edição cinquentenária. Com o original, o poeta carioca começou a trabalhar para a reedição do livro e levou o projeto para Alcides Buss, diretor da Editora da UFSC

(EdUFSC). O resultado é o lançamento, hoje, da segunda edição, às 10 horas, no Centro de Comunicação da UFSC, em Florianópolis.

"Ele criou um texto de vigor num mundo de repetição e apatia. Seu lirismo corrosivo e berrante não caberia nesse simulacro de paraíso pequeno-burguês que se tornou a máscara do mundo atual", diz Sílvio a respeito da poesia de Paladino. O organizador da publicação defende um viés simbolista em Paladino, uma ramificação de Cruz e Sousa (1861-1898) e Ernani Rosas (1886-1955). Sílvio considera Paladino o Rimbaud da avenida Mauro Ramos, por onde o poeta catarinense costumava circular.

No lançamento, hoje, haverá também uma reflexão sobre a vida e a obra do bardo catarinense. Sílvio Barros apresenta "Pulsões Simbolistas". Os debates literários vão ter ainda a presença da pesquisadora Zilma Nunes, que vai apresentar a palestra "Decifrações", e a professora Valdézia Pereira, responsável pela "Confluência Modernista". Estudantes de letras da UFSC vão apresentar uma

performance.

Salim Miguel vai dar seu testemunho em torno de Paladino, um de seus primeiros amigos em Florianópolis. Junto com outros escritores, eles publicaram o jornal "Cicutu" e formaram o núcleo inicial do Grupo Sul. Salim diz que Paladino era um escritor em evolução e

tinha talento e inteligência para produzir uma grande obra, que poderia ser em prosa, poesia ou mesmo na crítica literária. "Toninho", como era chamado pelos amigos, sofria

de asma e morreu de tuberculose. Por duas vezes esteve internado no Hospital Nereu Ramos. Na segunda, não resistiu.

• O QUÊ: LANÇAMENTO DO LIVRO "A PONTE — PROSA E VERSO", DE ANTÔNIO PALADINO (1925-1950), ORGANIZADO POR SÍLVIO BARROS E PUBLICADO NA COLEÇÃO "MEMÓRIA LITERÁRIA DE SANTA CATARINA", PELA EDITORA DA UFSC. QUANDO: HOJE, ÀS 10 HORAS. ONDE: AUDITÓRIO HENRIQUE DA SILVA FONTES, DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DA UFSC, CAMPUS DA TRINDADE, FLORIANÓPOLIS, (48) 3331-9408. QUANTO: R\$ 19,80, 157 PÁGINAS.

Prosa e Verso

Fragmento do conto "Canto em Surdina"

"... Sentir que essas mulheres, de vez em quando, nas horas de desalento que acontecem quase sempre nas intermináveis noites de insônia, crescem devagarinho, se avolumam e se tornam imensas. Ver depois, então, com um não sei que de frustração incômoda e inquietante, uma sombra perdida: uma silhueta difusa esbatendo-se, sufocando-se no meio delas, rolando, rolando, a sair num vazio sem fim, enquanto elas, as mulheres, abraçam todas, uma o ombro da outra, constituindo uma muralha enorme, impossível de ser escalada..."

Cantiga Triste

Da ponta dos dedos os versos escorrem
Pegajosamente

Os versos caminham
E esparramam a sua mensagem
Por onde passam...
São versos indecisos...

E eles vibram
E são castigados

O desequilíbrio do mundo afoga os versos que morrem

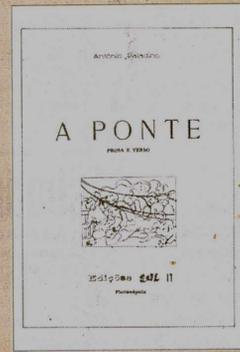
E o desequilíbrio vem
E os versos gritam de medo
São vozes angustiadas
Que se apagam no silêncio.

E os homens sofrem como eles.
E os homens gritam como eles.

O desespero dos homens vem e invade os versos que nascem.

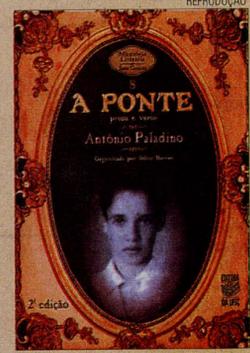
E os versos perguntam
Como os homens que choram:
A ordem... onde está a ordem?
Só o silêncio responde
E os versos se perdem no caos...

REPRODUÇÃO/ ORIGINAL EM PB



Capa de "A Ponte — Prosa e Verso", impresso em 1952 (acima), reeditado e lançado hoje (abaixo)

REPRODUÇÃO



RUBENS DA CUNHA

Convidado pela professora Sílvia Paulo, lá fui eu para Ibirama falar com crianças cujas idades giravam em torno de seis anos. Obviamente, não escapei daquilo que Cazuzu nomeou como "a inocência cruel das criancinhas com seus comentários desconcertantes". PÁGINA 3

JOSÉ ANTÔNIO BAÇO

Friedrich Hayek é o paizão do neoliberalismo. Suas teorias são fundadoras de um pensamento que estabeleceu uma mudança de paradigma: o homem deixou de ser a medida das coisas. Só importa o mercado. O ser humano se tornou descartável. PÁGINA 5

ROCK

Morre Syd Barrett, fundador do Pink Floyd
PÁGINA 3

TURISMO

Araxá, a estância para quem quer só relaxar
PÁGINA 4

AR CONDICIONADO SPLIT Toshiba Inverter Multi System



Capacidade de 10.000 ; 13.000 e 16.000 btu/h.

- Ciclo Frio e quente frio. Climatiza até 4 ambientes com uma única unidade condensadora (unidade externa).
- Poupa Energia;
- Alta potência, silêncio e precisão;
- Conforto;
- Preserva a camada de Ozônio;
- Design compacto e moderno;
- Ar puro e saudável: filtragem 6:1 (Filtros anti-bactéria, vírus e mofo; Filtro que reduz reagentes alérgicos;
- Filtro anti-odores, agentes químicos e poluentes; filtro anti-oxidante)

TOSHIBA



47 3423-2266 Av. Getúlio Vargas, 470 - Joinville - Santa Catarina
www.refrigeracaoamanchester.com.br

Golpe de 64

As repercussões na Capital

Depois de quase uma década afastado do poder estadual, o PSD retornou ao Palácio do Governo de Santa Catarina. O trágico acidente aéreo de 16 de junho de 1958 promovera modificações inimagináveis no quadro político catarinense devido ao desaparecimento simultâneo de três de suas principais figuras: o político de estatura nacional, Nereu Ramos; o jovem deputado federal afinado com JK, Leoberto Leal; e o governador Jorge Lacerda.

Fracassado na tentativa de substituir o irmão mais velho nas eleições para o Senado um ano antes, em 1960, Celso Ramos elege-se governador, tendo como vice Armando Doulet de Andrade, do PTB. A aliança entre os dois partidos em nível regional estimulava rivalidades nas fileiras da UDN e demais partidos conservadores que não iriam assistir à progressiva perda de seus espaços políticos sem reagir.

A vida pacata de Florianópolis voltava a se agitar em decorrência de mudanças na política nacional. O governo do trabalhista João Goulart e suas propaladas reformas de base, num clima de forte agitação sindical e política, ferrem o caldo à beira de entorná-lo.

Embora ilegal, o PCB atuava à luz do dia sem ser molestado. Com jornal, gráfica, sede e livraria na Praça XV de Novembro, os comunistas ocupam também cargos nos órgãos federais, onde é maior ainda o número de petebistas. Têm participação intensa no movimento sindical.

Os grupos políticos herdeiros da vertente autoritária de matriz integralista estão alertas e ativos. Além de abrigar seccionais de entidades financiadas pelo capital multinacional com o propósito de influir no processo eleitoral brasileiro (Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD e Ação Democrática Popular - ADP), Florianópolis tem relevante militância de inspiração católica e vezo conservador.

Quando os militares depõem o presidente da República, em 31 de março de 1964, praticamente não há reação. Sem esquemas especiais de segurança, tanto comunistas como trabalhistas são presos ou obrigados a fugir apressadamente. Não há resistência. Quem quis enfrentar os golpistas, como o funcionário dos Correios e Telégrafos, Nésio Jaccques, chegou a viajar para Porto Alegre. "Nem havia o que fazer", recorda Nésio, que foi preso ao retornar a Florianópolis. Acusado de integrar os chamados "grupos dos onze" idealizados por Leonel Brizola, ficaria 78 dias encarcerado.



Livraria Anita Garibaldi, antes do arrombamento e posterior queima dos livros. Salin Miguel é 3º à direita

Clima tenso entre comunistas, que agiam abertamente, petebistas e ala conservadora era barril de pólvora

Religiosos pedem a censura prévia

Ainda deputado federal, o futuro governador Jorge Lacerda recebeu um veemente apelo da Congregação Mariana Nossa Senhora do Rosário para que desse início a uma campanha para estabelecer a censura nas publicações brasileiras de modo a fazer "frente a esta onda de males e moralizar a imprensa".

Subcrita por Emanuel Campos, Celestino Sachet, Luiz Adolfo Olsen Veiga e outros, a correspondência sugeria que a futura legislação instituindo a censura tivesse por base o recente decreto do governo Lázaro Cardenas, do México.

No referido texto legal, detalhando em minúcias tudo quanto seria objeto de pesada punição (multas e prisão), além dos autores das obras consideradas "nocivas à sociedade" também estavam sujeitos à penas "os que exibam ou vendam" publicações proibidas.

Marx e Lênin na fogueira

A última porta da atual farmácia Vitória, na Praça XV de Novembro era a entrada da livraria Anita Garibaldi - ponto de encontro de intelectuais, artistas, jornalistas e políticos desde os anos 50. Nos primeiros anos da década seguinte, seus proprietários, Armando Carreirão e Salim Miguel, venderam-na para o Secretário-geral do PCB catarinense, Fernando Pereira Cristino.

No dia 3 de abril de 1964, o principal dirigente comunista de Santa Catarina já estava longe, pois conseguiria fugir nas primeiras horas do dia seguinte ao golpe - não viu é claro, a enorme fogueira que ardia na calçada em frente à livraria e cujo combustível eram livros e filmes científicos.

O jornal "A Gazeta" de dois dias depois noticiou o sinistro como obras de populares que após arrombarem a loja, retiraram de dentro

"todos os livros de literatura marxista, puseram fogo em plena via pública sob os aplausos da multidão que ocorreu ao local." O periódico, sem esconder suas posições contra o governo João Goulart, fazia questão de enaltecer o atentado, frisando que "o povo florianopolitano deu provas sobejas de sua fibra democrática, extinguindo um foco pernicioso que há anos se instala no coração de nossa Cidade".

Numa seleção de textos sobre o período em Santa Catarina, publicado pela editora Vozes, em 1988, o então diretor do Departamento de História da UFSC, Valmir Martins, revelou a entidade e o principal protagonista da cena que poderia ter servido de inspiração para o premiado filme "Fahrenheit 451". Círculo Operário (segue alinhado do IBAD e da ADP) e Nereu do Valle Pereira (ex-vereador e principal líder local do Partido Democrata Cristão).

Fora o Beiramar, que outro shopping tem tudo perto, inclusive a sua casa?

BEIRAMAR
SHOPPING



Os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros junto com o co-roteirista do longa *O Preço da Ilusão*, E.M. Santos (D)

EVENTO

Artistas sulinos

Várias atividades lembram hoje os 60 anos do Grupo Sul

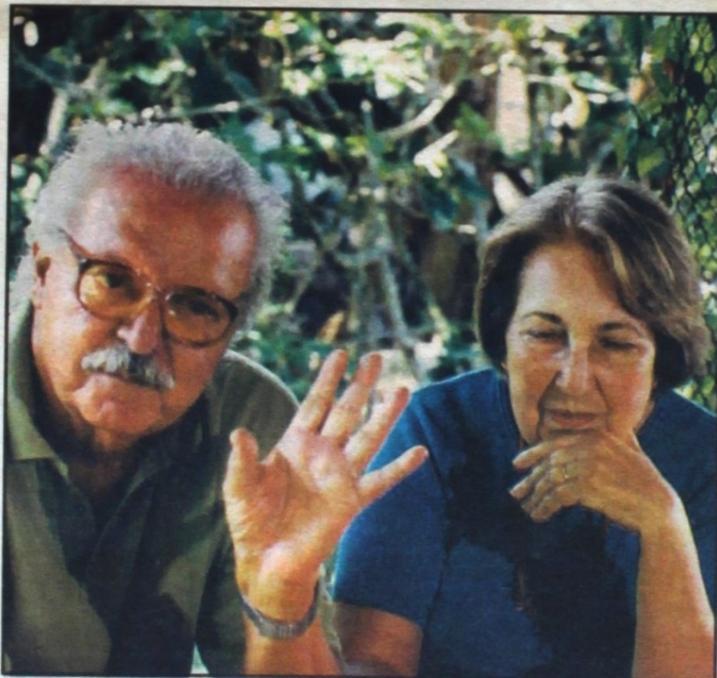
As seis décadas passadas desde o surgimento do movimento modernista em Santa Catarina serão abordados no colóquio *Memórias de Uma Modernidade Periférica: 60 Anos do Grupo Sul*, que integra a 1ª Semana Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O evento começa hoje à noite, a partir das 18h30min, com a exibição do documentário *Modernos do Sul* (2004), dirigido por Kátia Klock, e a abertura de uma exposição organizada pela professora Tânia Piacentini.

Após a exibição do filme, será realizado um debate com a diretora e os escritores Salim Miguel, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Jr., Silveira de Souza, Walmor Cardoso de Oliveira e Osvaldo Ferreira de Mello. A programação acontece no Auditório Henrique Fontes do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e prossegue amanhã. O Grupo Sul surgiu em 1947 e teve uma importante atuação nas áreas de teatro, literatura, artes plásticas e cinema em Santa Catarina. O grupo formado por jovens artistas fundou em 1948 a revista *Sul*, que circulava nos países africanos lusófonos, Uruguai e Portugal.

Os representantes da revista também faziam com que ela chegasse em diversos estados do Brasil, principalmente onde havia maior efervescência cultural.

A exposição é semelhante àquela apresentada em abril na Biblioteca



Cena do documentário *Modernos do Sul*, de Kátia Klock, com Salim e Eglê

Barca dos Livros, na Lagoa da Conceição, e tem na coleção capas da revista, artigos, fotos e desenhos.

O colóquio está sendo organizado pelas professoras Simone Schmidt, da UFSC, e Luciana Wrege-Rassier, da Universidade La Rochelle (França). Luciana também vai lançar durante o evento a tradução francesa do livro *Primeiro de Abril - Narrativas da cadeia*, de Salim Miguel, que foi um dos integrantes do Grupo Sul. Neste livro Salim narra de forma ficcional os dias em que ficou preso durante a ditadura militar.

Brasileira radicada na França, Luciana Wrege-Rassier também participa, amanhã, de debates sobre os temas Florianópolis-Brasil, século

Serviço

Quando: hoje e amanhã

Onde: Auditório Henrique da Silva Fontes, no Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC

Horário: hoje a partir das 18h30min. Amanhã, às 10h30min e às 16h

Ingressos: entrada gratuita

Informações: (48) 3721-9293 e

20, que começa às 10h30min, e Literatura, Memória, Identidade, prevista para às 16h, com a participação da professora Zahidé Lupinacci Muzart e do escritor Flávio José Cardozo.

SÉRGIO DA COSTA RAMOS



sergio.ramos@diario.com.br

Sorvete

Há mil e quinhentos anos os chineses já conservavam sucos de frutos a uma temperatura próxima de zero, com o auxílio das propriedades gelatinosas de suas algas marinhas.

A técnica migrou da China para a Pérsia e de lá para os países árabes do Norte da África. Estes levaram a novidade para a Sicília, no século 12, servindo-a como grande atração na mesa do rei Rogério, de Palermo. A delícia gelada, que já animava os asiáticos há quase dois mil anos, popularizou-se no Ocidente em plena Idade Média. Catarina de Medicis levou o Sorbet para Paris e "charlou" com a novidade em suas sobremesas, "sucesso" garantido nas cortes francesas.

Desde então, o sorvete alivia a canícula de todo Verão, seja na versão sofisticada dos "cremosos" ou dos "aguados", como o picolé do "Barão", rústica sorveteria à beira-mar, na Floripa dos anos 1960.

A "chef" Maria Lúcia Gomensoro traçou a evolução do sorvete ao longo da história:

- No século 13, confeitores sicilianos passaram a adicionar leite e creme de leite ao gelado. No século 18, em Palermo, estabeleceu-se a primeira sorveteria comercial. E, pela primeira vez na vida social, alguém convidou um vizinho para tomar um gelado na rua:

- Vamos ali na sorveteria da esquina tomar um sorvete de creme?

Sua denominação é uma simbiose de duas expressões, árabe e turca: charab, bebida, combinada com o turco Chorbet (bebida fria).

Do italiano "sorbetto" para o português "sorvete", foi um "já". A palavrinha entrou para o português "brasileiro" no século 18, mas a primeira sorveteria nacional ficava no Paço de São Cristóvão e não atendia ao grande público. Era a "cozinha" do Paço Imperial, preparando as sobremesas geladas do grande glutão D. João VI.

Na minha infância, o sorvete tinha um endereço igualmente "nobre".

Ficava na Rua Antônio Luz, ao lado do Castelo Amarelinho da Casan, o mictório público que antecedia o Miramar. Tratava-se da "Sorveteria do Barão". Velho sobrado de telhado limoso e degraus altos, chão de cimento grosseiro. Ali, no térreo do velho casarão, um balcão com seis "bocas" de tampas riqueladas armazenava o "sorbet" ilhéu - acessível a "preços popula-

res" para os moleques.

Os sabores mais comuns - côco e creme - serviam também de recheio para dois biscoitos, "cama e cobertor" para o grande sucesso da casa: o "Beijo-frio". Mas a "iguaria" só parecia palatável ao bolso dos moleques aos domingos, depois da "matinada". Isto se sobrasse "algum" depois do cinema. Digamos que esse "Beijo" custasse o equivalente a R\$ 3. Seria preciso economizar no "baleiro", comprar menos "Drops" e "Mentex" no Cine São José. Neste caso, o "Barão" receberia a visita dos fregueses egressos do cinema, em busca de sua especiaria.

A mulher do "Barão", sempre grávida do oitavo ou nono filho, preparava a "cama" com o biscoito casquinha tipo "wafer", ouvindo a histérica recomendação da gurizada:

- Capricha aí, dona "Baroa"...



Hoje seria mais um "carrega aí na mão, hein, 'tia!". E a tia da época caprichava. Acomodava entre as duas bases do biscoito uma alentada dose de sorvete de creme, côco ou chocolate. A mordida, ávida, consumada com sofreguidão, produzia como resultado desastroso o "espirro" do sorvete - um esguicho que acabaria "condecorando" a roupa de domingo. Pronto, chegar em casa, agora, só com a velha cantilena da avó ou da mãe:

- É por isso que esse menino não quer almoçar! Vive se enchendo de porcaria e ainda leva um "banho" de sorvete do Barão! O menino, malcriado, não sabe que é tudo sorvete de "amilina"?

Podia ser. Mas nenhuma festa do Rei de Palermo há de ter se igualado ao puro êxtase da gurizada, esperando a tosca colherada da "Baroa", no preparo do "Beijo-frio" dominical, mil e quinhentos anos depois do primeiro "Sorbet" chinês.

CULTURA

E assim começou o grupo

Em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul

MÁRCIO MIRANDA ALVES

“Florianópolis que me seduz. De dia falta água, de noite falta luz”, era o que costumavam dizer os jovens críticos e inquietos que habitavam a Capital dos catarinenses seis décadas atrás.

A brincadeira sintetiza as rudezas da vida no lugar, mas também não resiste a uma analogia acerca do comodismo artístico em que viviam seus moradores. No dia 7 de novembro de 1947, um espetáculo de teatro começaria a sacudir essa poeira.

Apresentação de três peças em um único ato foi idéia de alguns estudantes e artistas que diziam pertencer ao Círculo de Arte Moderna, que logo passaria a ser conhecido por Grupo Sul.

Com o dinheiro da bilheteria, os jovens pagaram os custos das primeiras edições da Revista Sul, publicação que circulou durante uma década no Brasil e no exterior e revelou alguns dos principais nomes da expressão artística catarinense.

Com um atraso de 25 anos em relação à festa da Semana de Arte Moderna de 22, as idéias modernistas chegaram a Florianópolis já carregadas de novos conceitos, não atreladas apenas à renovação estética, mas também às questões sociais.

Foram 10 anos de muita intensidade cultural. O grupo mudou a cultura tradicional catarinense – afirma a professora Tania Piacentini, que neste ano organizou exposições sobre o Grupo Sul e tem em seu acervo particular todos os números da Revista Sul.

Nas edições da revista, o Grupo Sul tratava de praticamente todas as formas de expressão artísticas, mas principalmente literatura, artes plásticas e teatro. Eglê Malheiros, que atuou numa das peças apresentadas naquela noite de 1947, lembra que na época apenas quem viajava a São Paulo poderia ter a chance de

assistir a um espetáculo teatral.

– Tínhamos uma necessidade interior de estabelecer contato com a sociedade, mas tudo acontecia em São Paulo e a comunicação era precária – conta Eglê, que lia teoria teatral e peças publicadas em revistas.

Na época, ser modernista era sinônimo de “comunista”

O escritor Adolfo Boos Jr. passou a integrar o grupo quando este já caminhava para a dissolução, na segunda metade da década de 1950.

Na Revista Sul, Adolfo Boos publicou o seu primeiro conto e pouco depois lançou o primeiro livro, Teodora. O escritor conta que precisou ocultar da família sua participação no grupo, cujos integrantes não eram bem vistos nas sociedades. Na época, ser modernista era sinônimo de “comunista”.

– Eu tinha tias que eram professoras e abominavam essa idéia de modernismo. Versos sem rima era algo inimaginável – diz Adolfo Boos.

Em 2004, a cineasta Kátia Klock apresentou o documentário Modernos do Sul, o qual somente agora poderá ser visto pelo público. O filme recebeu incentivo da Lei Rouanet para a reprodução de mil cópias, que estão sendo distribuídas nas instituições culturais e de ensino.

– Houve outros movimentos isolados, mas nenhum como esse do Grupo Sul. Eram idealistas, sonhadores e intelectuais – comenta Kátia.

Outro projeto de resgate e preservação da história do Grupo Sul deverá ser feito pela Sociedade Amantes da Leitura, também conhecida como Barca dos Livros. A sociedade com sede da Lagoa da Conceição vai propor num projeto a captação de recursos para realizar foto-filmagem de todas as páginas das edições da Revista Sul. Os 30 números da revista, que circulou entre janeiro de 1948 a 1957, poderão em breve estar disponíveis em CD.

marcio.alves@diario.com.br

Variedades



O grupo formado por Arquiwaldo Neves (já falecido), Silveira de Souza, Tércio da Gama, Eglê Malheiros, Adolfo Boss Jr, Salim Miguel, Walmor Cardoso da Silva e Miro Morais se reuniu em 2003

Entrevista | Salim Miguel | ESCRITOR

“Nós éramos mais audaciosos”

Diário Catarinense – Como foi a recepção dessa peça na época?

Salim Miguel – Um movimento como esse não começa na data que a gente determina. Eu costumo comparar ao nascimento de um filho, que pode ser gestado hoje, mas vai nascer daqui a nove meses. E a data de aniversário é o dia em que ele nasceu, não o dia em que foi gerado. Então, o movimento que começou se chamando Círculo de Arte Moderna e mais adiante, por causa da revista, ficou conhecido como Grupo Sul, surgiu quando passamos a se reunir, primeiro esporadicamente e depois com regularidade no segundo semestre de 1947. Era o pós-guerra e em todo o Brasil estavam surgindo revistas de jovens, cerca de 40 no país. Só que não tínhamos contato com os poderes oficiais e nem queríamos ter. Queríamos um movimento inteiramente independente. Então o Ody Fraga, que tinha alguma experiência de teatro, sugeriu que fizéssemos um espetáculo no Teatro Alvaro de Carvalho, com três peças em um ato, porque seria mais fácil de apresentar num prazo curto. Pensamos em três peças com poucos personagens. Lotamos o teatro, tanto que foi preciso fazer uma segunda apresentação. Só que na segunda apresentação substituímos a peça do Ody por uma adaptação de um conto de Sartre, do existencialismo, que era a grande novidade da época. A adaptação se chamou *As estútuas volantes* e foi apresentada pela primeira

vez na pacata e acomodada Florianópolis em texto de Sartre. Com o recursos desses dois espetáculos conseguimos tirar dois ou três números da revista. Já estávamos nessa altura coletando material e em janeiro de 1948 lançávamos o primeiro número da Revista Sul. Nós nunca tínhamos entrado numa gráfica, não sabíamos o que era programar uma revista visualmente. O projeto era apresentar seis números por ano, bimestral, mas isso só foi possível no primeiro ano. A partir do segundo a revista saía quando era possível, graças a uma pequena venda avulsa, algumas assinaturas e a ajuda de alguns amigos que nos davam anúncios. Já no terceiro ou quarto número conseguimos que a revista fosse composta e impressa na Imprensa Oficial. Isso durou até o último número, só que no intervalo da revista também publicávamos livros. Foram duas coleções, *Cadernos Sul*, com sete cadernos, e *Edições Sul*, com oito. De forma que em 10 anos tiramos 45 publicações. Esses cadernos tinham formato de livro, com 200 a 330 páginas, tiragem de mil exemplares e distribuição nacional.

DC – Como foi possível montar uma estrutura com correspondentes até fora do país?

Salim – Em 1948 havia acabado de sair o segundo número da revista e o Flávio de Aquino, que era um arquiteto e crítico de arte de família catarinense, mandou uma



Reprodução do programa do primeiro espetáculo teatral do Grupo Sul, no TAC, na Capital

carta para o Aníbal Nunes Pires, na qual dizia que tinha ficado surpreso ao receber a revista e que imaginava uma revista como aquela, na Florianópolis tão acomodada, somente no século 21. E que o Marques Rebelo estava interessado em fazer uma exposição de arte contemporânea, como fazia em outros estados, mas dependia do nosso apoio para que ela se realizasse. A exposição foi feita e ele fez três palestras, que por um lado indignaram e por outro entusiasmaram os assistentes. Numa noite, conversando, ele disse: vocês já estão fazendo relação e permutas com publicações de outros estados, não querem chegar a outros países? Isso era o nosso sonho. Então ele nos deu dois endereços, um em Moçambique e um em Portugal. Em pouco tempo estávamos publicando jovens escritores portugueses e autores de colônias africanas de fala portuguesa, principalmente de Angola e Moçambique. Quando a revista terminou nós estávamos em contato com quase 20 países. O resultado

disso tudo é que a revista passou a ser mais conhecida em outros estados do Brasil e no exterior do que em Florianópolis e Santa Catarina.

DC – Havia preconceito contra os que trabalhavam na revista? Houve muita resistência?

Salim – Houve muita resistência. Durante um ano mantivemos uma acalorada polêmica com o nome mais representativo da tradição literária de Santa Catarina (Altino Flores), pelo jornal *O Estado*. A polêmica começou tratando de problemas literários e culturais e no final desembocou para ataques pessoais. Ele era um polemista nato. Eu costumava dizer que quando ele não tinha ninguém com quem polemizar, ficava diante do espelho e brigava com ele mesmo. (M.M.A.)

Leia a entrevista com Salim Miguel na íntegra e veja a relação dos integrantes do Grupo Sul em: dc.clicrbs.com.br

Muito barulho no palco e na cidade

ALÍCIA ALÃO

No dia em que estreou o primeiro espetáculo de Teatro de Câmara em Florianópolis, em 7 de novembro de 1947, ser moderno mesmo era tomar guaraná Knot em garrafas grandes. Ou assim dizia o anúncio da página três do jornal *O Estado*.

O periódico, no entanto, destacou em letras garrafais e no alto da mesma página a apresentação de três peças em um único ato promovido pelo Círculo de Arte Moderna, com o patrocínio do Centro Acadêmico XI de Fevereiro da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

As chamadas para o espetáculo foram publicadas na véspera e no dia da apresentação. Iniciavam com a exclamação “Finalmente!”, revelando a grande expectativa sobre a realização do espetáculo daquele grupo de jovens estudantes do ensino superior.

O *Diário da Tarde*, assim como *A Gazeta*, publicou nota sobre o espetáculo, mas sem tanto realce. No meio da página, entre anúncios, classificados e pequenas notícias, figura um quadro com a programação da noite.

As 20h de sexta-feira (dia 7), no Teatro Alvaro de Carvalho, o primeiro recital do Círculo de Arte Moderna apresentaria o seguinte programa: *O Homem da Flor na Boca*, de Luigi Pirandello; *Como Ele Mentiu ao Marido Dela*, de George Bernard Shaw; e *Um Homem Sem Paisagem*, assinado por Ody F. e S. (Fraga e Silva), este um integrante do grupo catarinense.

Ator da primeira peça, o escritor Salim Miguel, então com 23 anos, fez o papel de homem pacífico, dividindo o palco com Aníbal Nunes Pires, o homem da flor na boca. A esposa de Salim e também escritora, Eglê Malheiros, interpretou a moça bonita na terceira peça. Outros atores da noite foram Jason Cesar, Lory Balott, Ody Fraga e W. J. Mattos.

O desempenho dos artistas iniciantes causou boa impressão. Em crítica não assinada publicada quatro dias depois da apresentação, no jornal *O Estado*, destaca-se a qualidade dos intérpretes sabendo “de cor os respectivos papéis”, sem depender do ponto.

O texto registra o sucesso da estreia, com casa cheia. Considera promissor o início de um novo movimento artístico “em nossa terra” e profetiza: “por esse caminho, irão longe e poderão proporcionar à nossa culta plateia espetáculos capazes de contribuir para o desenvolvimento cultural do povo e pelo prestígio do verdadeiro teatro”.

Se o propósito da apresentação teatral foi arrecadar recursos para a publicação de uma revista que divulgasse as “novas idéias do mundo atual”, o êxito foi completo. Tanto que mais uma apresentação do mesmo espetáculo foi realizada.

Dois meses depois, em janeiro de 1948, foi publicada a primeira edição da *Revista Sul*. O diretor Aníbal Nunes Pires, que assina o texto de apresentação, avisa que a proposta da publicação é acompanhar as novidades no campo da filosofia, ciência, cultura e, principalmente, nas letras e nas artes. Por princípios, “o grupo não cogita de questões político partidárias e de religião”.

alicia.alao@diario.com.br

CALVÍCIE
Dr. Carlos Uebel
• Mega sessões capilares fio a fio.
• Técnica de referência mundial.
PORTO ALEGRE - BERLIM - MÓDENA
Rua Vitor Hugo, 78 - Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3330.1177
clinica@uebel.com.br - www.uebel.com.br

MARCO MATA
MATA INSETOS

"THE BEATLES"
Show da Cia. Filo de São Paulo.
Você nunca ouviu Beatles assim: mais de 10 músicos no palco e 40 instrumentos.
Dia 09/11 sexta
INGRESSOS: Supermercados Imperatriz, www.nosva.com.br
Novidades > Sushi Bar: Temakeria -

A FOLIA VAI COM FOLIANÓPOLIS
15.11 RAPAZOLLA & EVA
16.11 IVETE & SERAFIM GUERRA
Info: (48) 3028.9400
www.folianopolis.com.br
Realização: ALLIANCE
Clientes Clube de desconto na compra

LITORAL Entrevista

MANOELITO de ORNELLAS

UMA RÁPIDA ENTREVISTA COM O AUTOR DE "GAUCHOS E BEDUINOS" — SEMPRE MANTEVE ÍNTIMO CONTATO DE ESPÍRITO COM OS NOVOS DE SANTA CATARINA — IMPRESSÕES SOBRE O GRUPO DO LITORAL — O GOVERNO E AS AUTORIDADES DEVEM COLABORAR COM ESTA TURMA DE MOÇOS — EM PORTO ALEGRE O ESCRITOR CONTINUARÁ CO LABORANDO COM O GRUPO DO LITORAL — DES PEDIDAS FINAIS

Reportagem de PASCHOAL APÓSTOLO

Levando o abraço de despedida do Suplemento literário de "O Estado", procuramos na sua residência a rua Ferreira Lima, o escritor Manoelito de Ornellas, que deverá regressar ao Rio Grande do Sul, dentro de breves dias. Na sua biblioteca, o escritor amigo, depois da costumeira palestra de todos os sábados, concedeu-nos a seguinte entrevista:

PÓDERIA dizer-nos algumas palavras, com referência a vida intelectual das novas gerações catarinenses a que esteve tão profundamente vinculado, neste ano de 1957?

Minha ligação intelectual com Santa Catarina teve início quando um grupo de jovens escritores e poetas deu forma vitoriosa a Revista SUL. Recordo-me que eu era diretor do "Jornal do Estado", em Porto Alegre, quando o grupo "SUL" apareceu no panorama literário do Brasil. Em seguida, passei-lhe um telegrama de aplausos. E, desde então, mantive com os jovens do "SUL" o mais íntimo contato de espírito. Quando aqui estive, integrando a caravana oficial do Governador General Ernesto Dornelles, intercedi junto ao Governador Irineu Bornhausen a favor desses moços. E prontamente o Governador catarinense atendeu ao meu apêlo e "SUL" manteve circulação em dia. Recordo-me que ao chegar a Lisboa, em 1952, a primeira pergunta que me fizeram os moços portugueses foi se eu conhecia o "grupo sul". Foi para mim uma alegria, pois, em Lisboa ignorava-se a existência de muitos valores das nossas letras, no Brasil, mas não se ignorava a atividade fecunda da juventude bar-

riga-verde. Depois, em torno de meus livros, na casa da Rua Ferreira Lima, surgiram vocês, os jovens do "Litoral".

Caro Manoelito, o que pensa o Sr. destes moços que

ativamente, em Grupo.

Se valem as minhas palavras, numa hora de despedida, que elas se transformem em fervoroso apêlo aos poderes públicos, aos homens que mandam na



o cercaram durante sua permanência em Florianópolis?

Considero uma geração vitoriosa. Que encontrem percalços a vencer e que ainda não sejam totalmente compreendidos, é, até certo ponto, natural. Vocês abrem caminhos novos. E todos os iniciadores deperaram sempre com dificuldade. O essencial vocês conseguiram: interesse do meio por vocês. O meio intelectual de Santa Catarina já os conhece. Já sabe do valor de cada um. O tempo se encarregará do resto. Continuem. Batalhem sempre e vençam, porque vocês são jovens e donos de um sadio e nobre idealismo.

Façam por Florianópolis todo o sacrifício mas elevam o nome desta terra, que é do amor de vocês.

Seria imperdoável que eu individualisasse minha admiração. Não o faria, porque a todos vocês eu dispenso o melhor da minha estima. Prefiro destaca-los cole-

terra barriga-verde, para que lhes seja dado o amparo material necessário à plena vitória da iniciativa que tomaram.

A sua biblioteca muita falta nos fará. Era lá que Litoral, aos sábados, reunia-se para ouvir as palavras de experiência de um mestre.

Comovo-me a referência que é feita no plural, em nome do "Grupo". A distância que nos vai separar não terá, porém, a força de nos distanciar em espírito. Continuo com vocês. De lá, de minha terra, prosseguirei em contácto espiritual com vocês. Hei de escrever a cada um do "grupo" e hei de mandar-lhes livros, informações, palpites. Contem comigo. Ficarei, em coração, dividindo entre o Rio Grande e Santa Catarina, entre os meus amigos daquela extremadura sul e vocês.

O Sr. é um grande entusiasta pelo próximo Festival Brasileiro de Poesia, que o grupo "Quixote" realizará

em outubro de 1958. Haverá possibilidades de estarmos presentes a esta grande festa de poesia?

Vocês lá estarão. O Governo não deixará de proporcionar-lhes os meios de

sil, que é nosso mantenha o prestígio intelectual de que sempre gozou, desde os tempos em que Cruz e Sousa e Alceu Wamosy publicavam sempre poemas simbolista e Virgílio Várzea e Simões Lopes Neto escreviam seus contos praieiros e gauchescos. Mantenhamos a tradição.

Procurem o "Centro de Tradições Gauchas" de Florianópolis. Prestigiem a iniciativa. Trabalhem para que esse centro seja a presença do Rio Grande em Florianópolis. Auxiliem os jovens gaúchos que estudam aqui. Sejam amigos e unidos.

Para finalizar esta entrevista Professor Manoelito de Ornellas, queremos que o Sr. leve para o seu Rio Grande a certeza de que aqui continuamos sempre seus amigos...

Quase dispensaria essa confissão, pela certeza de que deixo em cada um de vocês, realmente, um amigo, um companheiro mais jovem. Contem sempre comigo. Escrevam-me. Procurem-me sempre que forem a Porto Alegre. Estarei sempre solícito aos reclamos desta terra e seu povo, que me cativaram por sua amabilidade.

Levem a todos os catarinenses a confissão de minha simpatia e transmitam a todos, as minhas despedidas. Digam que não me foi fácil desligar-me da paisagem e do povo barriga-verde.

Que os levo no coração, com a sinceridade que é apanágio simples dos gaúchos. Não lhes digo "adeus" que é uma palavra definitiva. Digo-lhes, apenas, "até breve", porque voltarei muitas vezes à terra de vocês, para matar saudades.

irem, em grupo, até lá. O resto será fácil. Vocês contarão comigo em Porto Alegre. E integrarei a "banda" catarinense dos "novos" embora de vocês me distancie o tempo assinalado pelo atestado de registro oficial de nascimento... Mas, Paschoal meu amigo, é velho quem o quer ser. Mesmo do Rio Grande, este Suplemento espera receber sempre colaborações e idéias do Senhor.

E' claro que deve contar comigo. Farei sempre o possível para que entre vocês apareçam os "novos" do Rio Grande, para que Santa Catarina continue na vida de espírito de sua nova geração, a tradição secular do encontro e simbiose com o Rio Grande.

Parece que aos nossos Estados cabe uma responsabilidade enorme, quando se menciona ou invoca o "sul" do Brasil. Nós somos o Sul. Vamos fazer com que este pedaço meridional do Bra-

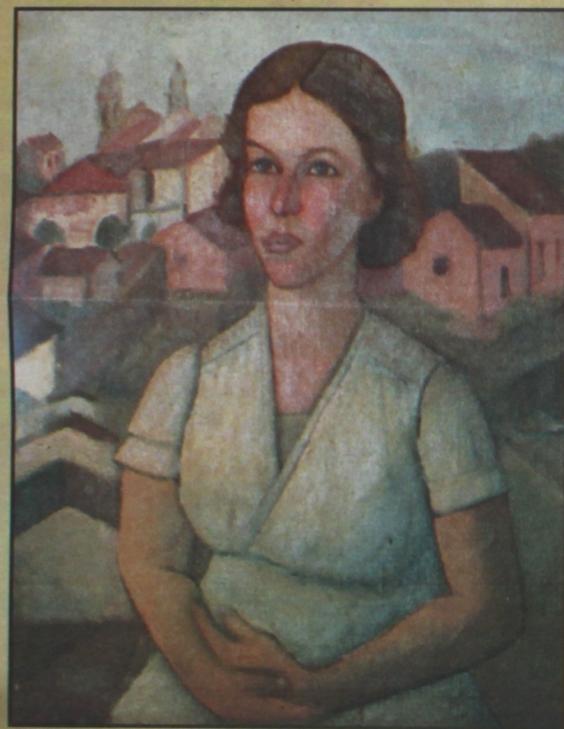
POR SALIM MIGUEL *

Masc sessentão

A atuação de Marques Rebelo e do grupo da revista *SUL* na fundação do Museu de Arte de Santa Catarina

A história do Museu de Arte de Santa Catarina teve início em março de 1948, há exatos 60 anos, quando Aníbal Nunes Pires, diretor da *SUL*, revista do Círculo de Arte Moderna, recebeu de Flávio de Aquino, arquiteto, crítico de arte, catarinense-acariocado, carta dizendo de sua agradável surpresa ao saber que na pacata Florianópolis já se podia falar em arte moderna, coisa para ele só imaginável no século 21. E acrescentava ter mostrado a revista ao escritor Marques Rebelo, que, por igual, se entusiasmara, pois pensava realizar em Florianópolis, a exemplo do que fizera em Resende, Cataguases e Buenos Aires, uma exposição de arte contemporânea, necessitando, para isso, do apoio da turma da *SUL*. Aníbal imediatamente reuniu a turma, menos de uma dezena de gatos-pingados, todos se entusiasmaram com a idéia e, sem medir as conseqüências, disseram que sim. A segunda carta já veio do próprio Rebelo: dizia estar tentando contato com o secretário de Educação, porém o apoio da turma da *SUL* tornava mais viável a realização. No número 3 da revista, dedicado aos 50 anos da morte de Cruz e Sousa, já vinha uma interrogação: "Marques Rebelo em Florianópolis?" No número 4, não mais uma interrogação, e sim uma afirmativa: "Marques Rebelo em Florianópolis". Pouco depois era inaugurada, no pátio coberto do Grupo Escolar Dias Velho, Rua Saldanha Marinho esquina com Vitor Meireles, a exposição de arte contemporânea, escandalizando à quase totalidade dos bem-pensantes donos da cultura e entusiasmando não apenas a turma da *SUL* como também a juventude de maneira geral.

Essa história já é do conhecimento público, graças a matérias publicadas ao longo dos anos. Contudo, sempre é bom lembrá-la, e seu significado para o desenvolvimento, não apenas da pintura, mas das artes em geral em Florianópolis e toda Santa Catarina. Além da exposição, visitada a cada dia por maior número de pessoas, Marques Rebelo pronunciou três palestras, misto de erudição e irreverência. Se, na primeira, não chegou a lotar o auditório, nas duas seguintes, em vista da boca-a-boca, o auditório tornou-se pequeno. Durante os dias em que esteve aberta a exposição e Rebelo em Florianópolis, a turminha estava sempre com ele, seja na exposição, seja em cafés, bares e restaurantes ou sob a figueira da Praça XV, em conversas prolongadas, ele surpreso diante do conhecimento que a turma possuía de literatura nacional e estrangeira, discutindo sua



Retrato de Mariana, tela de José Pancetti que faz parte do acervo inicial do Masc

própria obra, a começar por *Oscarina*, contos, seu primeiro livro publicado. Não apenas o pessoal da *SUL*, muitos outros interessados em cultura queriam conversar com aquele irreverente baixinho que, se era abstemio, fumava desbragadamente e colecionava caixinhas de fósforo. Quando a exposição foi encerrada, ficaram em Florianópolis algumas obras para a implantação do museu, oficializado em 1949, pelo governador Aderbal Ramos da Silva. Sua criação decorrerá de contatos do escritor com o secretário de Educação, Armando Simone Pereira, por intermédio do deputado federal Ivo de Aquino, pai de Flávio, e de Jorge Lacerda, que dirigia o suplemento literário *Letras e Artes*. Entre os quadros expos-

tos, estavam pintores como Portinari, Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Djanira, Pancetti, Burle Marx, Santa Rosa e Lassar Segall, além de reproduções das obras mais representativas da pintura de vários países. Marques Rebelo se apaixonou pela cidadezinha e não a esqueceu, voltando seguidamente à Ilha, da mesma forma como não esqueceu o museu que ajudara a criar. Pouco depois de seu retorno ao Rio, conseguiu, com o governador de São Paulo, Ademar de Barros, doação de quadros dos mais representativos pintores paulistas, e bem logo a primeira escultura, doada por Bruno Giorgi, o mais importante escultor brasileiro. Os três primeiros diretores do museu foram: Saulo

de Oliveira, Martinho de Haro e João Evangelista. Ao sair do pátio escolar, o museu peregrinou por várias casas inadequadas, Rua Tenente Silveira, Avenida Rio Branco e até mesmo o porão do Teatro Álvaro de Carvalho, até chegar ao edifício do CIC, no início dos anos 1980, espaço que, se não é o ideal, é ao menos razoável. A trajetória do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, seu título inicial, que nos anos 1960 passou à denominação de Museu de Arte de Santa Catarina, teve alguns avanços e outros tantos tropeços. Um episódio marcante foi o depoimento de um casal de fora do Estado que reclamou de os quadros não estarem dispostos conforme era praxe e relatou ter se deparado com uma pintura sobre uma mesa e bem no centro dela um copo com restos de bebida. Outro visitante estranhou que um museu com um acervo já valioso estivesse recolhido ao porão de um teatro. Marques Rebelo sempre perguntava pelo museu, e ficava triste ao saber dos problemas que o mesmo enfrentava; ao realizar uma exposição em Belo Horizonte, fez questão de incluir dois garotos: Rodrigo de Haro e José Maria Dias da Cruz, o primeiro, filho de Martinho, e o segundo, filho de Edy Dias da Cruz.

É bom repetir, o museu teve avanços e tropeços, mesmo com diretores que lutaram para afirmá-lo, tanto os três já citados, quanto Aldo Nunes, Carlos Humberto Corrêa, Harry Laus (posso, involuntariamente, estar incorrendo em omissão). Apesar dos muitos problemas, conseguiu crescer e sobreviver, possuindo, hoje, um valioso acervo, além de ser uma referência entre os museus do país. O projeto arquitetônico de Flávio de Aquino para uma sede própria do museu jamais saiu do papel. E se o "abrigo" atual é razoável, não é o ideal e vem enfrentando crescentes dificuldades nos últimos anos. Não faz muito, alguém dizia, para quem quisesse ouvir, que os recursos do museu eram tão escassos que os funcionários precisavam levar papel higiênico de casa e, se tinham sede, compravam água mineral. Outro fato estranho é que, se algum artista de Santa Catarina



A Menina, de Portinari, na exposição realizada no pátio do Colégio Dias Velho



O escritor e crítico Marques Rebelo



A escultura doada por Bruno Giorgi

quiser expor, tem de sair em busca de apoio ou bancar o catálogo, os comitês e o coquetel; muitas vezes, o atual diretor, o mesmo João Evangelista, tem de lançar mão de recursos do próprio bolso para despesas miúdas. No entanto, o fato mais chocante aconteceu há poucos dias: ia ser inaugurada uma exposição com o acervo de Assis Chateaubriand. Providencialmente, antes de os quadros serem descaixotados e expostos, caiu uma chuva e inúmeras goteiras apareceram. O curador se recusou a expor os quadros antes que aquilo fosse consertado, e o secretário de Cultura, Esporte e Turismo do que Cultura, se limitou a lamentar o fato ou coisa parecida. No entanto, não é apenas o espaço do Masc, todo o prédio, construído há um quarto de século, necessita de urgente reforma e há bem pouco tempo esteve para ser interdito.

Nossos governantes, em geral, pouco se preocupam com cultura, apelando que se busque a Lei de Incentivo, deslembreados que ela é pura e simplesmente renúncia fiscal, quer dizer, o governo abre mão de uma parte do que teria de receber e o aplicador pode escolher qual projeto apoiar, optando, em geral, por aqueles que têm mais visibilidade e retorno de mídia, digamos, um show ou uma peça de teatro com importantes nomes tele-

visivos, raras vezes uma exposição ou a publicação de um livro. Mais um exemplo: vai para cinco anos foi organizado um livro intitulado *13 Cascaes*, com trabalhos de 13 contistas da Ilha em que o folclorista, desenhista, escultor, pesquisador das nossas raízes aparecia como personagem. Cada conto com uma ilustração de página inteira do pintor Tércio da Gama. Pois bem: só agora, após cinco anos de várias tentativas de se viabilizar o projeto, a Fundação Cultural Franklin Cascaes, para comemorar o centenário de nascimento de Cascaes, está patrocinando a edição do livro. Apenas mais um exemplo entre muitos. Paire um questionamento insistente: por que os governantes dispõem de milhões e milhões de reais para publicidade e raríssimamente de alguns reais para a cultura? Pelo visto ignoram ou fingem ignorar que a alma de um povo, de uma nação, é sua cultura; daqui a cem anos, para citar um dos nossos, Cruz e Sousa será ainda mais conhecido e estudado; enquanto quem quiser saber quem governava o Estado na época terá de vasculhar a Biblioteca Pública do Estado (do Estado, não do governo).

* Escritor, autor de, entre outros livros, *Mare Nostrum*, *A Voz Submersa* e *Nur*, na *Escuridão*

POR FERNANDO C. BOPPRÉ *

Não é possível abolir por completo aquilo que uma vez uniu duas pessoas: por mais que se esforce, restarão reminiscências. A idéia de "laços" a juntar dois destinos talvez não seja suficiente, já que, de modo geral, um laço pode facilmente ser desfeito ou, em última instância, cortado. Talvez, mais apropriado fosse, pensar em um cabo submarino: mesmo que um dia não se torne mais necessário, ele continuará lá embaixo, nas profundezas, insistindo em ligar as partes, ainda que não tenha mais função prática alguma. Ao decidir conviver sob um mesmo teto, um casal adota o presente e o futuro como tempos verbais da existência. Quando renunciavam a isso e optam pela separação, ambos mergulham no pretérito de tal modo que é preciso resignificar tudo e todos ao redor. Separar-se de um grande amor talvez seja uma das experiências mais drásticas da contemporaneidade, que, contudo, cada vez mais é banalizada, afinal, é preciso logo se recuperar e voltar ao mercado – do consumo, do trabalho, do sexo. Com isso, o casamento e a separação tornaram-se apenas mais uma das tantas experiências a que o sujeito tem que se submeter nos tempos de hoje. Não há mais rito algum, nenhuma passagem possível.

O Passado, último filme de Héctor Babenco, aproxima-se de uma outra possibilidade de experiência sensível do amor. De modo profundo, expõe como o pretérito assola e atua sobre o presente. Discute a impossibilidade de se esquecer por completo. Mesmo porque o passado assinala – seja com marcas, seja com ausências – a existência. Desde o início do filme, os personagens centrais – Rimini (Gael García Bernal) e Sofia (Anália Couceyro) – se deparam com o passado: ambos estão em uma festa, já decididos a se separar, e são surpreendidos por um vídeo com momentos felizes do seu casamento. Desconcertados, anunciam o fim da relação a uma grande amiga. Esta, no entanto, considerava que Sofia iria lhe contar que estava grávida. Não, Sofia não esperava criança alguma: mas naquele mesmo momento, tanto ela quanto Rimini tornaram-se grávidos (carregados, pesados) do passado. Uma criança direcionaria o tempo para o futuro; a separação, contudo, os engravidou do pretérito.

Sofia é uma espécie de trauma para Rimini. Uma forma quase patológica do passado e de amor. Que sempre retorna, independente de sua própria vontade. As narrativas sobre ela nunca deixam de lhe chegar aos ouvidos: seja pelo pai, seja pelo ex-namorado da própria Sofia. Ela está em tudo: no ar que respira. A sutileza do filme não permite emitir julgamentos mo-



Anália Couceyro e Gael García Bernal em cena de *O Passado*, filme de Héctor Babenco baseado no livro de Alan Pauls

O amor passado

Filme de Babenco discute a impossibilidade de se esquecer por completo uma paixão

rais rasteiros. Sofia não é, simplesmente, alguém de quem Rimini não consegue se livrar, um estorvo ou um tormento em sua vida. Não há bem nem mal, pelo contrário, há uma força imperativa que move Sofia sempre em direção a Rimini. A todo instante, seja pelo acaso, seja por insistência, assiste-se ao seu retorno à vida de Rimini. Por vezes, com ternura (como no encontro em um hospital), em outras violentamente (como no caso do seqüestro do filho de Rimini com sua nova esposa, Carmen). Em ambos os casos, contudo, era preciso lidar com o passado, algo que Rimini simplesmente não fez. Por inabilidade ou impaciência, ele se entregou à vida prática sem tempo algum para processar as rupturas.

Rimini começa a perder a memória. O francês e o inglês, idiomas com os quais trabalhava como tradutor, pouco são esquecidos. Uma delicada metáfora: um tradutor que se esquece dos idiomas. A partir de então, cada vez mais ele perde a capacidade não apenas de traduzir as línguas, mas também de interpretar a realidade. Em pouco tempo, desprende-se da vida real e se isola em um apartamento. As pessoas não se separam, elas se abandonam, diz Sofia. Após isso, é preciso que cada um saiba cuidar de si ou, então, decidir conviver com os seus mortos. Sofia é abandonada por Rimini, que é abandonado por Carmen. Por fim, Rimini abandona a si próprio. Decide morrer em vida. Em uma reviravolta, ele acaba sendo salvo pelo

partilhar isso com outras pessoas, criando um coletivo que se auto-sustenta, ainda que precariamente. Ao contrário, Rimini nega-se a pensar sobre o passado e, cada vez mais, isola-se de tudo.

"Essa é a mulher da minha vida", costuma-se afirmar após um longo tempo de relacionamento. No entanto, não é possível afirmar que existe "a mulher" ou "o homem" para toda uma vida, como ordinariamente se diz. No entanto, a existência pode colocar em nosso caminho uma pessoa cuja intensidade e presença acaba por transformá-la na mais importante de nossa vida. Sofia não é a mulher da vida de Rimini. Contudo, sua presença é tão marcante que, mesmo sem decidir, ela acaba por se tornar "a mulher" da vida de Rimini. É sobre seu retrato que ele cheira cocaína. E ali, naquele rosto repleto de memórias, que ele encontra a potência para trabalhar, criar e sobreviver. Rimini sofre de reminiscências. Sofia também. Cada qual a seu modo: aquele no silêncio e na perda da vida contemporânea. Aquela na resignificação extrema do relacionamento, na dramatização dos atos de amor. Sofia e Rimini se amam porque a existência assim o quis. E mesmo separados, continuam a viver uma história de amor. E nem mesmo a falta de memória, o "alzheimer precoce" de Rimini, conseguiu apagar essa marca que, pouco a pouco, transformou-se em ausência.

* Historiador e autor do blog Arte por Extenso (<http://arteporextenso.blogspot.com>)

DIÁRIO CATARINENSE
Cultura

Edição: Dorva Rezende
Diagramação: Fabiano Peres

Telefone: (48) 3216-3590
cultura@diario.com.br

TOTAL
TRAINING
Rua Antônio Lug, 17
48 3028 5521

La correspondance de VOKS

Par B. Gournov

Tous les jours des centaines de lettres, imprimés, télégrammes et colis arrivent à l'adresse de VOKS. Enveloppes et bandes portent des inscriptions en différentes langues, les cachets et les timbres de nombreux pays.

Voici une lettre et la revue universitaire *Clarté*, de Suède. Elles sont attendues par l'historien Alexandre Kan, membre de la Section des sciences sociales de VOKS, qui a fait la connaissance du jeune savant suédois Börje Hanssen, alors que celui-ci visitait notre pays avec la délégation de l'Union des sociétés Suède—Union Soviétique. Rentré dans son pays, Hanssen a envoyé ses ouvrages traitant de l'histoire du village suédois à son collègue soviétique, qui en a parlé aux lecteurs de la revue *Voprossy istorii* (*Questions d'histoire*). Ainsi commença leur correspondance.

Dans sa dernière lettre, Hanssen écrit à Kan que son article ayant intéressé les historiens suédois, la revue *Clarté* l'a reproduit in extenso avec une préface où il est dit, entre autres :

« Il est évident que l'orientation et les méthodes d'investigation des historiens soviétiques et de nombreux savants suédois, les rapprochent les uns des autres, et qu'une collaboration plus étroite dans la recherche historique serait féconde pour les deux pays. »

Non seulement en matière d'histoire, mais dans les autres domaines de la science et de la culture — en botanique et en peinture, en architecture et en médecine, en littérature et dans le cinéma, en musique et en mathématiques — la collaboration devient toujours plus étendue.

La Société anglaise pour les relations culturelles avec l'U.R.S.S. a prié VOKS de lui envoyer les programmes des établissements d'enseignement supérieur de l'U.R.S.S. L'Institut d'énergétique de Moscou, auquel VOKS avait transmis cette lettre, a expédié

en Angleterre des recueils de programmes et de plans d'études, et demandé en retour les programmes des écoles techniques supérieures anglaises.

Le Musée qui porte le nom d'Andréi Roubliov, le grand peintre russe du XV^e siècle, s'intéressait au douzième tome de l'Encyclopédie d'Oxford pour la jeunesse, qui avait publié un article sur l'art russe avec une reproduction en couleurs d'une icône de Roubliov. Avec le concours de VOKS, le musée a bientôt reçu ce tome ; en échange, il a été envoyé en Angleterre le tome de l'*Histoire de l'art russe* traitant de la peinture ancienne et une monographie en couleurs : les *Broderies russes aux perles fines*.

Voici encore quelques lettres de Grande-Bretagne.

La Bibliothèque Shakespeare, de Birmingham, remercie VOKS de lui avoir fait parvenir une collection de photos en couleurs de *Macbeth* au Théâtre Maly de Moscou. Le pli renfermait un numéro du *Birmingham Post* où les photos des comédiens soviétiques, interprètes de ce spectacle, étaient reproduites à côté des photos de leurs collègues anglais dans les mêmes rôles.

À la demande de VOKS, la Société anglaise pour les relations culturelles avec l'U.R.S.S. lui a envoyé un choix de photos des lieux rattachés à la vie et à l'œuvre des écrivains anglais. Cette documentation est destinée à une exposition qui doit avoir lieu à la Bibliothèque de littérature étrangère de l'U.R.S.S.

De son côté, VOKS a envoyé en Angleterre des productions des maîtres soviétiques de la photographie d'art. La Société royale de photographie, conjointement avec la Société pour les relations culturelles avec l'U.R.S.S., a organisé l'exposition de ces photos dans diverses villes d'Angleterre.

Ce n'est pas la première fois que les photos d'art soviétiques sont exposées à l'étranger. Cet été, à la Première exposition internationale de photographie qui a eu lieu à Novi Sad, en Yougoslavie, la Section de photographie de VOKS s'est classée première et a reçu la médaille d'or pour avoir présenté le plus grand nombre de photos de premier ordre.

À la demande de la Société néo-zélandaise de rapprochement avec l'U.R.S.S., qui célèbre son quinzième anniversaire, VOKS lui a expédié une collection de poupées des peuples de l'U.R.S.S. L'exposition de ces poupées

aura lieu en Nouvelle-Zélande, à la fin de cette année. Les collectivités artisanales de la Fédération de Russie, de l'Ukraine et de la Lettonie ont préparé cette exposition. Plus de cent petites « voyageuses » sont déjà en route pour les lointaines rives de la Nouvelle-Zélande.

Une lettre venue des États-Unis parle d'une exposition qui a déjà eu lieu. Il y a quelque temps, l'Université Harvard, dans le Massachusetts, avait prié VOKS de lui procurer de la documentation sur l'Union Soviétique — livres, revues, disques pour une exposition qui fut bientôt organisée à la Rogers House — filiale de l'université. Et voici la lettre de Lawrence Scott, directeur du Comité de Gargoyle pour les relations culturelles, où il écrit que cette exposition et les concerts radiodiffusés de musique soviétique ont eu le plus grand succès.

Les concerts de musique américaine à Moscou et de musique soviétique à Washington sont organisés sur l'initiative de l'Université de Washington, qui a envoyé à VOKS un lot de disques des compositeurs américains.

Les sections de VOKS, qui regroupent les plus grands savants et hommes de culture, mènent une abondante correspondance.

Le président de la Section agricole de VOKS A. I. Touloupnikov, prie le général Petit, Président de l'Association France—U.R.S.S., de bien vouloir lui envoyer une collection de films scientifiques, scolaires et documentaires français. De son côté, il se dit prêt à mettre à la disposition des organismes français, des films agricoles soviétiques.

L'Union égyptienne de culture cinématographique organise chaque semaine la projection et la discussion des meilleurs films égyptiens et étrangers. À la demande de cette organisation, VOKS a expédié au Caire le film d'Eisenstein *Le Cuirassé Potemkine*. Une lettre d'Égypte annonce que ce film a eu un grand succès. À chaque séance, la salle était bondée et la projection souvent coupée d'applaudissements.

À cette occasion, les cinéastes égyptiens ont fait des conférences sur le cinéma soviétique à l'Exposition permanente de VOKS, au Caire. Impressionnés par le film d'Eisenstein, un groupe de cinéastes égyptiens avec, à leur tête, Abd el-Kadr Tilmissani, ont décidé de créer un film illustrant la lutte du peuple égyptien pour son indépendance nationale.

Le professeur F. G. Krotkov, vice-président de l'Académie des sciences médicales de l'U.R.S.S., qui travaille à la publication de nouveaux tomes des œuvres de l'illustre physiologiste russe I. I. Metchnikov, a découvert dans ses archives des lettres de Pierre-Émile Roux, qui fut longtemps directeur de l'Institut Pasteur, à Paris. Le professeur Krotkov désirerait offrir à l'Institut Pasteur les photocopies des lettres du savant français, en échange des copies des lettres de Metchnikov, aux fins de publication. VOKS a communiqué cette proposition du professeur soviétique à l'Institut Pasteur.

Des particuliers de différents pays sollicitent fréquemment des consultations médicales de la Section de médecine de VOKS. Les plus grands praticiens soviétiques répondent volontiers à ces lointains malades.

La plupart des lettres adressées à la Section des arts plastiques de VOKS sont accompagnées d'albums, de reproductions, et, souvent, de dessins originaux, voire de tableaux. L'artiste danois bien connu Herluf Bidstrup vient d'envoyer, à l'intention de ses amis, les artistes Kouprianov, Krylov et Sokolov, qui signent leurs œuvres du pseudonyme de *Koukrynixy*, et le caricaturiste Boris Iéfimov, membres de la section, ses albums récemment parus de dessins faits en Chine.

Voici un paquet venu du Japon. L'institutrice Koga Minako, d'Osaka, dit dans sa lettre la grande impression produite sur elle et sur ses élèves par l'audition de la suite symphonique de Serguéi Prokofiev *Pétia et le Loup*; elle envoie à VOKS 56 dessins exécutés sur ce thème musical par des écoliers japonais.

Le public soviétique a accueilli avec le plus vif intérêt la fondation d'une Section des amis de la science et de la culture française. Savants et artistes, peintres et ingénieurs, de nombreuses villes de l'Union Soviétique expriment leur désir de prendre part aux travaux de cette section.

VOKS reçoit surtout en quantité des livres et revues, des demandes de publications de toute sorte et d'illustrations.

Les collaborateurs de la revue littéraire et artistique *Sul*, publiée au Brésil par un groupe d'intellectuels de l'État de Santa Catarina, écrivent qu'ils désireraient établir, par l'intermédiaire de VOKS, un échange de

VOKS - Moscou - octobre / 1956 - n° 10

publications périodiques. Actuellement, les revues la *Littérature soviétique*, l'*Union Soviétique* et le *Bulletin VOKS* sont régulièrement expédiées à l'adresse de *Sul*. A son tour, VOKS a reçu le dernier numéro de la revue *Sul* avec, en supplément, le roman le *Filet*, dû à la plume du jeune écrivain brésilien Salim Miguel.

VOKS reçoit beaucoup de lettres de différents bureaux d'éditions et instituts scientifiques soviétiques et étrangers.

Les Éditions américaines *Consolidated Book Publishers*, de Chicago, qui publient une Encyclopédie, correspondent régulièrement avec VOKS. Récemment, cette organisation a demandé qu'on lui envoie les photos du Conservatoire de Léninegrad ainsi que les portraits des grands compositeurs russes et soviétiques. VOKS a satisfait à cette demande.

Dans la République Fédérative Allemande prépare l'édition d'un album: *Les plus beaux paysages du monde*. L'éditeur Heinz P. Conte se propose de publier, en guise de préface, deux articles sur l'utilisation pacifique de l'énergie nucléaire, rédigés par des savants, représentant des pays à systèmes sociaux différents. VOKS lui a envoyé une collection de photos et un choix d'articles signés des plus grands savants soviétiques.

L'Institut de géographie de l'Académie des sciences de l'U.R.S.S., qui prépare actuellement une vaste monographie: *l'Argentine*, a prié, par l'intermédiaire de VOKS, l'Institut Argentine-U.R.S.S. pour les relations culturelles de lui envoyer de la documentation sur la géographie économique de l'Argentine.

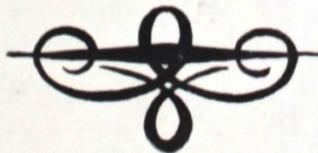
La Maison d'éditions soviétique qui publie des calendriers et des ouvrages de références, demande des renseignements sur les derniers tableaux d'Édouard Manet.

Les Éditions musicales d'État publient un livre: *La culture musicale de l'Inde*. Cette organisation a prié VOKS de l'aider à se documenter sur l'œuvre des classiques de la musique indienne Tyagaraja et Mutuswani Dikshitar et des musiciens modernes de l'Inde — Anil Bisnaz, Salil Choudhuri et d'autres encore. VOKS a communiqué cette demande à la Société d'amitié indo-soviétique.

VOKS reçoit une volumineuse correspondance en relation avec les grands anniversaires culturels. Ces derniers temps, VOKS, en commun avec d'autres organisations, a organisé des soirées commémoratives de Dostoïevski, Ivan Franko, Bernard Shaw, Heine, Mozart, Corneille, Ibsen, Pasteur, Burbank. A l'occasion de ces grandes dates, les amis de l'étranger envoient à VOKS des diafilms, des photos, des livres récemment parus, qui sont largement utilisés à diverses expositions. De son côté, VOKS a dernièrement expédié dans de nombreux pays les nouvelles éditions des œuvres de Dostoïevski, Ibsen, Shaw, deux volumes de Burbank en langue russe, etc.

Presque tous les jours VOKS reçoit des invitations à envoyer une délégation dans tel ou tel pays, ainsi que des réponses aux invitations à venir en Union Soviétique.

La tendance à un rapprochement mutuel revêt des formes toujours nouvelles. C'est ce qui apparaît avec évidence quand on dépouille le courrier quotidien de VOKS.



NO MUNDO DOS LIVROS

II — O Livro Brasileiro

PROVINCIANOS

Continuam as provincias a publicar seus livros, num esforço muito digno de aplausos porque representa, sem nenhuma duvida, um passo gigantesco para a sua completa libertação do centralismo literario que faz com que só as obras editadas no Rio ou adjacências mereçam os favores do publico e, muito especialmente, da critica autorizada.

Sei que o assunto já está por demais batido; acredito, mesmo, que já tenha passado a fase de entusiasmo que, alguns anos atrás, fazia de cada pequenino Estado da Federação um batalhador por esse ideal que se não se realizou integralmente, já modificou sensivelmente o panorama cultural brasileiro; mas sei, também, que ainda existem espíritos que não querem aceitar esse acontecimento, menosprezando o que se faz nos pequenos Estados, diminuindo o esforço dos intellectuais que aí trabalham, subestimando o que se realiza nas provincias, unicamente por não trazer o rotulo official da metropole. É por isso que o assunto volta a ser comentado nesta secção — porque ainda acreditamos que os intellectuais que residem nos Estados devem aí publicar as suas obras. É a critica, principalmente, tem obrigação de tomar conhecimento desse fato, ocupando-se de tais livros com o mesmo interesse com que se ocupa das obras editadas nos grandes centros — obras, na verdade, muitas vezes destituídas de qualquer valor artistico, com o mérito unico de trazerem na capa o nome de um editor illustre.

Ainda não pude esquecer a decepção que me causou certo escritor de nomeada que fôra tomar parte no Congresso de Escritores reunido na Baía. Comentando-se este assunto, não em sessão official do congresso mas na intimidade de uma mesa de café, esse escritor aproveitou o ensejo para pregar justamente o desanimo para aqueles que, entre nós, querem ampliar os horizontes culturais do Brasil. Achava o homem, porem, que inutil era todo esse esforço; que os livros se destinam ás “massas” — e que só um grande centro poderá fazer com que esses livros cheguem ao seu destino. O escritor estadual, o homem que, num recanto ignorado do Brasil, sem dinheiro suficiente para pagar as edições nas grandes empresas, sem ao menos um cargo publico rendoso que lhe credencie junto ao editor, se vê constringido a publicar a sua obra em seu proprio Estado — esse homem não merece nenhuma consideração da critica porque o seu livro nasceu com o peccado original de ser uma obra da pro-

vincia. E a pouca crítica que temos atualmente no Brasil não dispõe de tempo para ler autores encadernados em mau papel e capa desenhada por um obscuro desenhista estadual; a crítica categorizada dos suplementos, dos rodapés, não ha de perder tempo com um humilde, desconhecido contista ou poeta dos sertões do nordeste ou do extremo sul, quando á sua mesa estão livros que o editor amigo, o homem que ainda publicará uma obra sua, acaba de enviar-lhe com um cordial cartão de recomendações.

Esse é o pensamento, não digo da totalidade, porque felizmente nesta regra existem muitas honrosas exceções, mas da grande maioria dos críticos literários do país. Para esses, a pior recomendação de um escritor é o livro editado no Estado. Pouco importa que seja um contista do porte de Moreira Campos, Salim Miguel ou Vasconcelos Maia, um poeta como Mauro Mota ou Rui Guilherme Barata, um folclorista como Veríssimo de Melo ou um ensaísta como Aderbal Jurema. O essencial é que o livro não trouxe o selo da editora, não foi crismado na metropole ou em S. Paulo, não figura na coleção tal ou tal do grande livreiro do momento. Raramente livro assim recebe um minuto de atenção do crítico ou do jornal de projeção. Até mesmo quando, no balanço do fim do ano, o redator dos suplementos literários alinha os nomes daqueles que editaram livros nos diversos generos, o pobre do escritor da provincia fica esquecido, passa em branco perante aquele redator, apesar de ter a certeza de que lhe enviou a obra, bem registradinha no correio, e com uma dedicatória muito afetuosa...

Importa isso quanto ao mérito dos autores da provincia? Indiscutivelmente não. O autor não escreve especialmente para crítico A ou B falar a seu respeito. Não faz obra destinada apenas áqueles que se especializaram em interpretar o que os outros escrevem. Mas, se o merito dos livros fica intacto, perde-se o entusiasmo do autor provinciano, á falta de estímulo. E' decepcionante para ele, se realmente possui valor, ver que alguém em quem confiava não tomou sequer conhecimento do seu livro. Nasce-lhe, no espirito, o complexo de inferioridade, complexo que vai fazer com que se desinteresse do seu trabalho, com que não acredite que possui realmente talento, que não tem forças para realizar a obra que intentou. E muitas vezes se perdem verdadeiras vocações de poetas, de criticos, de romancistas, unicamente porque não houve receptividade, não houve estímulo por parte daqueles cujo dever é justamente esse de estimular os verdadeiros valores.

Por isso é que é meritório esse movimento editorial que se processa nas provincias. á custa de mil sacrificios. A resistencia dos apagados escritores estaduais é uma prova durissima nessa batalha da libertação editorial da provincia. Sendo o unico caminho com que contam esses intelectuais para fazerem ouvir a sua voz, representa muitissimo para todos eles. Pelo menos aí ficam os documentos de seu esforço — os folhetos contendo poemas, os cadernos de crítica, os volumes de contos ou de romances, os ensaios.

Apesar de já haver passado o entusiasmo que, em certo momento, convulsionou todas as pequenas provincias do Brasil, ainda hoje contamos

com alguns empreendimentos que merecem, realmente, a admiração de todos. São as edições Sul, em Santa Catarina, os Cadernos da Baía, em Salvador, as edições Nordeste, de Recife, os livros editados no Rio Grande do Norte, as edições Clã, no Ceará, as obras publicadas em S. Luís do Maranhão, sob a orientação do grupo que conta com poetas como Bandeira Tribuzi e ensaístas como Luci Teixeira, são, enfim, as edições Norte, de Belem, com Rui Guilherme Barata, Haroldo Maranhão e Max Martins — são todas essas vozes, e mais muitas outras que, em maior ou menor escala, se fazem ouvir, em pequenas capitais ou mesmo em cidades do interior, que nos mostram como forte é o desejo que todos têm de trabalhar para o maior desenvolvimento da nossa literatura — trabalho sincero e honesto, que de todos está a merecer aplausos e não essa indiferença, esse desprezo, esse criminoso desinteresse por parte de alguns homens que, realmente, podiam muito estimular os escritores residentes nas provincias.

FRAN MARTINS

Gustavo Corção — "LIÇÕES DO ABISMO" — romance — Editora Agr — 1951.

Em "LIÇÕES DO ABISMO" (Agr, 1951), revela-se o sr. Gustavo Corção um romancista merecedor de atenção. Já conhecíamos bastante o ensaísta lucido e original(malgrado os que teimam em descobrir nele muita cousa de Chesterton), uma extraordinaria capacidade de raciocinar, de arrastar o leitor consigo até a conclusões que nos leva a aceitar, estilo combativo, polemico no bom sentido ironista quase sempre, enfim uma serie de qualidades pouco encontradas nas letras brasileiras.

Agora como romancista não se liberta o sr. Gustavo Corção daquelas qualidades primaciaes de ensaísta. Em "LIÇÕES DO ABISMO" encontram-se, ligado por uma trama novelistica das mais fluidas, quase diafanas, pequenos cortes verticais, em profundidade e bom gosto de analyse, que são o que mais agrada ao leitor. Não o acompanharemos sempre em suas divagações sobre o "eu" que êle trata à

maneira "existencialista", mas o seguiremos sempre com prazer quando nos detalha esses admiraveis flagrantes não só de nossa vida (de todos nós), mas de certos costumes e modos brasileiros de viver.

A tração do orientador, do ensaísta, do crítico, do pensador, insinua-se pela maior parte do romance. Poderosamente culto, não só cultura técnica, como filosofica, o autor é desses eruditos (gostaria de aproximá-lo ou aproximar dele o sr. José Geraldo Vieira, por exemplo) que estão quase toda vida na situação de dar-nos lições. E lições, o romance do sr. Gustavo Corção esparge com largueza, sobre as menores como sobre as cousas mais serias. Veja-se, por exemplo, o que ele consegue encaixar em seu romance sobre a critica da "ação católica", da psicanalise, da psicologia do carnaval, melhor dos que brincam o carnaval etc.

Por sobre todas as riquezas do pensamento que o livro contém, paira um estilo primoroso, quase um pouco serio demais, porem variado e profundo. Che-

ga-se a ficar quase reconciliado com a chatice e vulgaridade da língua portuguesa cujos meios de expressão não ajudam grandemente o escritor, sobretudo aquele que se afasta do linguajar mais versátil e frequentemente mais justo e expressivo do comum do povo.

Um livro que faz pensar, "LIÇÕES DO ABISMO" O que não podemos, todavia, é vaticinar se será livro capaz de estar nas mãos do leitor comum, tão irrefletido, tão fácil de contentar com "as galatelas" mas tão resistente para escritores da linha dos nossos melhores clássicos

J. S. L.

Ruy Guilherme Barata — A LINHA IMAGINARIA — Poemas — Edições NORTE — Belém, 1951,

Ruy Guilherme Barata é, sem dúvida, um dos mais representativos poetas da atual geração paraense: um poeta que cedo adquiriu personalidade, que sabe transmitir aos seus leitores os doces encantos da poesia.

Estrelando-se com "Anjo dos Abismos", que José Olímpio publicou há alguns anos, R. G. B. foi uma revelação para a moderna poesia brasileira. Revelação porque os seus versos, trazendo, embora, muito acentuada a marca de Murilo Mendes, não podiam se confundir com os do seu autor preferido: eram pessoais, próprios do poeta paraense, e possuíam uma força muito viva, rica em coloridos e imagens.

Agora, depois de longo silêncio de alguns anos R. G. B. nos oferece em A LINHA IMAGINARIA, uma série de poemas em que facilmente se verifica que o poeta evoluiu. E não sei de maior elogio a um artista do que esse de reco-

nhecer-se não haver ele parado no tempo, não haver se confinado a redizer ou refazer aquilo que já havia feito.

Em A LINHA IMAGINARIA Ruy Barata se revela mais. Mostra-se mais o homem angustiado que existe em sua vida (e qual será a vida que não se faz de pequeninas angústias?) — um homem que não dá duplicidade à sua personalidade porque, aparentemente, o poeta já nos aparece como um introvertido. E' nos versos que se dilue a sua sensibilidade — são os versos, portanto, as suas palavras não proferidas, os seus gestos não realizados, as suas ações não consumadas, a sua vida não vivida.

Será, por isso, o poeta um triste? Não, nem sempre a angústia é triste: muitas vezes mostra-se ela através da ironia, outras tantas mesmo sob forma lírica. Da primeira dessas maneiras, entre muitas, podíamos citar aqueles versos do "Manifesto ao povo brasileiro no cincoentário do poeta Murilo Mendes":

"Por que se triste é ser bancário,
mais triste é ser poeta..."

E quanto à forma lírica poder-se-á verificá-la em todo o longo poema que são as "Breves considerações sobre o amanhecer", em que se lê:

"Que romance lerei hoje,
que poeta me terá,
em que vida viverei,
em que mar navegará
este anelo que é tão vago,
e a saudade que é mais vaga,
de não sei coisas de outrora,
de não sei amor de quem?"

Ha, ainda, em Ruy Barata uma forte tendência para as canções leves, para a poesia — aragem, para os cantos simples como, por exemplo, este puro "Acadanto para Maria Diva":

3 Índice por autor

Autores	Nº	Referência
ALVES, Márcio Miranda Alves	085	ALVES, Márcio Miranda Alves. E assim começou o Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis , 7 de nov. de 2007. Variedades, p.6-7
APÓSTOLO, Paschoal	086	APÓSTOLO, Paschoal. Manoelito de Ornellas. Litoral , [s.l, 19--], Entrevista
AQUINO, Flávio de	033	AQUINO, Flávio de. Marques Rebelo e as Artes Plásticas. Jornal de Letras . Florianópolis. Fev./mar. 1957.
BELTRÃO, Tatiana	052	BELTRÃO, Tatiana. Modernos do Sul tem pré-estreia: documentário de Kátia Klock será exibido hoje no CIC. Diário Catarinense . Florianópolis. Variedades. 01 set. 2004. p. 5.
BIANCHINI, Fábio	080	BIANCHINI, Fábio. Modernos do Sul de novo em revista: o resgate de uma publicação catarinense. Diário Catarinense . 20 ago. 2004.
BIANCHINI, Fábio	051	BIANCHINI, Fábio. O destino da geração Sul. Diário Catarinense . Florianópolis. 20 abr. 2003. n. 892, p. 4-5
BIANCHINI, Fábio.	053	BIANCHINI, Fábio. Vestígios do Grupo Sul: jornalista busca imagens do movimento cultural catarinense para a produção de documentário. Diário Catarinense . Florianópolis. Memória. 16 mar. 2004. p. 3.
BOBSIN, Simone	001	BOBSIN, Simone. "Sul" revisitado aos 50 anos. Ô Catarina . Florianópolis.
BOBSIN, Simone	011	BOBSIN, Simone. A força do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 nov. 1990. Variedades.
CAMPOS, Eduardo.	028	CAMPOS, Eduardo. O Boi-de-mamão. 27 dez. 1959.
CAMPUOCO, Antonio	002	CAMPUOCO, Antonio. Pesquisadora catarinense escreve a história do antigo Grupo Sul. Correio do Povo . Porto Alegre.
CARDOSO, Tayana.	063	CARDOSO, Tayana. 40 anos. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 4 set. 1988. N. 25
CARDOSO, Tayana.	062	CARDOSO, Tayana. As experiências no teatro cinema e artes plásticas. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 11 set. 1988. N. 26.
CARVALHO, Geraldo.	019	CARVALHO, Geraldo. O Grupo "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba. 03 mar. 1956.
CARVALHO, Geraldo.	023	CARVALHO, Geraldo. Revista "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba. Revista das Letras. n. 29. 04 out. 1957.
CHRISTIANO, Luiz.	079	CHRISTIANO, Luiz. A revolução de 1947: vídeos e fotografias completam a produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 19 maio. 2004. p. 1.
CUNHA, Fausto.	027	CUNHA, Fausto. Nota complementar à margem de uma antologia. Jornal dos Novos . Suplemento d'A Manhã. Rio de Janeiro. 26 mar. 1950. n. 7.
D'EÇA, Othon.	031	D'EÇA, Othon. Resumos II.
DALCASTAGNÉ, Regina.	010	DALCASTAGNÉ, Regina. A produção contagiante da obra do escritor Salim Miguel. Correio Braziliense . Brasília, 10 nov. 1991. Armazém Literário. Caderno Dois. p. 10.
DUARTE, Evandro.	058	DUARTE, Evandro. Memória: exposição conta a história da

		sétima arte no Estado. Notícias do Dia . Florianópolis. Plural. 12 jul. 2012. p. 3.
ELTERMANN, Raquel	050	ELTERMANN, Raquel. Grupo Sul: há 50 anos, Santa Catarina despertava. Diário Catarinense . Florianópolis. 25 jan. 1997. p. 5.
FERREIRA, Gevaldino	026	FERREIRA, Gevaldino. Edições "Sul". Registro Literário.
FERREIRA, Gevaldino	017	FERREIRA, Gevaldino. Sobre "A China de hoje": registro literário.
FLÔRES, Altino	040	FLÔRES, Altino. Goethe, os «novos» e os «velhos».
FLÔRES, Altino	035	FLÔRES, Altino. Maldades e calinadas do «modernismo» ilhéu: parte I. O Estado . [S. l.]. 09 abr. 1950.
HOFFMANN, Geraldo	014	HOFFMANN, Geraldo. Grupo Sul: 40 anos de polêmica. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 15 e 16 nov. Caderno C.
LIMA, Jéferson	082	LIMA, Jéferson. Memória moderna: EdUFSC reedita "A Ponte", o único livro de Antônio Paladino, integrante do Grupo Sul morto precocemente aos 24 anos. A Notícia . Suplemento. 12 jul. 2006. p. B1.
M., M.	018	M., M. Está fazendo. Jornal do Comércio . Informação Literária.
MACEDO, Tânia	013	MACEDO, Tânia. Revista Sul: uma ponte com a África. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 22 e 23 nov. 1987. p. 44.
MIGUEL, Salim	012	MIGUEL, Salim. Circulo de arte moderna. Diário da Tarde . Florianópolis. 23 ago. 1947.
MIGUEL, Salim	029	MIGUEL, Salim. Um Taciturno: a peça escolhida. Florianópolis.
MIGUEL, Salim	087	MIGUEL, Salim. MASC sessentão. Diário Catarinense , 3 de maio de 2008. Cultura
MOTA, Mário	036	MOTA, Mário. Rodapé. A Província de Angola . Luanda. 10 out. 1956.
MOTA, Mário	022	MOTA, Mauro. Nicomedes. Diário de Pernambuco . 8 jan.
NASCIMENTO, Esdras	003	NASCIMENTO, Esdras. Adonis Chaves lançará para o natal Antologia do novo brasileiro.
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de	068	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40. O Estado . Especial. 11 set.1977. p.25.
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de	069	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40 - II. O Estado . Especial. 13 set. 1977. p. 9.
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de.	070	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 3: Revista Sul: um soco no estômago do perfumado parnasianismo Ilhéu. O Estado . Especial. 14 set. 1977. p. 9.
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de.	071	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 4: os novos do Sul e o contexto nacional da Geração 45. O Estado . Especial. 15 set. 1977. p. 9
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de.	072	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 5: os jovens de Sul em tempo de teatro. O Estado . Especial. 16 set. 1977. p. 9.

NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de.	073	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 6: um museu à procura de uma sede. O Estado . Especial. 17 set. 1977. p. 9.
NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de.	074	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 7: "O Preço da Ilusão": Miss e Boi de Mamão no primeiro e único filme catarinense. O Estado . Especial. 18 set. 1977. p. 25.
OLIVEIRA, Maurício	065	OLIVEIRA, Maurício. 1948: o ano em que o modernismo aportou em Florianópolis. ANCapital . Florianópolis. 8 abr. 1999
PALADINO, Antônio	034	PALADINO, Antônio. A Ponte. Edição Sul . Florianópolis. p. 16.
PEREIRA, Armindo	024	PEREIRA, Armindo. Antologia de contos. O Globo . 30 maio. 1958.
PETTRES, Barbara	064	PETTRES, Barbara. Há 50 anos um grupo sacudia a Ilha e revolucionava arte de SC. O Estado . Florianópolis. 12 e 13 jul. 1997. Magazine. p. 5.
PONTES, Mario	016	PONTES, Mario. Quando soprava o vento de Sul. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 maio. 1982.
PREVAUX, Marcel de	032	PREVAUX, Marcel de. Resumos... Diário da Tarde . p. 5.
RAMOS, Sérgio da Costa	009	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 nov. 1992. p. 12 e 13.
RAMOS, Sérgio da Costa	008	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário de Cultura . Florianópolis, 05 set. 1992. p. 4-5.
SABINO, Lina Leal	004	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul na Literatura Catarinense. [S. l.]. p. 15-24.
SABINO, Lina Leal	015	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul. Letras e Livros . [S. l.], 26 fev. 1983.
SACHET, Celestino	044	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (4). O Estado . 03 jan. 1973.
SACHET, Celestino	045	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (5). O Estado . 09 jan. 1973.
SACHET, Celestino	046	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (6). O Estado . 12 jan. 1973.
SACHET, Celestino	047	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (7). O Estado . 24 jan. 1973.
SACHET, Celestino	041	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (I). O Estado . 28 nov. 1972.
SACHET, Celestino	042	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (II). O Estado . 05 dez. 1972
SACHET, Celestino	075	SACHET, Celestino. O Grupo Sul. JNC . Cultura. 27 e 28 maio. 1979. p. 27.
SACHET, Celestino.	043	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (3). O Estado . 12 dez. 1972.
SAMPAIO, Márcia Corrêa	049	SAMPAIO, Márcia Corrêa. A mais cômica: o único longa-metragem produzido em Santa Catarina, O Preço da Ilusão... Diário Catarinense . Florianópolis. 1 fev. 1987
SARTORI, Raul.	078	SARTORI, Raul. Memória. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 8 ago. 2004. p. C2.
TAVARES, Elaine	057	TAVARES, Elaine. Salim Miguel: vou ser escritor sim, e

		com esse nome!. Jornal Universitário . Florianópolis. Espaço Cultural. abr. 2002. Ano 12, n. 354, p. 4-5.
	007	BIBLIOGRAFIA: livro póstumo dum jovem brasileiro. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro.
	037	DEIXOU de circular a revista "Sul". Comércio do Povo . Porto Alegre. 15 fev. 1958.
	005	DESTAQUE para os escritores. Diário Catarinense . Variedades. Florianópolis, 25 ago. 1997.
	081	DOCUMENTÁRIO e revista revivem Grupo Sul: movimento cultural trouxe o modernismo à Santa Catarina dos anos 40. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 1 set. 2004. p. C3.
	039	EM junho de 1949...
	077	EXEMPLO na forma cooperativada de produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 16 maio. 2004. p. C5.
	060	LITERATURA Catarinense. Caderno do Vestibular . p. 4.
	061	LIVRARIA Anita Garibaldi, antes do arrombamento e posterior queima dos livros. Salim Miguel é 3º à direita. p. 10.
	020	LIVROS & autores: publicações recentes. O Estado de São Paulo . 12 ago. 1956.
	066	MANOELITO de Ornellas: "Florianópolis se encontra em justo período de transição". A Hora . Porto Alegre. 13 ago. 1956. p. 11
	055	MIRO Moraes e "Le Monocle Mondain" apresentando os "Dez melhores do ano"!!. Diário da Tarde . Florianópolis. 10 jan. 1959. p. 6.
	076	MODERNISMO é tema de debate na UFSC. O Estado . Cultura. Florianópolis. 29 abr. 1999. p. 11.
	056	MORRE Aníbal Nunes Pires, um dos líderes do Grupo Sul. O Estado . [S. l.]. 25 abr. 1978. p. 14.
	054	NOTICIÁRIO. Suplemento Dominical de "O Estado" . Literatura e Arte. [S. l.]. 17 mar. 1957. p. 1.
	025	NOTÍCIAS Literárias. Aracaju. 31 ago. 1957.
	048	O GRUPO que sacudiu a ilha... Diário Catarinense . Florianópolis. 1 fev. 1987. p. 7.
	030	POETAS Argentinos em Brasil. Estudios . p. 60. Abr./maio. 1957.
	006	RESUMOS.
	038	REVISTA de cultura: Sul. Boletim . Órgão Informativo da Biblioteca do Exército. Ministério da Guerra. Rio de Janeiro. out. 1957. Ano 19, n. 27, p. 2.
	059	UMA noite para o Grupo Sul. O Estado . Florianópolis. 01 set. 2004.
	067	"SUL" faz vinte anos.
	021	"SUL"... Folha Literária . Baurú, São Paulo. 25 ago. 1956.
	083	GOLPE de 64: as repercussões na Capital. 26 de mar. de 1996.
	084	ARTISTAS sulino: várias atividades lembram hoje os 60 anos do Grupo Sul. Diário Catarinense , 30 de out. de 2007. Variedades, p. 5

4 Índice por ano

Ano	Nº	Referência
	001	BOBSIN, Simone. "Sul" revisitado aos 50 anos. Ô Catarina . Florianópolis.
	028	CAMPOS, Eduardo. O Boi-de-mamão. 27 dez. 1959.
	002	CAMPUOCO, Antonio. Pesquisadora catarinense escreve a história do antigo Grupo Sul. Correio do Povo . Porto Alegre.
	027	CUNHA, Fausto. Nota complementar à margem de uma antologia. Jornal dos Novos . Suplemento d'A Manhã. Rio de Janeiro. 26 mar. 1950. n. 7.
	031	D'EÇA, Othon. Resumos II.
	058	DUARTE, Evandro. Memória: exposição conta a história da sétima arte no Estado. Notícias do Dia . Florianópolis. Plural. 12 jul. 2012. p. 3.
	026	FERREIRA, Gevaldino. Edições "Sul". Registro Literário.
	017	FERREIRA, Gevaldino. Sobre "A China de hoje": registro literário.
	040	FLÔRES, Altino. Goethe, os «novos» e os «velhos».
	014	HOFFMANN, Geraldo. Grupo Sul: 40 anos de polêmica. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 15 e 16 nov. Caderno C.
	018	M., M. Está fazendo. Jornal do Comércio . Informação Literária.
	029	MIGUEL, Salim. Um Taciturno: a peça escolhida. Florianópolis.
	022	MOTA, Mauro. Nicomedes. Diário de Pernambuco . 8 jan.
	003	NASCIMENTO, Esdras. Adonis Chaves lançará para o natal Antologia do novo brasileiro.
	034	PALADINO, Antônio. A Ponte. Edição Sul . Florianópolis. p. 16.
	032	PREVAUX, Marcel de. Resumos... Diário da Tarde . p. 5.
	004	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul na Literatura Catarinense. [S. l.]. p. 15-24.
	007	BIBLIOGRAFIA: livro póstumo dum jovem brasileiro. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro.
	039	EM junho de 1949...
	060	LITERATURA Catarinense. Caderno do Vestibular . p. 4.
	061	LIVRARIA Anita Garibaldi, antes do arrombamento e posterior queima dos livros. Salim Miguel é 3º à direita. p. 10.
	006	RESUMOS.
	067	"SUL" faz vinte anos.
	086	APOSTOLO, Paschoal. Manoelito de Ornellas. Litoral , [s.l, 19--], Entrevista
1947	012	MIGUEL, Salim. Circulo de arte moderna. Diário da Tarde . Florianópolis. 23 ago. 1947.
1950	035	FLÔRES, Altino. Maldades e calinadas do «modernismo» ilhéu: parte I. O Estado . [S. l.]. 09 abr. 1950.
1956	019	CARVALHO, Geraldo. O Grupo "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba. 03 mar. 1956.
1956	036	MOTA, Mário. Rodapé. A Província de Angola . Luanda. 10 out. 1956.
1956	020	LIVROS & autores: publicações recentes. O Estado de São Paulo . 12 ago. 1956.
1956	066	MANOELITO de Ornellas: "Florianópolis se encontra em justo período de transição". A Hora . Porto Alegre. 13 ago. 1956. p. 11
1956	021	"SUL"... Folha Literária . Baurú, São Paulo. 25 ago. 1956.
1957	033	AQUINO, Flávio de. Marques Rebelo e as Artes Plásticas. Jornal de Letras . Florianópolis. Fev./mar. 1957.
1957	023	CARVALHO, Geraldo. Revista "Sul". O Norte . João Pessoa, Paraíba.

		Revista das Letras. n. 29. 04 out. 1957.
1957	054	NOTICIÁRIO. Suplemento Dominical de "O Estado" . Literatura e Arte. [S. l.]. 17 mar. 1957. p. 1.
1957	025	NOTÍCIAS Literárias. Aracaju. 31 ago. 1957.
1957	030	POETAS Argentinos em Brasil. Estudios . p. 60. Abr./maio. 1957.
1957	038	REVISTA de cultura: Sul. Boletim . Órgão Informativo da Biblioteca do Exército. Ministério da Guerra. Rio de Janeiro. out. 1957. Ano 19, n. 27, p. 2.
1958	024	PEREIRA, Armindo. Antologia de contos. O Globo . 30 maio. 1958.
1958	037	DEIXOU de circular a revista "Sul". Comércio do Povo . Porto Alegre. 15 fev. 1958.
1959	055	MIRO Moraes e "Le Monocle Mondain" apresentando os "Dez melhores do ano"!!. Diário da Tarde . Florianópolis. 10 jan. 1959. p. 6.
1972	041	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (I). O Estado . 28 nov. 1972.
1972	042	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (II). O Estado . 05 dez. 1972
1972	043	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (3). O Estado . 12 dez. 1972.
1973	044	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (4). O Estado . 03 jan. 1973.
1973	045	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (5). O Estado . 09 jan. 1973.
1973	046	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (6). O Estado . 12 jan. 1973.
1973	047	SACHET, Celestino. Lendo a Revista Sul (7). O Estado . 24 jan. 1973.
1977	068	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40. O Estado . Especial. 11 set. 1977. p.25.
1977	069	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina: a explosão criativa dos anos 40 - II. O Estado . Especial. 13 set. 1977. p. 9.
1977	070	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 3: Revista Sul: um soco no estômago do perfumado parnasianismo Ilhéu. O Estado . Especial. 14 set. 1977. p. 9.
1977	071	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 4: os novos do Sul e o contexto nacional da Geração 45. O Estado . Especial. 15 set. 1977. p. 9
1977	072	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 5: os jovens de Sul em tempo de teatro. O Estado . Especial. 16 set. 1977. p. 9.
1977	073	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 6: um museu à procura de uma sede. O Estado . Especial. 17 set. 1977. p. 9.
1977	074	NETO, Laudelino Santos; ASSIS, João Afonso da Silveira de. O modernismo em Santa Catarina 7: "O Preço da Ilusão": Miss e Boi de Mamão no primeiro e único filme catarinense. O Estado . Especial. 18 set. 1977. p. 25.
1978	056	MORRE Aníbal Nunes Pires, um dos líderes do Grupo Sul. O Estado . [S. l.]. 25 abr. 1978. p. 14.
1979	075	SACHET, Celestino. O Grupo Sul. JNC . Cultura. 27 e 28 maio. 1979. p. 27.
1982	016	PONTES, Mario. Quando soprava o vento de Sul. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 maio. 1982.
1983	015	SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul. Letras e Livros . [S. l.], 26 fev. 1983.
1987	013	MACEDO, Tânia. Revista Sul: uma ponte com a África. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 22 e 23 nov. 1987. p. 44.
1987	049	SAMPAIO, Márcia Corrêa. A mais cômica: o único longa-metragem produzido em Santa Catarina, O Preço da Ilusão... Diário Catarinense .

		Florianópolis. 1 fev. 1987
1987	048	O GRUPO que sacudiu a ilha... Diário Catarinense . Florianópolis. 1 fev. 1987. p. 7.
1988	063	CARDOSO, Tayana. 40 anos. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 4 set. 1988. N. 25
1988	062	CARDOSO, Tayana. As experiências no teatro cinema e artes plásticas. O Estado . Florianópolis. Caderno 2. 11 set. 1988. N. 26.
1990	011	BOBSIN, Simone. A força do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 nov. 1990. Variedades.
1991	010	DALCASTAGNÉ, Regina. A produção contagiante da obra do escritor Salim Miguel. Correio Braziliense . Brasília, 10 nov. 1991. Armazém Literário. Caderno Dois. p. 10.
1992	009	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 nov. 1992. p. 12 e 13.
1992	008	RAMOS, Sérgio da Costa. Os anos rebeldes do Grupo Sul. Diário de Cultura . Florianópolis, 05 set. 1992. p. 4-5.
1996	083	GOLPE de 64: as repercussões na Capital. 26 de mar. de 1996.
1997	050	ELTERMANN, Raquel. Grupo Sul: há 50 anos, Santa Catarina despertava. Diário Catarinense . Florianópolis. 25 jan. 1997. p. 5.
1997	064	PETTRES, Barbara. Há 50 anos um grupo sacudia a Ilha e revolucionava arte de SC. O Estado . Florianópolis. 12 e 13 jul. 1997. Magazine. p. 5.
1997	005	DESTAQUE para os escritores. Diário Catarinense . Variedades. Florianópolis, 25 ago. 1997.
1999	065	OLIVEIRA, Maurício. 1948: o ano em que o modernismo aportou em Florianópolis. ANCapital . Florianópolis. 8 abr. 1999
1999	076	MODERNISMO é tema de debate na UFSC. O Estado . Cultura. Florianópolis. 29 abr. 1999. p. 11.
2002	057	TAVARES, Elaine. Salim Miguel: vou ser escritor sim, e com esse nome!. Jornal Universitário . Florianópolis. Espaço Cultural. abr. 2002. Ano 12, n. 354, p. 4-5.
2003	051	BIANCHINI, Fábio. O destino da geração Sul. Diário Catarinense . Florianópolis. 20 abr. 2003. n. 892, p. 4-5
2004	052	BELTRÃO, Tatiana. Modernos do Sul tem pré-estreia: documentário de Kátia Klock será exibido hoje no CIC. Diário Catarinense . Florianópolis. Variedades. 01 set. 2004. p. 5.
2004	080	BIANCHINI, Fábio. Modernos do Sul de novo em revista: o resgate de uma publicação catarinense. Diário Catarinense . 20 ago. 2004.
2004	053	BIANCHINI, Fábio. Vestígios do Grupo Sul: jornalista busca imagens do movimento cultural catarinense para a produção de documentário. Diário Catarinense . Florianópolis. Memória. 16 mar. 2004. p. 3.
2004	079	CHRISTIANO, Luiz. A revolução de 1947: vídeos e fotografias completam a produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 19 maio. 2004. p. 1.
2004	078	SARTORI, Raul. Memória. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 8 ago. 2004. p. C2.
2004	081	DOCUMENTÁRIO e revista revivem Grupo Sul: movimento cultural trouxe o modernismo à Santa Catarina dos anos 40. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 1 set. 2004. p. C3.
2004	077	EXEMPLO na forma cooperativada de produção. A Notícia . Florianópolis. Anexo. 16 maio. 2004. p. C5.
2004	059	UMA noite para o Grupo Sul. O Estado . Florianópolis. 01 set. 2004.
2006	082	LIMA, Jéferson. Memória moderna: EdUFSC reedita "A Ponte", o único

		livro de Antônio Paladino, integrante do Grupo Sul morto precocemente aos 24 anos. A Notícia . Suplemento. 12 jul. 2006. p. B1.
2007	084	ARTISTAS sulino: várias atividades lembram hoje os 60 anos do Grupo Sul. Diário Catarinense , 30 de out. de 2007. Variedades, p. 5
2007	085	ALVES, Márcio Miranda Alves. E assim começou o Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis , 7 de nov. de 2007. Variedades, p.6-7
2008	087	MIGUEL, Salim. MASC sessentão. Diário Catarinense , 3 de maio de 2008. Cultura